



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E  
REGIONAL**

**VANESSI REIS**

**DA BAIXA BOEMIA À BAIXA CIDADE:  
LIMITES DO BAIRRO CIDADE BAIXA NO IMAGINÁRIO URBANO  
DE PORTO ALEGRE**

**PORTO ALEGRE  
2018**

**VANESSI REIS**

**DA BAIXA BOEMIA À BAIXA CIDADE:  
LIMITES DO BAIRRO CIDADE BAIXA NO IMAGINÁRIO URBANO  
DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional como requisito para obtenção do título de Mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Cidade, Cultura e Política.

**Orientadora Dra. Maria Soares de Almeida**

**PORTO ALEGRE  
2018**

VANESSI REIS

**DA BAIXA BOEMIA À BAIXA CIDADE:  
LIMITES DO BAIRRO CIDADE BAIXA NO IMAGINÁRIO URBANO  
DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional como requisito para obtenção do título de Mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de Cidade, Cultura e Política.

**Aprovada em:** \_\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr. Renato Gilberto Gama Menegotto – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (examinador externo).

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bruno Cesar Euphrasio de Mello – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (examinador externo).

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Martina Lersch - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR/UFRGS (examinador interno).

---

**Professora Orientadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Soares de Almeida - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR/UFRGS.

---

Dedicada à memória de Porto Alegre, minha pequena contribuição em prol da manutenção, preservação e recuperação de sua história.

## AGRADECIMENTOS

À

Maria Soares de Almeida.

Sandra Jatahy Pesavento (*in memoriam*).

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PROPUR.

CAPES.

Museu da UFRGS - Berenice e Cláudia Aristimunha.

Museu Joaquim José Felizardo / Fototeca Sioma Breitman - Rita

Secretaria Municipal de Cultura – Fernando.

Secretaria Municipal de Obras e Viação – Mapoteca - Eliane

Arquivo Público Municipal – Glória e estagiários.

Acervo Moysés Vellinho – Juliana.

Ordem dos Músicos do Brasil - Gisele.

Casa de Cultura Mário Quintana – Discoteca Natho Henn – Ionice.

Vanda Reis, Vilma Penck de Araújo, Patrícia Reis, Georgia Araújo de Oliveira, Marcelo Barbalho Pereira, Marcos Roberto Alves, Régis Jesus Marques Silva, Pedro Rubens Nei Ferreira Vargas, Tiago Dornelles Carlan, Simone Alice Favero Mendes, Daniel Schommer de Oliveira, Letícia Sulzbacher Fanfa Nunes Lessa, Rafael Teixeira de Carvalho, Marcos Flávio Teitelroit Bueno, Rodrigo Barbieri Peña e Marcello Campos pela solidariedade na ajuda com um precioso, detalhado e atento trabalho nesta pesquisa, de dedicação voluntária em prol deste projeto.

À Rosane Ballejos, Ângela Ungaretti, Eunice Einloft, Rafael Scherer Politano, Edison Luis Perelló de Freitas, Luis Fernando Taboada, Rudinei Berg Uhdre, Henrique Costa Hirsch, Osmarino Carlos, Paulo Antônio Brandão, Clarice Maraschin e Luciana Miron pelo acompanhamento e auxílio no fechamento do ciclo deste trabalho.

Rômulo Plentz Giralt, André Viegas Wentz, Renata Camillo Maraschin, Cleber Eduardo Karls, Luciana Locatelli, Clarissa Castro Calderipe Montelli, Flávio Krawczyk, Júlio César Caetano da Silva, Raquel Rodrigues Lima, Margot Inês Villas Boas Caruccio, Enaldo Nunes Marques, Nara Helena Neumann Machado, Vera Corazza, Glenda Pereira da Cruz, Charles Monteiro, Romulo Celso Krafta, Oberon da Silva Mello, Éber Pires Marzulo, Simone Zarpelon Leão, pela ajuda e contribuições no trabalho.

Aos depoentes e entrevistados, pela boa vontade e tempo dedicado ao projeto.

## RESUMO

O presente trabalho trata da investigação da delimitação espacial do bairro Cidade Baixa a partir do imaginário urbano de sua boemia noturna, medido entre 2006 e 2007. A pesquisa busca demonstrar que os limites espaciais do imaginário urbano, resgatados através de pesquisa em publicações afins à temática, publicadas em livros ou periódicos, como jornais e revistas, além de entrevistas abertas e fechadas, questionários e mapas mentais aplicados a seus usuários, no período referido, remetem a uma região pertencente à área da antiga “Baixa Cidade” – área de baixa cota de relevo e que incluía as regiões dos atuais bairros Bom Fim e Cidade Baixa, além do Parque Farroupilha e “franjas” de alguns bairros lindeiros, que transpassa os limites territoriais legais do bairro Cidade Baixa atual – o qual carrega toda a carga simbólica, imagética de valoração e das memórias da “Baixa Cidade”. A pesquisa apoia-se sobre um eixo: o da prática da boemia noturna, categorizada neste local, pejorativamente, como “baixa”, ao longo da história da cidade, desde sua fundação até a coleta de dados, estruturando a pesquisa por diferenças em categorias como a forma de apresentação destas boemias, suas motivações, seus protagonistas e frequentadores e seus espaços de ocupação, que definem três momentos temporais e enfocando, em cada fase, um olhar sobre o mesmo tema. Portanto, cada etapa apresenta métodos, conceitos, fontes documentais e referências específicas, conforme disponibilidade de serem obtidas, dada à grande cobertura temporal de desenvolvimento da cidade que a pesquisa abarca. São abordadas metodologias das áreas de História, nas subáreas de História Cultural e História Oral, e da Arquitetura, nas subáreas de História da Cidade e Evolução Urbana.

No primeiro capítulo é introduzido o tema, o problema, os objetivos, as justificativas e a metodologia. No segundo capítulo, é feita a apresentação do referencial teórico, do estado da arte e dos conceitos trabalhados. No terceiro capítulo, é tratado o período desde a fundação da Cidade até a consolidação urbana e social da estrutura cidadina em Acrópole, sob um olhar histórico. É tratada, também, a divisão social, espacial, arquitetônica e urbana da cidade em “Alta” e “Baixa” Cidades, sendo apresentados os elementos que as caracterizam: seus acontecimentos, personagens e lugares, mas, sobretudo, as práticas boêmias que nelas se praticavam e que lhe atribuíam valor. No quarto capítulo, a abordagem centra-se no período desde a estruturação da Avenida Independência e inauguração do loteamento junto à Hidráulica Moinhos de Vento, consolidando a “Alta Cidade” e a localização nela da “Alta Sociedade”, assim como o esvaziamento do centro, com o abandono dos casarões das famílias abastadas da parte baixa do centro, próximo ao porto e ao norte dele, até a consolidação social

destes espaços, com sociabilidades características de cada perfil de grupo e que implicaram a classificação destas ações, como “altas” e “baixas”. Referente às ações de lazer noturno, neste momento é instituído e disseminado o conceito de boemia usualmente utilizado, e esta ação é classificada conforme a posição espacial e os grupos que a exercem. Neste período, pela disponibilidade de testemunhos, são recolhidos depoimentos desta prática e tratadas as memórias dela, a partir da História Oral. No quinto capítulo, é tratado o período a partir da morte de Lupicínio Rodrigues até o ano de 2007. São abordados brevemente os períodos seguintes à morte de Lúpi, com o novo quadro que se instalou nas sociabilidades e nos espaços da cidade, onde os espaços noturnos de lazer foram utilizados como ponto de encontro de resistência contra o Regime Militar, assim como o enfraquecimento e queda do mesmo, com novas mudanças na vivência da cidade. A permanência da aura nos espaços do Bairro Cidade Baixa, fortalecidos pela localização, em seus espaços, de artistas de várias modalidades e suas práticas, reforçou o caráter local e consagrou o bairro como espaço de minorias e resistência a várias questões sociais, reforçando o conjunto. Por ter à disposição testemunhos que viveram estes últimos acontecimentos, que perpassaram 3 décadas, aproximadamente, foram utilizadas metodologias de História Oral para entrevistas abertas; e de Arquitetura para os questionários e mapas mentais, a partir dos quais foi obtida a abrangência da imagem mental daquele momento, indissociável de áreas lindeiras, por fatores históricos, de memória ou de pertencimento, demonstrando que o território da “baixa boemia” dos “últimos tempos” ultrapassavam os limites legais do bairro, estendendo-se por espaços adjacentes que, juntos, conformavam a “Baixa” cidade, oriunda do urbanismo português, consolidada tanto em território brasileiro como em outros países. No sexto capítulo, a pesquisa apresenta as conclusões, discutindo os resultados e a congruência de regiões lindeiras pelas sociabilidades, interligadas por questões históricas, econômicas, políticas, arquitetônicas e, sobretudo, por sua prática em comum e seu caráter. Na união entre espaços com mesma aparência arquitetônica, escala, ambiência, paisagem e semelhantes atividades sociais e culturais, compartilha-se público e se reforça a região, que apresenta, no conjunto, limites espaciais/territoriais maiores do que os do bairro Cidade Baixa, recuperando, da imagem mental de seus frequentadores, a região da antiga “Baixa” de Porto Alegre.

**Palavras-chave:** Boemia. Baixa Cidade. Cidade Baixa. Imaginário Urbano. Limites Territoriais

## ABSTRACT

The present work deals with the investigation of the spatial delimitation of the Cidade Baixa neighborhood from the urban imagery of its nocturnal bohemia, measured between 2006 and 2007. The research seeks to demonstrate that the spatial limits of the urban imaginary, rescued through research in publications related to the theme, published in books or periodicals, such as newspapers and magazines, in addition to open and closed interviews, questionnaires and mental maps applied to their users, refer to a region belonging to the area of the old "Lower City" - low quota area which included the regions of the current Bom Fim and Cidade Baixa neighborhoods, as well as the Farroupilha Park and "fringes" of some slums, which crosses the legal territorial limits of the present-day Cidade Baixa neighborhood - which carries all the symbolic, and memories of the "Lower City". The research is based on an axis: the nocturnal bohemian practice, categorized in this place, pejoratively as "low" throughout the history of the city, from its foundation to the collection of data, structuring the research for differences in categories such as the presentation of these bohemies, their motivations, their protagonists and their regulars, which define three temporal moments and focusing, at each stage, on the same theme. Therefore, each stage presents methods, concepts, documentary sources and specific references, according to the availability to be obtained, given the great temporal coverage of development of the city that the research encompasses. Methodologies of the areas of History, in the subareas of Cultural History and Oral History, and Architecture, in the subareas of History of the City and Urban Evolution are discussed.

The first chapter introduces the theme, the problem, the objectives, the justifications and the methodology.

In the second chapter, the presentation of the theoretical reference, the state of the art and the worked concepts is made.

In the third chapter, the period from the founding of the City to the urban and social consolidation of the city structure on the Acropolis is dealt with under a historical perspective. The social, spatial, architectural and urban division of the city is treated in "Alta" and "Baixa" Cities, presented the elements that characterize them: their events, characters and places, but above all, the bohemian practices practiced in them. value.

In the fourth chapter, the period from the structuring of Avenida Independência and inauguration of the subdivision next to the Moinhos de Vento Hydraulics was consolidated, consolidating the "High City" and the location in it of the "High Society", as well as the emptying of the center, with the abandonment of the houses of the wealthy families of the



lower part of the center, near the port and north of it, until the social consolidation of these spaces, with sociabilities characteristic of each group profile and which implied the classification of these actions, as "highs" and "Low". Regarding nocturnal leisure activities, the concept of bohemia usually used is established and disseminated, and this action is classified according to the spatial position and the groups that exercise it. In this period, through the availability of testimonies, testimonies are collected from this practice and the memories are dealt with from Oral History.

In the fifth chapter, the period from the death of Lupicínio Rodrigues until the year 2007 is discussed. The periods following the death of Lúpi are briefly discussed, with the new picture that has settled in the sociability and spaces of the city, where spaces leisure nights were used as a meeting point of resistance against the Military Regime, as well as the weakening and fall of it, with new changes in the experience of city. The permanence of the aura in the spaces of Bairro Cidade Baixa, strengthened by the location, in its spaces, of artists of various modalities and their practices, reinforced the local character and consecrated the neighborhood as a space of minorities and resistance to various social issues, reinforcing the whole . Because of the availability of testimonies that have lived through these last events, which have spanned approximately 3 decades, oral history methodologies have been used for open interviews; and Architecture for the questionnaires and mental maps, from which the mental image of that moment was obtained, indissociable from the surrounding areas, by historical factors, memory or belonging, demonstrating that the territory of the "low bohemia" of the " past times "exceeded the legal limits of the neighborhood, extending through adjacent spaces that together conformed the "Baixa" of the city, originating from Portuguese urbanism, consolidated both in Brazil and in other countries.

In the sixth chapter, the research study presents the conclusions of the research, discussing its results and the congruence of regions around the sociabilities, interconnected by historical, economic, political, and above all, by their common practice and character.

In the union between spaces with the same architectural appearance, scale, ambience, landscape and similar social and cultural activities, the public is shared and the region is strengthened, which presents, overall, spatial / territorial boundaries greater than those of the Cidade Baixa neighborhood, recovering, from the mental image of its regulars, the region of the old "Lower City" of Porto Alegre.

**Keywords:** Boemia. Low City. Low City. Imaginary Urban. Territorial Limits

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1 – CHOUPANAS PRECÁRIAS ONDE OS COLONOS SE INSTALARAM NA PRAÇA DA ALFÂNDEGA</b> .....	56
<b>FIGURA 2 – PLANTA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 1833. AUTOR: LÍVIO ZAMBECCARI</b> .....	56
<b>FIGURA 3 – PORTO ALEGRE VISTA DAS ILHAS, 1852. AUTOR: RUDOLPH HERMANN WENDROTH</b> .....	58
<b>FIGURA 4 – PORTO ALEGRE PELO SUL, 1852. AUTOR: RUDOLPH HERMANN WENDROTH</b> .....	58
<b>FIGURA 5 – VISTA DO OESTE, DETALHE DA PLANTA DE 1839</b> .....	58
<b>FIGURA 6 – VISTA DO LESTE, DETALHE DA PLANTA DE 1839</b> .....	58
<b>FIGURA 7 – O ESGOTO À MOSTRA DA ANTIGA RUA DE BRAGANÇA (ATUAL MARECHAL FLORIANO) NO SÉCULO XIX</b> .....	59
<b>FIGURA 8 – BONDES NA AVENIDA INDEPENDÊNCIA</b> .....	63
<b>FIGURA 9 - ELETRICIDADE NA AVENIDA INDEPENDÊNCIA. CONTINUIDADE DA CIDADE ALTA À RUA DUQUE DE CAXIAS</b> .....	63
<b>FIGURA 10 – HIPÓDROMO DOS MOINHOS DE VENTO, NOS ANOS 20 DOS SÉC. XX. MUSEU DE PORTO ALEGRE</b> .....	65
<b>FIGURA 11 – OS Suntuosos Jardins da Hidráulica</b> .....	65
<b>FIGURA 12 – RUA MOSTARDEIRO</b> .....	65
<b>FIGURA 13 – AS RESIDÊNCIAS DAS ELITES, NA CAPITAL</b> .....	65
<b>FIGURA 14 – VISTA DA CIDADE BAIXA. FONTE: REVISTA “O GLOBO”</b> .....	66
<b>FIGURA 15 – PLANTA DA PARTE DO LITORAL COMPREENDIDA ENTRE O CANTO LESTE DO RECINTO DO GASÔMETRO ATÉ O CANTO SUL DOS TERRENOS QUE FORAM DE LOPO GONÇALVES BASTOS, 1875</b> .....	68
<b>FIGURA 16 – COMÉRCIO NA PRAÇA DAS CARRETAS – CAMPOS DO BOM FIM</b> .....	70
<b>FIGURA 17 – CARRETEIROS NA VÁRZEA, SÉCULO XIX</b> .....	70
<b>FIGURA 18 – PLANTA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, CAPITAL DA PROVÍNCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL, 1837. S/ AUTOR</b> .....	71
<b>FIGURA 19 – ESCRAVOS LIBERTOS. AUTOR: LUNARA</b> .....	74
<b>FIGURA 20 - RUA GENERAL LIMA E SILVA (ANTIGA RUA DA OLARIA)</b> .....	75
<b>FIGURA 21 – DETALHE DA PLANTA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 1839. AUTOR: LUÍS PEREIRA DIAS</b> .....	76
<b>FIGURA 22 – WASHINGTON LUÍS – AS LAVADEIRAS NA MARGEM DO RIACHO</b> .....	78
<b>FIGURA 23 – MÃE RITA</b> .....	79
<b>FIGURA 24 – RECORTE DO MAPA DE PORTO ALEGRE, 1840. BECO DO OITAVO, CANDOMBLÉ DA MÃE RITA E OUTROS BECOS</b> .....	80
<b>FIGURA 25 – O MAIS ANTIGO BAR-RESTAURANTE DO BAIRRO, À ENTRADA DO ANTIGO BECO DO OITAVO (ATUAL ANDRÉ DA ROCHA)</b> .....	82
<b>FIGURA 26 – PRÍNCIPE NEGRO. FONTE: PAI CUSTÓDIO UM PRÍNCIPE AFRICANO NA CIDADE BAIXA</b> .....	84
<b>FIGURA 27 – ATENAS DO SÉCULO V A.C. COM OS MUROS QUE LIGAM A CIDADE AO PORTO DO PIREU</b> .....	93
<b>FIGURA 28 – PLANTA DE ATENAS EM TEMPOS DE PÉRICLES, COM BAIRROS RESIDENCIAIS EM PONTILHADO</b> .....	93
<b>FIGURA 29 – AVENIDA JOÃO PESSOA VISTA DA VÁRZEA, 8º BATALHÃO</b> .....	99

<b>FIGURA 30 – PANORÂMICA DO ALTO DA COLÔNIA AFRICANA À VÁRZEA.</b> .....	<b>99</b>
<b>FIGURA 31 – RUA CALDAS JÚNIOR, EM FOTO DO INÍCIO DO SÉCULO XX, JÁ FOI BECO DO FANHA.</b> .....	<b>100</b>
<b>FIGURA 32 – RESTAURANTE NA VÁRZEA, PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO.</b> .....	<b>101</b>
<b>FIGURA 33 – O AUDITÓRIO ARAÚJO VIANA.</b> .....	<b>102</b>
<b>FIGURA 34 – FOOTING DAS “BELDADES” PELA CIDADE.</b> .....	<b>103</b>
<b>FIGURA 35 – O INTERIOR DO CINEMA CENTRAL NO FINAL DOS ANOS 20.</b> .....	<b>103</b>
<b>FIGURA 36 – A GALERIA DOS ESPELHOS DA CONFEITARIA COLOMBO.</b> .....	<b>103</b>
<b>FIGURA 37 – REUNIÃO DANÇANTE NA CONFEITARIA ROCCO, ANOS 30.</b> .....	<b>103</b>
<b>FIGURA 38 – ANÚNCIO DO “CENTRO DOS CACADORES”.</b> .....	<b>104</b>
<b>FIGURA 39 – ANÚNCIO DA “CONFEITARIA ROSICLÉR”.</b> .....	<b>104</b>
<b>FIGURA 40 – ANÚNCIO DA “CONFEITARIA COLOMBO”.</b> .....	<b>104</b>
<b>FIGURA 41 – ANÚNCIO DO “THEATRO COLISEU”.</b> .....	<b>105</b>
<b>FIGURA 42 – ANÚNCIO DO “ARMAZÉM APOLLINÁRIO”.</b> .....	<b>105</b>
<b>FIGURA 43 - MAPA DOS CAFÉS: DE 1910 A 1960. MARCAÇÃO DOS LUGARES BASEADA EM INFORMAÇÕES DO LIVRO DE HARDY VEDANA.</b> .....	<b>106</b>
<b>FIGURA 44 – CAFÉ AMÉRICA.</b> .....	<b>107</b>
<b>FIGURA 45 – INTERIOR DO CAFÉ GUARANY, NA RUA DA PRAIA, 1920.</b> .....	<b>107</b>
<b>FIGURA 46 – A RUA DA PRAIA, ESQUINA COM A RUA DA LADEIRA, 1931. (DIR. CAFÉ NACIONAL, ESQ.: CAFÉ COLOMBO).</b> .....	<b>107</b>
<b>FIGURA 47– PRAÇA DA ALFÂNDEGA.</b> .....	<b>107</b>
<b>FIGURA 48 – RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, INÍCIO DA DÉCADA DE 20 DO SÉC.XX.</b> .....	<b>108</b>
<b>FIGURA 49 – ILUMINAÇÃO PÚBLICA E PARTICULAR EM PORTO ALEGRE DE 1930-1939.</b> .....	<b>109</b>
<b>FIGURA 50 – NÚMERO DE VEÍCULOS REGISTRADOS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE DE 1930-1939.</b> .....	<b>110</b>
<b>FIGURA 51 – MOVIMENTO DE BONDES EM PORTO ALEGRE.</b> .....	<b>110</b>
<b>FIGURA 52 – DETALHE DO ATERRO À BEIRA RIO, EM REGIÃO ENTRE CENTRO E CIDADE BAIXA.</b> .....	<b>143</b>
<b>FIGURA 53 – DETALHE DO ATERRO À BEIRA RIO, NA CIDADE BAIXA.</b> .....	<b>144</b>
<b>FIGURA 54 – BARES DA CIDADE BAIXA.</b> .....	<b>149</b>
<b>FIGURA 55 - AUDITÓRIO ARAÚJO VIANA.</b> .....	<b>153</b>
<b>FIGURA 56 - REGIÃO DO GASÔMETRO É VISADA.</b> .....	<b>159</b>
<b>FIGURA 57 – SEM TETO</b> .....	<b>162</b>
<b>FIGURA 58 – MENINOS NO RIACHO.</b> .....	<b>166</b>
<b>FIGURA 59 - ARTIGO “CAI A CIDADE BAIXA PARA NASCER BAIRRO BONITO”</b> .....	<b>169</b>
<b>FIGURA 60 – DESCARACTERIZAÇÃO DA ILHOTA COM AS “MELHORIAS E SANEAMENTO URBANOS” PROPOSTOS PELO PDDU – DEMOLIÇÕES DE CASARIO, ATERRO DO DILÚVIO.</b> .....	<b>172</b>
<b>FIGURA 61- DELIMITAÇÃO DOS BAIRROS CIDADE BAIXA E LINDEIROS.</b> .....	<b>176</b>
<b>FIGURA 62 – MERCADO DO BOM FIM.</b> .....	<b>191</b>

<b><u>FIGURA 63 – LIMITE IMAGINÁRIO DO BAIRRO PELA BOEMIA EM REPORTAGEM “ROTEIRO DE BARES DA CIDADE BAIXA”.</u></b>	<b><u>193</u></b>
<b><u>FIGURA 64 – COMPARATIVO ENTRE LIMITES ORIGINAIS E REPRESENTADOS DO BAIRRO, NA REPORTAGEM.....</u></b>	<b><u>195</u></b>
<b><u>FIGURA 65 – MAPEAMENTO DOS BARES DA CIDADE BAIXA.....</u></b>	<b><u>195</u></b>
<b><u>FIGURA 66 – MAPEAMENTO DOS BARES DA CIDADE BAIXA. LIMITE IMAGINÁRIO DA CIDADE BAIXA ATUAL.....</u></b>	<b><u>196</u></b>
<b><u>FIGURA 67 – A “ILHOTA” VERDE ENTRE OS BARES DA CIDADE BAIXA.....</u></b>	<b><u>197</u></b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	17
1.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO .....	17
1.3 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DA PESQUISA.....	19
1.4 METODOLOGIA .....	20
1.5 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS .....	31
<b>2 REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>34</b>
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	34
2.2 ESTADO DA ARTE .....	42
2.3 SUPORTES CONCEITUAIS.....	48
<b>3 HISTÓRIA DA CIDADE: A “ALTA” E A “BAIXA” CIDADE .....</b>	<b>54</b>
3.1 PROCESSO DE POVOAMENTO – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	54
3.2 OCUPAÇÃO DAS FACES NORTE E SUL DO ESPIGÃO – INÍCIO DA URBANIZAÇÃO .....	56
3.3 A “ALTA CIDADE” E A “BAIXA CIDADE” .....	61
3.3.1 A “ALTA CIDADE” .....	62
3.3.2 A “BAIXA CIDADE” .....	66
3.3.2.1 O Lado Sul da Colina.....	69
3.3.2.2 Emboscadas .....	73
3.3.2.3 Olarias.....	75
3.3.2.4 Lavadeiras .....	77
3.3.2.5 Batuque .....	79
3.3.2.6 Perigo e Prostituição .....	80
3.3.2.7 Príncipe Negro .....	84
3.3.2.8 Pobreza .....	85
<b>4 MEMÓRIA DA BOEMIA NA CIDADE: A “ALTA” E A “BAIXA” BOEMIA .....</b>	<b>88</b>
4.1 A BOEMIA NAS CIDADES .....	88
4.2 A BOEMIA EM PORTO ALEGRE: “BAIXA” E “ALTA” BOEMIAS.....	97
4.3 A BOEMIA E O BOÊMIO.....	117
4.3.1 A ALTA BOEMIA .....	127
4.3.2 A BAIXA BOEMIA.....	131
<b>5 IMAGINÁRIO DO BAIRRO CIDADE BAIXA: A “BAIXA CIDADE” PELA CIDADE BAIXA.....</b>	<b>141</b>
5.1 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DAS BOEMIAS .....	141
5.2 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DE NARRATIVAS.....	154
5.3 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DE IMAGENS .....	165
5.3.1 MAPEAMENTO LIMÍTROFE PELO DISCURSO DA POPULAÇÃO NA MÍDIA IMPRESSA .....	166
5.4 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA BOEMIA”: O MAPEAMENTO DO BAIRRO PELO IMAGINÁRIO.....	172
5.4.1 MAPEAMENTO LIMÍTROFE POR MAPAS MENTAIS DE USUÁRIOS LOCAIS .....	173
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>200</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>204</b>
<b>APÊNDICE A - PARTE DO QUESTIONÁRIO APLICADO EM PESQUISA .....</b>	<b>216</b>

<b><u>APÊNDICE B – LISTAGEM DOS CAFÉS POR HARDY VEDANA (1920 A 1970) .....</u></b>	<b><u>222</u></b>
<b><u>APÊNDICE C – LISTAGEM DE BOATES E CABARÉS POR HARDY VEDANA - .....</u></b>	<b><u>224</u></b>
<b><u>APÊNDICE D – PERFIL DO GRUPO DE ENTREVISTADOS – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA .....</u></b>	<b><u>230</u></b>
<b><u>APÊNDICE E – ESTATÍSTICA DOS PONTOS QUE VAZAM E NÃO VAZAM OS LIMITES DO BAIRRO CIDADE BAIXA ATUAL – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA.....</u></b>	<b><u>232</u></b>
<b><u>APÊNDICE F – MAPEAMENTO DOS PONTOS QUE VAZAM OS LIMITES DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA.....</u></b>	<b><u>234</u></b>
<b><u>APÊNDICE G – ESTATÍSTICA DOS BAIRROS ATINGIDOS PELO “VAZAMENTO DE LIMITES” DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA .....</u></b>	<b><u>236</u></b>
<b><u>APÊNDICE H – ESTATÍSTICA DE DELIMITAÇÃO DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA</u></b>	<b><u>237</u></b>
<b><u>APÊNDICE I – CATEGORIAS DE DELIMITAÇÃO DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA..</u></b>	<b><u>239</u></b>
<b><u>APÊNDICE J – ESTATÍSTICA DE APREENSÃO DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA .....</u></b>	<b><u>240</u></b>
<b><u>APÊNDICE L – ELEMENTOS URBANOS DE IMPORTÂNCIA HISTÓRICA NA MEMÓRIA DO BAIRRO – TERCEIRA FASE CIDADE BAIXA.....</u></b>	<b><u>241</u></b>
<b><u>APÊNDICE M – PERFIL DO GRUPO DE ENTREVISTADOS – SEGUNDA FASE CIDADE BAIXA .....</u></b>	<b><u>243</u></b>
<b><u>APÊNDICE N - TIPO DE INSTRUMENTO DE COLETA .....</u></b>	<b><u>244</u></b>
<b><u>ANEXO A - ESTATÍSTICA PREDIAL DE PORTO ALEGRE EM 1892 – SETOR CIDADE BAIXA. ....</u></b>	<b><u>251</u></b>
<b><u>ANEXO B - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M1 .....</u></b>	<b><u>252</u></b>
<b><u>ANEXO C - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M2.....</u></b>	<b><u>253</u></b>
<b><u>ANEXO D - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M3.....</u></b>	<b><u>254</u></b>
<b><u>ANEXO E - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M4 .....</u></b>	<b><u>255</u></b>
<b><u>ANEXO F - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M5 .....</u></b>	<b><u>256</u></b>
<b><u>ANEXO G - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M6.....</u></b>	<b><u>257</u></b>
<b><u>ANEXO H - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M7.....</u></b>	<b><u>258</u></b>
<b><u>ANEXO I - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M8 .....</u></b>	<b><u>259</u></b>
<b><u>ANEXO J - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M9 .....</u></b>	<b><u>260</u></b>
<b><u>ANEXO L - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M10 .....</u></b>	<b><u>261</u></b>
<b><u>ANEXO M - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M11 .....</u></b>	<b><u>262</u></b>
<b><u>ANEXO N - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M12.....</u></b>	<b><u>263</u></b>
<b><u>ANEXO O - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M13.....</u></b>	<b><u>264</u></b>
<b><u>ANEXO P - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M14 .....</u></b>	<b><u>265</u></b>
<b><u>ANEXO Q - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M15.....</u></b>	<b><u>266</u></b>
<b><u>ANEXO R - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M16.....</u></b>	<b><u>267</u></b>
<b><u>ANEXO S - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M17.....</u></b>	<b><u>268</u></b>
<b><u>ANEXO T - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M18 .....</u></b>	<b><u>269</u></b>
<b><u>ANEXO U - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M19.....</u></b>	<b><u>270</u></b>
<b><u>ANEXO V - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M20.....</u></b>	<b><u>271</u></b>
<b><u>ANEXO X - MAPEAMENTO MENTAL DA CIDADE BAIXA – MAPA MENTAL M21 .....</u></b>	<b><u>272</u></b>

## 1 INTRODUÇÃO

Até recentemente, em Porto Alegre, mais especificamente até muito pouco antes de 2006, quando se iniciou a coleta de dados sobre o período abarcado por esta pesquisa, existiam algumas áreas que configuravam excepcionalidades na utilização boêmia noturna, com reconhecimento em nível urbano. Citam-se os complexos Cidade Baixa (quase todo o bairro e seus arredores), “Goethe” (Avenida Goethe e transversais, e seus arredores), “Moinhos de Ventos” (“Calçada da Fama” - Rua Padre Chagas e as ruas transversais, destacando-se a Rua Fernando Gomes), e o Bom Fim (com apenas alguns bares em funcionamento). Destes, apesar de todos serem destacados espaços de lazer noturno, apenas a Cidade Baixa e o Bom Fim apresentavam público e práticas considerados “baixos” (no imaginário social e urbano). Provavelmente, porque carregam questões históricas, sociais, econômicas e culturais, desde a fundação da cidade, do mesmo perfil social: “baixo”. As demais áreas boêmias são relativamente recentes e não têm história tão significativa, nem “caráter histórico” relacionados a este uso, ou prática social que estabeleça uma territorialidade do uso com reconhecimento em nível urbano, como “zona boêmia”. São áreas mais recentes na história da Cidade, economicamente exploradas pelo lazer noturno devido à alteração de usos locais e a disponibilidade de espaços de locação próximos a centros empresariais e à densa comunidade local.

Em contraponto, Bom fim e Cidade Baixa compartilham de contemporaneidade nas suas implantações urbanas, consolidação arquitetônica, ocupação social, além de serem áreas mais próximas à região central e ocupadas logo à expansão do primeiro núcleo urbano da cidade considerado seu “Centro Urbano”<sup>1</sup>, e, por isso, terem uma relevância histórica no contexto citadino por sua localização e pelas práticas sociais, além da relevância por suas ações terem caráter “baixo” (valor atribuído às mesmas desde a fundação da cidade). Foram espaços que, apesar de separados pela Várzea (atual Parque Farroupilha), compartilharam da mesma forma urbana e arquitetura (adaptados aos acidentes específicos de cada lugar), escala, desenhos e ambiência urbanos, assemelhando-se na paisagem material, e, também, nas

---

<sup>1</sup> “Limita-se esta cidade de Porto Alegre, pela rua travessa, que vai do Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria) aos primeiros moinhos de vento que são hoje pertencentes a Antônio Martins Barbosa até o meio da largura da estrada imediata (atual Avenida Independência) e desta, em linha reta, até a embocadura da Rua da Olaria (atual Lima e Silva) pela frente da chácara do Sargento-Mor João Luiz Teixeira, e da mesma embocadura em linha reta até o riacho, segundo por ele até a sua embocadura”. PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. Posturas Policiais. Porto Alegre, Tip. Do Comércio, 1847. p.1. apud MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.73.

atividades sociais, devido à natureza de seus primeiros ocupantes – negros libertos e imigrantes. Posteriormente, diferenciam-se por usos e apropriações específicas da natureza social, mas perpetuando, em seus espaços, espaços culturais e de resistência. Por suas proximidades espaciais e semelhanças físicas, além das atividades que os animaram, compartilhando público, compunham um grande espaço, em conjunto, cujos limites espaciais/territoriais e imagéticos aparentemente recuperam a antiga região da “Baixa Cidade<sup>2</sup>” de Porto Alegre.

Tal fusão se acentuou a partir de 1995, com a potencialização de usos no bairro Cidade Baixa, a partir do fechamento, para reformas, do Auditório Araújo Viana e do Bar Ocidente, em período em parte concomitante; da migração do público de regiões próximas ao Mercado do Bom Fim e entorno (bordo da Avenida Osvaldo Aranha, “fumódromo”), pela pouca oferta de bares à Avenida Osvaldo Aranha, que somou-se ao deslocamento do público existente aos arredores do Monumento aos Expedicionários aos lugares mais próximos para a compra de bebida, incentivando e abastecendo a crescente oferta de bares à Avenida João Pessoa<sup>3</sup>. Além disso, a inauguração do Complexo Nova Olaria<sup>4</sup> e o conseqüente desenvolvimento acentuado do lazer noturno da área, atraiu o público, incentivando-os à adentrar e a permanecer na Cidade Baixa, criando grande demanda, tanto para os bares existentes, quanto para os novos, e ainda incentivado a criação de outros. Além disso, o novo equipamento Nova Olaria recuperava tanto a ambiência física quanto a vivência das ruas, aproximando as pessoas na escala da cidade tradicional, ofertando espaços de pequenos comércio que congregavam com

---

<sup>2</sup> Região ao sul do espigão da Rua Duque de Caxias e de sua continuação, a Avenida Independência. Incluía o bairro Bom Fim, o atual Parque Farroupilha e seus arredores, as margens dos bairros Rio Branco e Santana e o atual bairro Cidade Baixa, abraçando toda a área “extramuros” e excluída do reduto urbano, social e político da cidade, desde a época do início do seu desenvolvimento, até, pelo menos, o final da Revolução Farroupilha, quando o sítio da cidade chegou ao fim e o uso da área “extramuros” foi retomado, reiniciando seu desenvolvimento.

“Até meados do século passado, era conhecida como Cidade Baixa, nesta capital, aquela região ao sul da colina da Matriz, e abrangia toda essa zona entre as proximidades do Gasômetro, a rua do Arvoredo, as propriedades da Baronesa de Gravataí – o seu famoso arraial – e ia até a Olaria, na margem do Riachinho, limitando-se, em seu extremo, lá na lomba da Independência, invocada também como Praça do Portão. Era uma vasta região, onde havia a outra parte da cidade, lá no alto polvilhada de residências e já recortada de ruas e becos, que o oficialismo consagrara como a zona urbana da cidade”.

“Hoje, a Cidade Baixa é um bairro oficial e compreende muitos outros quarteirões, se bem que encerre parte daquela velha zona denominada por essa invocação, deveras bastante desfigurada, mas que é assim consagrada, graças à depressão dos pantanosos e baixos terrenos da antiga sesmaria do Morro de Santana”.

SANHUDO, Ary V. Porto Alegre: Crônicas da minha cidade. 2ª ed. Porto Alegre, Escola Superior e Teologia, Instituto Estadual do Livro; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979. 312p. (Coleção “Temas Gaúchos”).

<sup>3</sup> REIS, Vanessi. Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964-2006). 2013. 255p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>4</sup> Projeto do Escritório MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (Arquitetos: Moacir Moojen Marques, José Carlos Marques, Sérgio Marques).



o uso da rua, compartilhado pelo reapresentado o já extinto “Cinema de Calçada”.

O complexo reportava aos equipamentos próximos que urdiam conexões de deslocamentos entre si, como os cinemas das Avenidas Independência, Osvaldo Aranha, João pessoa e Rua Venâncio Aires (estas duas limítrofes do bairro Cidade Baixa), além de coser conexões sociais e imagéticas dos usuários ou simpatizantes destes movimentos e/ou momentos<sup>5</sup>.

O referido bairro, em si, passou a apresentar, como opções para a boemia noturna, bares com identidade, aparência, grupo social e territorialidades bastante marcantes e autênticas, integrando grupos migrantes e fundindo, em sua imagem urbana, várias sociabilidades, já experienciadas em outras regiões lindeiras, atuantes concomitantemente à sua vivência, ou já extintas. Possivelmente por isso, era possível confundir os limites do bairro, aparentemente “fundido”, imagetivamente, às outras áreas adjacentes, que evocam, aparentemente, o mesmo “lugar”, homogeneizando-se numa mesma paisagem, seja pelo comportamento social, fazeres ou formas de vestir, consagrando uma territorialidade maior do que seu limite físico oficial. A imagem urbana percebida, a partir da prática social noturna de bares e congêneres (aqui também considerada forma de boemia), principalmente à noite, aparentemente unifica espaços lindeiros na percepção externa de observadores e interna de frequentadores, ampliando os limites do bairro, tornando-o perceptível por área muito maior.

Esta área total de abrangência, sobrepõe-se em boa parte, à antiga região conhecida por “Baixa Cidade”, que é citada pelas ações sociais baixas e territorialidades de mesmo caráter, nas áreas dos bairros Cidade Baixa e Bom Fim/Rio Branco (com a Colônia Africana), em ocupações dispersas nestes território, ao sul do promontório.

As ações mais contemporâneas recuperam e reforçam a imagem local associada às ações “baixas”, intrínsecas à boemia ali sempre praticada<sup>6</sup>. Tal fenômeno de percepção permite a identificação de limites desta “baixa boemia”, no momento da pesquisa, reforçado, herdeiro e subsequente a ininterruptos momentos históricos, com diferentes agentes sociais, se semelhante caráter<sup>7</sup>, e sobre o mesmo território. Este é o cerne deste trabalho.

---

<sup>5</sup> REIS, Vanessi. Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964-2006). 2013. 255p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>6</sup> Referências ao Gazeta da Tarde, de 22/05/1895, n. 47. p.2, em PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). Memória Porto Alegre: espaços e vivências. – 2º Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1991, p. 66. e referências ao Gazetinha (12/1/1978), Gazeta da Tarde (12/4/1897), (17/1/1898). (23/9/1985), em PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996, pp. 38-39; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, passim.

<sup>7</sup> Caráter, aqui, entendido como a aparência, a configuração física.

## 1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Numa observação primeira, percebem-se porções de bairros adjacentes à área, compartilhando imagetivamente uma territorialidade, nos modos de fazer e no perfil de público que comporta – aparentemente parece ser o mesmo - que se “esparrama”<sup>8</sup> por estes territórios: uma atuação social na “baixa cota” do relevo citadino e além dos limites oficiais do bairro, compartilhando a mesma aura “baixa” com os arredores de sua circunscrição.

Esta percebida semelhança com a vizinhança, resgata, imagetivamente, os antigos limites da “Baixa Cidade”, reconfigurada e recuperada no uso noturno. Palco de atuação boêmia, o sítio estende seu caráter à prática, delimitando, no território da “Baixa Cidade”, os espaços da “Baixa Boemia”.

O problema do trabalho está no entendimento se a Cidade Baixa, no período de coleta de dados, coincidia seus limites imagéticos com seus limites oficiais, ou se os infringia, espalhando-se por regiões lindeiras, recompondo, ainda que parcialmente, a região da antiga “Baixa Cidade” pelo uso que a consagrou tão conhecida e que lhe atribui uma carga pejorativa arrastada até então como “baixa” pela boemia noturna.

## 1.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho busca investigar a delimitação imagética da área do bairro Cidade Baixa no imaginário citadino, desde a fundação da cidade até o período entre 2006 e 2007, quando foi feita a última coleta de dados.

Tal delimitação inclui períodos diferentes da evolução urbana da cidade, atribuindo diferentes agentes sociais, sociabilidades, territorialidades, locutores desta prática – depoentes ou não, em fontes primárias (respectivamente cronistas, músicos boêmios e usufruidores do lazer noturno local) e temporalidades. Cada conjunto complexo de diversidades são unidos pela prática noturna e pelas espacialidades que pertencem à região da Baixa Cidade.

Como consequência da busca da delimitação dos limites, procura-se constatar a coincidência ou não dos limites imagéticos com os limites legais do bairro, a partir da comparação dos limites identificados em entrevistas abertas, questionários e mapas mentais.

A pesquisa busca averiguar se a percepção de expansão da ambiência da paisagem

---

<sup>8</sup> Conceito de *Pleace leaks*. CASTELLO, Lineu. Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). Tese Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2005.

urbana interna à externa ao bairro, que aparentemente funde territorialidades e compartilha grupos, é verificável a partir dos resultados obtidos pelo cruzamento de métodos de áreas de conhecimento diferentes, mas afins, como Arquitetura e História.

Por consequência, busca registrar parte da História da Cidade, com a análise da formação das “Alta” e “Baixa” Cidades, seus moradores, frequentadores, sociabilidades, perfis econômicos e sociais e, direcionado à pesquisa, sua boemia, desde a fundação da Cidade até o período de análise deste trabalho.

Intenta resguardar as lembranças recuperadas e construir a memória das sociabilidades noturnas da Cidade e do Bairro Baixa Cidade, desde sua fundação até o momento de levantamento do trabalho, conforme a disponibilidade de acesso a depoimentos e/ou testemunhos existentes e localizáveis, assim como a depoentes e testemunhos – possíveis de serem alcançados apenas a partir do período de consolidação da boemia no bairro, à época de Lupicínio Rodrigues, buscando preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, privilegiando o recurso das representações<sup>9</sup>.

Se objetiva recuperar seu imaginário urbano e social a partir da prática boêmia noturna “baixa”, a partir de pesquisas preexistentes e contribuindo com novos elementos de forma a demonstrar a importância deste bairro como local de produção de cultura, a partir de ocupações, vivências e experiências urbanas. Ainda, a pesquisa busca discutir seus limites físicos e imaginários.

Por seu imaginário urbano muito forte sobre a prática boêmia noturna “baixa”, desde os primórdios da Cidade e até o momento da coleta de dados, os limites imaginários locais parecem não coincidir com os limites oficiais do bairro, pois se estabelecem a partir de sua história, memória e vivências e, sobretudo, pela percepção que o usuário tem do local, no tempo presente – questões que poderiam ser divergentes, mas que aparentemente se reforçam. Esses limites serão recuperados a partir de seu mapeamento mental, recuperado de forma oral, em entrevistas abertas e de forma escrita, em questionários, além da forma de desenho, sob a forma de mapas mentais, que buscam, de forma complementar entre si, verificar sua abrangência.

Trata-se de uma pesquisa exploratória de análise teórico-empírica, aplicada em estudo de caso com levantamento em campo. É uma pesquisa descritiva, baseada em história narrativa e em lógicas de investigação hipotético-dedutiva. Utiliza-se de pesquisa

---

<sup>9</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Um Inventário das Diferenças. In: Entre-Vistas: Abordagens e Usos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1994. p.9.

bibliográfica, documental (com geração de documentos de fonte primária), levantamento de dados e estudo de caso.

Desenvolve-se sobre o recorte urbano correspondente a um bairro tradicional da cidade, consagrado no imaginário popular por sua história, memórias, moradores ilustres, carga cultural, aura local<sup>10</sup>, uso e reconhecimento como área “baixa” da cidade, desde sua fundação, por sua latente, inerente e ininterrupta boemia noturna, “sacramentada” no cenário urbano noturno da Cidade.

### 1.3 RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA DA PESQUISA

A pesquisa se justifica por sua contribuição na discussão dos limites imagéticos de um “lugar”, histórico e cultural da cidade, que compõe seu patrimônio material, mas sobretudo, imaterial da cultura produzida por minorias sociais e econômicas, na cena noturna da cidade, desde a sua fundação.

Também se justifica pelo esforço de formatação de um método multidisciplinar de coleta e produção de fontes primárias, que além das dificuldades de sobreposição dos resultados de origem diferentes, como o discurso, obtido de fontes orais e as imagens, obtidas pela expressão gráfica, soma-se a concomitância dos dados da coleta, que exige esforço de interpretação dos dados de matrizes diferentes. Além disso, a cobertura de grande espaço cultural, com diferentes temporalidades e as implicações dos diversos tempos históricos, como seus diferentes estágios de desenvolvimento econômico, urbano, arquitetônico e suas tecnologias, situação política e sociabilidades, exige um esforço de criação de parâmetros equivalentes diante de tanta diversidade, sendo fixados o território e as sociabilidades, boêmias e noturnas, “malditas”, categorizadas com perfil “baixo” pela sociedade dominante.

Ao longo da narrativa, é apresentada a evolução urbana<sup>11</sup> do sítio e suas práticas, procurando elucidar o panorama dos demais quesitos supracitados da conjuntura temporal analisada, de modo a conseguir apresentar as diferentes formas de apresentação das ações

---

<sup>10</sup> Aura, aqui, como o *Genius loci*, intrínseco ao imaginário urbano. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci: towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli, 1980. A aura se encontra evocada por cada fachada antiga preservada e, principalmente nas já demolidas e lembradas; pelas práticas sociais impressas na memória de seus conhecedores antigos ou dos que já ouviram falar delas; pelos sentimentos e emoções – uma carga simbólica de nível urbano – evocados pelos eventos no seu território.

<sup>11</sup> O termo evolução urbana refere-se a um conceito amplamente difundido e utilizado na área da arquitetura e do urbanismo, e equivale ao desenvolvimento da cidade ao longo do tempo, não sendo, necessariamente, vinculado ao crescimento da cidade enquanto sucesso de projeto. SOUZA, Célia Ferraz de. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1997. 127 p.

sociais e sua representação, sobre o mesmo espaço, ao longo do tempo.

O trabalho acrescenta a tentativa de tornar o imaginário urbano um condicionante mensurável da imagem urbana local e um condicionante da definição dos limites espaciais de um “lugar”, na percepção de seus usuários.

Além disso, faz o mesmo esforço buscando, nos discursos individuais e coletivos, de diferente sensibilidades, delimitar a apreensão de “lugar”, ao longo de narrativas cheias de detalhes que fugiam à questão trabalhada.

A feitura do trabalho oportuniza a construção de fontes primárias, a partir do registro de testemunhos históricos de depoentes idosos, com depoimentos inéditos, em grupo (em encontro pessoal do grupo - situação em que nunca se permitiram ser entrevistados antes), além da construção de um acervo de som, com áudios gravados de forma digital<sup>12</sup>, que recuperam as lembranças das práticas e/ou dos lugares em questão, constituindo acervo de consulta para pesquisas posteriores; além da coleta e organização de discursos de moradores e/ou de críticos, em periódicos locais<sup>13</sup>, revistas, *blogs*, *sites*, etc.; a reconstituição da evolução da Cidade a partir de uma ocupação e configuração arquitetônica e morfológica espacial, consequentemente, apropriada de formas diferentes nos divergentes espaços da cidade, categorizados pelo poder econômico e social, assim como a produção de fontes primárias, com testemunhos e depoimentos em entrevistas abertas e sob a forma de questionários, além de mapas dos entrevistados, que conformam uma “geografia da boemia” ou um “mapeamento do lazer” noturno, conforme suas percepções individuais, os quais permitiram uma delimitação do entendimento coletivo, a partir do cruzamento de dados do conjunto.

A problematização dos limites espaciais/ físicos pelo imaginário pode ser usado como instrumento para novos projetos de planejamento e para a revisão de leis vigentes. Respeitar a história, a memória, a identidade, os sentimentos de pertencimento e o imaginário urbano e social são elementos interligados e relevantes. Estes limites também têm flutuações, conforme a passagem no tempo e a mudança da sociedade. Por isso, é possível que sejam modificados e suas implicações podem encurtar ou ampliar os limites imaginários de regiões, com o passar do tempo.

#### 1.4 METODOLOGIA

---

<sup>12</sup> Sob a metodologia da História Oral.

<sup>13</sup> Estes como principais formadores de opinião, incentivadores/mantenedores/disseminadores do imaginário urbano e social do local, tanto pelo período de atuação do meio como de sua abrangência social

Pela complexidade de uma Cidade, ela não pode ser meramente descrita por dados quantitativos e/ou pela evolução urbana do sítio, nem como local de acumulação capitalista numa visão marxista, mas como complexo objeto “construído”, que exige análise interdisciplinar, com aliados de vários campos do conhecimento, como geografia, sociologia, economia, arquitetura, urbanismo, antropologia, psicologia, dentre outros. Exige uma aplicação de metodologias e métodos específicos de cada área, respeitando suas produções e teorias e dialogando, em conjunto, em prol da construção de resultados que respondam, admissível e satisfatoriamente aos seus métodos, na conjuntura de áreas consonantes da pesquisa<sup>14</sup>.

Na grande área de História, por exemplo, a cidade passou a ser vista não somente como um processo econômico e social, como até então era descrita e analisada, mas como representações coletivas e individuais construídas sobre o social. A cidade constituiu um novo campo investigatório, na área da História, focado nas representações. Os estudos com este olhar, iniciados por volta de 1970 (novíssimo movimento em relação a toda a produção da área de História), foram focados na complexidade e variedade do objeto e nas minorias sociais<sup>15</sup>. Esta nova área, chamada História Cultural, “*resgata discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais*”<sup>16</sup>.

A nova área direcionou os esforços dos estudos acadêmicos e das pesquisas, do olhar e das sensibilidades dos pesquisadores aos sem voz, aos excluídos e aos invisíveis, como uma reação de compensação histórica aos sujeitos até então não reconhecidos, mas igualmente importantes na composição da economia, da política e dos fatos (eixos estruturantes prioritários na construção da história “tradicional”<sup>17</sup>). A área busca uma edificação discursiva baseada na estrutura tempo e espaço, onde a cidade oferece a base da materialidade, com todos os seus rastros, registros, ruínas de espaços e vivências.

---

<sup>14</sup> Ives Leonir (1998) levanta a questão de que interdisciplinaridade não constitui apenas a relação / integração entre disciplinas ou áreas do conhecimento, mas se dá, também, pelas práticas, as metodologias. O uso de metodologias que advém de diferentes áreas de conhecimento também é um processo interdisciplinar, a partir do momento em que adentro outro campo de estudo para compreendê-lo e, assim, poder fazer uso dele. LEONIR, Ives. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In FAZENDA, I. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Papirus, 1998.

<sup>15</sup> Por volta de 1970, que, no Brasil, se iniciam os estudos neste campo, que, apenas uma década antes, despontavam nos estudos internacionais como área que abrange os sem voz e excluídos. RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997, pp.185-202. Dada a abrangência temporal que a História desenvolve-se, é considerada área novíssima de estudos, visto que estes recém completam 49 anos.

<sup>16</sup> PESAVENTO, Sandra J. História & História Cultural. Belo Horizonte. Autêntica, 2ª ed., 2004.

<sup>17</sup> Mesmo que à cargo de papéis secundários.

Di Leonardo<sup>18</sup> afirma que uma característica da história oral é a preocupação em “dar voz aos sem-vozes”, valorizar vidas que a ideologia contemporânea descreve como deficientes, sem importância ou invisíveis. A tradição antropológica de estudar povos sem escrita e a preocupação de alguns historiadores com aqueles que não produzem os documentos que convencionalmente interessam ao trabalho histórico acabam por encontrar-se no interesse pelas fontes orais. Através de testemunhos e entrevistas, a pesquisa possibilita a manifestação dos personagens na narrativa da história “real”, dando-lhes voz e oportunidade de contá-la, sob suas visões de mundo, experiências e sensibilidades.

O trabalho busca capturar informações possíveis de serem resgatadas pela grande distância temporal, tentando evitar a perda do registro dos testemunhos dos depoentes. Entretanto, a análise de cruzamento entre as memórias falíveis e as questões factíveis da matéria, como as reminiscências arquitetônicas e de paisagens, de práticas e mesmo de documentação, dentre as quais é quase inevitável a existência de divergências, a pesquisa não se preocupa em “limpar” ou “corrigir” memórias, nem a buscar uma “Verdade Aristotélica” – impossível de ser resgatada, principalmente em se tratando de História Oral, devido às “nuances” de ordem pessoal, variáveis conforme a sensibilidade, memória, percepção, vivências e experiências de cada indivíduo. Portanto, dentre as “versões” dadas como testemunhos, leiam-se “verdades possíveis”, talvez “contaminadas” na memória dos entrevistados ou assimiladas por vivências em outros grupos. O trabalho é fundamentado sob esta argumentação, mas, dentro do possível, as informações encontradas serão verificadas, de modo a se aproximar, ao máximo, da realidade.

Já a Arquitetura, desde sua origem, muito antes dos estudos nos tratados de León Battista Alberti, em *De re aedificatoria libri decem*<sup>19</sup> (os Dez livros da Arquitetura) ou o *Vitruvii Decem Libri* (Tratado de Arquitetura de Vitruvius), ou ainda nos estudos de Étienne-Louis Boullée, já analisava a cidade, sob a sua materialidade, forma e funcionalidade, como é possível identificar na precisão, ordem, proporção, resolução formal e funcional de vários povos precedentes aos documentos escritos perpetuados. A área se detém às questões da forma, mas também ao seu uso. A preocupação com a coerência temporal, correspondência tecnológica, social e cultural como fruto da cultura de um povo, sob estética artística, tecnológica, funcional e de economia do uso e de recursos (construtivos) são componentes indispensáveis ao pensamento arquitetônico, e, portanto vieses de seu olhar. Além disso, a

---

<sup>18</sup> DI LEONARDO, Micaela. Oral History as Ethnographic Encounter. In: *The Oral HISTORY REVIEW*, vol. 15, 1987. pp.1-20.

<sup>19</sup> Manuscrito de 1442-1452, Vaticano/ Itália..

arquitetura se debruça sobre o invólucro das funções humanas, no campo do social, do uso, da história da Cidade e da Arquitetura e das representações.

Neste trabalho, serão mescladas, num esforço de análise, coerência e, sobretudo, respeito aos métodos, tentativa de cooperação e coexistência de metodologias das áreas de História e de Arquitetura.

Da área de História, o trabalho segue na linha da subárea de História Cultural, trabalhando sobre Imaginário Urbano e Social e as representações, utilizando o método narrativo, numa narrativa linear, seguindo cronologicamente, estruturado em tempo e espaço. O tempo é dividido em 3 períodos com diferentes representações dos fazeres sociais, das práticas urbanas e de lazer noturno, vinculados ao perfil “baixo”, em todos os tempos, aqui considerado como “boemia” (ainda que o termo fosse mais utilizado especificamente no segundo momento histórico da análise). Ele é utilizado como fio condutor da narrativa histórica. Já o espaço permanece como palco das ações, servindo de palimpsesto às tipologias e às práticas sociais, como pilar estruturante da narrativa.

O imaginário engloba e é analisado por fontes documentais, como fotografias, mapas históricos, discursos (dos indivíduos, de periódicos, de forças de poder, documentos oficiais – conforme a fonte primária e o foco da pesquisa), imagens, desenhos, representações outras artísticas, objetos da cultura material e imaterial oriundas de produções culturais, vestígios, etc.

Neste trabalho, será feito um esforço em demonstrar o imaginário dos frequentadores do Bairro Cidade Baixa, no período entre 2006 e 2007, a partir de entrevistas abertas, gravadas (ou não) em áudio, de aplicação de questionário e também de aplicação de mapas mentais, além dos objetos supracitados, associados conforme necessidade de ilustração e compreensão.

Logicamente nem sempre é possível padronizar o mesmo tipo de objetos em diferentes momentos históricos. No caso desta pesquisa, que percorre um período temporal que cobre toda a história da Cidade, desde a sua fundação (quando também surge o bairro analisado) e segue até o momento da coleta dos dados mais atuais à pesquisa, não foi possível padronizar as fontes, visto que os próprios fazeres foram se modificando com o passar do tempo. Exemplo disso é a “evolução” das crônicas às publicações de matérias em periódicos, quando, da formação do jornalista, foi exigida isenção e veracidade dos fatos, isentando em parte as sensibilidades pessoais. Outra questão são os depoimentos: já não é possível entrevistar pessoas do primeiro período a que o trabalho se refere, e as fontes possíveis de obtenção de falas do perfil de frequentadores ou moradores locais não tinham a mesma preocupação ou



interesse afim ao demonstrado nesta pesquisa: as questões e os problemas eram outros, hoje já ultrapassados.

Dada a decorrência de mais de 230 anos, os avanços tecnológicos, sociais e urbanos, foram separadas fontes diferentes, condizentes para cada momento de análise, conforme a expressividade dos mesmos, e, sobretudo, sua existência e disponibilidade.

A estrutura de pesquisa se organiza sob três elementos principais, que são os que predominam na memória, conforme Michael Pollak<sup>20</sup>: os acontecimentos, os personagens e os lugares. Assim, para buscar explicar quais são os limites espaciais (imagéticos) do Bairro Cidade Baixa, entre os anos de 2006 e 2007 (quando o lugar estava em expressivo desenvolvimento, após forte crescimento e quando os dados foram levantados) a partir da imagem mental de seus frequentadores no lazer noturno (na prática da boemia), que provavelmente extrapola os limites espaciais do bairro oficial e se aproxima da área da antiga “Baixa Cidade” (aos primórdios da Cidade), o trabalho foi organizado de forma a fixar alguns elementos componentes da memória (principalmente por serem fatores recorrentes que transpassam os períodos), para que a análise discorresse com fluxo imagético com alguma permanência (o espaço), fazendo o vínculo entre os tempos.

Neste sentido, a organização baseou-se muito sobre as recorrentes análises da subárea da Arquitetura, na História da Cidade e da Arquitetura, que trabalha a partir da recuperação da Evolução Urbana, com a apreciação de mapas históricos e contemporâneos, buscando recuperar o desenvolvimento físico e sócio-político-econômico de um recorte do tecido, sem ignorar sua arquitetura, agentes sociais e as relações no todo. Para isso, apoia-se sobre a leitura de imagens (mapas e fotografias históricas, imagens em periódicos), leitura de documentação, como crônicas, livros, periódicos, documentos oficiais, dentre outros.

Buscando contribuir com a recuperação do imaginário, além da documentação supracitada, a Área de Arquitetura contribui com ferramental importante que são os Mapas Mentais. Trata-se de método da área de Percepção Ambiental, muito utilizada em Avaliações Pós-Ocupação, e que serve para levantamento de dados significativos à percepção, impressão e sensibilidade da pessoa, em relação a algum lugar do qual ele gera uma imagem física, consequência de sua imagem mental do lugar, baseada em suas lembranças do local, sem apoio de fontes de consulta. Indiscutivelmente a percepção de cada indivíduo é indissociável de suas experiências anteriores, treinos no olhar, sensibilidades e nível cultural. Entretanto, a

---

<sup>20</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p.201, 202, 203.

fim de obtenção de um resultado aproximado de um “imaginário urbano e social coletivo” sobre uma ideia de bairro, o cruzamento de dados de diferentes indivíduos de uma amostra de frequentadores locais, foram coletadas as imagens mentais destes, seja por meio de narrativas orais, em entrevistas abertas, seja de forma escrita com questionários (que são mais direcionados, apesar de terem questões abertas) e de mapas mentais, de forma a delinear os limites e também identificar os elementos mais expressivos, afetivos ou simplesmente pregnantes na memória, rememorados à aplicação do método.

A inovação da pesquisa é buscar demonstrar o Imaginário Urbano de um espaço grande como um bairro, a partir da geração de fontes orais (e não consulta a discursos ou narrativas históricas, como usualmente utilizado na área de História), além de agregar uma tentativa de delimitação do mesmo a partir de ferramental da Arquitetura, que são os Mapas Mentais. Representar o Imaginário Urbano, que é algo abstrato, imaginável a partir de ferramenta de representação como os Mapas Mentais, que são desenhos, portanto um esforço de síntese de ideias e de rememoração de lembranças, a partir, geralmente, de afetividades e subjetividades, é uma contribuição que a interdisciplinaridade do trabalho pode agregar no que tange à Metodologia.

A pesquisa é predominantemente qualitativa, prezando pela qualidade dos registros e das informações, como idoneidade, raridade, ineditismo, importância, contribuição e relevância, dentre outros quesitos de qualificação e escolha dos dados. Entretanto, o trabalho também empregou tabulações de dados, quantificando as informações obtidas com entrevistas abertas, questionários e mapas mentais, de forma a estabelecer recorrências e predominância de lugares e limites e a pregnância dos limites espaciais locais, sendo, estes últimos, de exclusividade da aplicação dos mapas mentais.

Para ilustrar este percurso pelo imaginário urbano, o trabalho buscará apresentar esta parte da cidade e sua relação com o conjunto, a partir de dados colhidos em bibliografia adequada, fotografias antigas, reportagens dos jornais do bairro e da cidade, documentação oficial, além da análise de mapas históricos, de modo a ilustrar sua evolução urbana e o surgimento de seus elementos marcantes de memória social.

Apresentada a estrutura geral do trabalho, aprofundemos o detalhamento das análises nos capítulos de desenvolvimento, que ocorrem entre o terceiro e o quinto capítulos.

No terceiro capítulo, no qual é o tratado o período temporal desde a fundação da Cidade, até aproximadamente 1950, quando se estabiliza uma “alta sociedade” nos “Altos da Independência” e uma “baixa boemia” na Cidade Baixa e arredores, como Centro e Avenida Cristóvão Colombo – locais em que Lupicínio frequenta, é feita uma retomada de

documentação histórica, como mapas antigos, aquarelas de viajantes e artistas que representaram a cidade, contos, crônicas, críticas, documentos oficiais e periódicos, além de livros da época e de pesquisas e publicações atuais sobre a época, de modo a recompor o Histórico da Cidade e da área objeto desta pesquisa, assim como seu imaginário e a divisão territorial da cidade em “Alta” e “Baixa”, conforme sua posição no sítio, mas sobretudo, ao perfil social de seus moradores e frequentadores, e de suas práticas, nelas exercidas.

De pesquisa sobre as mesmas fontes documentais, somadas à pesquisa mais específica sobre o Urbanismo Português de origem e a implantação da Arquitetura e Urbanismo no Brasil, se busca explicação sobre a configuração da cidade à sua fundação, a escolha do sítio primeiro onde se desenvolveriam as áreas mais e menos favorecidas – questão intrínseca à posição física no relevo, com consequentes condições ambientais e simbólicas.

A documentação coletada subsidia a reconstrução representacional do sítio, e é usada para a sustentação da configuração das “Alta” e “Baixa” da Cidade, com sua divisão territorial social, econômica e espacial, arquitetônica e urbanisticamente, separando sua população em “alta” e “baixa” sociedade, cujos perfis e caracteres dos fazeres em cada região, configura “alta” e “baixa” ações, portanto, também, “alta” e “baixa” boemias.

O capítulo abarca várias configurações de consolidação da “Alta” e “Baixa” Cidades, cujas sociedades vão migrando pelo território, adaptando-se ao crescimento da cidade e buscando sempre melhores oportunidades, conforme suas realidades e às possibilidades que dispõem, conforme o tempo histórico em que se encontram.

O quarto capítulo, trata do recorte temporal entre os anos de 1950 e 1970, quando o território estava no “auge” da boemia Lupiciniana. O capítulo trata, principalmente, da consolidação da boemia na Cidade e, principalmente no bairro Cidade Baixa, que o despontaria com a fama que transpassa as décadas seguintes, até a contemporaneidade. Neste momento, o termo boemia se disseminou, tanto quanto a frequência de boêmios e a implantação de espaços de bar e de lazer noturnos no bairro, além da fama do bairro como espaço de boemia e/ou do “Lúpi”. Devido ao período estar privilegiando uma prática mais específica, a metodologia se concentrou nos discursos, opiniões, depoimentos e testemunhos sobre o local, neste momento.

Assim sendo, foi possível resgatar discursos/ testemunhos da vivência deste momento e nesta prática, devido à relativa proximidade temporal, estando limítrofe a possibilidade deste resgate, dada a avançada idade e a fragilidade de saúde de alguns depoentes.

A História baseia-se no princípio de que é impossível reconstituir o passado na sua integridade, pois ele teve sua “concretude” num tempo que não mais se recomporá, tampouco

se preserva imutável, pois as memórias absorvem vivências posteriores àquelas narradas ou agregam memórias mais antigas. Por isso, por vezes, memórias sequer vividas são sentidas como experiências, incorporadas pelas pessoas que delas se apropriaram, e sobre elas são tecidas suas novas vivências.

Pesquisas com viés histórico ou historicista, ainda que se refiram a um grupo delimitado de indivíduos, mas que enfoquem períodos mais distantes, defrontam-se com o problema de ter seus possíveis informantes dispersos pelo passar do tempo - um problema de localização. Este trabalho busca recuperar estes indivíduos quase perdidos na memória ou esquecidos pelo tempo, em tempo, resguardando parte de suas histórias e das histórias do bairro, da cidade e da boemia. Dentro desta perspectiva de recuperação e de resguardo (para a posteridade) deste material, os depoentes referidos são músicos de importância indiscutível no cenário musical e boêmio da Cidade, que eram contemporâneos e conviveram com Lupicínio Rodrigues, compartilhando da mesma boemia.

Com relação às entrevistas abertas, buscou-se suporte em metodologias para correta coleta, gravação, registro e guarda do material produzido. Para tanto, o suporte veio da área de História, da subárea de História Oral, onde de um a inúmeros discursos têm valor, e podem gerar material para sustentações teóricas à hipóteses significativas, desde que bem construídas as relações, apoiadas em fontes primárias e boa argumentação e verossimilhança. A área é qualitativa, e não quantitativa. Por isso, discursos e narrativas obtidas pela História Oral podem estar ou não apoiados em pesquisas documentais, de forma a verificar a idoneidade e correspondência das informações do depoente com fatos reais ou factíveis, como nomes, datas, etc. Entretanto, como a memória é cheia de flutuações, o posicionamento da pesquisa pode direcionar o uso ou não de fontes de verificação. No presente trabalho, por se tratar de uma construção coletiva sobre a imagem mental de uma prática social sobre um determinado território, ao longo do tempo, não foram verificados os dados coletados. As flutuações possíveis, assim como a verificação de memórias de fato “vividas” ou “incorporadas” não contribuiriam à sustentação dos limites do bairro, visto que sua constituição da imagem mental de sua boemia noturna desde a fundação da cidade, pode incorporar elementos de várias temporalidades e até espaços não correspondentes aos limites espaciais oficiais do mesmo.

O sociólogo Maurice Halbwachs<sup>21</sup>, que trabalha com memória, diz que ela, que a

---

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice *apud* POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, pp. 200-212.

priori parece ser um fenômeno individual, deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Lembranças vindas à memória nem sempre são “confiáveis”. Conforme Certeau,

A memória praticada é feita de clarões e fragmentos particulares; escrituras invisíveis só são claramente ‘lembradas’ por novas circunstâncias. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são lembranças. Diferenciada é a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais, nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem, estáveis, pois cada lembrança os altera.<sup>22</sup>

Para o resgate das lembranças e a construção da memória, a história oral têm metodologia que é aplicada na coleta, registros de cessão de uso das informações, normas de transcrição e guarda (do som e do texto), devido a um grande número de fatores envolvidos: o cuidado com a exatidão da palavra e a clareza de seu registro, a correção das gravações, a autorização ou não de nome verdadeiro e a revisão lida e assinada do discurso disponível no banco de som para usos posteriores. O trabalho utiliza a metodologia da História Oral<sup>23</sup>, coletando, registrando e utilizando os depoimentos como fonte primária para as análises.

O registro de áudios, com depoimentos inéditos individuais e coletivos, feitos em encontro com um seleto grupo de músicos que marcou a cena local, resguardando suas lembranças, essenciais para o entendimento da prática e do motivo pelo qual se deram naquele lugar, além de colaborar com a compreensão do imaginário social local.

Foram feitas três entrevistas “abertas<sup>24</sup>” ou “temáticas” relativas ao período deste capítulo, deixando os depoentes livres para expor a maior quantidade de informações sobre suas vivências /sentimentos /impressões. As entrevistas foram executadas individual e coletivamente, em locais escolhidos pelos depoentes. Uma das entrevistas foi individual e duas contemplaram grupos, a pedido dos próprios depoentes, por terem vivenciado juntos a experiência. Das entrevistas em grupo, a primeira teve 3 depoentes, e a segunda, 5. Ao total foram 9 músicos entrevistados sobre o segundo momento histórico do trabalho, conforme pode ser verificado no Apêndice M. A entrevista individual não foi gravada em áudio, a

---

<sup>22</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>23</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral : como fazer, como pensar. São Paulo : Contexto, 2017. 175 p.; WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: Pesquisas em História Oral e Ciências Sociais. In: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 39, nº1, 1996, p. 163-182.

<sup>24</sup> Entrevistas que não seguem questionário – que deixam os entrevistados à vontade para falar o que quiserem, podendo ser, sutilmente, conduzidos, em questões formuladas na hora, e de teor da pauta, a responder sobre questões a serem aprofundadas.

pedido do depoente, sendo transcrita em tempo real. As entrevistas coletivas foram gravadas em formato digital e transcritas, estando as três disponíveis no acervo pessoal da autora.

A escrita do trabalho omite a identidade de todos os entrevistados, apesar de se tratarem de pessoas públicas - renomados e antigos músicos da cidade – pois justamente pela sua condição de personalidade e pública, nada quiseram omitir, fornecendo a entrevista sem carta de cessão. A coleta foi anterior à instauração do Comitê de Ética na UFRGS, por isso não existe registro da pesquisa nem da coleta.

Os músicos se reuniam, periodicamente, em lugar bastante discreto, em encontros informais, que jamais teriam sido gravados, tampouco compartilhados a ninguém. A única condição das entrevistas era a não geração de vídeo. Os áudios da conversa, intercalados por lindas canções desenvolvidas à capela, encontram-se no acervo da autora<sup>25</sup>.

O trabalho não deverá fazer análise de comportamento de grupo. Limitar-se-á a descrevê-los como forma de prática social exercida para demarcação territorial.

No quinto e último capítulo de desenvolvimento do trabalho, trata da apresentação do imaginário urbano e social do bairro Cidade Baixa, pelas narrativas literárias e por imagens. São aplicadas entrevistas abertas, questionários e mapas mentais com depoentes encontrados no território analisado, abordados aleatoriamente. Foram coletadas 52 entrevistas (sendo 49 abertas e 3 direcionadas com questionário padrão), 64 questionários e 62 mapas mentais (dois entrevistados não quiseram desenhar). Das pessoas que fizeram questionário, 29 prestaram entrevistas abertas, sendo 27 gravadas de modo digital e 2 em fita cassete. Neste conjunto das 27 pessoas que responderam o questionário e deram entrevista aberta estão as 2 que não quiseram desenhar<sup>26</sup> (Ver Apêndice N).

Ao tabelamento dos dados, foi contado um elevado número de depoentes arquitetos. A amostra não foi direcionada, tampouco quis ter predominância de um perfil de usuário, e o resultado foi casual. Tratando-se de uma metodologia que cruza métodos e instrumentos, uma possível maior qualificação do arquiteto ao desenho e à demonstração espacial não implica

---

<sup>25</sup> O Programa de Pós-Graduação em que este trabalho se desenvolve não dispõe de Laboratório de Áudio e Vídeo, para depósito das entrevistas. Por isso, foi acordado com a Coordenação do mesmo que, em caso de interesse à consulta dos documentos, que esta solicitação seja feita diretamente com a autora, que manterá o acervo.

<sup>26</sup> Ao total, somam-se 55 entrevistas, juntando os depoentes dos 4º e 5º capítulo. Destas, apenas uma não foi gravada, a pedido do depoente. Deste conjunto, 47 entrevistas foram individuais, 2 entrevistas tiveram 3 ou mais entrevistados (músicos contemporâneos de Lúpi) e 6 entrevistas em dupla. Das 47 entrevistas individuais, 3 foram feitas com aplicação de perguntas pré-estabelecidas (direcionadas a músicos relevantes no cenário da noite local e que não poderiam fornecer a entrevista pessoalmente). Como material de análise, somam-se 55 entrevistas, em diferentes modalidades, 64 questionários (perfazendo 119 tipos diferentes de produções discursivas, sendo orais ou escritas) e 62 mapas mentais, consolidando 181 novas fontes primárias à construção 4º e 5º capítulos. Os materiais foram obtidos de 100 depoentes.

seu domínio dos limites espaciais do local, não representa maior conhecimento ou domínio do território, lugares, história e importância à cidade e, considerando que as demais pessoas entrevistadas foram, também, avaliadas com outros instrumentos de coleta do imaginário, possam ter conseguido se expressar melhor por outro meio, visto que a narrativa é linguagem de maior domínio do que o desenho, pela maioria das pessoas. Além disso o entendimento do que é o bairro, principalmente se considerado que muito extrapolaram seus limites, é amarrado às questões de história e memória, principalmente boêmia, ou de sua prática in loco. Portanto, não foi impeditivo à pesquisa uma amostragem maior de um determinado perfil profissional.

Algumas entrevistas abertas foram associadas à aplicação dos questionários e mapas mentais. Outras foram feitas diretamente com pessoas ligadas à área artística e musical da cidade, como pessoal do teatro, artistas, músicos e frequentadores locais, famosos por sua frequência (indicados durante as aplicações dos questionários e mapas mentais). O direcionamento da entrevista a este recorte de entrevistado visava atender às sugestões dos demais entrevistados, por livre iniciativa, julgando que estas pessoas pudessem ter muito a contribuir, por sua frequência ao lugar a algum período específico e/ou ao do momento das entrevistas.

A aplicação dos mapas mentais<sup>27</sup> apontaram livre e quantitativamente os elementos pregnantes no imaginário urbano sobre o local, recorrentes, assim como a área de abrangência da região e os limites identificados. Seus elementos geraram recorrências e frequências, que reforçam questões simbólicas, icônicas, imagéticas de alguns lugares locais.

Para a aplicação do mapa mental, foi exigido, como pré-requisito, já ter frequentado o complexo boêmio pelo menos uma vez.

Os questionários são uma modalidade de entrevistas que fazem parte do instrumental metodológico da Percepção Ambiental, sub área da Arquitetura e da Psicologia. Trata-se de entrevistas “fechadas”, aplicadas individualmente, com perguntas objetivas e dissertativas

---

<sup>27</sup> Mapas mentais são mapas feitos com base na memória, recordação, imagem mental que as pessoas têm de algo que expressam através de um desenho. Um dos primeiros e mais conhecidos estudos de mapeamento cognitivo urbano é o “Imagem da Cidade”, de Kevin Lynch. Este trabalho analisava o que torna uma cidade legível para as pessoas que se movem nela.

*“O processo de mapeamento cognitivo é uma maneira de estruturar, interpretar e lidar com conjuntos complexos de informações que existem em diferentes ambientes (...) não apenas o ambiente físico observável, mas também memórias de ambientes vividos no passado, e os muitos e variados ambientes sociais, culturais, políticos, econômicos, e outros que tenham influenciado tanto sobre estas memórias do passado como em nossas experiências atuais. A natureza, estrutura e conteúdo de muitos destes ambientes também influenciam nossas perspectivas (...).”*

GOLLEDGE, R.G., STIMSON, R.J. Spatial Cognition, Cognitive Mapping, and Cognitive Maps in: Spatial Behavior: a Geographic Perspective. New York, The Guilford Press. 1997. p. 229.

sobre o bairro Cidade Baixa e sua vivência noturna, assim como suas estruturas, elementos, distâncias, limites (ver Apêndice A).

O trabalho acabou por não absorver diretamente a maioria dos dados coletados no questionário, priorizando as informações constantes nas entrevistas abertas e nos mapas mentais, que subsidiaram a produção de uma cartografia do imaginário local, e também, a partir dos mapas mentais (que eram mais direcionados ao bairro Cidade Baixa) o tabelamento de seus elementos componentes. Os mapas se mostraram muito mais expressivos, significativos e, literalmente, mais ilustrativos para a obtenção de dados, pois apresentavam relações que o questionário, por seu caráter mais objetivo, não conseguiu abarcar. Dos mapas foi possível reconhecer os limites circundantes da área abrangida pelo imaginário dos entrevistados, assim como os elementos históricos memoráveis locais na consolidação da importância desta tradicional zona boêmia.

A coleta dos dados da pesquisa, incluindo os mapas mentais, os questionários e as entrevistas foram feitos antes da instauração do Comitê de Ética na UFRGS. Por isso, toda a base de dados não passou por aprovação deste setor.

Fotografias antigas foram utilizadas, junto às informações obtidas em fontes históricas, periodísticas, de legais e imagéticas, como os mapas de desenvolvimento urbano, para auxiliar na estruturação da evolução local e de localização dos lugares apontados.

## 1.5 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O trabalho está organizado em 6 capítulos, sendo 3 deles destinados ao desenvolvimento do problema da pesquisa. No primeiro capítulo é apresentado o tema o problema da pesquisa, os objetivos, as justificativas e a metodologia empregada. Já no segundo capítulo é feita a apresentação da revisão teórica, com apresentação do referencial teórico, do estado da arte, com a produção local sobre o lugar (o bairro Cidade Baixa e afins), os acontecimentos (as sociabilidades na cidade, diurnas, noturnas e boêmias ou não – da família ou apenas masculinas) e os personagens (com os diferentes perfis de seus moradores, frequentadores, dentre outros, em várias temporalidades, recuperando parte da produção sobre a história e memória do lugar e dos acontecimentos supracitados).

O desenvolvimento da abordagem ao problema do trabalho se dá, efetivamente, do terceiro ao quinto capítulo. No terceiro capítulo, é realizada uma retomada do histórico da área através da história da cidade, quando, em sua fundação, já configurava as “alta” e “baixa” cidades. O período abrange desde o início de fundação da cidade, por meados de



1700, até 1950, quando a boemia, assim reconhecida, dominou o bairro Cidade Baixa e o consagrou pólo desta prática. A divisão territorial social, econômica e espacial, arquitetônica e urbanística das áreas que configuram cenários e ações diferentes na cidade, separando-a em “alta” e “baixa” sociedades, respectivamente nas partes “alta” e “baixa” da cidade na sua configuração física (relevo) e, por consequência, na distribuição urbana, por condição econômica é refletida na diferença dos lazeres, em “alta” e “baixa” boemia.

No quarto capítulo, o trabalho trata da memória destas boemias: um resgate pelos depoimentos dos músicos locais (seus testemunhos vivos), fazendo uma recuperação destas memórias desde os anos 40, até meados dos anos 60; um registro, por depoimentos, de uma separação social, econômica e cultural das “Alta” e “Baixa” Cidades através da boemia, diferenciada e categorizada como “alta” e “baixa” e as controvérsias sobre esta categorização e sobre os agentes que as executavam. Trata-se do período desde a estruturação da Avenida Independência e inauguração do loteamento junto à Hidráulica Moinhos de Vento, consolidando a “Alta Cidade” e a localização nela da “Alta Sociedade”, assim como o esvaziamento do centro, com o abandono dos casarões das famílias abastadas da parte baixa do centro, próximo ao porto e ao norte dele, até a consolidação social destes espaços, com sociabilidades características de cada perfil de grupo e que implicaram a classificação destas ações, como “altas” e “baixas”. Referente às ações de lazer noturno, neste momento é instituído e disseminado o conceito de boemia usualmente utilizado, e esta ação é classificada conforme a posição espacial e os grupos que a exercem. Neste período, pela disponibilidade de testemunhos, são recolhidos depoimentos desta prática e tratadas as memórias dela, a partir da História Oral.

No quinto capítulo, é apresentada uma cartografia do imaginário urbano, a partir de narrativas orais, obtidas em literatura, e em descrições e mapeamentos mentais de usuários contemporâneos, feitos a partir de entrevistas abertas, questionários e mapas mentais. A apresentação das falas dos jornais locais na formação de opinião sobre o bairro e suas alterações morfológicas e sociais (contemplando as discussões sobre as intervenções urbanas efetuadas pelas execuções dos procedimentos instaurados pelos Planos Diretores de 1959 e 1979, na alteração, ainda que somente teórica ou imaginária, do cenário urbano, e dos limites do bairro) e no fortalecimento do imaginário como “baixo”, tradicional e familiar. A exposição deste discurso nos permite avaliar a permanência, consagração e manutenção da memória e da imagem local e acompanhar denúncias de seus problemas sociais e econômicos, de destaque em nível urbano, como prostituição, assaltos, roubos de carros, tráfico e consumo de drogas, concentração de moradores de rua e mendigos, dentre outros, que se tornaram

práticas usuais e incessantes no sítio. Também inclui a análise atual do imaginário urbano local, com a delimitação do que é entendido como perímetro do bairro e de seu conteúdo atual: os pontos significativos (bares, restaurantes, cinemas, hotéis), ruas, praças, lugares, personalidades que se demonstram importantes no imaginário urbano local e que, por muitas vezes, são tratados como “atemporais” (inclusive as que já se extinguiram há muito tempo), dentre outros. O período abordado no capítulo inicia na morte de Lupicínio Rodrigues até o ano de 2007. São abordados brevemente os períodos seguintes à morte de Lúpi, com o novo quadro que se instalou nas sociabilidade e nos espaços da cidade, onde os espaços noturnos de lazer foram utilizados como ponto de encontro de resistência contra o Regime, assim como o enfraquecimento e queda do mesmo, com novas mudanças na cidade. A permanência da aura nos espaços do Bairro Cidade Baixa, fortalecidos pela localização, em seus espaços, de artistas de várias modalidades e suas práticas, reforçou o caráter local e consagrou o bairro como espaço de minorias e resistência a várias questões sociais, reforçando o conjunto.

No último capítulo, a pesquisa faz a discussão dos resultados obtidos e o fechamento da conclusão do trabalho, retomando os objetivos da pesquisa e discutindo o que é compreendido como território, unificado pela permanência do espaço físico e suas sociabilidades, interligadas por questões históricas, econômicas, políticas, arquitetônicas e, sobretudo, pelo caráter das práticas que unificam e reforçam a região, ultrapassando limites espaciais/territoriais oficiais do Bairro Cidade Baixa e recuperando, a partir da imagem mental de seus frequentadores, a região da antiga “Baixa” de Porto Alegre.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta o levantamento do referencial teórico e do estado da arte do objeto e do tema da presente pesquisa, assim como explicita os principais conceitos que norteiam o trabalho.

### 2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho desenvolve-se tendo como palco do mesmo tipo de sociabilidade de “baixa boemia”, o mesmo espaço, ao longo de grande distância temporal: o bairro Cidade Baixa. Conforme o arquiteto Lineu Castello<sup>28</sup>, existe um tipo de situação na qual as interações entre as pessoas e o ambiente terão forte suporte na dimensão espacial, que envolve fenômenos relativos à natureza física dos lugares, a sua constituição material, à objetiva morfologia de que são feitos – situação que acentua as experiências relativas a uma “aura” de que se acerca o lugar, uma vinculação não visível, surgida por qualificações naturais, frutivas, sensoriais ou paisagísticas, que influencia as interações pessoas-ambiente, marcando o lugar por elementos do imaginário *espacial* local. Outro tipo de situação na qual as interações entre as pessoas e o ambiente estarão fortemente apoiadas nas histórias do próprio lugar – oriundas de criações e dos contos populares que permeiam o imaginário e que demonstram a importância da dimensão temporal associada às formas materiais - servem de pano de fundo a estas abstrações. Nesta categoria, os lugares são instituídos pela evocação da “memória” coletiva a respeito do ambiente, evocam a história da cidade e sua materialidade, de acordo com os padrões arquitetônicos implantados em cada período temporal identificado, além de suas “lendas”, que conformam uma memória composta por elementos do imaginário *temporal* local.

O “lugar” originado por estímulos oriundos de elementos do campo espacial é denominado “Lugares de Aura”. Já o que tende a privilegiar a dimensão temporal designa-se “Lugares de Memória”.

O bairro “palco” das ações que costumam tempos diversos sob a classificação de “baixa”, conforma, principalmente em seus tempos mais atuais, “Lugar de Memória” e, também, “Lugar de Aura”<sup>29</sup>. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, percebe-se esta

---

<sup>28</sup> CASTELLO, Lineu. Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). Tese Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2005.

<sup>29</sup> CASTELLO, Lineu. Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada

consolidação no imaginário social urbano, retirado de publicações em livros e periódicos, crônicas, depoimentos e entrevistas, as camadas temporais sobrepostas de tempos, com seus diferentes agentes e forma de apresentação das ações urbanas noturnas de lazer, reforçando sempre, no mesmo território, o estigma de “Baixo”, “maldito”. A ação, proveniente de escolhas, caráter e estilo de vida de seus frequentadores, imprime ao lugar (por se sobrepor a ele como uma camada de vivência e vitalidade) destaque na cena urbana, por sua vitalidade e por aspectos julgados pela “alta sociedade” com predicados perniciosos, atribuindo-lhe grau de valoração negativo e infame.

O espaço mudou, mas não substancialmente. Conforme o arquiteto Aldo Rossi<sup>30</sup>, a cidade é um palimpsesto e sobreposições de camadas efêmeras, sociais, mas, sobretudo, “permanentes” ou duráveis, imateriais, como edificações e traçados. As construções acabam, com o passar do tempo, sofrendo sinistros, avarias, deterioração por falta de manutenção ou mau uso, ou mesmo se tornam desinteressantes pela oportunidade de exploração os índices construtivos dos terrenos que as locam, e acabam sendo substituídas por outras edificações. Entretanto, estas substituições são morosas e mantém, concomitantemente, grupos edifícios que convivem numa mesma temporalidade, mantendo a paisagem identificável e familiar. Estas permanências auxiliam a manutenção de “bengalas de memórias” – elementos pelos quais nossas memórias e lembranças são acionadas e recordadas.

A arquitetura se presta como grande e imponente elemento para esta rememoração. Além de ser pano de fundo às ações no espaço público, elas também incitam sensações que podem desencadear lembranças, além também de provocarem sensações mais intensas à vivência de seus espaços internos onde ela pode imprimir mais emoções, devido à sua conformação espacial, delimitações de vistas, emolduramento de ações, etc., conforme o estilo e tipo arquitetônico.

O bairro em questão promove este tipo de recordação, não somente pelo estoque edilício, mas também pelos elementos e lugares históricos, culturais e afetivos da cidade que pertencem à área, os quais foram palco de ações ao longo da história local e da cidade. Por exemplo, o rio que abastecia as regiões próximas com a produção de telhas e tijolos produzidos pelas Olarias locais, que ali se implantavam pelo tipo de solo argiloso que tinha pouca drenagem e facilitava o empoçamento d’água no local, os batuques, as lavadeiras, etc.

A dimensão espacial aciona aspectos de situação material do sítio, organização, escala,

---

do Milênio (1985-2004). Tese Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2005.

<sup>30</sup> ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Lisboa: Cosmos, 1966.

materialidade – que, por ser fortemente marcado por sua arquitetura, também marca divisões temporais. Este tempo é marcado por elementos históricos, que marcaram a história da cidade. Por isso a materialidade local, que evoca a aura, também demarca e está ladeada pelos aspectos da história, responsável pela evocação da memória. Seus elementos componentes reforçam o caráter de “Lugar de Aura”, mas também de “Lugar de Memória”.

O sociólogo Michael Pollak<sup>31</sup>, em estudo sobre memória e identidade, apresenta alguns conceitos importantes, os quais são utilizados nesta pesquisa. Ele entende que a memória, individual ou coletiva, é constituída de três elementos: os acontecimentos (vividos e os “vividos por tabela”), os personagens e os lugares. Estes correspondem aos “*espaços, atores e práticas sociais*”<sup>32</sup> a que a historiadora Sandra Pesavento também faz referência.

Os acontecimentos “vividos por tabela” são os vivenciados pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa quer ou se sente pertencer - acontecimentos dos quais a pessoa nem participou, mas que, no imaginário, tornaram-se tão reais que é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. A esses acontecimentos vividos por tabela juntam-se todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente plausível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada<sup>33</sup>.

Os personagens são tanto as pessoas realmente encontradas no decorrer da vida, quanto as conhecidas “por tabela”, mas que se transformaram quase que em pessoas conhecidas, tamanha a convicção de experiência anterior com elas. Estes personagens podem ser, inclusive, pessoas que sequer pertenceram ao espaço-tempo daquela que projeta.

Os lugares podem ser lugares da memória (ligados a uma lembrança, pessoal ou não, com ou sem apoio no tempo cronológico) e os lugares de memória de grupo (locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, mas que constituem lugar importante para a memória do grupo, e, “por tabela”, dos indivíduos que o compõe).

Esses três critérios – acontecimentos (o quê), personagens (quem) e lugares (onde) - conhecidos direta ou indiretamente, podem dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundamentados em fatos concretos, mas podem também não

---

<sup>31</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 201, 202,203.

<sup>32</sup> PESAVENTO, Sandra J. História & História Cultural. Belo Horizonte. Autêntica, 2ª ed., 2004.

<sup>33</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 201, 202,203.

passar de projeções a outros eventos.

Lineu Castello<sup>34</sup> ainda aponta uma situação congruente entre as que se baseiam na influência de estímulos espaciais e a de influência de estímulos temporais. Trata-se da situação em que a dimensão social prevalece, envolvendo fenômenos associados aos contatos interpessoais no ambiente, valorizando elementos do imaginário *social* local. Esta condição gera “Lugar de Pluralidade”.

A pesquisa está estruturada com os três elementos vinculados à memória (acontecimentos, personagens e lugares), porém “fixou” dois deles, para fim de discorrer uma estrutura de análise. Foram fixados os acontecimentos (que se referem-se à prática da “baixa boemia, ainda que tenham ocorrido de diferentes formas, conforme cada momento histórico) e o lugar (no caso, o bairro Cidade Baixa, ainda que vários pontos dentro do bairro, ou além dele, mas próximos, tenham relevante importância à história da Cidade). Já os personagens, sujeitos sociais que frequentam os espaços, têm perfil diferenciado conforme momento histórico, mas por suas afinidades com as práticas existentes e perseveradas, perpetuam a aura e a imagem local.

Lugares de Aura e Memória interferem na formação das imagens mentais dos usuários, por serem acionadas pela valorização dos elementos dos imaginários espacial e temporal, e terminam, como no estudo de caso desta pesquisa, por convergir. O Lugar de Pluralidade é criado por uma construção social, que lhe garante indispensavelmente a experiência.

O trabalho não busca questionar, investigar e averiguar a correspondência temporal das memórias a que seus depoentes se sintam pertencentes, checar seus elementos componentes, datas e fatos, mas trabalhar sobre a memória existente: memórias individuais, formadas de lembranças de fatos vividos, com narrativas imaginadas e incorporadas às memórias individuais são passadas geracionalmente a partir da construção do imaginário, composto por fragmentos de diversas fontes, como crônicas, causos, leituras em publicações, imagens, etc., mas as utiliza como síntese representacional do “Lugar”, com todas as suas subjetividades individuais somadas no coletivo.

O que a memória individual grava, exclui, relembra, é o resultado de um trabalho de organização – o que também ocorre em relação à memória coletiva, visto que a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Nesse contexto, a memória construída é feita

---

<sup>34</sup> CASTELLO, Lineu. Repensando o LUGAR no projeto Urbano. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). Tese Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2005.

por um recorte, um enquadramento, que visa à formação de um tipo de história: nacional, local, pessoal, dentre outras. A memória herdada tem uma ligação muito estreita com o sentimento de identidade, pois ela é um elemento constituinte deste, tanto individual como coletivo, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>35</sup>.

O sociólogo Maurice Halbwachs<sup>36</sup>, que trabalha com memória, afirma que ela, a priori, parece ser um fenômeno individual, mas deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Lembranças vindas à memória nem sempre são “confiáveis”. Conforme Certeau:

A memória praticada é feita de clarões e fragmentos particulares; escrituras invisíveis só são claramente ‘lembradas’ por novas circunstâncias. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são lembranças. Diferenciada é a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais, nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem, estáveis, pois cada lembrança os altera.<sup>37</sup>

Imagens e discursos já nos chegam como representação, num esforço de reapresentação<sup>38</sup> do passado, a partir de um pensamento condutor, não isento de memórias, vivências, impressões.

Em relação às questões temporais-espaciais, a memória permite a identificação das transformações espaciais. Segundo o “momento oportuno”, ela produz um reporte instantâneo: a estranheza torna possível a percepção da transformação do lugar. Um instante modifica a ordem local, permitindo que se transforme a organização visível. Mas essa mudança tem, como condições, os recursos invisíveis de um tempo que obedece a outras leis, que furtam alguma coisa à distribuição do espaço.

Este “retorno” ao passado faz a “amarração” com o presente, permitindo que se veja uma “base” imóvel – o plano, o traçado – sobre a qual as alterações ocorrem – construções,

<sup>35</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 201, 202,203.

<sup>36</sup> HALBWACHS, Maurice *apud* POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, pp. 200-212.

<sup>37</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>38</sup> Conforme Pesavento, “A representação é a reapresentação de algo que se encontra ausente no tempo e/ou no espaço”<sup>109</sup>. PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. In: Cultura Vozes. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. p.34

demolições, alterações tipo-morfológicas, atuações sociais, etc. Gregotti<sup>39</sup> trabalha com o conceito de sobreposição, em palimpsesto<sup>40</sup>, assim como Aldo Rossi<sup>41</sup>, da mesma forma fala da cidade como a base de sobreposição de traçados e edifícios, fazendo-se mais recorrentemente com alterações edilícias.

O passado serve como referência anterior e como imagem inicial das alterações possíveis, mediante a identificação das modificações nas imagens posteriores. Conforme Andrade:

Se o passado é preservado é porque ele tem sempre algo a dizer para situar e referendar o presente. [...] Bairros, praças, ruas, edificações, monumentos e até mesmo seus respectivos nomes, documentam a ficção vivida de uma cidade. A memória de uma cidade é também a memória de seus habitantes. [...] A invenção dos significantes identificadores do presente depende da capacidade de raciocínio, e este pressupõe um fundo de memória. Sem a memória toda a percepção seria inútil e o passado um vazio sem acesso <sup>42</sup>.

A história é uma modalidade de representação do real (passado), uma ficção, uma recriação do concreto vivido, num “delírio autorizado”, cuja fundamentação exige coerência no contexto sócio-econômico-cultural. Esta representação, em imagens e discursos, faz parte de um processo de revelação.

O imaginário não se exprime ou mede pela sua autenticidade para com o real. Ele enuncia, reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. *O imaginário é, por vezes, um real “mais real” do que as condições concretas da existência, mobilizando as ações dos indivíduos, motivando práticas sociais e legitimando situações*<sup>43</sup>.

Conforme Pesavento<sup>44</sup>, a representação implica uma relação ambígua entre ausência e presença. No caso, a representação é a “presentificação” de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de sentido.

<sup>39</sup> GREGOTTI, Vittorio. Território da Arquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.

<sup>40</sup> Palimpsesto é uma sobreposição de textos escritos em pergaminhos antigos, que eram apagados para serem reaproveitados. ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Lisboa: Cosmos, 1966.

<sup>41</sup> ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Lisboa: Cosmos, 1966.

<sup>42</sup> ANDRADE, Antonio Luiz M. Cidade. A Embalagem da Memória. Arquitetura Brasil – O Habitat Digital. Publicado no dia 19 de dezembro de 2003. Disponível em:

<http://salu.cesar.org.br/arqbr/servlet/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeNoticia?codigoDaNoticia=6608&dataDoJornal=atual>. Acesso em: 31/07/2005.

<sup>43</sup> PESAVENTO, Sandra J. O desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. In: Cultura Vozes. Nº 5 – Setembro-outubro, 1995. P. 34.

<sup>44</sup> Idem, Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº. 16, 1995, p. 280.



Para Chartier<sup>45</sup>, a noção de representação se baseia na correlação entre práticas sociais e representações. Estas últimas deixam ver uma ausência, estabelecendo-se a diferença entre aquilo que representa (o representante) e o que é representado. Conforme Certeau, “[...] a figura presente do imaginário narra no positivo uma ausência”<sup>46</sup>. Ao mesmo tempo, afirma uma presença daquilo que se expõe no lugar do outro.

Ainda sobre as imagens construídas no passado, elas não pertencem apenas a uma época já vivida; elas podem e se tornam legíveis em um outro tempo, quando se estabelece a sincronia e a reconhecibilidade. Existe um momento em que passado e presente se juntam e onde é possível ver, a partir do presente, as imagens do passado. Este momento Benjamin<sup>47</sup> chamou de “dialética da paralisação”. O momento de sincronia entre o passado e o presente, em que é possível “salvar o passado”, porque nele o presente se vê. Conforme Benjamin:

Este momento ímpar implica no romper do encanto que encerrava o passado como algo fechado em si mesmo. O presente é um “agora”, no qual se interpenetram imagens do novo e do velho, se realizam distanciamentos e aproximações e se antecipa o futuro<sup>48</sup>.

Este ressurgimento do passado propiciado pela combinação de uma experiência ou pela renovação da sensibilidade do vivido, com a evocação que inaugura uma nova temporalidade através de um passado que se faz presente, permite presentificar, reforçar ou reviver o vivido e/ou conhecido.

Desta forma, a combinação da memória/lembrança com a sensação/vivência reapresenta algo distante no tempo e no espaço e que se coloca no lugar do ocorrido. Esta capacidade de “[...] tornar próximo o distante no tempo e no espaço, sendo seu reverso alegórico a dimensão pela qual, através da narrativa, quem vê e ouve pode ser transportado para lugares e épocas distantes”, Benjamin caracteriza como aspecto “aurático” da história<sup>49</sup>. A aparência fornecida é a da permanência da aura, que é a dimensão captada no presente.

No entanto, algumas aparências são criadas de forma a suprir carências sociais de

<sup>45</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel. 1990

CHARTIER, Roger. "A história hoje: dúvidas, desafios, propostas", *Estudos Históricos*, nº. 13, jan. - jun. 1994.

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel de. *O imaginário da Cidade*. IN: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995. p.44.

<sup>47</sup> BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX”. In: KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo, Ática, 1985.

<sup>48</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo, Brasiliense, 1986. p.230.

<sup>49</sup> KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo. Ática, 1986 apud BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: Benjamin, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica. Arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1986. p.230.

imagens coletivas: são alegorias. Espaços, atores e práticas sociais são mitificados, ícones quase “sacralizados” sob um manto de projeções heroicas, de grandiosidade, de sucesso e de idealismo. Fantasmagorias que comportam uma dimensão utópica, de sonho e desejo coletivo, que recuperam e lidam com materiais de fundo simbólico, que são tirados de uma cotidianidade, o que os torna receptíveis pelos indivíduos<sup>50</sup>.

Algumas ciências debruçam-se sobre o desafio de investigar as relações emocionais que os espaços e lugares provocam nas pessoas: a reativação de suas memórias (neles criadas e ativadas, no seu retorno ao lugar), questões de identidade e de pertencimento (sentimentos motivados pela apropriação ou recordação de um momento), resgates de memórias vividas ou apropriadas, que implicam a construção imaginária de um lugar.

Uma destas ciências é a Topofilia, seguida pelo geógrafo Yi-Fu Tuan<sup>51</sup>. Trata-se de um neologismo do significado do sentimento humano pelo lugar ou, mais amplamente, toda a afetividade da essência humana ligada ao ambiente físico. Humanos respondem ao ambiente de várias formas, da apreciação visual à estética. Sobre seus estudos, pode-se dizer que, apesar da experiência mais intensa vir, geralmente, de uma surpresa, a apreciação mais particular e duradoura da paisagem permanece enquanto ligada à memória de acontecimentos. Uma consciência do passado é importante no amor ao espaço e ela pode ser maior ou menor, conforme a memória sobre o local. Pessoas que pertencem a grupos que compartilham de certos sentimentos comuns acabam assimilando memórias não vividas envoltas em sentimento de pertencimento tão grande com as outras pessoas, que já nem conseguem mais distinguir o que realmente viveram do que não viveram.

Georg Simmel foi um dos primeiros estudiosos a pensar modernidade, a refletir sobre as transformações originadas com o desenvolvimento das cidades, a partir do início do século XX, e os comportamentos que nela passaram a se desenvolver, sendo, posteriormente, seguido por Georg Lucács, T.W. Adorno e Walter Benjamin.

Os pesquisadores apontam a excessiva sobreposição de imagens, objetos e memórias sobre o mesmo lugar, num palimpsesto que provoca a perda de seu caráter, recuperado pela memória ou por outro vínculo que permite a ativação da mesma, por meio de uma lembrança que remete a um instante no passado, causado por uma conexão dele com o presente. Este percurso pode ser diminuído, evitado ou extinto, conforme a permanência ou não do que serve como “bengala” de memória.

---

<sup>50</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989; p. 63.

<sup>51</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980, passim.

Ronald Raminelli<sup>52</sup> diz que a multiplicação de homens, objetos e imagens promovem a banalização capaz de alterar a percepção, criando uma nova sensibilidade, que absorve as sequências de instantâneos, com a perda da “aura”. Por isso, a preservação de parte do traçado urbano, da arquitetura e de suas práticas ou, pelo menos, da memória de todos, é imprescindível para a perpetuação de um vínculo visível, material, ainda que sutil, com o passado.

## 2.2 ESTADO DA ARTE

Talvez pela vivacidade, efervescência e variedade de antigas narrativas, as zonas boêmias, geralmente frequentadas por músicos, artistas e boêmios, atraem os pesquisadores à procura de explicação para seu sucesso ou forma de fazer.

Em Porto Alegre, várias foram as pesquisas que privilegiaram estas áreas de lazer, principalmente em seu uso noturno. Estas se desenvolveram principalmente sobre os bairros Centro, Cidade Baixa e Bom Fim, por se tratarem dos espaços de uso noturno e consolidação mais antigos da cidade. Estes territórios receberam, nos seus primórdios, públicos cujas ações eram malvistas pela “alta sociedade”. Com o passar do tempo, e crescimento da urbe em direção à regiões mais internas ao território e a migração de parte de sua população aos novos espaços, a decadência do estoque edilício das antigas edificações desvalorizou as regiões sobre suas práticas e sobre o valor efetivo das próprias edificações. A falta de vitalidade local, que incide na segurança, desvaloriza os imóveis, acentuando a decadência do uso espacial num efeito cascata. Decadentes, os espaços apresentam pouca sociabilidade, favorecendo o desenvolvimento de práticas mal afamadas.

Na área de história, sociologia, antropologia, arquitetura e planejamento urbano foram executadas pesquisas de cunho historiográfico (de resgate e registro documental de um recorte em sua evolução) ou comportamental (sobre a ação de grupos em determinadas áreas), ou, ainda, das alterações tipo-morfológicas da arquitetura local, medições de sintaxe espacial, percepção ambiental, dentre outras.

Muitos trabalhos, pesquisas e publicações têm como palco ou objeto o bairro Cidade Baixa. Considerando os elementos estruturais deste trabalho, que são a sociabilidade exercida - no caso, a “baixa boemia”, em diferentes formas de apresentação e temporalidades – e o

---

<sup>52</sup> RAMINELLI, Ronald. História Urbana, in: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia da história. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp.185-202.

espaço – que tem se perpetuado como palco deste perfil de prática, foram levantadas as investigações que têm, como tema ou objeto os dois elementos estruturais da pesquisa: o bairro Cidade Baixa e/ou a boemia, sendo esta interessante, principalmente, quando de perfil “baixo”.

Como panorama geral de produção, segue uma apresentação em linha cronológica, organizadas por áreas de pesquisa, tema ou objetos afins.

No caso da Cidade Baixa, há diversas pesquisas sobre a história do bairro. A territorialidade negra da área, concentrada entre a Rua Luis Guaranha e o Areal da Baronesa, abordada na dissertação de mestrado<sup>53</sup> de Olavo Ramalho Marques pelo PPG em Antropologia Social/UFRGS, cujo enfoque está numa das ruas que fazia parte da zona perigosa desta área da cidade, a qual, em conjunto com a Travessa Pesqueiro, formaram o complexo sombrio e perigoso amplamente difundido por antigos cronistas da cidade.

Sobre as questões de salubridade física e social do sítio, há as publicações de Sandra Pesavento<sup>54</sup> e Cláudia Mauch<sup>55</sup>, nas quais retratam a realidade local no início da urbanização da cidade. A exclusão social, a diferenciação social, a predominância da baixa renda, os costumes e práticas sociais ilícitas e condenáveis que aconteciam na região e as críticas feitas pelos jornais da época, bem como as atitudes tomadas pelos órgãos responsáveis, a prostituição e os crimes, ou seja, todas as práticas comumente exercidas no local e discutidas pela sociedade.

Ainda sobre os fazeres e seus sujeitos sociais, destaca-se a boemia da Ilhota, vinculada a Lupicínio Rodrigues, que foi trabalhada por Márcia Ramos de Oliveira em dissertação de mestrado<sup>56</sup> e em tese de doutorado<sup>57</sup> pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH/UFRGS.

Denise Jardim também estudou a boemia masculina nos bares da cidade, na qual a

<sup>53</sup> MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>54</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. 149p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 357 p

<sup>55</sup> MAUCH, Cláudia. *Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890*. In: Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Cláudio Pereira. (Org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos. 1995. 246p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>57</sup> OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues. 2002. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

área também foi abordada, em sua dissertação de mestrado<sup>58</sup>, no PPG em Antropologia Social/ UFRGS.

O carnaval da Cidade Baixa dos anos 40 foi abordado por Íris Graciela Germano em dissertação de mestrado<sup>59</sup> no mesmo programa de pós-graduação. Já o Areal da Baronesa foi tratado em dissertação de mestrado<sup>60</sup> no PPG em História/PUCRS por Jane Rocha de Mattos.

Sobre os temas de Planejamento Urbano, Urbanismo e Arquitetura, existem as pesquisas de Pedro Augusto Alves de Inda, que tratou do planejamento urbano e da tipologia arquitetônica do bairro e suas alterações tipo-morfológicas decorrentes das alterações nas legislações regentes sobre a área, em dissertação de mestrado<sup>61</sup> no PPG em Arquitetura/UFRGS; a pesquisa de Renato Menegotto, que retrata a área, ressaltando suas qualidades estéticas, arquitetônicas e culturais, como cenário de um bairro tradicional da cidade, em sua dissertação de mestrado<sup>62</sup> no PPG em História/PUCRS; e a pesquisa de Raquel Rodrigues Lima sobre o zoneamento de usos e a separação a cidade, entre “alta” e “baixa” e a substituição dos exemplares remanescentes da imponente e rica arquitetura da Avenida Independência por arranha-céus Modernistas tratando da Arquitetura local em sua tese de doutorado<sup>63</sup> no PPG em História/PUCRS.

Sobre o bairro ainda houve estudos das áreas de sintaxe espacial, desenvolvidos por Décio Rigatti<sup>64</sup>, avaliando o setor urbano segundo medidas sintáticas de integração, inteligibilidade e outras características em relação ao conjunto da cidade. Outro estudo do

<sup>58</sup> JARDIM, Denise Fagundes. De bar em bar: identidade masculina e auto segregação entre homens de classes populares 1991. 247p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>59</sup> GERMANO, Íris Graciela. Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. 1999. 278p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>60</sup> MATTOS, Jane Rocha de. Que arraial que nada, aquilo lá é um areal: O areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921). 2000. 153p. Dissertação. (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

<sup>61</sup> INDA, Pedro Augusto Alves de. O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. 2003. 190 p. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>62</sup> MENEGOTTO, Renato. Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre. 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

<sup>63</sup> LIMA, Raquel R. Edifícios de apartamentos: um tempo de modernidade no espaço privado: estudo da radial Independência/24 de outubro - Porto Alegre - nos anos 50. 2005. 375 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

<sup>64</sup> RIGATTI, Décio. Morfologia urbana, memória coletiva e formas de socialidade em Porto Alegre: o centro da cidade: relatório final. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1991. 273p.

RIGATTI, Décio. Cidade e memória. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1993. 92p.

RIGATTI, Décio. Transformação espacial em Porto Alegre e dinâmica da centralidade. 2002. 114 p.

mesmo tipo foi desenvolvido por Douglas Vieira de Aguiar<sup>65</sup> sobre os Guetos Urbanos de Porto Alegre, que incluíam a área.

Sobre o tema da Percepção Ambiental, o PPG em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS dispõe do estudo desenvolvido por Raquel Kohler<sup>66</sup>, que avalia os aspectos perceptuais do bairro, em toda sua extensão, com minucioso levantamento fotográfico local da época de sua execução, no qual se pode perceber, comparando-se às imagens atuais, a grande transformação urbana.

Da área da antropologia, sob um olhar da percepção do espaço por suas ações sociais, por vezes com um olhar etnográfico sobre o bairro “Bom Fim”<sup>67</sup>, por sua intrigante consolidação como ambiência urbana e por sua prática social boêmia, a de Leandra Mylius, por exemplo, descreve uma etnografia de rua à Avenida Osvaldo Aranha, no Bairro Bom Fim<sup>68</sup>, enquanto a de Vanessa Zamboni trata do registro do tempo nas formas de ocupação do território urbano do Bairro Bom Fim, durante o dia e durante a noite<sup>69</sup>. Semelhantes são os trabalhos de Nicole dos Santos Reis, em seus estudos de resgate de memória<sup>70</sup> e antropológico<sup>71</sup> do movimento “Deu pra ti anos 70”, e o artigo de semelhante tema, de Nelson Brasil Ferreira<sup>72</sup>.

Sobre a migração dos públicos boêmios entre *points* noturnos na Cidade, entre os complexos boêmios noturnos Moinhos de Vento e Cidade Baixa, que representam, respectivamente, a “alta” e a “baixa” cidades em tempos atuais, de boemias contemporâneas,

<sup>65</sup> AGUIAR, Douglas Vieira de. “Guetos urbanos”. In: AU: Arquitetura e Urbanismo. São Paulo n.111 (jun. 2003), pp. 60-61.

<sup>66</sup> KOHLER, Raquel. Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano: bairro Cidade Baixa, Porto Alegre - RS. In: Encontro Nacional da ANPUR (7. : 1997 : Recife). Anais: VII encontro nacional da ANPUR: novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento. Recife: UFPE, ANPUR, 1997. vol.1, pp.341-362.

<sup>67</sup> lindeiro interligado ao bairro Cidade Baixa, em questão, e com o qual compartilha o espaço primeiro da “Baixa Cidade”.

<sup>68</sup> MYLIUS, Leandra. Um percurso afetivo e um olhar lógico: Descrição de uma etnografia de rua na Avenida Osvaldo Aranha, Bairro Bom Fim, Porto Alegre/RS [recurso eletrônico]. In: Salão de Iniciação Científica. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

<sup>69</sup> ZAMBONI, Vanessa. O Bairro Bom Fim dia e noite: uma perspectiva do registro do tempo nas formas de ocupação de um território urbano em Porto Alegre. In: Salão de Iniciação Científica. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Resumo 327, p. 833.

<sup>70</sup> REIS, Nicole I. dos Santos. Deu pra ti anos 70: sob uma perspectiva de memória e geração. In: Salão de Iniciação Científica (13.: 2001: Porto Alegre, RS). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.506

<sup>71</sup> REIS, Nicole I. dos Santos. Lembranças de uma geração: estudo antropológico do movimento deu pra ti anos 70 em Porto Alegre. In: Salão de Iniciação Científica (14.: 2002: Porto Alegre). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.823, resumo 188.

<sup>72</sup> FERREIRA, Nelson Brasil. Anos 70 não deu pra ti, aplicação, seguimos aqui! In: Cadernos do Aplicação. Porto Alegre Vol. 17, n. 1/2 (jan./ dez. 2004), pp. 159-164.

existe a dissertação de mestrado de Luciana Marson Fonseca<sup>73</sup>, que estudou a migração dos usuários destes dois pólos e a atuação e fidelidade dos *habitués* de cada local.

Bastante recente, a dissertação de Késsio Guerreiro Furquim<sup>74</sup> também trata de deslocamento, entretanto, do observador. O autor passeia pelo bairro, fazendo seus levantamentos e participando da boemia. Seu trabalho desenvolve-se a partir de seus próprios percursos, que, à “moda” Benjaminiana, flana por ruas, becos, espaços onde a prática boêmia se faz presente. Nos locais de práticas boêmias, à noite, flana, descrevendo, quase etnograficamente, a prática social, fruindo a vivência e construindo uma narrativa de experiência, culminando num imaginário “mapeador” de sentimentos e ações da prática contemporânea da cidade.

Também contemporâneos, estes novos trabalhos avaliam o bairro sob o viés de seu potencial de cultura, de empreendimento e de, unindo as duas coisas, de economia criativa. A primeira, de Michelle Nascimento da Silva<sup>75</sup>, trata das percepções e das tensões sobre o território do Bairro Cidade Baixa, principalmente entre usuários, moradores e comerciantes locais, justamente por seu potencial enquanto empreendimento e sucesso, associado à imagem cultural, assim como à oferta de produtos e consumo cultural. Trata das tensões entre os locais e os estranhos ao bairro, assim como a diferença nas percepções, abordando o problema atual sobre a diversidade, os conflitos e a pluralidade territorial. A de Patrícia Rodrigues de Azevedo<sup>76</sup> trata das potencialidades e dos recursos faltantes à Cidade Baixa, para que nela efetivamente se instaurasse um polo criativo de economia solidária e alternativa, que aproveitaria o caráter boêmio e as oportunidades atuais locais. Entrevistando os moradores, a pesquisadora constatou que o imaginário boêmio é predominante, e deles identificou a necessidade de instalação de artistas no local. De sua pesquisa, também se obtém dados sobre a insegurança e violência local, que assombra os dias e as noites. Em ambos os trabalhos, apesar de apontados aspectos negativos merecedores de melhorias, o potencial local é evocado em inúmeras oportunidades.

---

<sup>73</sup> FONSECA, Luciana Marson. Dois rumos na noite de Porto Alegre: dinâmica sócio-espacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>74</sup> FURQUIM, Késsio Guerreiro. A construção de lugares na boemia. 2017. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>75</sup> SILVA, Michelle Nascimento da. Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre/ RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>76</sup> AZEVEDO, Patrícia Rodrigues de. Potencialidade da Cidade Baixa para constituir-se como pólo criativo: a perspectiva dos moradores. 2014. Monografia (Graduação em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre estudos de caso, sejam de lugares de boemia ou de seus destacados boêmios, existem os trabalhos de Maria Izilda dos Santos<sup>77</sup>, que descreve a trajetória e os percursos de Adoniran Barbosa por São Paulo, no auge desta prática atrelada às sociabilidades com este nome, aos moldes dos anos 1940-60; de semelhante enfoque, mas direcionado ao solo porto-alegrense, existem as produções de Marcello Campos<sup>78</sup>, que pesquisou o Conjunto Melódico Norberto Baldauf, Alcides Gonçalves, Johnson - “o *boxeur*-cantor” e Lupicínio Rodrigues; Paulo César Teixeira<sup>79</sup> com produções sobre a “Esquina Maldita” e sobre Darcy Alves e também o livro de Claudinho Pereira<sup>80</sup> sobre sua experiência na noite, principalmente dos anos 60 e 70, nos arredores da Avenida Independência e outros redutos Disco. São trabalhos que resgatam lugares ou atores/personagens diferenciados, mas destacados na prática da boemia. Somam-se a esses trabalhos pesquisas por mim realizadas na trajetória da investigação de bares<sup>81</sup>, sempre focada na região do Bom Fim, Cidade Baixa e Centro, englobando as franjas de bares lindeiros por conexões espaciais e deslocamentos, interesse e compartilhamento de público.

---

<sup>77</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru: EDUSC, 2007. 189p.

<sup>78</sup> CAMPOS, Marcello. Week-End no Rio. Cinco décadas (e meia) de Conjunto Melódico Norberto Baldauf. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 2007, CAMPOS, Marcello. Minha Seresta – Vida e obra de Alcides Gonçalves (1908 – 1987). Porto Alegre: Editora da Cidade: Letra&Vida, 2011; CAMPOS, Marcello. Johnson - “o *boxeur*-cantor”. Porto Alegre: Edição independente/ FUMPRORTE, 2013. 100p.; CAMPOS, Marcello. Almanaque do Lupi - Vida, Obra e Curiosidades sobre o maior compositor popular gaúcho. Porto Alegre: Editora da Cidade: Letra&Vida, 2014.

<sup>79</sup> TEIXEIRA, Paulo C. Esquina Maldita. Porto Alegre: Libretos, 2012. 212 p.; TEIXEIRA, Paulo C. Darcy Alves – Vida nas cordas do violão. Porto Alegre: Libretos, 2010. 120 p.

<sup>80</sup> Livro PEREIRA, Claudinho. Na ponta da agulha: embalos na noite de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra&Vida: Editora da Cidade, 2012. 204p.

<sup>81</sup> REIS, Vanessi e PUIG, Renata G. Bom Fim: o espaço como refúgio nos bares – décadas 60 e 70. Monografia de Iniciação Científica. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis, Porto Alegre. 2000. 21p.; REIS, Vanessi. “Violência no Bom Fim e o refúgio nos bares – décadas de 60 e 70. Porto Alegre/ RS” in: Encontro Estadual de História (8.: 2006: Caxias do Sul). CD-ROM Porto Alegre: ANPUH-RS, 2006; REIS, Vanessi. “Violência no Bom Fim e o refúgio nos bares – décadas de 60 e 70. Porto Alegre/ RS” in: Encontro Estadual de História (8.: 2006: Caxias do Sul). CD-ROM Porto Alegre: ANPUH-RS, 2006.; REIS, Vanessi. “Do Bom Fim à Cidade Baixa: memórias da boêmia estudantil porto-alegrense nas décadas de 60 a 90” in: Simpósio Nacional de História Cultural - Mundos da imagem: do texto ao visual. (3.: 2006: Florianópolis). CD-ROM. Florianópolis: GT História Cultural, 2006; REIS, Vanessi. “Da Baixa Cidade a Cidade Baixa: O Imaginário Urbano desta Transformação” in: Encontro de História e Teoria da Arquitetura do RS - Cidades Gaúchas: Transformações e Permanências. (10.: 2006: Caxias do Sul ). CD-ROM. Caxias do Sul: UCS, 2006; REIS, Vanessi. “Memórias da boêmia noturna nos bares da Cidade Baixa e Bom Fim - Porto Alegre/RS” in: Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. (24.: 2007: São Leopoldo) CD-ROM São Leopoldo: UNISINOS, 2007. ANPUH.



### 2.3 SUPORTES CONCEITUAIS

Alguns termos acompanham todo o desenvolvimento do trabalho e, devem ter seus significados elucidados.

O termo “Alta Cidade” refere-se à parte mais alta da cidade, mas sobretudo, àquela parte da cidade implantada com traçado de urbanismo português, de matriz moura, que estabelece a cidade ao cume de seu “morro” mais alto, onde constrói a rua primeira, que define a referência para as posteriores, à ampliação do sítio<sup>82</sup>. Esta “Cidade em Acrópole” detém os poderes principais – as forças de maior respeito, expressão e representatividade – como os poderes religioso, administrativo, militar ou policial, além do poder real ou imperial. Todos se encontram neste lugar privilegiado pela beleza da vista e pelo controle visual do território – seja por terra ou mar, por sua boa ventilação e insolação, além de seus terrenos secos e ambientes mais salubres<sup>83</sup>.

Nestes, população de perfil social, econômico e cultural mais elevado – famílias abastadas, com condições de edificar em terrenos mais caros, que exigiam residências mais imponentes - se instalavam. Proprietários locais eram pessoas de boas relações e influências sociais, elevado nível econômico e grande socialização cultural e de lazer.

Em contraponto, a “Baixa Cidade” refere-se ao lugar de cota mais baixa da cidade. Lugar alagadiço, onde as águas pluviais se acumulavam. Espaço onde se instalavam os portos e seus trabalhadores, o comércio informal, a prostituição e beberagens, como usualmente ocorriam, em várias cidades europeias de urbanismo semelhante e intenso comércio marítimo. Sua população era socialmente excluída, pobre e discriminada pelos frequentadores da “Alta Cidade”. Lugar do proibido, do “maldito”<sup>84</sup>, de “beberagens”, vadiagem, prostituição, crimes e perigos<sup>85</sup>. Era o espaço para a “baixa sociedade”.

O termo “alta sociedade” refere-se à parte abastada da sociedade, reconhecida e de alto nível cultural, que consolidara o território da “Alta Cidade”. Em contraponto, a “baixa população” representa a “baixa sociedade”: a parte pobre, anônima e de “baixo nível” cultural

---

<sup>82</sup> WEIMER, Günter. Porto Alegre : a origem do traçado. In: Porto & Virgula. Porto Alegre Vol. 5, n. 31 (maio 1997), pp. 26-29.

<sup>83</sup> WEIMER, Günter. Porto Alegre : a origem do traçado. In: Porto & Virgula. Porto Alegre Vol. 5, n. 31 (maio 1997), pp. 26-29.

<sup>84</sup> PESAVENTO, Sandra. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: Revista Brasileira de História. 1999. São Paulo, v.19, n°. 37, pp.195-216.

<sup>85</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. 95 p.

da área. Era composta, primeiramente, por negros, lavadeiras, prostitutas e alguns imigrantes, que acabaram por ali encontrando um local para permanecer.

O termo “Cidade da Ordem” ou “Cidade Ordeira” refere-se à cidade controlada, cujos espaços públicos são respeitados conforme a ordem estabelecida pela sociedade dominante no local (a “Alta”). A cidade respeitada, cuidada, que preza pelo comportamento público com moralidade, dignidade e educação. Um espaço “correto”, de comportamento socialmente aceitável, exemplar e aprovável. Já o termo “Cidade da Desordem” refere-se ao caos, à desordem, à bagunça. O lugar do rompimento à ordem estabelecida, da imoralidade, da indignidade e do desrespeito ao espaço público, com agressões a si mesmo ou ao outro, contra as normas socialmente estabelecidas no local. Vadiagem, “beberagem”, mendicância, roubos, assaltos, consumo de drogas e prostituição estão incluídas dentre as práticas condenáveis da Cidade da Desordem<sup>86</sup>.

O termo “cidadão” representa todo e qualquer usuário (morador ou não) da cidade, que tem a vida regrada, que respeita os bons costumes, que preferencialmente tenha uma família e que zele por ela, além de manter um comportamento social adequado e exemplar com seus descendentes. Já o termo “indivíduo” refere-se àquele que não mantém comportamento social adequado e é mal visto pela sociedade (ou “alta sociedade”). Não consegue alcançar o atributo de “cidadão” e é visto com indiferença ou de soslaio; é um “sujeito”<sup>87</sup>.

Todos estes termos surgiram logo aos primórdios da urbanização, tão logo a cidade tenha iniciado esta separação social. Todos serão amplamente utilizados, com este sentido, no terceiro capítulo deste trabalho, cuja temporalidade corresponde à época de instauração dos mesmos. Entretanto, alguns destes conceitos continuaram a ser utilizados na vivência da cidade, em outros tempos históricos, mas, sobretudo, serão aqui utilizados, com diferenças a esclarecer.

A “Alta Cidade” continuará se referindo à cidade “Alta” simbolicamente, em termos representacionais, do perfil de população mais abastada e que busca resposta espacial urbana e arquitetônica mais qualificada e vantajosa ao seu consumo. No quarto capítulo ela ainda persiste, espacialmente, à criação, e, posteriormente, à verticalização da Avenida Independência, com a substituição dos sobrados e palacetes por edifícios altos Modernos. Neste momento, persistiam os preconceitos em relação à baixa, onde, naquele momento, se

---

<sup>86</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. 95 p.

<sup>87</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). Memória Porto Alegre: espaços e vivências. – 2º Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1991. 135 p., passim

disseminada a boemia de Lupicínio – “um negro, saído da Ilhota e que fazia badernas em lugar de fama ‘maldita’”. Ou seja, ainda existia um sentimento de “alta sociedade”, representada por esta elite que se sentia diferente da população que frequentava os territórios altimetricamente mais baixos. Entretanto, no capítulo cinco, esta localização espacial de uma “Alta Cidade” já está estendida a vários bairros da Cidade, que cresceu significativamente em direção ao interior do território. Boa Vista, Bela Vista, Moinhos de Vento, Mont’Serrat, Auxiliadora, Chácara das Pedras, dentre outros, que surgiam ao longo da temporalidade abarcada no quarto capítulo e que, no quinto, já se consagrava imponente espaço da “alta sociedade”. Entretanto, a “baixa” perpetuava, principalmente na vivência noturna, pelos arredores do bairro Cidade Baixa, dentre outros bairros próximos que também passaram a ser vistos de maneira menos avantajada, com desvalorização imobiliária. No quarto capítulo, é compreendida a “Baixa Cidade”, aquela que era ocupada pelos boêmios e desocupados, descompromissados que promoviam badernas. A “baixa sociedade” era a população moradora do local, de posses mais humildes, predominantemente de classe média. No quinto capítulo, a “Baixa Cidade” retoma, com a força história e memórias locais toda a “maldição” local, acentuada pela instauração de espaços de cultura, criação, expressão em plena Ditadura, que se adensariam, formando o maior complexo boêmio noturno da cidade, com bares de todos os estilos musicais, ateliers de arte, espaços de teatro, que só acentuaram o uso, mudando um pouco o perfil da motivação que atraía seus frequentadores, de resistência, para criação cultural e, posteriormente, para fruição do prazer deste lazer.

Já o termo "boemia" foi mais utilizado a partir de 1950 a 1970, com o movimento do qual Lupicínio Rodrigues alcançou evidência e que terá maior aprofundamento no quarto capítulo. Quando surge, o conceito é utilizado à frequência de bares, de alto consumo de bebidas alcoólicas e música ao vivo. Este período específico corresponde ao quarto capítulo supracitado, e por isso nele haverá maior atenção à discussão. Entretanto, no trabalho, esta prática faz parte do eixo estrutural do mesmo, junto ao local onde esta prática sempre foi efetivada com o caráter julgado “baixo” na Cidade: o bairro Cidade Baixa. Entretanto, o conceito refere-se às atividades de lazer que envolvem alegria, euforia e agitação, portanto, ampliadas à vivência de espaços de lazer. Entra nesta classificação, também, a vivência de teatros, Casas de Shows musicais e outros lazeres noturnos, atribuídos ao gênero masculino, à primeira etapa temporal deste trabalho. E também refere-se à “prática de bar” e congêneres, que inclui a frequência nestes estabelecimentos comerciais, com ou sem preocupações culturais ou artísticas, com consumo e, por vezes, com apreciação de música. Esta classificação apreende o período posterior ao da “Boemia Lupiciniana”, quando os bares se

tornaram redutos de resistência à Ditadura e ponto de resistência juvenil, seguido por uma resistência artística e cultural, posteriormente (em sua etapa mais atual), sustentada por uma motivação pelo prazer<sup>88</sup>. Conforme definição literal da palavra, segue definição de Boemia:

Boemia: s.f. Vida desregrada, e sem preocupações com o futuro; vida airada; farra; vadiação; vadiagem; estroinice.<sup>89</sup>  
 Boemia sf. 1. Vida airada. 2. Vadiagem, pândega, estroinice. [Var., bras.: boemia.]<sup>90</sup>  
 Boemia [do top. Boemia.] S. f.1. Vida alegre e despreocupada; vida airada. 2. Vadiagem, pândega, estúrdia, estroinice. [F. paral.: boemia.]<sup>91</sup>

O termo “Alta Boemia” representa a boemia executada na “Alta Cidade” e/ou pela “alta sociedade”. Uma boemia mais discreta, mais respeitosa, mais “cultura”. Por vezes familiar, ou mais compromissada com discussões culturais, filosóficas e artísticas, feita por pessoas de “alto nível social”, econômico e “cultural”. Em contraponto, o termo “Baixa Boemia” representa a boemia feita pela “baixa sociedade”, ou “baixa população”. Uma boemia bagunceira, baderneira, feita por bêbados, vadios, descompromissados, vagabundos, pobres, negros e/ou mulheres de vida fácil.

O termo “espaço” é entendido como área ou volume entre limites determinados, minimamente bem delimitados, cuja área pode conter alguma coisa, que pode ser um objeto material ou uma atividade. Espaço como a forma em que se estruturam os elementos materiais que a compõem, na relação dialética que mantém com o conjunto que forma a lógica de sua organização.<sup>92</sup> “Quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar”<sup>93</sup>.

O termo “lugar” é entendido como um espaço ocupado, uma oportunidade, uma ocasião, um ambiente, uma esfera; um sítio referido a um fato. Um espaço com significado, o espaço pesquisado, qualificado, nomeado, “produzido” pela prática diária (atividades, percepções, recordações, símbolos). O “lugar” como o lugar do sentido inscrito e simbolizado, do lugar antropológico<sup>94</sup>.

---

<sup>88</sup> REIS, Vanessi. Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964-2006). 2013. 255p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>89</sup> HOUAISS, Antônio. Pequeno Dicionário Enciclopédico KOOGAN LAROUSSE. Ed. Larousse do Brasil. 1980. p.126.

<sup>90</sup> FERREIRA, Aurélio B. de H. Minidicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p.78.

<sup>91</sup> FERREIRA, Aurélio B. de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed.rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 268.

<sup>92</sup> PANERAI, Philippe. Elementos de Analisis Urbano. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1983. 280 p.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250p.

<sup>93</sup> TUAN, Yi-Fu. loc. cit. p. 83.

<sup>94</sup> CERTEAU apud MERLEAU-PONTY, M., Phenomenology of Perception. New York: Routledge and Kegan

Merleau-Ponty<sup>95</sup> distingue espaço geométrico de espaço antropológico, sendo o último um espaço existencial, o “lugar” e local de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado “em relação com um meio”.

O espaço estaria para o lugar como a figura geométrica ao movimento, o estado ao percurso.

O termo “território” estaria para o espaço como territorialidade está para “lugar”. As territorialidades seriam as manifestações humanas que animam um espaço determinado, o território. Este não é produzido de maneira isolada. Ele decorre das articulações estruturais e conjunturais a que estes indivíduos ou grupos sociais estão submetidos numa determinada época, tornando-se, portanto, intimamente ligado ao tempo e ao modo de produção vigente.

A noção de território é formada através da materialidade, sendo ela apenas um componente, visto que as demais representações sobre o território são abstratas.

O termo “territorialidade” representa um padrão de comportamento e atitudes apresentado por um indivíduo ou grupo de indivíduos, baseado no controle real ou percebido de um espaço físico definido, objeto ou ideia que pode envolver ocupação habitual, defesa, personalização e marcação de território e que reflete historicidade própria.

É definida como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social na qual se insere. É uma estratégia de poder e manutenção, independentemente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter do agente dominador. Faz a definição, controle e apropriação física ou simbólica do espaço ou do território, que é a forma que tanto humanos como animais demarcam seus espaços sociais. A territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle. É uma função social, entre os indivíduos, que promove segurança, identidade, status, estabilidade social e sentido de lugar. A territorialidade é fruto das relações econômicas, políticas e culturais. Por isso se apresenta de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural. Territorialidade é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área e esta área é o território<sup>96</sup>.

“Lembranças” são dados, informações, fatos, acontecimentos que são lembrados, reativados, enquanto informações, “isentas” ou “contaminadas”, vividas ou herdadas de outros, que, organizadas, hierarquizadas, estruturadas, confrontadas e somadas, constituem a

---

Paul. 2002.

<sup>95</sup> MERLEAU-PONTY *apud* AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. 111 p.

<sup>96</sup> SACK, Robert D. Human Territoriality – its Theory and History. Cambridge, Cambridge. Univ. Press. 1986, *passim*.

grande amarração que forma a “memória”. Pode ser individual ou coletiva. A “lembança” é um elemento estruturado da memória. É genuína, original, intrínseca à pessoa e sua vivência/experiência.

A “memória” é uma construção cognitiva, articulada, discursiva, racionalizada, que amarra lembranças como elementos compositores e fontes primárias importantes, mas “flutuantes”, que devem ser verificadas.

Depoentes são as pessoas que depõem ou dão entrevista, numa reportagem, num texto, num questionário. É aquele que fala sobre algo. Mas não necessariamente aquele que teve a vivência real do fato que narra.

Testemunho é aquele que vivenciou o momento, que esteve no lugar, que “viu com os próprios olhos”, que é “cúmplice” e, por vezes, que é autor das práticas sobre as quais depõe.

### 3 HISTÓRIA DA CIDADE: A “ALTA” E A “BAIXA” CIDADE

Neste terceiro capítulo, o trabalho analisa o surgimento e a história do bairro, até o início do séc. XX, a formação da cidade e de suas partes “alta” e “baixa”, sua divisão espacial, econômica, social e urbana e os elementos que fizeram parte desta história e que se consagraram na história do bairro e na sua identidade e imaginário, conformando características peculiares à região e que contribuíram à formação da tradição local.

#### 3.1 PROCESSO DE POVOAMENTO – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Porto Alegre teria surgido de estratégia política, econômica e militar portuguesa. Com a intenção de aliviar a situação dos moradores do Arquipélago dos Açores, o Império Lusitano resolveu enviar parte deste povo ao sul brasileiro para garantir a ocupação do território que estava sendo disputado em guerrilhas.

As “Ilhas de São Brandão” estavam, após três séculos do seu descobrimento, superpovoadas, e necessitavam da evacuação de parte de sua população que já sentia falta de alimentos. A vinda dos açorianos para Porto Alegre teria sido feita em duas “levas”.

A primeira ocorreu em 1750. Em virtude do Tratado de Madrid, de 13 de janeiro do mesmo ano, o governo metropolitano de Lisboa ordenou ao então governador de Santa Catarina, Manoel Escudeiro de Souza, que mandasse para o Rio Grande do Sul, particularmente para o povoado da Lagoa do Viamão, o Porto de Dorneles, uma leva de casais - dos que estavam por chegar ao Brasil. Desejando ser agradável ao rei, Souza ordenou o embarque imediato de um grupo de casais já radicados na ilha, em terra firme, em princípios de abril de 1751<sup>97</sup>, comunicando-lhe sua resolução, que julgava ótima. O rei, porém, não aprovou e o censurou asperamente, declarando sua inconformidade com a sobreposição à sua autoridade e com a “violência” contra os transferidos.

Esse grupo saiu da vila do Desterro (hoje Florianópolis), aportando em Rio Grande, em fins do mesmo mês. Descontentes, resolveram desembarcar naquele porto espalhando-se, em seguida pelo interior. Somente um casal decidiu seguir até o Porto do Dorneles: o de Francisco Antônio da Silveira – o Chico da Azenha. Este, chegando, recebeu seu lote de terras e construiu sua casa (no local do antigo Cinema Castelo) e sua azenha para a moagem do

---

<sup>97</sup> SPALDING, Walter. Pequena história de Pôrto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967. p.29

trigo, junto ao Riacho (local do atual Hospital Ernesto Dorneles), depois de ter plantado toda a região, desde as margens do arroio até os altos atualmente ocupados por cemitérios.

A segunda leva chegaria ao Brasil no final do mesmo ano. Desses, o governador de Santa Catarina escolheu a leva que estava de acordo com as ordens reais, com “gente apta para o trabalho”, “sã” e “o mais moça possível”, conforme exigia o contrato de transporte fluvial dos casais rumo o Porto do Dorneles. Foram selecionados sessenta casais que, em princípios de janeiro de 1752, “faziam vela” para o extremo sul. Antes do fim do mês, desembarcavam no Porto do Dorneles, já com suas terras delimitadas (chácaras) e algumas casas, “*toscas mas habitáveis*”, à sua espera, para a definitiva instalação no “Morro de Santana” e adjacências. Entretanto, ali não quiseram ficar pela escassez de água, principalmente. Pouco a pouco, foram se localizando ao longo das duas margens na península da “Lagoa de Viamão”<sup>98</sup>.

Instalaram-se pelas margens do Guaíba: uns ao norte do espigão granítico que conforma a península (no atual Porto, onde já existia, em 1754, um correr de casas cobertas de palha), e outros ao lado sul, junto ao Riacho.

Os cronistas da cidade afirmam que a maioria dos casais açorianos procurou abrigar-se no recesso da pequena baía do Guaíba e, descendo um pouco mais ao sul, construíram os seus ranchos aí pelas imediações da atual Ponte de Pedra e Estação do Riacho<sup>99</sup>.

Supõe-se que estes ranchos também fossem em palha, visto que não são encontrados vestígios de edificações anteriores (figura 1). Além disso, Franco também indica a existência de casas de madeira na Cidade Baixa, em período posterior ao início da urbanização, quando o centro já estava estruturado com edificações em alvenaria.<sup>100</sup>

O surgimento da Cidade teria se dado exatamente na desembocadura do antigo e já extinto Riacho na Cidade Baixa, onde teriam aportado, a primeira leva de imigrantes, da qual apenas o casal formado por “Chico da Azenha” e sua esposa teria permanecido no sítio, seguida pela segunda leva, com 60 casais que teriam consolidado a ocupação do sítio (figura 2<sup>110</sup>).

---

<sup>98</sup> SPALDING, Walter. Pequena história de Pôrto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967. p.29.

<sup>99</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.13.

<sup>100</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. pp.71 e 80.

<sup>110</sup> Apesar de existirem algumas ressalvas sobre o uso deste mapa, devido às suas deformações, típicas de projeções de levantamentos empíricos dos viajantes, a representação dele sobre a estruturação urbana e rural na área central da cidade, é eficientemente ilustrativa, não invalidando-o como sistema de representação sintético das funções e formas da cidade, ainda que com deformações de projeções cilíndricas.



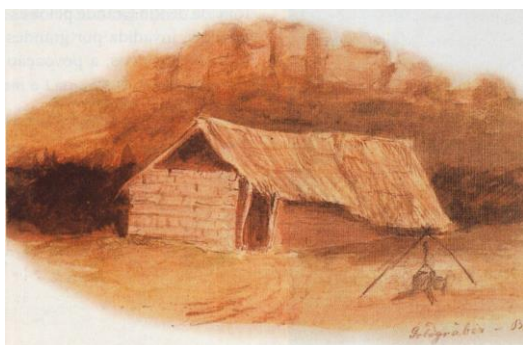


Figura 1 – Choupanas precárias onde os colonos se instalaram na Praça da Alfândega.  
Aquarela de Rudolph Wendroth.  
Fonte: CEEE. História ilustrada de Porto Alegre.  
Porto Alegre: Já Editores, 1997. p.23

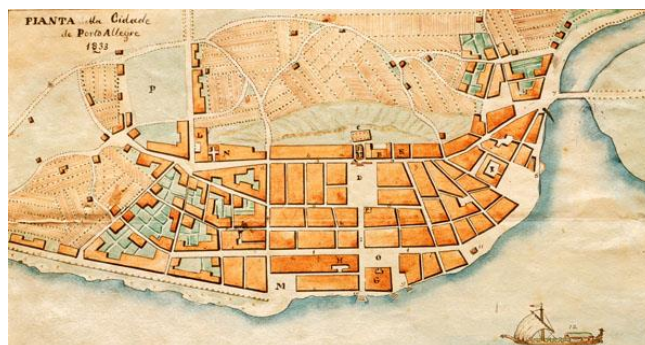


Figura 2 – Planta da Cidade de Porto Alegre, 1833.  
Autor: Lívio Zambeccari.  
Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

### 3.2 OCUPAÇÃO DAS FACES NORTE E SUL DO ESPIGÃO – INÍCIO DA URBANIZAÇÃO

Porto Alegre consolidou-se uma cidade com características físicas singulares. Iniciou seu povoamento na parte peninsular de uma extensa costa que margeia o Guaíba, projetando-se na península no sentido Leste-Oeste, sobre o grande espigão que conforma o sítio.

Este fator físico foi determinante na ocupação como uma grande barreira a ser transposta para o desenvolvimento urbano local. Ele isolava os lados da península (norte e sul), dificultando o deslocamento e a comunicação entre estas duas faces de suas encostas, porém protegia o litoral norte dos ventos fortes que vinham do sul. Assim, acabou por configurar um porto natural naquela face. As embarcações que vinham do sul contornavam a costa para atracar seus navios em margem de maior profundidade e mais protegida dos ventos. Na imagem anterior (figura 2) nota-se a chegada de embarcações junto ao Centro Urbano consolidado da cidade logo de sua fundação.

O viajante Saint Hilaire já deixara seus registros sobre a diferenciação da colina como aspecto claramente “antagônico” na cidade.

Divisa-se então a cidade e segue-se pelo alto de uma colina, que tem a forma de um istmo, na direção de um lago (Lagoa dos Patos), sobre o qual está situada a cidade”. À esquerda da colina, aquém da cidade, existe um vale largo e pouco profundo, coberto de pastos baixos idênticos aos demais dos arredores desta localidade. À direita da colina, entre ela e o lago, estendem-se terrenos baixos, semeados de casas de campo e de plantações de mandioca e cana-de-açúcar.<sup>111</sup>

<sup>111</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821; tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1974.

Pela proteção do frio e forte vento vindo do sul, os açorianos instalaram-se ao norte (figuras 3 e 5), próximos à água, para facilitar-lhes o acesso e o abastecimento às moradias e, posteriormente, também aos produtos recém chegados no porto, que ali se instalara. Escolheram para início do adensamento urbano a área próxima ao embarque e desembarque de mercadorias, explorando a facilidade de trocas de produtos, oferta de serviços e a alta socialização local.

Ao sul, em área menos nobre (figuras 4 e 6), existia também um velho e mal arranjado trapiche. Este configurava um modesto porto ao sul, que ficava no recôncavo da costa do Riacho, onde atualmente é o início da Rua General Cipriano Ferreira<sup>112</sup>.

A área, por questões geográficas, tinha terrenos baixios e alagadiços: tanto pela proximidade com o riacho quanto pela proximidade do rio, que, por várias vezes, demonstrou sua força em grandes enchentes que deixaram a área submersa.

A cidade se desenvolveu em casas térreas; sobrados de pequenas testadas e grande profundidade, casas de porta e janela de alvenarias brancas<sup>113</sup>. Em levantamento de fotografias da época, de diferentes estúdios locais e também de autores desconhecidos, localizadas na Fototeca Sioma Breitman, no Museu de Porto Alegre, percebe-se a existência de casas com telhados de telha de barro, tipo capa-canal e grandes beirais que, em dias de chuva, projetavam as águas pluviais sobre a rua ou as calçadas (quando existentes, visto serem equipamento urbano implantado tardiamente)<sup>114</sup>, e seguiam, pela inclinação dos terrenos, até o meio da rua, onde uma calha feita com paralelepípedos de granito ou pedra de rio as conduziam por meio de uma sarjeta integrada ao leito viário, no eixo do mesmo, conduzindo a evasão das águas (figura 7).

A forma urbana se caracterizou por pequenos lotes contíguos, de residências adjacentes<sup>115</sup> cujo limite predial definia a distinção entre o espaço público e o privado, entre o exterior e o interior<sup>116</sup>.

---

<sup>112</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.13.

<sup>113</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1974.

<sup>114</sup> REIS F, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura do Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2004. 211p. ; PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. pp. 33-36

<sup>115</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. p. 11

<sup>116</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. p. 9.

Famílias de classe média moravam nestas residências, enquanto as mais abastadas viviam nos sobrados. Os pobres eram marginalizados e viviam em cortiços insalubres, com precárias condições de vida e sem dignidade<sup>117</sup>.



Figura 3 – Porto Alegre vista das ilhas, 1852. Autor: Rudolph Hermann Wendroth  
Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.



Figura 4 – Porto Alegre pelo sul, 1852. Autor: Rudolph Hermann Wendroth.  
Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.



Figura 5 – Vista do Oeste, Detalhe da planta de 1839.  
Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.



Figura 6 – Vista do Leste, Detalhe da planta de 1839.  
Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

<sup>117</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996.pp. 12; 37-44.



Figura 7 – O esgoto à mostra da antiga Rua de Bragança (atual Marechal Floriano) no século XIX.  
 Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Espetáculo da Rua. 2.ed.Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1996. p.25.

A população mais abastada não ficou instalada próximo ao porto, lugar de intenso comércio, movimento, mau cheiro, sujeira, perigo e roubo, não convidativa à permanência nem à proximidade. Buscou se afastar das imundícies e da pobreza local, subindo a face norte da colina, em busca de local mais alto, com melhor vista, insolação, ventilação e qualidade de vida, longe da concentração intensa de passagem de pessoas junto ao comércio e seu barulho e sujeira. Alguns comerciantes aproveitavam a privilegiada posição para instalar, em suas residências, torreões de observação para acompanhar a chegada de barcos, com suas encomendas ou de seus concorrentes<sup>118</sup>. A população de maior poder econômico e influência social acabava por se afastar da “margem” e subir à parte alta do espigão, consagrando, no alto da barreira geográfica, a “zona nobre”. E, por consequência, a “Alta Cidade”.

Na parte “baixa” do espigão, se concentrava o comércio, produtos, sujeiras, barulho e as pessoas menos abastadas, que não tinham condições de subir as encostas. Às suas duas margens, se desenvolveram portos: ao norte, o grande porto de desembarque de mercadorias, que alto calado, e ao sul, às margens do Riachinho, um pequeno porto, formado por um trapiche, menos desenvolvido e que recebia os produtos enviados do interior do território.

A separação entre “Cidade Alta” e “Cidade Baixa” perpassa inúmeros territórios, ao longo da história. A estratégia do urbanismo mouro<sup>119</sup> de implantar o sítio inicial de

<sup>118</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). O espetáculo da rua. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. pp.38-40.

<sup>119</sup> WEIMER, Günter. Porto Alegre: a origem do traçado. Porto & Vírgula n.º. 31, 1997. pp.26 a 29.

desenvolvimento urbano no ponto mais alto do sítio, que desse melhor visibilidade para proteção e controle visual da área, espalhou-se por inúmeras cidades que dele retiraram elementos para a consolidação de seus lugares: Grécia, Roma (em cidades novas), Portugal, assim como as cidades coloniais implantadas em solo brasileiro, como Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A Cidade Baixa, baixa na cota e próxima ao nível e ao acesso ao mar, lagoa e seus portos e ao desembarque de produtos, era lugar de comércio intenso, trocas de mercadorias, intercâmbio com estranhos e estrangeiros. Era o lugar de “entrada” ao Centro Urbano consagrado, abastecido pelo porto.

Já no alto ficava a “Alta Cidade”. A zona mais nobre, mais salubre; área dos equipamentos do sagrado (igrejas, inclusive a matriz), do poder (edifícios do governo), da riqueza; da superioridade impressa simbolicamente pela posição mais elevada no sítio.

Na parte baixa, ficava a “Baixa Cidade”. Zona de macegas, região extramuros e fora do cinturão do centro urbano, era a zona de cota mais baixa do terreno escolhido para situar a cidade. Nesta região, negros se escondiam em suas macegas, em fugas noturnas. Quando a cidade ampliara seu espaço urbano, inserindo aos arredores da área central, a região tornou-se foco de cortiços, casarios pobres e ruas mal afamadas, recorrentemente incidentes nos jornais, ou por crimes ou por atos ou lugares libidinosos<sup>120</sup>.

O Código de Posturas<sup>121</sup>, criado em 1831 para direcionar o comportamento e o uso da cidade, ajudou a consagrar a separação da cidade em dois níveis sociais, econômicos, coincidindo com suas cotas: legitimaram as intenções e sentimentos da época, direcionando toda a pobreza e sujeira da Cidade à face sul, atirando imundícies às margens do rio, na desembocadura do riacho, para onde também transferiram as lavadeiras da escadaria da alfândega, visto que não seria de “bom tom” expor as intimidades à entrada da cidade, no porto. Além disso, o matadouro também deveria manter-se em área afastada do núcleo urbano a liberar seus detritos, sendo desviado da Praça do Arsenal à Praça Garibaldi, e os “cubos”, deveriam ser atirados à água, longe da área do porto, “cartão de visitas” da cidade<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. 440p.; PESAVENTO, Sandra. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). *In: Revista Brasileira de História*. 1999. São Paulo, v.19, n°. 37, pp.195-216.; PESAVENTO, Sandra Jatthy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. 149 p.; MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. *In: Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Claudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.

<sup>121</sup> Atualizado em 1893.

<sup>122</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. – 3. Ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. 440p.

### 3.3 A “ALTA CIDADE” E A “BAIXA CIDADE”

Desde a fundação da cidade, a estrutura urbana já dividiu, baseada nos ditames legais do urbanismo português, uma estrutura de “Baixa” e “Alta” Cidade. Iniciou a urbanização lançando linhas paralelas que escalonavam o espigão granítico que, como promontório, dividia o sítio no sentido Leste-Oeste. Na cumeeira do morro, à crista da mesma, se desenvolvia a Rua Primeira, onde se instalaram os poderes principais da cidade: administrativo e religioso. Como em toda cidade de origens mouras, a instalação em “Acrópole”, implicitamente associava valores às locações: mais próximas ao porto, na “baixa”, onde comércios e serviços menos “glamorosos” eram efetivados, além de prostituição e roubos, o valor era baixo. No alto, à “Alta”, além de lugar destacado pelo status da posição mais alta, a vista deslumbrante, a qualidade do ar, ventilação e salubridade locais agregavam mais valor ao local – juntos aos poderes principais de qualquer cidade colonial, portanto, de grande valor imobiliário. À encosta, nas ruas que se desenvolviam à crista, edificações baixas se assobradavam associando valor às edificações. Os segundo- pisos e torreões eram instalados para a observação das embarcações, acompanhando sua chegada – eram casas de bem sucedidos comerciantes, que instauravam uma burguesia local. Com o passar do tempo, estes empresários buscariam subir na encosta, coroando-se à conquista de lotes à cumeeira do espigão. Com o adensamento da Cidade e sua expansão urbana, estes burgueses buscariam conquistar espaço em novas áreas de expansão – novas na cidade e de grande *status* social, visto os novos benefícios conquistados nestas novas alocações, como calçamento, rede elétrica, atendimento por linhas de bondes, água encanada, dentre outros. Assim, conquistaram a Avenida Independência e parte de suas transversais, à parte mais próxima da crista, e o Loteamento lateral à Hidráulica Moinhos de Ventos, que iniciou pouco depois, ponto final das linhas de bondes e ponto de início de distribuição da água tratada e canalizada, existente somente em novos lotes.

As ações existente na “Baixa” permaneceriam, porém, com a migração da elite econômica e social da cidade aos novos espaços das “Alta Cidade”, as atividades da “baixa” se espraariam, tomando espaço nas edificações assobradadas deixadas pela elite. Assim, abriu-se espaço às edificações à Rua Duque de Caxias, - onde a elite se instalara primeiramente, e também abria espaço nos casarões da Avenida Farrapos e Rua Voluntários da Pátria, onde comerciantes de armazéns próximos ao porto moravam antes de migrar aos pontos altos da cidade.

Este movimento migratório da sociedade mudou o zoneamento econômico da cidade, porém manteve a estrutura da divisão social e econômica, conforme sua forma espacial. Adaptando-se ao perfil dos moradores e ao relevo, a arquitetura e a forma urbana da cidade das áreas novas ganharam mais espaço e qualidade ambiental, enquanto os espaços antigos começaram a entrar em decadência por falta de manutenção. Em ambos os espaços, as sociabilidades se davam conforma os perfis de suas populações. Isso implicaria na categorização destas ações, que, referente à boemia, foram classificadas em “Alta” e “Baixa” Boemias.

### 3.3.1 A “Alta Cidade”

Em Porto Alegre, a “Alta Cidade” conformara-se à crista do espigão da Rua Duque de Caxias. Em seu ponto mais alto, onde a “alta sociedade” instalara-se, desenvolveu-se, por décadas, a burguesia porto alegreense.

Área distante das áreas “baixas” da cidade conformou o território da arquitetura das famílias abastadas. Mais voltada à face Norte do espigão e ocupando a parte alta desta encosta, acabou sendo pressionada com o desenvolvimento do porto e do Centro comercial da Cidade.

Por volta dos anos 20 do século passado, a burguesia começou a migrar, devido aos problemas inerentes ao desenvolvimento da área central: concentração populacional, adensamento urbano, falta de higiene e “sanitarismo”, pouca ventilação, pobreza, falta de segurança, dentre outros. O próprio Plano de Melhoramentos, de 1914, é lançado com a finalidade de garantir “ares“ de metrópole e efetiva melhoria urbana com o “arejamento” da Cidade, pelo alargamento de ruelas e becos do Centro e arredores, através de demolições de pequenas edificações, dentre outras ações. A burguesia começou a migrar porque a cidade lançara lugares opcionais para suprir a demanda de público de alto poder aquisitivo. Assim, a burguesia muda-se para área mais saneada, mais arejada na cidade: a Avenida Independência.

Essa parcela da população carregaria consigo os casarões e sobrados típicos da casta elite econômica e cultural de Porto Alegre, inovaria o urbanismo “extramuros” em loteamento com terrenos mais largos e amplos, permitindo construções com recuos laterais e de jardim (figuras 8 e 9). A cidade cresce ao longo da parte alta, buscando as qualidades habitacionais desejáveis e não mais alcançáveis na área central.

A Independência se desenvolveria já com linha de bonde, iluminação elétrica e grande imponência arquitetônica (figuras 8 e 9). Uma grande rua-verde, caracterizada por palacetes

construídos em largos lotes, com afastamento lateral, muitas vezes com jardim e entrada de carro para a garagem, geralmente localizada ao fundo.

Uma nova configuração espacial, mais imponente e suntuosa, em maior escala despontava na cena Porto Alegrense, que ostentava o poder econômico local.



Figura 8 - Bondes na Avenida Independência.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS



Figura 9 - Eletricidade na Avenida Independência.  
Continuidade da Cidade Alta à Rua Duque de  
Caxias.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS

A ocupação da Avenida Independência ocorre paralelamente ao loteamento e construção da infraestrutura urbana do novo, mais rico e mais nobre bairro da Cidade: o Moinhos de Vento. Este, apesar de já ter sido projetado e de ter alguns lotes vendidos há tempo, só teria tido efetivada a sua implementação à inauguração da Hidráulica. Ali, a zona teria valorizado imensamente, principalmente pela proximidade do Prado e de área verde com vista espetacular, no alto do morro. Área mais rural, com “ar puro”, maiores lotes e possibilidade de construções maiores e mais imponentes. O loteamento também se destacava pela qualidade de infraestrutura: seriam os primeiros lotes da cidade entregues com abastecimento de transportes – visto que teria uma linha exclusiva de bondes cujo ponto final ficava nas suas proximidades, além de eletricidade e canalização de água para consumo, da recém inaugurada hidráulica<sup>123</sup>.

Assim surgiria o bairro Moinhos de Vento, conhecido, em meados de 1800 por “Arraial de São Manoel”. Pertencente ao Quarto Distrito da Província, recebeu este nome pela existência de moinhos no cruzamento da Rua Barros Cassal com a Avenida Independência. Em 1818 havia pelo menos um moinho, relatado em Ata da Câmara. “*Eram importantes equipamentos de moagem de trigo até 1836, quando houve determinação militar de abatê-los,*

---

<sup>123</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. – 3. Ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. 440p



*para não se prestarem como “ponto de tiro alto” sobre a cidade, por ocasião do cerco dos farroupilhas*”<sup>124</sup>.

O bairro começou a ser loteado e povoado em 1878, quando foi promovida a implantação do arraial de São Manoel, ligando a Estrada dos Moinhos de Vento com a Estrada da Floresta.

A abertura do Prado Independência, em 25 de março de 1894 (figura 10), foi fator importante para o desenvolvimento do bairro. Localizado em ótimo lugar, ficava junto à estação da Companhia Carris Urbanos. Tinha espaçosas arquibancadas, que comportavam muitas pessoas permitindo perfeita visualização em qualquer ponto de sua circunferência.

Com o desenvolver da cidade, a área acabou se tornando a mais valiosa e o equipamento passou a ser visto como um empecilho ao desenvolvimento, sendo solicitada sua transferência. Em 5 de novembro de 1959, deu lugar ao Hipódromo do Cristal, na Várzea do Cristal.

---

<sup>124</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p 276.



Figura 10 – Hipódromo dos Moinhos de Vento, nos anos 20 do séc. XX. Museu de Porto Alegre.  
Fonte: CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane. Porto Alegre: de Aldeia à Metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992. p.23



Figura 11 – Os suntuosos jardins da Hidráulica.  
Fonte: Ramos, Paula (org.). A madrugada da Modernidade (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. 2006. p.12.

Outro fator importante ao desenvolvimento do bairro foi o início das atividades da Hidráulica Porto Alegrense, em 1876 (figura 11). Com o encanamento iniciado em 1861, a obra trouxe valorização e progresso ainda maior ao desenvolvimento e crescimento do bairro, com incentivos aos loteamentos e às edificações, com salubridade e acréscimo de grande equipamento urbano, de grande importância cultural e histórica para a cidade.

Pelo caráter da própria zona, projetada como área nobre, ao longo de uma avenida “alta” (Avenida Independência), dos “mesmos moldes” e tipologia daquela ocupada pelas famílias ricas e tradicionais da cidade (a Rua Duque de Caxias), as famílias abastadas ali se instalavam – na nova parte rica da urbe - e construía suas belas, arejadas, espaçosas e bem iluminadas casas, com recuos frontais e/ou laterais com jardins (numa intenção de recuperar e paisagem natural e qualificar o espaço urbano que escolheram para viver) (figuras 12 e 13).



Figura 12 – Rua Mostardeiro.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS



Figura 13 – As residências das elites, na capital.  
Fonte: Ramos, Paula (org.). A madrugada da Modernidade (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. 2006. p.12

### 3.3.2 A “Baixa Cidade”

Em Porto Alegre, a “Baixa Cidade” surgiu no início do povoamento da cidade, como o território ocupado pela segunda “leva” de açorianos que nela aportaram, ali se localizando pela proximidade à água. Por questões geográficas, sociais e econômicas acabou sendo zona de ocupação tardia e lenta, visto as precárias condições locais. A Baixa Cidade, reconhecida na história das cidades como área de “baixa” frequência, baderna, beverragem, comércio, trocas, dentre outros, junto a portos ou áreas de intenso comércio, consolidou, em Porto Alegre, áreas de “baixa” população, nos portos norte e sul. Porém, no imaginário da época, na memória, na história e na prática, a Baixa Cidade mesmo consolidou-se ao Sul, em área muito mais precária, excluída dos limites urbanos, sem infraestrutura (drenagem, eletricidade, água canalizada), desprotegida dos ventos fortes, de inundações frequentes pela cota baixa em relação ao rio, de umidade e frio, de terrenos baratos e população humilde - excluídos sociais (trabalhadores rurais, negros, ladrões, beverrões, lavadeiras, prostitutas, sapateiros, marceneiros, imigrantes, dentre outros). Era zona reconhecida como “baixa” no sentido literal (de cota do relevo) e no sentido pejorativo do termo.

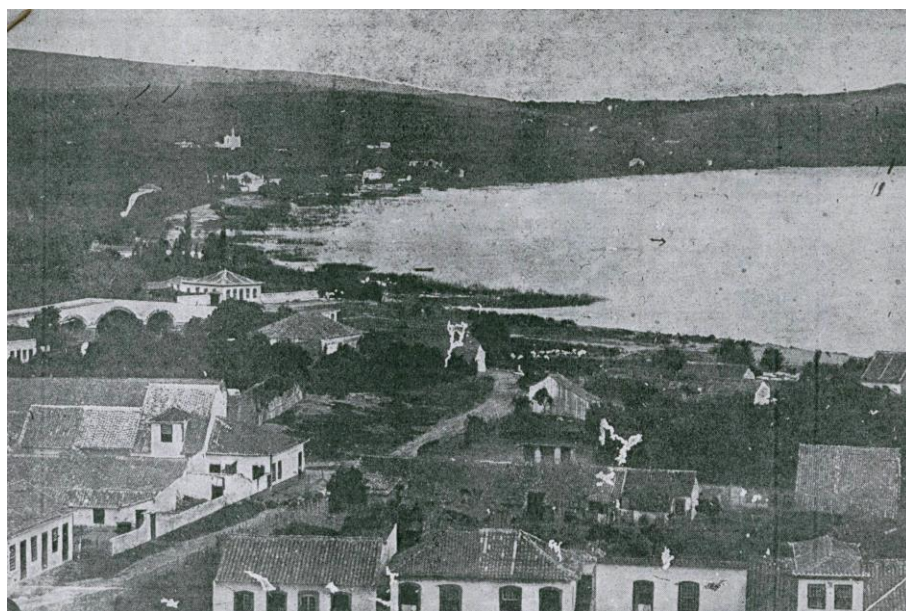


Figura 14 – Vista da Cidade Baixa. Fonte: Revista “O GLOBO”.  
Porto Alegre, 1940, p. 192.

Querendo gozar uma vista de aspecto diferente, mas também cheia de encantos, basta, logo que se chega ao alto da cidade, na Rua da Igreja, voltar-se para o lado oposto àquele que acabo de descrever. A parte do lago que banha a península do lado sudoeste forma uma grande enseada de contorno semi-elíptico, de águas ordinariamente tranquilas [figura 14]. Um vale, largo e pouco profundo, confina a parte longínqua da enseada. Nas margens o Conde da Figueira mandou plantar,

recentemente, uma grande área de figueiras selvagens, que futuramente constituirá aprazível ponto para passeios. Além o terreno acha-se coberto de árvores e, mormente, de arbustos. Vêm-se aqui casas de campos. Mais além, enfim, estendem-se vastos gramados semeados de espinheiros, grupos de árvores e fileiras de arbustos copados que desenham os contornos irregulares de um grande número de sebes. O lago estende-se obliquamente para o sul, orlado de colinas pouco elevadas. No horizonte ele confunde-se com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado, surgindo do meio de suas águas. A paisagem do lado noroeste é mais alegre e mais animada do que esta, cuja calma parece convidar ao sonho.<sup>125</sup>

Até meados do século XIX, era conhecida como Cidade Baixa, nesta capital, a região ao sul da colina da Matriz, que abrangia toda a zona entre as proximidades do Gasômetro, a Rua do Arvoredo, as proximidades do Areal da Baronesa<sup>126</sup> e ia até a Olaria, na margem do Riachinho, limitando-se, em seu extremo, lá na lomba da Independência, invocada também lá no alto polvilhada de residências e já recortada de ruas e becos, que o “oficialismo” consagrara como a zona urbana da cidade.<sup>127</sup>

Não sendo considerada “alta” era local de serviços e despejos. Exemplo disso é a concentração e abate de animais. A partir de 1774, com a construção do Arsenal da Marinha (um casarão pesado e de grossas paredes como convinha ser uma casa forte naquela época), na Praia do Arsenal (hoje a esquina da Rua dos Andradas com General Salustiano), onde posteriormente ficaria a cadeia e a usina, ajeitou-se uma grande mangueira, com grossos moirões, para receber o gado que vinha de Petim, Barra do Ribeiro e Pedras Brancas. O abastecimento de carne da capital chegava por esta praia.

O gado era encurralado nessa mangueira por algum tempo e depois conduzido em direção à Praia do Riacho (na foz do Riachinho) até o matadouro. Essa passagem da tropa por um beco lá existente foi aos poucos emprestando o nome ao lugar, que começou a se chamado Rua da Passagem. Essa rua, que era o espaço entre o mangueirão e as raras casinhas que ali existiam, constituía-se das atuais ruas General Salustiano e Rua Washington Luiz (figura 15).

---

<sup>125</sup> Citação do visitante em seu caderno de viagens a 21 de julho de 1820. SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821; tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1974.

<sup>126</sup> Esta área era a “*área da Cidade Baixa, que correspondia à chácara da Baronesa de Gravataí, dona Maria Emília da Silva Pereira, cuja mansão se situava onde hoje fica a Fundação do Pão dos Pobres.*” (...) “*Além da Praça São João (hoje Cônego Marcelino), o Areal da Baronesa compreendia as ruas Baronesa do Gravataí, Barão de Gravataí, Cel. André Belo, Miguel Teixeira e algumas transversais menores.*” in: FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. p.60.

<sup>127</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.207.

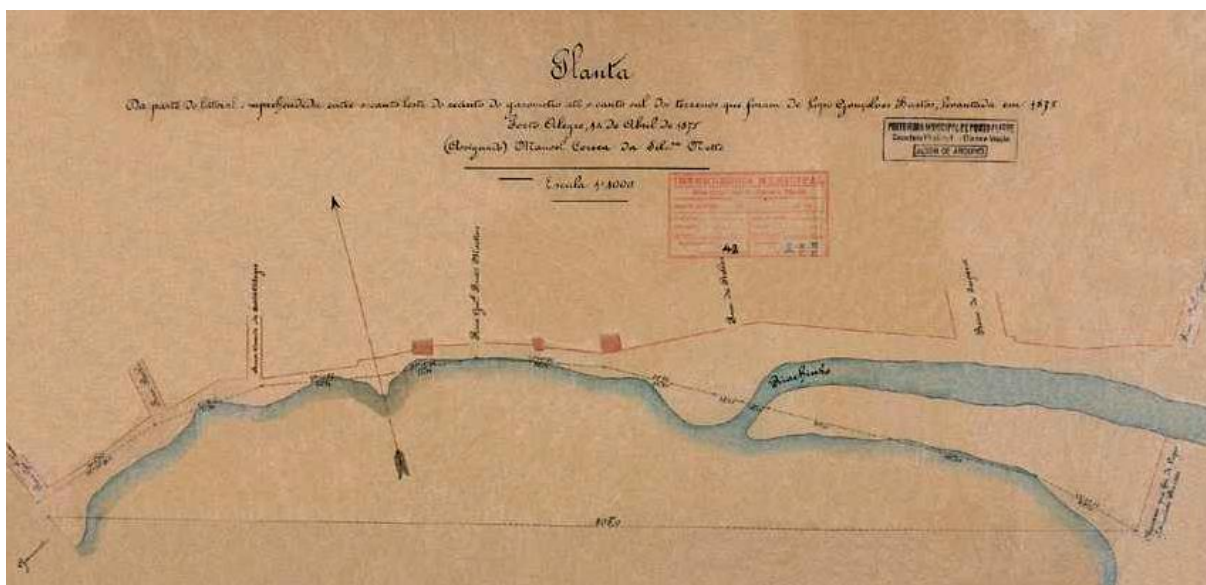


Figura 15 – Planta da parte do litoral compreendida entre o canto leste do recinto do Gasômetro até o canto sul dos terrenos que foram de Lopo Gonçalves Bastos, 1875.

Autor: Manoel Correia da Silveira Neto. Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

Da Rua da Passagem, o gado era repontado por algumas tortuosas vias públicas, sempre procurando costear a margem do rio, vinha a ser encerrado no matadouro do Mingote Penella, que ficava entre o extinto Cinema Avenida e a Rua Quatro Jacós, antiga ponte do Menino Deus. Aí se esfolava o animal e o couro era estaqueado precisamente onde hoje é a Praça Garibaldi<sup>128</sup>.

Este percurso todo era conhecido como Caminho do Gado: margeando o arroio desde a ponta da Península, passando Rua da Margem (João Alfredo) e chegando ao matadouro que seria pelas proximidades da atual Getúlio Vargas. A área para matadouro foi escolhida próxima do Arroio Dilúvio, para dar vazão ao sangue e detritos próprios da atividade<sup>129</sup>.

Dentre as alterações feitas na Lei Provincial, em 23 de novembro de 1837, por ocasião dos rebeldes terem imposto “sítio” à cidade, estava a determinação do novo local para o matadouro público. Dizia o 56º Capítulo que: os animais para abate, que antes chegavam pela ponta da península, seguindo o caminho anteriormente citado, deveriam passar a desembarcar no Trapiche da Alfândega e seguir pela atual Sete de Setembro até seu destino próximo, no Caminho Novo (Voluntários da Pátria), na Praça do Estaleiro (área ribeirinha entre a Praça 15 de Novembro e a Rua Senhor dos Passos).

<sup>128</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.14.

<sup>129</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p.45.

Porém, logo que concluído o sítio da cidade, foi previsto o deslocamento do matadouro para o primitivo local, longe da maior concentração urbana, conforme artigo 3º do Capítulo 60º do Código de Posturas<sup>130</sup>.

Ao que dizia respeito à "Prainha" do Riacho, o Código também tinha considerações. Ficava determinado, no 50º capítulo, que às suas margens, na desembocadura da Rua Formosa, fossem feitos os "despejos de ciscos e imundícies".

Nota-se que o Código de Posturas tornava, em discurso oficial, a separação não oficial, mas imaginária da Cidade, em zona "alta" e zona "baixa". Ficava resguardada à Baixa Cidade o depósito de imundícies, fosse o lixo urbano ou os restos do matadouro.

As Posturas Policiais (código que orientava o saneamento, controlava a abertura e fechamento de comércio e estipulava os locais e a intensidade para o castigo dos escravos, dentre outras determinações) aprovadas pelo Conselho Geral da Província, em 10 de fevereiro de 1831, estabelecia, em seu primeiro capítulo, a determinação dos "novos limites urbanos" que incluíam a região do Centro da Cidade (zona urbana) e a área referente à Baixa Cidade. O "Centro Urbano", na época, correspondia à área limitada pelas Ruas Bento Martins, Duque de Caxias e Marechal Floriano e também era definida nesta lei. A área fora deste limite era considerada rural e, apesar de ser considerada incluída no limite oficial da Cidade, no seu imaginário era tratada como área "fora da Cidade", ou pior: o Centro Urbano era considerado "Cidade" e o cinturão externo a ele, que o circundava, não fazia parte dela.

### 3.3.2.1 O Lado Sul da Colina

Esta área, loteada em chácaras, de produção rural e paisagem agrária, consolidava a área "excluída" do Centro Urbano e do que era entendido por "Cidade". Era também a área mais baixa em cota, circundante ao Centro, delimitada, na época, praticamente pela posição geográfica: a área "baixa", ao sul e ao leste da crista do espigão que conforma o relevo local. Era a "Baixa Cidade". Área pouco nobre, tinha população mais simples e menos abastada, que fora caracterizada "baixa sociedade". A "Baixa Cidade" era lugar de excluídos sociais e, também, depósito de lixo do Centro Urbano.

Existiam grandes chácaras ao redor do Centro Urbano. A única movimentação na área "extramuros" era dos tropeiros que vinham de centros distantes, como Viamão e Gravataí,

---

<sup>130</sup> Código de Posturas Municipais (1893). In: MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: Origem e Crescimento. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1968.

seguindo as estradas de terra batida que não passavam de vinte e quatro palmos (na média) nas partes transitáveis da via.

Alguns tropeiros costumavam acampar no terreno da “Várzea do Portão” – hoje Parque Farroupilha (Redenção) - para descansar e se alimentar ou, os que vinham com “carga”, ali paravam para acomodar o gado trazido para abastecimento local (figuras 16 e 17). Área pouco nobre e reconhecida da cidade, em 1878 sofria o abuso de se lançar animais mortos no local - denúncia do presidente da Província à Câmara – pelo baixo prestígio local, de seus ociosos terrenos e sua falta de uso. Os vereadores não se mostraram muito preocupados e logo decidiram mandar depositar o lixo urbano na parte baixa do Campo.



Figura 16 – Comércio na Praça das Carretas – Campos do Bom Fim.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS



Figura 17 – Carreiros na Várzea, século XIX.  
Fonte: KLIEMANN, Luiza H.; Schmitz; BERGER, Dan – Bom Fim: álbum de retratos. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1990.

Porto Alegre apresentava um cercamento com muro (paliçada) para proteção contra as possíveis invasões no período da Guerra Farroupilha. Este “muro” cercava o que hoje reconhecemos como Centro da Cidade, delimitando-o física, social e economicamente<sup>131</sup>.

Estes limites provavelmente seguiam o sistema de defesa que Porto Alegre apresentara desde sua origem, como herança de sua influência portuguesa, pois, conforme Macedo<sup>132</sup>, praticamente todas as nucleações desta origem, instaladas em ponta de península, mereceram essa cinta para se defenderem do ataque por terra.

O sistema de defesa da cidade conhecido como “muro” ou “muralha”, era constituído apenas de uma trincheira de duas estacadas paralelas, com terra socada entre elas (caixão com terra). Acompanhada, pelo lado de fora por um fosso de 3,10m e 4,40m de largura, que dificultava a escalada da trincheira. Em certos trechos havia bases para instalação de artilharia.

Este equipamento de segurança fora instalado no limite entre o Centro Urbano e a Baixa Cidade, incluindo parte da última, em zona mais perigosa de invasão, para controle de entrada pela foz do dilúvio.



Figura 18 – Planta da Cidade de Porto Alegre, Capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, 1837. S/ autor.

Fonte: Instituto Geográfico do Rio Grande do Sul.

<sup>131</sup> Partia da linha de água aproximadamente a 108m a leste da Rua do Cordoeiro (atual Rua Senhor dos Passos), mais ou menos na Rua Carlos Chagas, início da Pinto Bandeira, passando a crista do morro (espigão da Avenida Independência) e contornando por trás o prédio principal da Santa Casa, que fazia frente para a Rua da Misericórdia (atual Rua Professor Annes Dias) (figura 18). Dirigia-se, depois, em direção ao “Portão” de onde seguia pelo alinhamento da Rua João Pessoa até o Beco do Israel Soares de Paiva (atual Rua Sarmento Leite). No alinhamento deste, seguia até o Arroio Dilúvio, acompanhando o seu curso até mais ou menos a atual Avenida Borges de Medeiros.

<sup>132</sup> MACEDO, op. cit., p.71.



Porém a “muralha” sofreu vitórias e insucessos. Pelo lado sul e sudoeste, o baixio da praia de Belas impedia a aproximação demasiada das embarcações inimigas e o arroio Dilúvio funcionava como outra barreira. No entanto, por terra, as incursões eram mais fáceis, tanto que na parte da defesa voltada para a planície que os arroios formavam ao sul, a cidade foi atacada, pela metade do ano de 1836, quando forçaram passagem no ponto onde atualmente é a esquina da Rua João Alfredo com a Rua da República, perdendo ali muitas armas porque era um lugar de onde se tirava barro para as olarias e estava cheio de água.

Durante o estado de “sitiamento” da cidade, até a finalização da Revolução Farroupilha, que durou 10 anos, a Cidade cresceu e adensou em direção ao continente descendo o espigão ao sul. A Baixa Cidade se desenvolveu dentro da proteção, em terrenos mais firmes, conforme Macedo.

[...] À medida que a cidade crescia, alguns trechos deviam avançar sobre novas áreas e desta forma atingirem terrenos afastados das elevações, alguns deles mesmo alagadiços que em nada contribuíram para a conservação daquele tipo de trincheira. É o caso da parte onde não figura o fosso, que correspondia à parte da atual Rua Sarmiento Leite, entre a Rua General Lima e Silva e a Avenida João Pessoa. Ali foram construídos andaimes para favorecer pontos de tiro alto, que alcançassem maior distância, já que na frente estendia-se uma várzea, permitindo maior visibilidade. Também souberam aproveitar os acidentes naturais: mais ou menos pelas proximidades da Rua General Salustiano deixa de existir o fosso, que é substituído pelo riacho correndo paralelo à Rua Washington Luiz, até o seu desaguadouro que ficava, aproximadamente, no prolongamento da atual Rua General Auto.<sup>133</sup>

A partir de então os limites urbanos iam da Rua Barros Cassal (Beco do Barbosa) até a Avenida Independência e desta, através da Rua Sarmiento Leite até a Rua Lima e Silva e desta pela República até o Riacho.

Conforme Macedo<sup>134</sup>, antes da Revolução Farroupilha, a cidade de Porto Alegre limitava-se pelo perímetro urbano fixado no Código de Posturas (1831), seguindo, mais ou menos, o traçado das trincheiras.

Nesta época, o Riacho era mais largo do que no momento de sua canalização e se desenvolvia desde a sua embocadura com o Guaíba até a ponte da Azenha. O arroio tomava largura e se bifurcava, indo num dos seus braços até a olaria do Juca, estabelecida pelas

---

<sup>133</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: história e vida da cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. p.71

<sup>134</sup> MACEDO, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: Origem e Crescimento. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1968; MACEDO, op. cit.; MACEDO, Francisco Riopardense de. História de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 88p.

proximidades da Igreja do Carmo, à margem dessa rua que, desde então, passou a ter o nome de Rua da Olaria.

### 3.3.2.2 Emboscadas

Este lugar conhecido como Areal da Baronesa (onde hoje está o quartel do Segundo Batalhão da Brigada Militar) por volta de 1870, configurava um matagal cerradíssimo onde “[...] *“negros fugidos” iam esconder-se de seus implacáveis e desumanos senhores que, quando os conseguiam apanhar, com o auxílio do “capitão do mato”, os retalhavam a vergalho até lhes arrancar, com o couro e o sangue, a alma do corpo”*.<sup>135</sup>

Durante a escravatura, essa zona era famosa e tomou o nome de “emboscadas”<sup>136</sup>. Os escravos que se revoltavam contra a tirania do seu dono, procuravam naquele lugar um esconderijo dos maus tratos do cativo, porque a mataria era espessa e eles encontravam, ali, frutas silvestres para se alimentarem.

A área era quase intransitável, pela quantidade de obstáculos, como moitas, capões, árvores, macegas, matos cerrados, repressões de terreno e outros acidentes.<sup>137</sup> *“Era uma zona de meter medo aos mais valentes”*<sup>138</sup>.

Era a primeira estação da liberdade, o primeiro pouso desses infelizes perseguidos pela injustiça da sorte.

Abandonavam com horror, à noite, a casa em que viviam, e iam, às pressas, pousar ali, à sombra das árvores que não lhes negavam o teto das suas folhas. Levavam apenas uma pequena trouxa com uma ou outra peça de roupa e nada mais.

No outro dia, já noite cerrada, abandonavam as “Emboscadas” e iam, pela estrada a fora, em busca de outro pouso mais distante daqui.

Às vezes as pobres criaturas acordavam aflitas, parecendo-lhes que o capitão-do-mato vinha correndo ao encalço deles, de adaga em punho e relho noutra mão, intimando-os a que se entregassem, sob a ameaça de matá-los ali.<sup>139</sup>

Existem divergências na definição da área de abrangência do local, conforme se pode ver nas citações que seguem:

Essa região que os antigos conheceram como “Emboscada” limitava-se, mais ou menos, entre a Venâncio Aires e a República, João Pessoa e hoje desaparecidas

---

<sup>135</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.41.

<sup>136</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.203.

<sup>137</sup> PORTO ALEGRE, op. cit., p.59.

<sup>138</sup> SANHUDO, op. cit., p.208.

<sup>139</sup> Ibid., p.60.

margens do Riachinho.<sup>140</sup>

[...] o espaço compreendido entre as Ruas Lopo Gonçalves, Luiz Afonso, República e Concórdia (atual José do Patrocínio) e ia morrer à margem do Riachinho. Era um trecho de terra e mato conhecido, desde longa data, pelo nome de “Emboscadas”.<sup>141</sup>

Em 1888, com a Abolição da Escravatura, os descendentes negros e os escravos libertos encontraram, a sul e a norte da Várzea, lugares para viver (figura 19). Eram terrenos considerados de baixo valor imobiliário, sem drenagem e infraestrutura urbana adequadas.

Sua população acabava por se amontoar em pequenos casebres - alguns se desmanchando, outros se erguendo rapidamente - com pouco distanciamento uns dos outros, formando cortiços desumanos. Pela área do atual bairro Cidade Baixa, teriam consolidado redutos negros, em casas singelas, onde a má fama indicava a existência de prostíbulo com as belas e lascivas negras de casinhas pequenas de porta-e-janela. Já ao Norte, na párea dos atuais bairros Rio Branco e Bom Fim, teria se consolidado a maior concentração negra da cidade: a “Colônia Africana”.



Figura 19 – Escravos Libertos. Autor: Lunara.

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

---

<sup>140</sup> Ibid., loc.cit.

<sup>141</sup> PORTO ALEGRE, op. cit., p.59.

### 3.3.2.3 Olarias

Juca da Olaria era José de Souza Costa, catarinense, que chegou em Porto Alegre por volta de 1815, logo comprando uma quadra que abrangia a rua 1º de Março, Avenida Redenção e ruas Avaí e Olaria. À Rua 1º de Março (Beco do Juca da Olaria, Beco do José Souza da Costa, Beco do Israel Paiva, atual Rua Sarmiento Leite). Edificou, então, um pequeno galpão na rua, onde deu começo aos seus trabalhos.

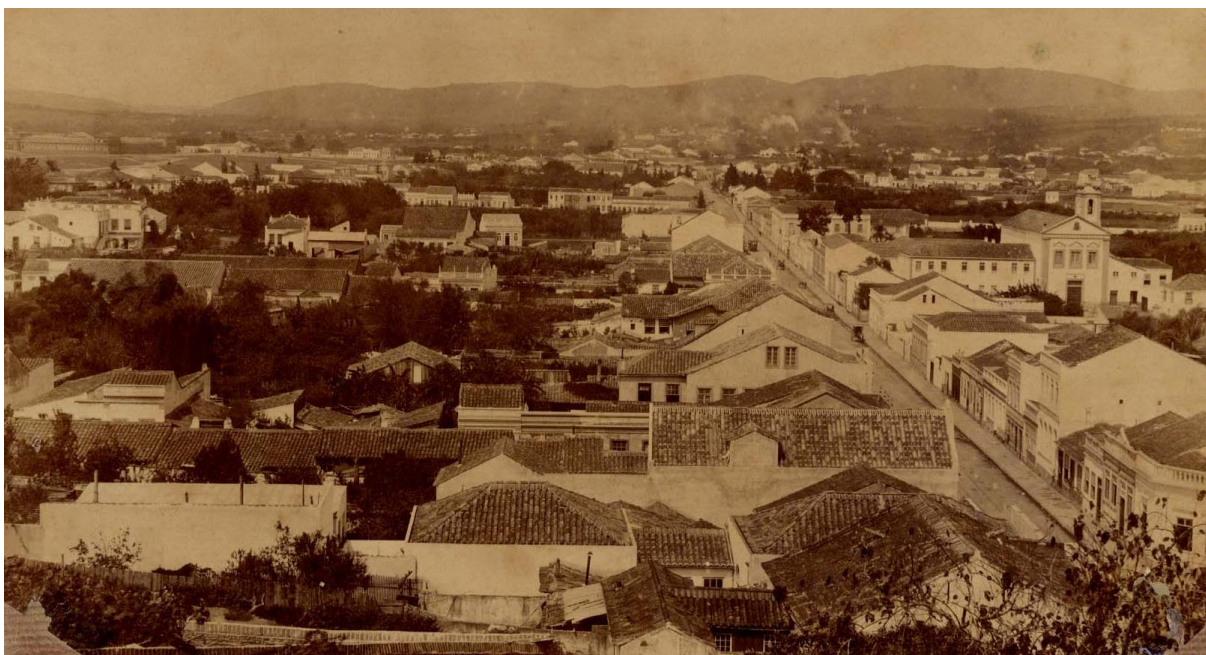


Figura 20 - Rua General Lima e Silva (Antiga Rua da Olaria).  
À direita, Convento e Igreja de N. Sra. do Carmo. Irmãos Ferrari, final séc. XIX (1897).  
Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

Mais tarde, quando os produtos de sua fábrica tinham reconhecimento idôneo, construiu um sobrado na Travessa da Olaria (atual General Lima e Silva) (figura 20), onde trabalhava, produzindo desde tijolo, telha portuguesa e utensílios caseiros, até brinquedos baratos. Esta edificação corresponde à situada ao lado do extinto “Colégio Riograndense”.<sup>142</sup>

No detalhe do mapa de 1839 (figura 21), podemos ver, na legenda, que a área escolhida por Juca foi também à escolhida por vários Oleiros. A concentração os equipamentos apontam para o caráter da região a este serviço, provavelmente devido ao tipo de solo existente no local, como sugerido por alguns cronistas.

---

<sup>142</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.186.

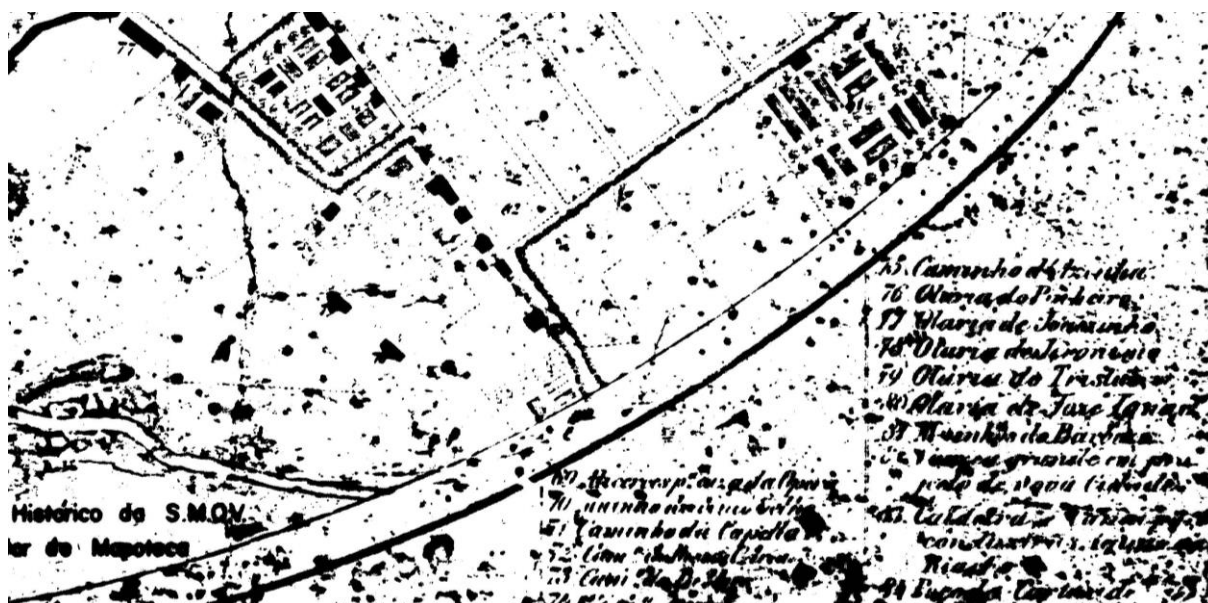


Figura 21 – Detalhe da planta da Cidade de Porto Alegre, 1839. Autor: Luís Pereira Dias.  
Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

Nesta época, canoas e barcos penetravam pelo Riachinho e iam buscar tijolos e telhas da dita olaria ou fazer carroto de trigo das imediações da ponte da Azenha<sup>143</sup>.

Com a fundação de olarias, começaram a surgir as primeiras casas de alvenaria, cobertas de telhas: casas térreas e assobradadas, primeiramente, instaladas à Rua da Praia, nas proximidades da Ponta de Pedra (local onde hoje está a Usina do Gasômetro) - casas mais resistentes que viriam a substituir as edificações da povoação original de Porto Alegre.

Sobre as moradias construídas após a implantação das olarias, Saint-Hilaire, em sua passagem pelo Rio Grande do Sul, tece comentário expondo sua impressão: “*Percebe-se logo que Porto Alegre é uma cidade muito nova. Todas as casas são novas e muitas estão ainda em construção*”<sup>144</sup>. Citando, ainda, o mesmo autor:

Há aqui grande número de casas muito bonitas, bem construídas e bem mobiliadas, mas não há uma sequer, que possua lareira ou chaminé. Os quartos são altos, as portas e janelas fecham-se mal; estas têm freqüentemente as vidraças quebradas e há casas em que se não pode procurar um objeto sem primeiro abrir os postigos das janelas e até mesmo as portas.

As casas de Porto Alegre são cobertas de telhas pintadas de branco em sua parte anterior, construídas em tijolo sobre alicerces de pedra e bem conservadas; a maior parte possui sacadas; são, em geral, maiores que as das outras cidades do Brasil e muitas possuem um andar além do térreo; outras têm mesmo dois.<sup>145</sup>

A instalação das Olarias valorizou as construções da cidade, e São Francisco dos

<sup>143</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.203 e 207

<sup>144</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821; tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1974, passim.

<sup>145</sup> Ibid., loc. cit.

Casais começou a evocar as paisagens dos povoados ilhéus portugueses, com casas em alvenarias pintadas de branco com portas e janelas azuis, de porta-e-janela e telhas capa-canal. A facilidade de transporte pela proximidade às olarias e o baixo custo do material influenciou a consolidação da tipologia local.

Sobre a produção das Olarias, Luiz dos Santos Vilhena, professor de grego (não se sabe em que escola) em Salvador, Bahia (de 1788 a 1799), escreveu uma série de cartas a um amigo (possivelmente fictício) chamado Filipono relatando o que sabia sobre o Brasil. Luiz era natural de Portugal e lá voltando, reuniu todas as cartas e as publicou, em 1802, sob o nome "Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasilicas Contidas em XX Cartas"<sup>146</sup>. Deve ser a mais antiga descrição existente sobre a cidade. Nela, ele descreve a região, as olarias e a produção agropecuária local.

Os moradores das vizinhanças do Rio chamado da Aldeya levão para vender galinhas, frangos, patos, cassas de diversas qualidades, principalmente perdizes as melhores daquelles contornos, maiores e mais saborosos que as da Europa, as quaes chamam de Zabelês, quando há outras hum pouco menores a que dão o nome de Inhapopês; louça de barro, telhas feitas nas muitas fábricas de olaria que ali se achão eregidas, servindo-se das bôas argilas que há nas suas visinhanças, proprias para fazerem athé louça branca, sendo os Indios os artífices melhores desta mão d'obra. De todos os Indios que por aqui há, são estes os mais diligentes e melhor policiados, porque não só semeão trigo e legumes, como platão hortaliças, além do que tem particular inclinação, prestimo e aptidão para jardineiros: todos os pomares são plantados com engraçada e bôa ordem, quando excedem a todos os mais povoadores na criação de galinhas, patos, perús e pombos, o que na distribuição de trabalho pertence as Indias Velhas, que em nada mais podem já empregar-se.<sup>147</sup>

#### 3.3.2.4 Lavadeiras

Buscando lugar arejado, espaçoso para a prática e aproveitando as águas limpas, as lavadeiras da cidade ali encontraram espaço ao seu ofício – lugar em que eram encontradas por quem margeava certos sítios da praia (figura 22), onde roupa lavada era vista por toda a parte, enxugando ao sol ou ao vento.

No rigor do inverno, quando a água do rio parece estar gelada, essas pobres criaturas arregaçam as mangas do casaco que trazem para resguardar da friagem, entram no rio, com as pernas nuas até acima dos joelhos, colhendo entre as coxas um punhado das saias, para lhes dar certos desembaraços.<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> Estas cartas receberam uma nova edição em 1921, feita à custa do governo da Bahia, em três volumes. No segundo volume está citada a décima sétima, que é dedicada ao Rio Grande do Sul (p.629/652).

<sup>147</sup> VILHENA, Luiz dos Santos. Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasilicas Contidas em XX Cartas. Volume II. 1802. Reedição 1921. p.629-652. (Vilhena, p.635.).

<sup>148</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.198.

Por muito tempo, elas movimentaram a beira da praia, na Costa do Rio, precisamente nas escadas do cais da alfândega, onde estendiam as peças de roupa na calçada, no piso da rua ou na vegetação da praça.

Após 1884, muito provavelmente com as alterações nas Posturas Municipais (1893), a lavagem fora transferida para outros pontos, mais afastados do Centro da Cidade. Ficou proibido “*lavarem-se as sujeiras da cidade justamente no seu ponto de visitas, para os que chegavam de barcos*”.<sup>149</sup>

Deslocadas, as lavadeiras passaram a utilizar a praia do Riacho. Aos poucos foram tomando conta do Riachinho e, ainda no princípio do século XX, trabalhavam ao longo do Arroio Dilúvio.



Figura 22 – Washington Luís – As lavadeiras na margem do Riacho.  
Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

Esta mudança nas posturas repercutiu, também, na migração dos locais de moradia destas trabalhadoras. Muitas das que trabalhavam no cais procuraram morar nas imediações do Gasômetro. Algumas habitaram o “Areal da Baronesa” (antiga Chácara da baronesa de Gravataí, situada onde hoje funciona a Fundação Pão dos Pobres), por terem à mão o Riachinho. Outras habitavam no Bairro Navegantes, à beira-rio, com sua extensa praia<sup>150</sup>.

<sup>149</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.210.

<sup>150</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.198.

### 3.3.2.5 Batuque

Havia alguns lugares onde, aos domingos, o “batuque” era infalível<sup>151</sup>. O Beco do Poço (atual Avenida Borges de Medeiros), o Beco do Jacques (atual Rua 24 de Maio) e a Rua da Floresta (Avenida Cristóvão Colombo) eram sítios consagrados do “batuque”. Nos dias de “folia”, já de longe se ouviam “*a melopéia monótona do canto africano e o som cavo de seu originalíssimo tambor*”<sup>152</sup>.

Como o “batuque” sempre prosseguia pelo dia e pela noite adentro, as rodas de foliões e folionas se revezavam, e os garrafões de cachaça se sucediam uns aos outros.

Não havia, porém, algazarra. Não havia gritos ou sapateados no batuque e, como, em geral, as casas onde eles se realizavam não eram assoalhadas, o arrastar pesado, de muitos pés no chão, não atordoava a vizinhança.<sup>153</sup>

Havia também os “batuques” ao ar livre. Um dos mais populares era o do Campo do Bom Fim (Atual Parque Farroupilha), em frente à capelinha então em construção (Capela do Espírito Santo).

Na Cidade Baixa, havia, inclusive, um território de Candomblé - da Mãe Rita - localizado no mapa a seguir (figuras 23 e 24), representativo das ações sociais sobre o território da Cidade, em 1840, de interpretação de Clóvis de Oliveira.

Este espaço aparece definido pelo perímetro do Beco do Firmo (atual Rua Avaí), Beco do Jacques (atual Rua 24 de Maio), Beco do Oitavo (atual Rua André da Rocha) e o Portão (atual Avenida João Pessoa).



Figura 23 – Mãe Rita.

Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). Memória Porto Alegre: espaços e vivências. – 2º Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1991. p.54

<sup>151</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.101.

<sup>152</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.101.

<sup>153</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940. p.101.



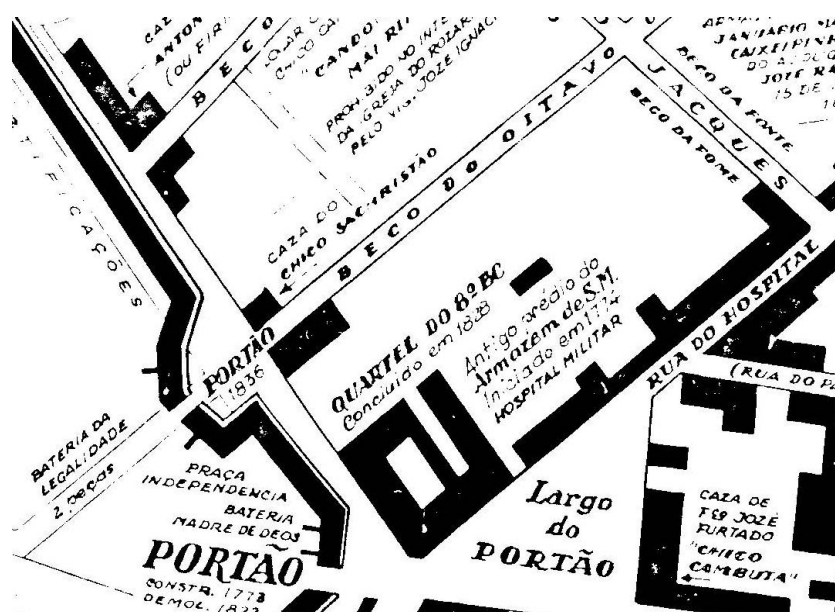


Figura 24 – Recorte do Mapa de Porto Alegre, 1840. Beco do Oitavo, Candomblé da Mãe Rita e outros becos próximos ao portão do mapa interpretativo de Porto Alegre, em 1840, de Clóvis Silveira de Oliveira e Luiz Carlos Luz de Ribeiro.

Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. SPM.

### 3.3.2.6 Perigo e Prostituição

Baixa também no comportamento social, a Cidade Baixa comportava uma zona conhecida por sua “Baixa Boêmia”. Antigos cronistas da cidade comentam o “espírito” do local:

O espírito popular, sempre cheio de argúcia e maldade, também chamava esse lugarejo de “Banda Oriental”, pelas frequentes desordens que ali se davam, principalmente no beco da Preta, que era um dos seus tantos corredores escusos. <sup>154</sup> [...] nesse pedaço do mundo, o mundo se perdia! E daí por diante, noite e dia, e dia e noite, o estado normal do Areal era a desordem e o deboche, que lhe garantiu, rapidamente a invocação de “Banda Oriental”. <sup>155</sup>

A Banda Oriental foi célebre e ela só perdeu sua superstição de zona inexpugnável depois que enterraram o Riachinho da Rua da Margem, quando então se podia entrar por qualquer lado. Sobre este local havia até um ditado que muito circulou na cidade por esse tempo:

No Rincão (um lugar além do Caminho do Meio), o “negro fazia de dia e pagava de noite; na bacia do Mont’ Serrat, fazia de dia e pagava de dia mesmo e na Banda Oriental, lá no velho Areal da Baronesa, o “cabra” pagava antes de fazer. <sup>156</sup>

<sup>154</sup> Ibid., p.41

<sup>155</sup> SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas de minha cidade. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. p.205

<sup>156</sup> SANHUDO, op. cit., p.206

Desta região as ruas Pesqueiro, a Luiz Guaranha e a Avenida Félix eram cotadas como “mais perigosas”. As primeiras situavam-se próximas à antiga margem do riacho: a primeira paralela à Rua João Alfredo e a segunda paralela à Rua Baronesa do Gravataí.

Durante muitos anos a Praia do Riacho teve a denominação de Pantaleão Telles, em homenagem ao General Pantaleão Telles de Queiroz (ilustre militar que durante muito tempo ficou ligado à baixa prostituição da cidade). “Ir à Pantaleão” significava frequentar os inúmeros bordéis de baixa categoria que proliferavam [...].<sup>157</sup>

Conforme Mauch<sup>158</sup>, na última década do século XIX, o policiamento de Porto Alegre passava por algumas modificações importantes, dentre as quais a principal foi a constituição de uma polícia civil municipal especializada na prevenção de delitos e transgressões, como desordens, embriaguez e prostituição. Criada em 1896, a Polícia administrativa tinha a missão de exercer no espaço público uma vigilância sistemática sobre uma parcela da população considerada “suspeita”. Nesta época, os jornais *Gazeta da Tarde* e *Gazetinha* rotulavam como “suspeita”, parte da população local que vivia ou frequentava os becos e as zonas mal afamadas da cidade.

Estas eram essencialmente constituídas por becos, tabernas e prostíbulos. Os mais famosos e citados eram os que se localizavam no Centro da cidade, mas, segundo os jornais, os “antros de vícios” também estavam espalhados por outros bairros. Inclusive na região compreendida pela “Baixa Cidade”<sup>159</sup>.

Na outra extremidade do bairro, no seu limite norte, trazendo a cidade coberta de vergonha, estava o temível e famigerado Beco do Oitavo [referindo-se à Baixa Cidade – figura 25]. Era uma ruazinha estreita e imunda, de mau aspecto e desagradável cheiro. Ninguém que se prezasse passaria pelo buliçoso e cabuloso beco, que tomou este nome desde o longínquo dia em que os milicos do 8º Batalhão de Infantaria, em 1823, aí se instalaram e transformaram a velha Rua do Pombal no mais desbragado antro de perdição da nossa pacata e sonolenta cidadezinha.<sup>160</sup>

No Beco do Oitavo [figura 25], defronte à Travessa Cruzeiro existia o Palácio das águias, um cabaré de terceira linha. Lá tocavam somente músicos do Exército e da Brigada Militar, devido ao perigo, pois as brigas aconteciam de dez em dez minutos e os músicos militares eram os únicos a impor respeito. A fama do beco do Oitavo

---

<sup>157</sup> TELLES, Leandro Silva. *Crônica das ruas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Gaplam, 1971. p.55

<sup>158</sup> MAUCH, Cláudia. *Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890*. In: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Cláudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.9

<sup>159</sup> *Ibidem*

<sup>160</sup> SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre: crônicas de minha cidade*. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979 p.211

passou para a posteridade como o mais baixo e famoso antro de prostituição da Porto Alegre dos anos 20.<sup>161</sup>



Figura 25 – O mais antigo bar-restaurant do bairro, à entrada do antigo Beco do Oitavo (atual André da Rocha) famoso foco de meretrício no início do século 20. Acervo MU. Fonte: KLIEMANN, Luiza H.; Schmitz; BERGER, Dan – Bom Fim: álbum de retratos. Porto Alegre: SMC, 1990.

Assim, também o bairro Cidade Baixa tinha os seus locais mal afamados, como a Rua da República (antiga Rua do Imperador) e a Rua da Margem (atual João Alfredo). Além de ruas e becos, também zonas eram qualificadas de perigosas, como o Areal da Baronesa e a Colônia Africana (atual bairro Rio Branco).<sup>162</sup>

Estes dois lugares eram estigmatizados por serem bairros predominantemente habitados por negros, o que os tornava potencialmente mais perigosos aos olhos da sociedade e, por consequência, dos periódicos.

Já dizia Saint-Hilaire<sup>163</sup>, em julho de 1820, quando visitava o Rio Grande do Sul, que os crimes eram muito frequentes, principalmente entre os negros, conforme informação da Junta, o que não o surpreendia por alegar que os negros vendidos para esta Capitania eram escravos de má índole provenientes do Rio de Janeiro.

Mauch coletou notícias que tratam das zonas de desordem, notando que os jornais davam atenção especial a locais chamados “espeluncas” (nome genérico dado a botequins, tabernas e/ou bordéis).

<sup>161</sup> VEDANA, Hardy. *Jazz em Porto Alegre*. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.116

<sup>162</sup> MAUCH, Cláudia. *Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890*. In: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Cláudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p.10

<sup>163</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*; tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1974.

Pesavento<sup>164</sup> identificou que espaços estigmatizados por terem “pessoas de cor” sofriam associação racial/étnica com qualificação de natureza social, econômica e moral. Estes espaços, bairros, ruas, imóveis, habitações, eram considerados “espaços malditos”, “lugares de enclave”, “lugares da exclusão”, que estavam lado a lado com a “Cidade da Ordem”, marcando um “Cinturão pobre” (e predominantemente negro) em torno da cidade.

As ruas que se encaixavam neste perfil eram chamadas becos. Apesar de ser denominação de rua estreita e pequena, como uma travessa, carregava a carga pejorativa de lugar de atraso, velhice, feiúra, crime e vício.

Os estabelecimentos destes lugares eram caracterizados como espeluncas, bodegas, bordéis, dentre outros, cujo funcionamento têm alguma diferença na forma<sup>165</sup>. Todos estes não são tipos de habitações, mas na forma de funcionamento - no interior do beco, compondo o quadro da condenação estigmatizada.

A partir de 1889, em Porto Alegre, com a implantação de um governo autoritário, a República Velha (1889-1930), houve preocupação com a renovação urbana e a modernização da cidade, que seguia sua evolução gradual. Porto Alegre deveria ser bela, moderna, higiênica, ordenada e “branca”.

Mauch constatou que, bastante em moda na época, as metáforas “saneamento moral” e “doença social” interpretavam o vício e o crime como doenças contagiosas que ameaçavam a saúde da sociedade. Esta ameaça provinha de locais onde proliferavam males físicos e morais. Contaminados por esse tipo de ambiente insalubre, os indivíduos que nele vivem tornam-se portadores de traços (físicos e morais), tornando estes espaços um perigo à sociedade.

<sup>164</sup> PESAVENTO, Sandra. Lugares maldito: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). *In*: Revista Brasileira de História. 1999. São Paulo, v.19, nº. 37, p-195-216.

<sup>165</sup> A espelunca era um lugar escuro, sujo, feio, maltratado, mal frequentado, sórdido, escuso, onde havia o jogo e práticas ilícitas, realizadas às escondidas. Era o “antro do vício”, onde se estimulava a bebedeira, o crime, o linguajar de baixo calão e os atos obscenos. Eram descritas como locais sujos e insalubres, “focos” de doenças e imoralidades. Assim, as brigas, facadas e ofensas à moral pública não seriam nada além de consequências previsíveis do ajuntamento de homens e mulheres desclassificados em tais locais.

A denominação “espelunca” agredia não somente ao lugar, como se estendia ao seu proprietário, frequentadores e áreas adjacentes, que eram consideradas suspeitas.

Algumas vezes o termo era utilizado para denominar bordel ou habitação coletiva popular de aspecto miserável. Bodega também era chamado de “boteco” ou “tasca”, era a denominação do estabelecimento que vendia bebida alcoólica, frequentada por gente de baixa extração social e, sobretudo, de mau viver. Um reduto de bêbados e vadios. Lugar imundo frequentado por gente da pior espécie. A designação vai além da função do estabelecimento de vender bebida alcoólica, mas já denuncia o excesso do seu consumo pelos frequentadores. É ainda a “taberna” ou “taverna”, cotidianamente chamada por “tasca”.

Bordel ou lupanar, prostíbulo, “conventilho” ou tasca, eram os estabelecimentos que abrigavam o meretrício e suas protagonistas: meretrizes, rameiras, putas, prostitutas, “messalinas”, “horizontais” ou “ratoneiras”.

Ao lado destes estabelecimentos, foi registrada a presença das “maternidades”, que eram “casas de encontros” clandestinos, frequentadas não só por prostitutas, mas também por senhoras casadas.

### 3.3.2.7 Príncipe Negro

Teria sido no território da Cidade Baixa, também, o local escolhido, na cidade, para a instalação da corte do “Príncipe Negro”. Por volta de 1864, o príncipe Africano Custódio Joaquim de Almeida, mais conhecido como “Pai Custódio” (figura 26), chegou ao Brasil, instalando-se primeiramente em Rio Grande, depois em Bagé e, finalmente, em Porto Alegre, onde permaneceu até a sua morte. Os motivos que o trouxeram ao Brasil ainda não são conhecidos. Em Porto Alegre, o príncipe morou na Rua Lopo Gonçalves, 498. Os fundos de sua casa abriam-se à Rua dos Venezianos (atual Rua Joaquim Nabuco). Com sua instalação naquele local, a região passou a ser preferida pelos negros, que viam nele uma liderança.

Era praticante de sua religiosidade africana (conhecida como batuque), e por sua atuação religiosa, lhe foram atribuídas curas impossíveis e resoluções de problemas de governo. Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos e Getúlio Vargas teriam frequentado sua casa<sup>166</sup>.

Seu prestígio e carisma eram imensos. Tanto que alegam ter sido em homenagem a ele a maior festa do bairro, quando ele completou 100 anos. O príncipe Custódio morreu com 104 anos, em 28 de maio de 1935.



Figura 26 – Príncipe Negro. Fonte: Pai Custódio um príncipe africano na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 25/06/89.

---

<sup>166</sup> Pai Custódio um príncipe africano na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 25/06/89.

### 3.3.2.8 Pobreza

Nas décadas de 50 e 60 do século XIX, a cidade cresceu para além dos limites da área central.

Na pesquisa de Pesavento<sup>167</sup>, foi constatada uma promiscuidade indesejada de ricos e pobres, vivendo face a face na área do centro.

Os velhos sobrados e casarões, que haviam sido morada de baronesas e brigadeiros, passaram a atestar a diversificação social da Porto Alegre do século XIX, pois enquanto seus donos se retiravam para a Duque de Caxias ou para a Independência construindo novas residências ainda mais imponentes, as antigas construções, sublocadas, passaram a abrigar nos seus porões uma população pobre que se tornava cada vez mais numerosa.

Pesavento encontrou referência à moradia nos porões e nos sobrados e à construção de habitações coletivas irregulares, espécie de galpões formados por um conjunto de cubículos, chamados cortiços, já no início da década de 1890.

No mesmo ano, um levantamento “estatístico” dava 5.996 prédios para a cidade de Porto Alegre. Destes, 4.692 eram térreos, 464 assobradados, 634 sobrados e 141 cortiços<sup>168</sup>.

Restam-nos 141 cortiços, gênero de habitação de muitas vezes indescritíveis, onde a aglomeração é tal que dificilmente se chegará a um recenseamento entre seus habitantes, a maior parte sem família e vivendo em promiscuidade repugnante.<sup>169</sup>

Uma das formas de impedir a proliferação de habitações insalubres, feias e atentatórias à moral era aumentar o imposto predial, particularmente no que dizia respeito aos cortiços<sup>170</sup>, o que já fora feito desde 1890. Outra medida seria estabelecer as regras a serem observadas para a construção da cidade, o que seria enunciado no Código de Posturas Municipais<sup>171</sup> em 1893. Vinte anos depois, foi imposto o Código de Construção, mas mesmo assim o problema continuava. Apesar dos alertas e denúncias, as habitações precárias haviam proliferado.

---

<sup>167</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p.86

<sup>168</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p.86. Ver FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p.55- 80.

<sup>169</sup> Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, 1893. p.155 apud PESAVENTO, op. cit., p.87

<sup>170</sup> BAKOS, Margareth. A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre – 1897-1937. São Paulo: USP, a986. p.176 apud PESAVENTO, op. cit., p.87

<sup>171</sup> Código de Posturas Municipais sobre as construções, 1893 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998.

Dentre as áreas atingidas, incluía-se a Cidade Baixa, que aparecia em citação de jornal da época como foco de insalubridade potencializado pela pobreza da população local associada a sua falta de adequada postura no comportamento social. Ainda que a cidade dispusesse de maneiras para melhorar a qualidade ambiental, como coleta de lixo e esgoto, os moradores ignoravam o serviço em prol da facilidade de descartá-los no arroio. Um jornal denuncia as práticas supracitadas.

Urge uma revista geral na cidade, para o seu saneamento, embora se contrarie os exploradores de cortiços, gente sem alma, que só quer dinheiro. Deve-se promover a visita de todos os prédios que dão fundo ao arroio denominado Riacho. Nenhum deles entrega lixo às carroças, como nenhum tem serviço de remoção de material fecal. Conclui-se que os moradores lançam tudo no arroio. Também no lado oposto há moradores que têm fossas nos quintais, outros que não as têm, porém não possuem cubo.<sup>172</sup>

A área conformava e perpetuava sua imagem e depositário de imundícies, além de zona de população de baixa estirpe. À vagabundagem, beberragem e prostituição somava-se a sujeira e o desleixo da gente que habitava a região.

As construções insalubres começavam a ser demolidas, e os jornais principiaram a anunciar, com orgulho, as novas construções que substituíam as velhas. Pouco a pouco, os velhos pardieiros eram demolidos a fim de que novos edifícios surgissem, para o embelezamento da cidade.<sup>173</sup>

As preocupações com a cidade, na questão da “salubridade”, tiveram efetiva intervenção na estrutura física do sítio.

Nesta época, o curvo trecho inicial da Rua Demétrio Ribeiro, de perto do Gasômetro até a Rua Vasco Alves, era conhecida por Rua da Varzinha, ou Beco do Forno, devido à existência, neste lugar, de um forno de incineração do lixo.

Teria se criado, em 1850, a Comissão de Higiene, que mais tarde se transformou em Secção de Higiene, ligada às Obras públicas e que, com a República, foi transformada em Diretoria da Higiene. Seu estabelecimento melhorou bastante a situação, criando, para os despejos dos “potes”, a linha férrea de Porto Alegre à Ponta do Dionísio, e proibindo as “fossas” e “buracos” encimados por “casinhas”, nos fundos dos quintais. Mas as casinhas deviam continuar para o abrigo dos potes, ou cubos.

---

<sup>172</sup> O Independente. Porto Alegre, 21/06/1913 apud PESAVENTO, op. cit., p.102

<sup>173</sup> O Independente. Porto Alegre, 29/05/19 e 23/06/1916 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p.102

Em 1913, com a instalação dos esgotos, deu-se início à campanha para a extinção das fossas e dos cubos sanitários.

Porém, apesar de toda a intervenção na estrutura física da cidade, faltava outro tipo de saneamento a ser executado: a eliminação das “malocas”.

São os pontos mais anti-higiênicos que se possa imaginar!” E existem por toda a cidade, do centro aos subúrbios. Mas o pior é que, as malocas foram, sempre, incentivadas pela demagogia política que nelas sempre teve forte apoio pra suas manobras. Mas o pior de tudo era que, esses tais políticos ‘autorizavam’, sem mais nem menos, e incentivavam as construções de pocilgas de madeira ou de latas velhas em terrenos alheios, num flagrante desrespeito à propriedade que é um direito sagrado, garantido pela própria Constituição Brasileira. Essas malocas, falsamente denominadas “vilas populares” são o maior foco não só de falta de higiene, como da malandragem em geral.”<sup>174</sup>

Esta era uma das grandes preocupações latentes na época, e que viria a determinar algumas intervenções na cidade de forma a controlá-las.

O terceiro capítulo se encerra com a apresentação da estruturação e consolidação urbana e social da cidade em Acrópole, com suas divisões sociais e políticas bem definidas, assim como os perfis de seus usuários e moradores. Além disso, apresenta seus acontecimentos, personagens e lugares, mas, principalmente, as “alta” e “baixa” boêmias que nelas se praticavam e que lhes atribuíam identidade e valor.

---

<sup>174</sup> SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1967. p.174



## 4 MEMÓRIA DA BOEMIA NA CIDADE: A “ALTA” E A “BAIXA” BOEMIA

Neste quarto capítulo, o trabalho trata da conformação da boemia na cidade, tanto a considerada “alta”, efetuada nas regiões frequentadas pela “alta sociedade” e dentro dos territórios considerados “altos” na cidade, como também trata da conformação da “baixa boemia”, frequentada e mantida por uma parcela social excluída e não reconhecida como pertencente à “sociedade local” e, por isso, aqui chamada de “baixa sociedade. Também como a formação do território que recebia esta prática, caracterizando-o como “lugar” boêmio, ao longo de séculos sob a prática da mesma sociabilidade noturna.

### 4.1 A BOEMIA NAS CIDADES

Toda cidade tem sua ordem e tendo esta, tem também a desordem. A cidade da ordem estabelece-se (ou é imposta) e é mantida, ainda que sob controle intenso ou dominação, determinando regras de comportamento, bem-viver, posturas - regras para a saúde moral da cidade e da sociedade. Regras saudáveis para uma sociedade são. Estas regras são aplicáveis ao comportamento noturno e diurno, sendo que as atividades noturnas, na verdade, deveriam ser evitadas.

O controle das atitudes sociais é feito principalmente durante o dia, enquanto a força responsável pela sua manutenção tem o dever e o compromisso profissional de zelar pelo seu domínio. Papel desempenhado, na Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea por soldados e encarregados reais, cavaleiros, por força policial ou de seguranças particulares. Sendo a cidade que for, em qualquer espaço físico ou temporal, sempre haverá responsáveis pela ordem de uma sociedade, que devem mantê-la para que seja pelo menos garantido o estabelecimento de relações sociais que respeitem os cumprimentos dos direitos e deveres de cada cidadão nela residente.

Esta ordem é geralmente obtida durante o dia. Obtida, controlada, dominada, garantida. O ser o período do dia em que a maior parte da população está em atividade, se relacionando, se tem mais facilidade de observar e ser observado, assim como de deter algum infrator ou denunciar algum atentado, tendo em vista que é o período do dia em que a maior parte da “força de controle”, do efetivo social com força e reconhecimento e autoridade na suspensão de direitos de agir, pode atuar, além de ser, também, seu horário de trabalho e atuação social, como agentes encarregados disso. À luz. À luz do dia, do controle, da ordem.

Isto não significa que, à noite, não se estabeleçam relações sociais ou que não haja

atuação de controle, porém ambas são muito menos expressivas do que durante o dia. À noite, esta ordem é imposta, mas é mais facilmente quebrada.

Antes de termos a facilidade da iluminação elétrica e o melhor controle das cidades, após horário determinado pelos Códigos de Posturas (1831), era proibido o deslocamento da população pelas ruas – de forma a garantir sua própria integridade física e moral. O livre acesso só era permitido a médicos, em chamado de urgência para atendimento (que deveria estar munido, minimamente, com equipamento adequado para pronto-socorro), ou a algum parente (do sexo masculino) da vítima em questão. Seriam estes os “rompimentos da ordem” permitidos da cidade.

[...] de acordo com as posturas municipais, ao toque do sino da Catedral – nove horas da noite, depois ampliado para dez horas, ninguém mais podia estar fora de casa, a não ser que tivesse licença especial da polícia ou tivesse precisão de procurar um médico.<sup>175</sup>

Uma mulher, vista à rua em horário proibido, não seria vista “com bons olhos” pela cidade e ganharia fama de “mulher da vida” ou “da noite” pela vizinhança ou ainda teria questionada sua fidelidade em seu matrimônio, pois o que faria uma esposa “passear” pela madrugada? Onde estaria seu marido? O que ela faria sozinha?

As cidades, principalmente as mais antigas construía-se baseadas sobre uma célula pequena de moradia, em estreitas e mal iluminadas ruas.

Cidades coloniais justapunham casas de porta-e-janela, coladas umas às outras – testadas que variavam de quatro a seis metros – “forçando” uma convivência e “intimidade” menos escolhida que imposta. Ruas estreitas, de seis metros de largura de fachada a fachada, que mal permitiriam duas carroças se cruzando. E um transporte à noite, com esta proximidade à casa, já causaria barulho, despertando seus moradores, além de causar-lhes um alarde sobre movimentação noturna – desordem; descumprimento das regras; anormalidade.

Na Cidade Medieval, então, o caos era maior. Menos programada, crescida pela pobreza, “organicidade” e informalidade, a cidade medieval era no que concerne à sua conformação urbana, semelhante a uma favela. Tanto, que uma das justificativas para as intervenções de Haussmann, em Paris, de abrir largas avenidas, era para permitir a passagem de tropas e eliminar becos onde a resistência ao imperador se articulava.<sup>176</sup>

Como garantir sua segurança? A sociedade era proibida de circular, tendo cassado o

---

<sup>175</sup> SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1967. p.139

<sup>176</sup> BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

seu direito de liberdade de ir e vir, para que, quando realmente “fosse”, “voltasse”, cidadãos – termo utilizado para as pessoas “de bem”, de família, responsáveis, “direitas”, “da ordem” – respeitariam os horários “urbanos”, resguardando a si mesmo e aos seus, no ambiente sagrado do lar, preservando-o dos perigos e das maledicências possíveis e plausíveis de serem ditas por olheiros e fofoqueiras de janela, que observavam a vida dos que estavam expostos no espaço público para ter o que comentar nas longas tardes de ócio e monotonia.

Em análise sobre a sociedade, Sennet<sup>177</sup> constata que a família burguesa do século XIX “tentou preservar uma certa distinção entre o sentido da vida privada e a realidade exterior”<sup>178</sup>. A “rua” antes de ser um lugar histórico, um lugar político, é um habitat, uma “interioridade”<sup>179</sup>. É o espaço do povo, se opondo à casa, lugar da intimidade. De acordo com Benjamin, “As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes”<sup>180</sup>.

O espaço público era o lugar onde as pessoas eram forçadas a conviver com grupos desconhecidos e para isso fora necessário criar padrões de interação social adequados ao contato com estranhos.

O século XIX, consolidado pelo capitalismo, determinou que o espaço da rua era perigoso e, portanto, era preciso refugiar-se dos “perigos do domínio público” no privado, buscando abrigo junto à família, que era o reduto da moral, do amor e do exemplo.

Assim, “cidadãos” certamente buscariam ter: um trabalho digno, compromissos com horários certos, uma família e uma apresentação social de respeito - ainda que simples e humilde. Uma pessoa que andasse “às escuras” não seria bem vista, nem teria um respaldo de “respeito social” mediante os outros. Seria um “sujeito”, um “qualquer”. Um “indivíduo”. E um “cidadão”, aquele que respeita e cumpre as normas sociais da ordem, visto à noite, seria alguém suspeito ou que, certamente, estaria tendo um mau comportamento com relação a sua família, provavelmente perdendo-se entre becos e lugares malditos, na noite, na área “baixa”, na “zona”, em programas socialmente condenáveis. Comportamento intolerável, mesmo na “Cidade da Ordem”. Apesar de ter sido criado um discurso, uma conduta e uma forma de trajar que discriminassem convívios familiares dos convívios públicos, este tipo de

---

<sup>177</sup> SENNET, Richard. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 30-32

<sup>178</sup> SENNET, loc. cit.

<sup>179</sup> GEORGEL, Chantal. La rue. XIXe siècle. Histoire/1. Paris: Ed. Hazan, 1986. apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p. 83

<sup>180</sup> BENJAMIN, Walter. “O Flâneur”, in BAUDELAIRE, Charles. Um lírico no auge do capitalismo. Tradução: José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 194 -195.

confrontação conduziu a uma duplicidade de moral quanto ao comportamento e “o que era imperativo ao lar burguês podia ser violado na rua sem maiores problemas de consciência”<sup>181</sup>. Assim, o mundo privado e moralmente superior da família permaneceria intocado, “[...] ainda que seus membros - masculinos, sem dúvida – rompessem suas regras no domínio público”<sup>182</sup>.

Estas “quebras” de regras eram efetuadas em lugares “proibidos” - lugares “malditos”<sup>183</sup>, sombrios, sujos, pobres, feios, desregrados, degradados, amaldiçoados, condenáveis, boêmios, “baixos”, vulgares e em desacordo com a vida social aprovável e pública das pessoas “de respeito”; em desacordo com a ordem social: era a cidade da desordem.

Áreas facilmente associadas à população de classe social, cultural e, principalmente, econômica mais baixa, onde a bagunça, a baderna, o caos, a vida sem regra, a diversão noturna, o jogo, a bebida eram cenário às mulheres “de vida fácil”, aos homens sem trabalho nem perspectiva de vida, desde a fundação da cidade, mais tarde seriam, também, o lugar dos imigrantes. Este lugar era a “Baixa Cidade”.

Devido ao imaginário social comum, atribui-se uma conexão entre a vida “largada” e descompromissada, uma relação direta com os poetas, músicos, filósofos e artistas. Não muito distante entram nesta categorização jornalistas, publicitários, arquitetos – por suas relações com a comunicação e com a arte. Assim, algumas parcelas da população, de profissionais liberais, autônomos e de serviços informais, exceto os “ordeiros” ou “corretos” (médicos, advogados e outros que têm um respaldo imagético e imaginário muito forte de ordem, compromisso e responsabilidade herdados pela “aura” de sua formação acadêmica impressa em sua vestimenta de atuação profissional ou pelo comportamento público e social protegido por ela) acabaram por formar uma imagem do público que utiliza os espaços da ordem, na desordem noturna.

Este comportamento e esta distinção de categoria profissional já aparecem desde o Cerâmico, bairro de Atenas, no séc. IV a.C (figuras 27 e 28). Conta-se que o lugar era frequentado por músicos, pintores e poetas, em bares e casas de prostituição – feminina e masculina. Também lá seria feito o comércio de escravos.

---

<sup>181</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998 p. 85

<sup>182</sup> PESAVENTO, loc. cit.

<sup>183</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: Revista Brasileira de História. 1999. São Paulo, v.19, nº. 37, p-195-216.

Ligado à Acrópolis por uma grande avenida, ficava na zona limítrofe das muralhas da cidade. Lugar por excelência de artistas, estrangeiros ou outsiders, constituía um espaço livre para festa, arte e sonhos. Desde o Cerâmico, os bairros boêmios encantam – e incomodam.<sup>184</sup>

O Cerâmico, em Atenas, já servia a estas “fraquezas” inerentes ao homem. O antigo bairro de Atenas dedicado a Kéramos, patrono dos ceramistas, era o lugar mais próximo à entrada da Ágora (figuras 27 e 28). Pela sua distância às áreas residenciais e, portanto, com uma localização que potencializava este tipo de uso, supõe-se que o lugar boêmio de Atenas tenha ali se efetivado. Tanto pela possibilidade de execução de ruídos e de práticas ilícitas, longe dos ouvidos e dos olhos da sociedade “ordeira”; quanto pela facilidade de acesso imediato e proximidade às novidades que adentravam na cidade pela entrada lindeira a sua localização e da que era ligada ao porto; ou pela oportunidade de contato com estranhos e de trocas e câmbios ilegais, na “entrada” da cidade; ou, ainda, pela proximidade ao depósito de bebidas (de vinhos - que geralmente ficavam à “porta” da cidade, pela economia de transporte - o que tornaria seus preços mais baixos na venda, tornando-se mais acessível à “baixa população”, além de, provavelmente, serem estocados em garrafas cerâmicas, produzidas naquele bairro),

Também se supõe que no Pireu esta prática fosse atuante, visto se tratar de área portuária, onde o acesso direto às mercadorias recém desembarcadas facilitasse o acesso à bebida (e talvez com preço ainda mais acessível do que no Cerâmico).

Além de estivadores do porto, navegadores e comerciantes locais, a elite cultural também dividia espaços e exercia práticas sociais aliadas ao consumo de bebidas, consagrando locais boêmios desde a antiguidade clássica.

---

<sup>184</sup> TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. Aplauso Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 5 nº. 49, 2003. p. 23.

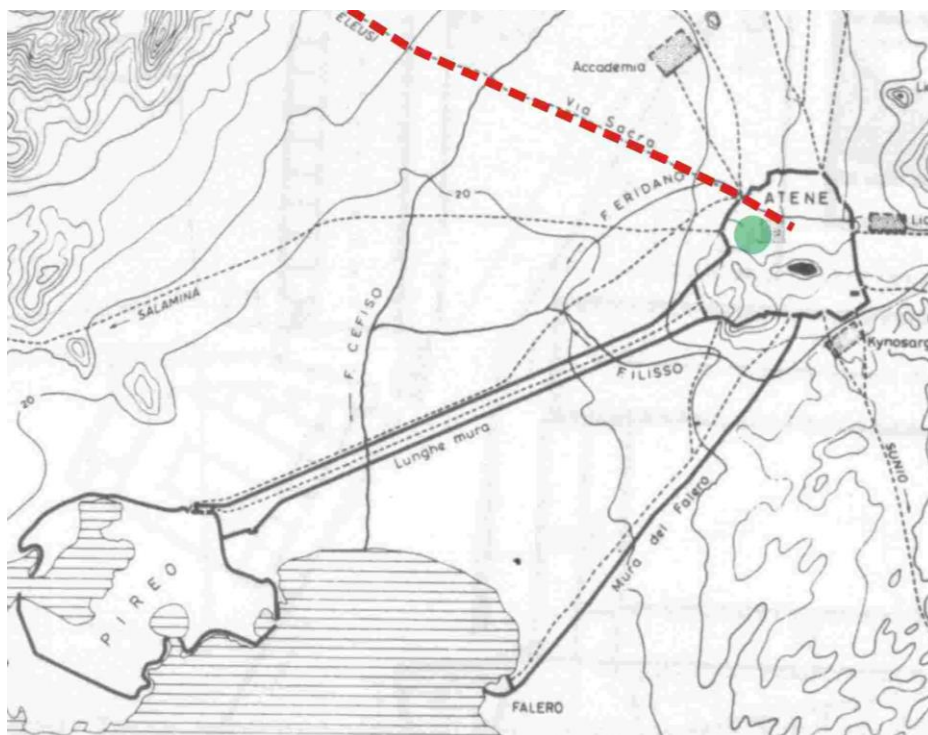


Figura 27 – Atenas do século V a.C. com os muros que ligam a cidade ao Porto do Pireu.  
Edição em cor sobre original. Fonte: BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.104

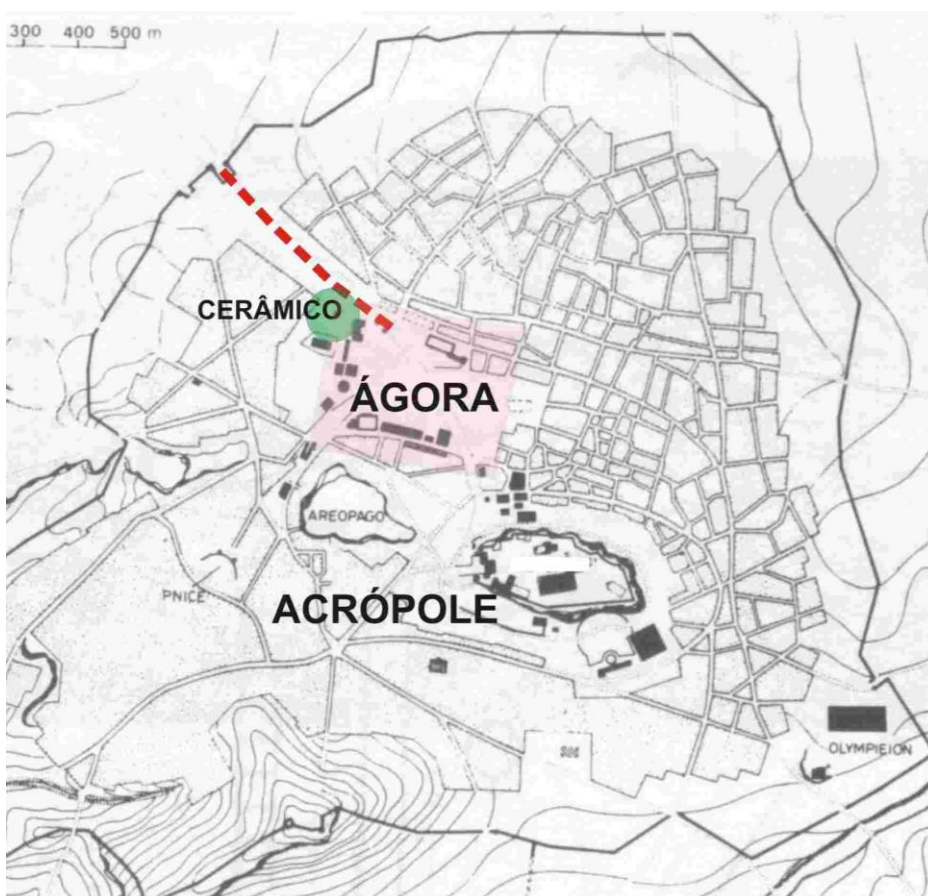


Figura 28 – Planta de Atenas em tempos de Péricles, com bairros residenciais em pontilhado.  
Edição em cor sobre original. Fonte: BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.104

Muito mais próxima da nossa realidade (em temporalidade) e com acontecimentos simultâneos aos movimentos daqui, Paris é outra grande cidade que marca a boemia, porém a partir dos “Cafés”. Apesar do fato de que o produto que nomeia o estabelecimento que o vende ser originário da Pérsia ou da Etiópia e de não ter sido referido na Europa antes de 1470, foi em Paris que houve a grande difusão de pontos para sua degustação.

Em 1615 já aparecem registros sobre o produto na Europa. Um viajante italiano, chegando a Constantinopla (atual Istambul - Turquia), escreveu que os turcos tinham uma bebida de cor negra que se bebe quente no inverno e no verão:

[...] bebe-se lentamente não durante a refeição, mas depois, como uma espécie de gulodice, em goles, para cavaquear à vontade na companhia dos amigos. Não se vê nenhuma assembléia entre eles onde não se beba... Mantém-se um grande fogo, junto ao qual estão prontas pequenas tigelas de porcelana... E quando está suficientemente quente, há homens destinados a esse serviço, os quais não fazem mais nada senão levar estas pequenas tigelas a toda o grupo, o mais quente que possa ser... E com esta bebida, a que chamam kafoé, divertem-se... Por vezes durante sete a oito horas.<sup>185</sup>

No século XVII o café chegava à Itália, à França, à Inglaterra e à Áustria. Teria um viajante trazido os primeiros grãos para Paris em 1644, com as xícaras e cafeteiras, para o seu preparo e degustação. Seu consumo começou a ser difundido quando um embaixador turco começou a servi-lo na sua embaixada. Primeiro fora vendido nas ruas, por turcos vestidos a caráter, com tabuleiros pendurados no pescoço, onde estavam a cafeteira no fogareiro e as xícaras. Depois os próprios parisienses começaram a abrir casas ou estabelecimentos onde só se tomava o café, em geral em locais movimentados perto de teatros, pontes, e lugares próximos a grande circulação de pessoas.

Esta aceitação foi grande devido aos benefícios creditados ao produto, que, no imaginário das pessoas, se consagrou como um remédio milagroso, conforme indicações abaixo:

[...] seca todo o humor frio, expulsa os ventos, fortifica o fígado, alivia os hidróticos pela sua qualidade purificante, igualmente soberana contra a sarna e a corrupção do sangue, refresca o coração e o bater vital dele; alivia aqueles que têm dores de estômago e que têm falta de apetite... Bom para as indisposições do cérebro... A fumaça que sai dele vale contra as irritações dos olhos e os barulhos dos ouvidos... para os catarros que atacam o pulmão, as dores de rins, os vermes, alívio extraordinário depois de ter bebido demasiado ou comido.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> A história do Café. Disponível em: <[http://www.abel.com.br/edu\\_on/historia/trabalhos/trab12/hist.htm](http://www.abel.com.br/edu_on/historia/trabalhos/trab12/hist.htm)>. Acesso em: 18 de junho de 2006.

<sup>186</sup> Ibidem, loc. cit.

No século XVIII existiam, só em Paris, entre 600 e 800 cafés. Esses cafés parisienses tornaram-se os lugares de encontro onde pessoas se reuniam para conversar, descansar e degustar cafés e licores, mas não somente isso. Ao longo do tempo, teriam sido os cafés os lugares escolhidos pelos poetas, pintores e filósofos, como seus pontos de encontro. Um dos mais marcantes é defronte a Igreja Saint Germain Des Pres, nos cafés Flore e Deux Magots. Ali, gente como Sartre e Simone de Beauvoir transformaram suas mesas em um espaço de pensamento e discussão nas décadas de 40 e 50. O Deux Magots fora lugar também de Elsa Triolet, André Gide, Jean Giraudoux, Picasso, Fernand Léger, Prévert, Hemingway.

Em maio de 1968, nas proximidades, um grupo de estudantes e operários usou como QG o Teatro Odeon, num dos importantes momentos da história revolucionária da França. O espírito local não destoava, visto estar próximo ao Le Procope - bistrô com mais de trezentos anos, frequentado pelo ilustre provocador Voltaire<sup>187</sup>.

Em Porto Alegre, os cafés também faziam história e consagrariam lugares que guardariam suas memórias. Com o desenvolvimento da cidade, não só na sua área “baixa”, mas também na “alta”, conflagrada pelo Centro, havia concentração de espaços de desordens. Instaurados na Cidade da Ordem, estes pequenos lugares desenvolveram-se no período noturno, dando lugar à quebra de conduta dos pais de família. Também havia lugares de boemia.

Conforme Telles<sup>188</sup>, o primeiro local do qual se tem registro sobre a boemia em Porto Alegre era a Praça da Harmonia, onde no fim de século XIX fora construído um local para patinação. Era muito concorrido aos domingos, por ali desfilarem o “*belo e o feio sexo da cidade*”<sup>189</sup>. Era o ponto de encontro, das “paqueras” e dos namoros.

Próximo à pista de patinação surgira um botequim que, após a decadência do esporte, continuou a existir sendo o ponto preferido dos que “*gostavam de beber o seu ‘chopp’ gozando a brisa fresca do rio e admirando o pôr do sol no Guaíba*”<sup>190</sup>. Não é especificado se seu uso seria diurno e noturno, porém sabe-se que a praça também servia, à noite, para encontros amorosos, que a transformaram em “*divãs de serralho ao ar livre*”<sup>191</sup>.

A Praça transformara-se no QG da boemia porto-alegrense. Poetas, intelectuais

<sup>187</sup> NEVES, Nicolau G. Encontrando Paris. Estilo Zaffari. Porto Alegre, ano 7 n°. 3, Fevereiro de 2005.

<sup>188</sup> TELLES, Leandro Silva. Crônica das ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: Gaplam, 1971. p.38-40

<sup>189</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940 apud TELLES, Leandro Silva. Crônica das ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: Gaplam, 1971. p.39.

<sup>190</sup> TELLES, op. cit., p.39

<sup>191</sup> PORTO ALEGRE, loc. cit.



passaram a frequentá-la, por volta de 1918/1920<sup>192</sup>. De acordo com Achylles Porto Alegre, por volta de 1890, existia, em Porto Alegre, um único “café” situado na Rua Nova, com o pomposo nome de Café da Fama<sup>193</sup>. De dia ninguém da cidade o frequentava, sequer para tomar uma xícara de café ou um copo de leite. Somente “forasteiro vindo de terras mais cultas”. Pessoas conhecidas esperavam que a noite caísse para ir até lá, visto que naquela época havia uma séria prevenção contra as casas de negócio deste gênero, consideradas “malditas”. Quem fosse de dia, ficava mal visto; perdendo “conceito das pessoas sérias”. “Um ‘café’ era casa suspeita, um foco de perdição...”<sup>194</sup>. O nome sugere, inclusive, que aquele que o frequentasse herdaria a fama.

O café não tinha o mesmo prestígio que obteria já em 1940, como um ponto de reunião e de palestra, onde se encontrava “gente fina de monóculo e flor ao peito, para discutir política, literatura e todos os assuntos que surgem à tona da publicidade”<sup>195</sup>.

Nesta época, o “Café” era o ponto de reunião dos intelectuais, dos jornalistas, dos artistas e dos políticos. Local onde se consagravam os mais arrojados planos literários, artísticos e administrativos. Onde eram concebidos poemas, romances, artigos, crônicas. Local onde eram “arquitetadas” revoluções e deposições de governo.

Eram redutos de sociabilidades masculinas. As mulheres eram admitidas nas confeitarias, mas estas, sem dúvida, pertenciam ao círculo das “elegantes” e andavam sempre acompanhadas, o que garantia a idoneidade de seu discurso e o controle de seus atos (ou a cumplicidade nos mesmos). Clubes ou teatros funcionavam como uma extensão do domínio privado burguês<sup>196</sup>. Cafés e restaurantes eram vivenciados, com a intocável moralidade do interior residencial, com comportamentos dignos da boa conduta familiar.

Além de Telles<sup>197</sup> e Achylles<sup>198</sup>, Vedana<sup>199</sup> também escreveu sobre a boemia de Porto Alegre, narrada através dos músicos e dos pontos de encontro, citando outras “casas” e suas localizações na cidade: bares, cafés, boates e *dancings* de 1910 a 1960, aproximadamente. Com temporalidade diferente dos autores supracitados, apresenta em seu trabalho muitos outros lugares boêmios, devido ao grande crescimento da Cidade entre as publicações e/ou

<sup>192</sup> Ibid., p.40

<sup>193</sup> Ibid., p. 64-65

<sup>194</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940, p. 64.

<sup>195</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. História Popular de Porto Alegre. 1940, p. 64.

<sup>196</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. p.85.

<sup>197</sup> TELLES, Leandro Silva. Crônica das ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: Gaplam, 1971, passim.

<sup>198</sup> PORTO ALEGRE, 1940, passim.

<sup>199</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. passim.

períodos descritos por estes autores. Vedana permite fazer, através da localização destes locais, a identificação de zonas consolidadas como lugares de “Alta” e “Baixa” Boemias – categorização baseada em informações orais dos depoentes - recuperando parte do cenário urbano destas práticas. Também serve de fonte de consulta para complementação/validação e questionamento dos testemunhos dos depoentes em suas falas.

Para ilustrar este processo, este capítulo busca recuperar a história do desenvolvimento das áreas boêmias de Porto Alegre através do seu imaginário, memórias, testemunhos e discursos, numa trajetória que não visa recuperar a história de cada bar, boate, espelunca ou cabaré (até porque os frequentadores não lembram muitas vezes o nome ou a localização dos mesmos, enfatizando a distância temporal transcorrida neste resgate precioso e precário - pelos enganos destas memórias ricas, mas cansadas), mas das zonas as quais pertenceriam, e o seu público usuário ou espectador, classificado conforme sua zona de atuação, como públicos da “alta” ou “baixa” sociedade, julgados por: símbolos, comportamento, aparência e pela frequência ao local, também caracterizada como “altos” e “baixos”, de “Alta” e “Baixa” Boemia, respectivamente.

#### 4.2 A BOEMIA EM PORTO ALEGRE: “BAIXA” E “ALTA” BOEMIAS

Porto Alegre teria consagrado sua boemia de duas maneiras distintas nas duas diferentes partes da cidade. Desde a fundação da mesma, que já havia separado os ricos e os pobres, os brancos e os negros, a partir da topografia e da qualidade e das condições de habitabilidade do sítio, consolidou um núcleo central urbano, que desenvolveu-se culto, rico e considerado, de fato, a “sociedade” local, na parte norte do sítio. Ao sul, apenas agricultores, pobres e, posteriormente, negros libertos o habitaram. Tratava-se de região desprivilegiada em todos os sentidos, cuja população ajustou-se às miseráveis condições locais e tratou de sobreviver.

Conforme inúmeras passagens citadas e demonstradas com citações de periódicos locais, Franco fala sobre a instalação, no Centro Urbano, de um uso diurno e noturno de espaços de lazer. Durante o dia, desenvolvia-se uma sociabilidade masculina, ao amanhecer nos cafés, geralmente situados nas esquinas. Ao longo de todo o dia, havia movimento masculino nestes locais, visto que eram considerados pontos de encontro para discussões políticas e encontros sociais diurnos. Programas femininos eram desenvolvidos em visitas a lojas e tecidos, de perfumes, bombonnières e lojas de eletrodomésticos (grandes novidades àquela sociedade). Programas familiares se desenvolviam em casas de chás, incluindo pais e

filhos. À noite, apenas os programas masculinos eram autorizados. Ocorriam em casas de shows e espetáculos, com músicos locais e vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, muitas vezes com dançarinas e artistas locais e vindas destes mesmos locais. Esta era considerada uma “Alta Boemia”.

Em alguns casos, desenvolviam-se práticas masculinas socialmente aceitas pela sociedade da época e, apesar de sabida, muitas vezes não suportada ou tolerada pela mulher, era feita de maneira escondida ou, pelo menos, não visível aos olhos do sagrado reduto familiar. Tratava-se do deleite e da fruição da noite, pela sociabilidade masculina, de alguns locais de shows, onde havia bailarinas e artistas mulheres. Conforme alguns músicos locais, as artistas vestiam-se com roupas aos moldes do estilo das danças que executavam ou mesmo trajas mínimos. E raramente um nu, no máximo um topless. Era uma boemia considerada “Alta” – muito pela distinção social, econômica e de influência de seus frequentadores do que por suas práticas, em si.

Conforme os mesmos depoentes, havia também uma prática não-familiar<sup>200</sup>, aqui considerada como uma “boemia”<sup>201</sup>, que incentivava e proporcionava práticas com bebida e fruição e consumo de prostituição - era a (des)classificada “Baixa Boemia”.

Primeiramente implantada e reconhecida no cinturão pobre e marginal que se consolidara ao redor do Centro, esta boemia herdou ou foi, de fato, determinada por características intrínsecas do bairro que fora seu precursor, desde a fundação da Cidade e que garantia a fixação de população pobre, em seus “baixos” campos por ter cota baixa, e por ser área de recebimento das águas pluviais descidas do alto da Rua Duque de Caxias e da Avenida Independência (a Alta Cidade), que percorriam o atual bairro Bom Fim e que concentravam-se na região da Várzea – que, por falta de declividade do relevo destas terras e das áreas da Cidade Baixa atual, em direção ao rio, acabavam impedindo o escoamento destas - empoçando-se e tornando-a úmida - um foco de disseminação de mosquitos e insetos.

A área também era alagadiça, visto que frequentemente era inundada pelo Riachinho (Dilúvio) que margeava a região. Local de inundações frequentes, seu território teria pouca salubridade fator determinante para o pouco interesse no desenvolvimento de construções nesta região. Junto a isso, o forte vento sul que castigava aquelas terras úmidas teria sido mais um fator a incentivar a instalação da parcela pobre da população. E com esta “baixa população” teria se desenvolvido uma “Baixa Boemia”.

---

<sup>200</sup> Que eles não aceitavam diretamente como boemia por ser classificada como uma ação baixa

<sup>201</sup> Para fins comparativos, onde se leiam as práticas que envolvem programas com bebida, música e frequências femininas com tema lúbrico.

Ao longo de décadas, a “Alta Boemia” foi reconhecida como uma prática usual no Centro – enquanto que a baixa era atribuída à “Baixa Cidade”. Esta incluía o atual bairro Cidade Baixa e os limites dela com o Bairro Bom Fim, junto à Cadeia situada à entrada da Cidade pela atual Avenida Salgado filho, ao lado do Quartel do 8º, junto ao Largo do Portão (figuras 24 e 29) – área que acabou conhecida e amaldiçoada por casas de tolerância e, ainda, a área correspondente ao próprio Bom Fim – área de concentração de cortiços (figuras 29 e 30).



Figura 29 – Avenida João Pessoa vista da Várzea. 8º Batalhão.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS



Figura 30 – Panorâmica do Alto da Colônia Africana à Várzea.  
Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Espetáculo da Rua. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996. p.55.

Nesta área e pelo resto do Bom Fim e áreas próximas, como o atual bairro Rio Branco (na época conhecido como Colônia Africana – figura 30), também teria se desenvolvido uma “baixa boemia”. Ali, por volta de 1928, teria atuado um dos grandes músicos porto-alegrense: Marino dos Santos<sup>202</sup>.

Este músico, caracterizado por Vedana como uma pessoa muito simplória, teria tido contato com um dos mais bem renomados músicos locais - Paulo Coelho - que tocava nas maiores e mais prestigiadas casas noturnas de Porto Alegre. Marino já aponta a diferença que existia entre “alta” e “baixa Boemia”, naquela época: “Eu tinha até vergonha de conversar com ele (Paulo Coelho), pois me sentia inferiorizado em virtude de ele tocar nas melhores casas do Centro da cidade, e eu, na periferia...”.<sup>203</sup>

As atividades “baixas” percorreriam decênios, até que o urbanismo se encarregasse de incentivar, eliminar, modificar estas práticas sociais pouco saudáveis à sociedade, num saneamento social que viria a extingui-las. Algumas reformas urbanas, justificadas em discursos de salubridade ambiental, para melhoria da ventilação e arejamento da cidade, evitando aglomerações e disseminação de doenças, efetivou um saneamento “moral” na cidade, eliminando alguns agentes sociais da cena urbana. Os becos, alargados para a construção de ruas e avenidas, são exemplos disso (figura 31).



Figura 31 – Rua Caldas Júnior, em foto do início do século XX, já foi Beco do Fanha. Acervo MJJF/FSB. Fonte: CEEE. História ilustrada de Porto Alegre. Porto Alegre: Já Editores, 1997. p.46.

<sup>202</sup> “Marino dos Santos tocou muito tempo nos bailes da Colônia Africana” in: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.27

<sup>203</sup> Ibid., loc. cit.

Por ser o Centro o local de concentração da “alta sociedade” e lugar de referência às práticas lícitas e socialmente aceitas, seria em sua área mais nobre – junto à área comercial consagrada às proximidades da Alfândega e de sua famosa Praça – o ponto do *footing* e local de desfile dos solteiros (moços e moças) da alta sociedade à procura de bom casamento. Ali a “alta boemia” se instalaria.

Antes de ser completamente apreendida como “lugar maldito”<sup>204</sup>, a área do então Campo da Redenção teria sido visitada pela “alta sociedade”. Esta teria descido a crista do espigão que consolidara a Rua Duque de Caxias e a Avenida Independência, para usufruir da grandiosa Exposição de 1901, Comemorativa do Centenário, que contava com espaços de socialização para a burguesia em plena Várzea por ocasião do evento. Teria sido ali construída edificação para restaurante de alto nível econômico, conforme foto a seguir (figura 32).



Figura 32 – Restaurante na Várzea, primeira década do século.

Fonte: CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane. Porto Alegre – de Aldeia à Metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992. p.87.

No início dos anos 20 do século passado, os músicos passaram a se reunir na parte de cima da galeria do Café Colombo (na Rua dos Andradas, esquina da Rua Gen. Câmara – onde até pouco tempo atrás se localizava a lanchonete Ribs<sup>205</sup>), onde fundaram o Centro Musical Porto-Alegrense. Neste tempo, os músicos trabalhavam nos cinemas locais e já formavam

<sup>204</sup> PESAVENTO, Sandra. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: Revista Brasileira de História. 1999. São Paulo, v.19, n°. 37, p-195-216.

<sup>205</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.53

uma pequena sinfônica para acompanhar óperas e operetas. Também teriam iniciado os trabalhos em cafés-concertos, que começavam a surgir em Porto Alegre.

Vedana já contava em seu livro sobre a atuação dos grupos de música arranjada, em meados dos anos 20. Além de diversos instrumentos de sopro, bateria baixo, banjo, pandeiro, afoxé ou ganzá, tinha o cantor, que desempenhava seu ofício sem microfone. Posteriormente seria incluído o megafone nas apresentações, rapidamente substituído pelo microfone (novidade sensacional importada dos Estados Unidos), que chegara primeiramente à Sociedade Gaúcha, no bairro Moinhos de Vento, em 1927.<sup>206</sup>

Ao final dos anos 20, todo bom cinema tinha um pianista para acompanhar, ao vivo, o desenrolar do filme, tocando as músicas conforme a trama. Nesta época seria efervescente a atuação musical junto ao antigo Auditório Araújo Viana, no alto da Rua Duque de Caxias (figura 33).

Nesta época, o lazer do público da alta sociedade era desenvolvido em áreas que se consagraram como “pontos de encontro” dos músicos. Esta área, caracterizada pelo bom comportamento e moralidade, conformou um grande território musical que recebia a alta sociedade.



Figura 33 – O auditório Araújo Viana.

Fonte: Ramos, Paula (org.). *A madrugada da Modernidade* (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora Uniritter. 2006. p.17

---

<sup>206</sup> VEDANA, Hardy. *Jazz em Porto Alegre*. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.18-20.

A sociedade exercia suas atividades de lazer nos espaços públicos abertos e fechados (figuras 34 e 35). Os espaços públicos abertos eram configurados em Praças e Parques, onde eram ocorriam a “paquera” e os passeios, sempre supervisionados por olhos atentos de mães ou tias – para controlar qualquer “avanço de sinal” juvenil, ou seja, qualquer comportamento não autorizado ou previsto em regras de conduta social (figura 34).

Os ambientes fechados frequentados eram: teatros, cinemas, confeitarias (para a família ou casais – figuras 35, 36 e 37), as boates ou cabarés (para casais, no máximo).



Figura 34 – Footing das “beldades” pela cidade.  
Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas  
Graphicas da Escola de Engenharia de Porto  
Alegre. Ano 1, n. 4, 1926. p. 14

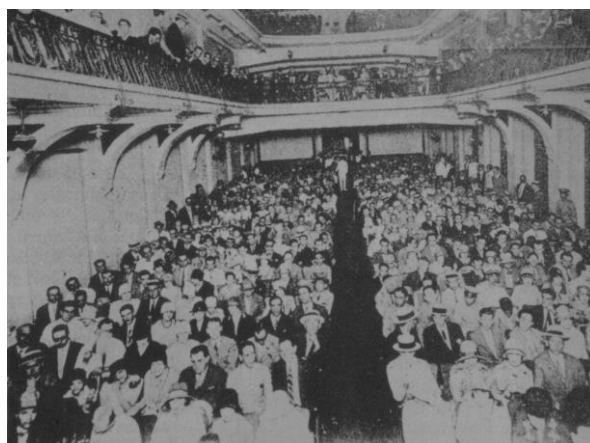


Figura 35 – O interior do Cinema Central no final  
dos anos 20.  
Fonte: CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane.  
Porto Alegre – de Aldeia à Metrópole. Porto  
Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História,  
1992. p.103



Figura 36 – A Galeria dos Espelhos da Confeitaria  
Colombo.  
Fonte: Ramos, Paula (org.). A madrugada da  
Modernidade (1926). Centro Universitário Ritter  
dos Reis. Editora Uniritter. 2006. p.75.



Figura 37 – Reunião Dançante na Confeitaria  
Rocco, anos 30.  
Fonte: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre.  
Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 110.

Já os cafés eram exclusivos da sociabilidade masculina e, como já dito, considerados lugares “malditos”, ao final do século XIX. Ao longo dos anos, conquistariam o respeito da



sociedade como local de discussão, encontro e política, tendo, inclusive, um grande reconhecimento social.

A boemia, na Cidade, se dava à noite. Ao final da tarde, nos teatros, cinemas, casas de chá, cafés e alguns bares. À noite, nos bares, cabarés, boates e *dancings*, dentre outros, conforme publicidade local (figura 38).

Dentre as confeitarias (figuras 39 e 40), nenhuma deixava de destacar a elegância, glamour ou pompa de desfrutar de seus espaços ou guloseimas.



Figura 38 – Anúncio do “Centro dos Caçadores”.

Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 4, 1926. p.32



Figura 39 – Anúncio da “Confeitaria Rosiclér”.

Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 1, 1926. p.33



Figura 40 – Anúncio da “Confeitaria Colombo”.

Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 1, 1926. p.34

Teatros também eram espaços de sociabilização da “alta sociedade”. Programas de casais e famílias, o teatro era ambiente que podia ser frequentado com reputação ilibada (figura 41).



Figura 41 – Anúncio do “Theatro Coliseu”.

Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 1, 1926. p.7

Outros tipos de comércio que despertavam o desejo de consumo e que eram lugares frequentados pela “alta sociedade” eram lojas de tecidos, que traziam as novidades de outros lugares do mundo, ou outros locais frequentados pela sociedade, cujos proprietários se encarregavam de viajar e trazer novos “cortes” de tecidos e demais objetos de desejo de consumo feminino (como perfumes, geralmente franceses ou joias), para serem comprados por seus esposos e por elas apreciados. Com o mesmo público, as lojas bebidas importadas (figura 42), principalmente francesas e de maquinário inovador, geralmente alemão, dividiam as páginas de revistas de costumes, da época.



Figura 42 – Anúncio do “Armazém Apollinário”.

Fonte: Revista Madrugada. Porto Alegre: Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 1, 1926. p.6

Dos anos 20 a 40 do século XX, os cafés alcançariam o máximo grau de reconhecimento. Nesta época, surgiram vários, distribuídos pelo Centro. Vedana fez um levantamento empírico de seus locais e cita a posição aproximada de alguns deles em seu livro. Os localizáveis foram mapeados e encontram-se zoneados em mapa a seguir (figura 43), de forma a ilustrar esta distribuição.



Figura 43 - Mapa dos Cafés: de 1910 a 1960. Marcação dos lugares baseada em informações do livro de Hardy Vedana<sup>207</sup>.

Fonte: Acervo da Autora. Base: Mapa Histórico de Porto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do Sul, Organizada e Desenhada por A. A. Trebbi. Livraria do Comércio. Souza & Barros. 1906. Fonte: Acervo Histórico do Setor de Mapoteca. Secretaria de Planejamento Municipal.

Dentre eles, identificam-se Café Colombo (figura 46) e Café Guarani (1920) (figura 45), Confeitaria Rosiclér (1926 a 1930), Café A Barrosa (1927), Café Independente (1928 a 1932), Confeitaria Central (1930), Bar Americano (1930), Café Paulista (1930 a 1932), Restaurante Munchner Kindl (década 30), Café Vera Cruz (1932), Café Rosiclér (1932 a 1933), Café Central (1933), Café Flórida (1938), Bar Danúbio (década 40), Confeitaria Bar Balú (1943), Café Natal (1945), Café 17 (1946), Café Gaúcho (1947/48), Café Cinelândia (1948/49). As décadas seguintes ainda apresentariam alguns novos exemplares, como o Café Nacional 17 (1950) (figura 46), Confeitaria Cacique (1959 a 1961), Indiana (1950), Salão de Chá das lojas Renner (anos 50), conforme lista de endereços no Apêndice B.

Às voltas da Praça da Alfândega, onde se concentrava a “alta sociedade”, ficava a esquina mais destacada pelo uso predominantemente masculino: a Esquina da Rua da Ladeira com a Rua da Praia (figura 47). Ali se estabeleceram os cafés mais concorridos da Cidade.

Conforme o mapa baseado no levantamento de Vedana, pode-se notar grande concentração deles às proximidades da Praça da Alfândega, ao longo da Rua da Praia e Sete de Setembro e às proximidades do Mercado Público.

<sup>207</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.52-64



Figura 44 – Café América.

Fonte: Atlas Ambiental de Porto Alegre.



Figura 45 – Interior do Café Guarany, na Rua da Praia, 1920.

Fonte: CARNEIRO, Luiz Carlos; et al. Porto Alegre: de Aldeia à Metrópole. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992. p.79



Figura 46 – A Rua da Praia, esquina com a Rua da Ladeira, 1931. (dir. Café Nacional, esq.: Café Colombo).

Fonte: Ramos, Paula (org.). A madrugada da Modernidade (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora Uniritter. 2006. p.35



Figura 47 – Praça da Alfândega.

Fonte: Acervo do Museu da UFRGS.

No Mercado Público, bares com música ao vivo só começaram a surgir na década de 40. Até então, o Mercado consagrava área pouco nobre.

O Centro, em geral, oferecia lugares “mal frequentados”. Não tão longe do “glamouroso” *point* da Praça da Alfândega, o Mercado Público apresentava lugares como Treviso (1922-1970), Guaraxaim e Gambrinus (desde 1889), que eram bem frequentados, mas também os bares “marginais”, que literalmente ficavam “à margem” do rio, beirando o porto e ao acesso imediato de estivadores e demais mãos-de-obra portuárias, além de trabalhadores da construção civil, bastante recorrentes na região (próspera na elevação dos novos arranha-céus da cidade); “à margem” do Mercado, visto que se situavam ao andar térreo do mesmo, em sua parte mais “baixa” (localização que, necessariamente, não diminui o valor de sua frequência, visto que outros bares da “alta sociedade” dividiam a base da mesma edificação, e sim o

público “marginalizado” que o frequentava – que não tinha muito “trato” na “lida” com os demais usuários, tornando estes locais “perigosos”, principalmente porque a solução para discussões e pequenos desentendimentos era feita “à força”. Ofensas geravam violência, com soluções “à bala”, ou “à facadas”, ou, ainda, por força física, “à mão”).

E não eram somente bêbados. Sóbrios, mas de baixa extração social e/ou pouca capacidade de sociabilização, com baixa autoestima e/ou necessidade de afirmação, estimulavam a “prova de masculinidade” ou virilidade, à força ou à arma.

Tinha o “Naval” (desde 10/05/1907). Dava baleada para todos os lados. Na volta do Mercado Público. Tinha dois ou três (outros bares de mesma estirpe). Era a vida noturna ali... Bebida... Era marinheiro, taipeiro... Era garrafada. Tinha que se cuidar lá. Bons músicos, solistas, trombones de vara. Samba de breque. Trombone... Saxofone... Bateria... (informação verbal)<sup>208</sup>

Porém pelo Centro, até então comentado, também havia se consolidado uma “Baixa Boemia”. Por seu território havia espalhados alguns “inferninhos” – casas de programa com prostitutas (ou damas, como eram chamadas). Nestes, a sociabilidade também era reduzida e exclusivamente masculina. Porém estes não faziam parte da “Cidade da Ordem”, mas da desordem. Eram “lugares malditos”. Por esta época, casarões que haviam abrigado uma elite que já havia migrado da região central aos altos da Independência e/ou Moinhos de Ventos, eram apropriados por proprietários de Casas de Shows e Cabarés, como os da Rua Voluntários da Pátria e Avenida Farrapos (figura 48).



Figura 48 – Rua Voluntários da Pátria, início da década de 20 do séc.XX.

Os casarões onde se desenvolviam os grandes cabarés e boates noturnas. Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatayh (coord). O Espetáculo da Rua. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1996. p. 21.

<sup>208</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

Na década de 30, a cidade sofre modificações, por ocasião da Revolução. Getúlio Vargas toma posse no Palácio do Catete e fecha algumas e abre outras casas com música ao vivo.

Nesta época, novamente a “alta sociedade” desceria à “Baixa Cidade”. Neste período, pelo evento da Exposição de 1935. Uma das atrações era o cassino para diversão da população, instalado na Várzea.

Com a Exposição do Centenário Farroupilha no Parque da Redenção, em 1935, construí-se um cassino em forma de navio, cujo sucesso foi sem precedentes. Quem lá tocou, vinda de São Paulo, foi a orquestra de Clóvis Maméde (pistão e bandoneón).<sup>209</sup>

Os anos 40 teriam sido coroados de êxitos e grandes progressos. A Cidade crescera fortemente na década anterior, em todos os setores, como demonstrado nos gráficos das figuras 49 a 51.

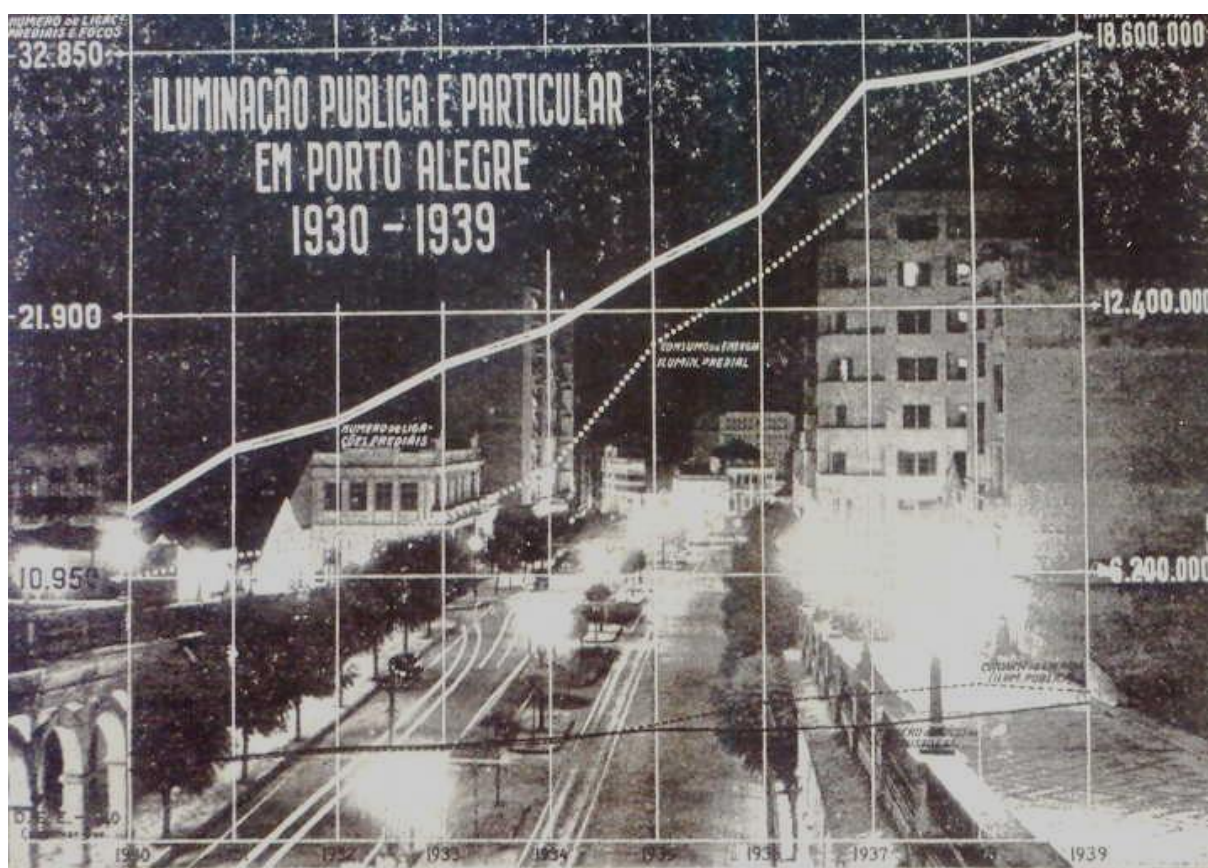


Figura 49 – Iluminação Pública e Particular em Porto Alegre de 1930-1939.

Fonte: Acervo do Museu da UFRGS.

<sup>209</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.119

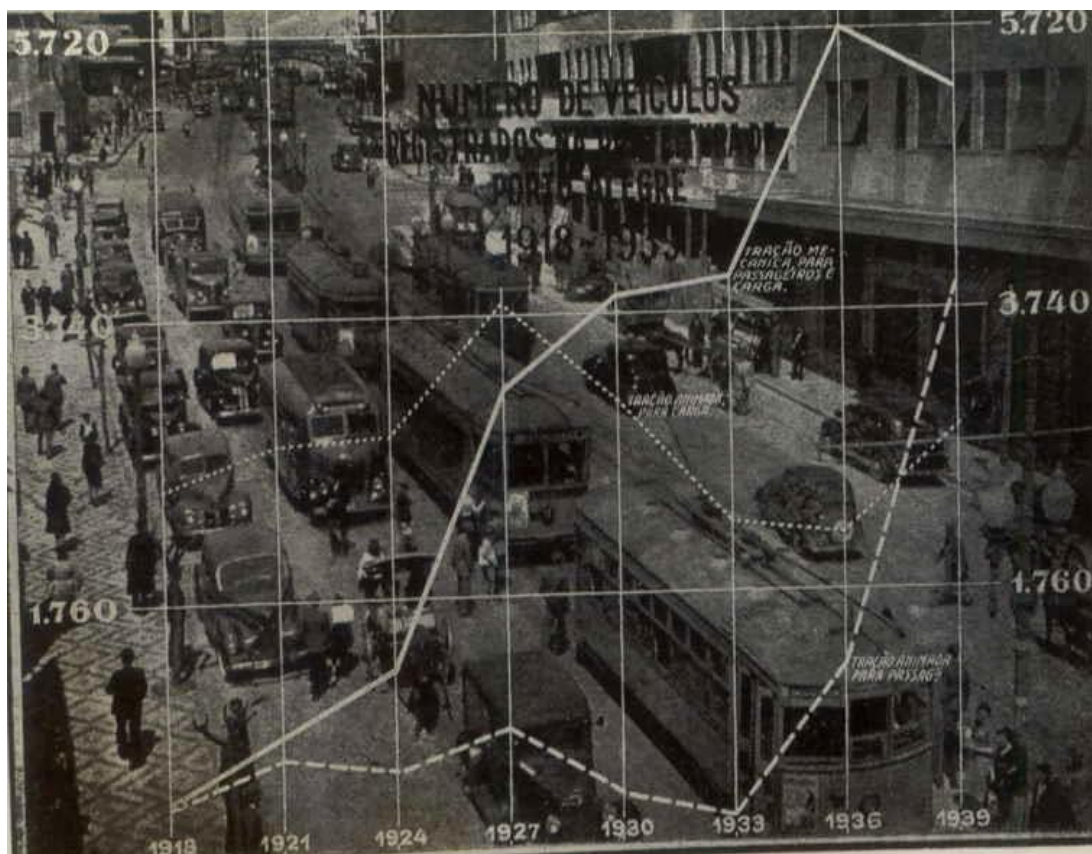


Figura 50 – Número de veículos registrados na cidade de Porto Alegre de 1930-1939.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS.



Figura 51 – Movimento de Bondes em Porto Alegre.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS.

Nesta época, os músicos tiveram bastante trabalho. Seus serviços abasteciam desde as casas de chá até os teatros e cinemas, nos quais, antes da chegada do cinema sonoro e das gravações de som, reproduziam trechos musicais de suspense, alegria, tristeza a complementar o cinema mudo. Com o advento do cinema sonoro, instalara-se a primeira grande crise musical em Porto Alegre: os músicos começaram a ser dispensados.

No governo repressivo do Marechal Dutra, na década de 40, os cassinos e, posteriormente, os cabarés foram fechados. Os músicos que trabalhavam nestes estabelecimentos e que não tinham trabalho nas rádios locais ou em clubes ficaram desempregados. Fora a segunda crise no setor musical. Com o advento da televisão, apesar do grande *cast* musical e prestígio entre os ouvintes, as três grandes emissoras da época: Rádio Gaúcha, Difusora e Farroupilha (em ordem de importância) acabaram entrando em declínio, e substituindo os músicos por discos ou fitas gravadas. “Tava começando a televisão. Isso era 40 e... 50... 51... 53... 54...” (informação verbal) <sup>210</sup>

Assim os músicos migraram para a TV, pelo menos até estas começarem a passar somente programas feitos no centro do país, dispensando-os. Fora a terceira crise.

Nesta época, os locais contratavam os músicos para terem som “ao vivo”. Recém estava chegando a “vitrola”, e as músicas eram executadas ao vivo, em alguma casa de shows, ou pela orquestra, primeiramente difundidas pelo rádio e, posteriormente, com o advento da televisão, passadas pela mídia.

O advento dos equipamentos eletrônicos acabou por prejudicar a profissão do músico. Com a instalação da TV, as pessoas começaram a sair menos de casa e a procurarem nos programas o entretenimento que buscava nas casas noturnas. Também o surgimento dos equipamentos de som e reprodutores de discos os faliu. As pessoas começaram a adquirir discos e a ir cada vez menos aos shows. As casas de eventos começaram a se modernizar e adquirir estes equipamentos elétricos, atraindo o público, além de economizarem no cachê, pois não precisariam mais ter contratados os músicos como profissionais<sup>211</sup>.

Além disso, com o advento da TV, as emissoras começaram a montar suas próprias orquestras e os músicos ou eram contratados por elas ou teriam que arranjar onde tocar, pois as casas noturnas já estavam os substituindo por equipamentos. Os músicos estavam sendo descartados.

Nesta época a seresta estava proibida pela polícia e, se um conjunto de músicos fosse flagrado tocando, era prisão na certa. “De vez em quando um guarda-noturno os pegava, mas,

---

<sup>210</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>211</sup> Como na época, quando os músicos tinham carteira assinada, salário, folga semanal, pagamento dobrado em feriados e domingos, férias, 13º salário, etc.



ao invés de prendê-los, tão embevecido ficava com os choros e valsas que acabava entrando na farra também”.<sup>212</sup>

As serestas normalmente eram feitas de surpresa na casa de um amigo. “Eu vi serenatas. Eu participei de serenatas na rua...” (informação verbal)<sup>213</sup>

Os anos 40 começariam a definir uma diferenciação na boemia da Cidade.

A partir de 1941 – após a morte do consagrado músico Paulo Coelho, “[...] a cidade perdeu também o Café Colombo, o Rosiclér, o Vera Cruz, o Florida, o A Barrosa, o Americano, o Central, o 17 e o Indiana (depois, no mesmo lugar, veio o Ryan, porém não mais com música)”<sup>214</sup>.

Apesar de relevantes perdas, o Centro preservaria suas áreas boêmias com os respectivos caracteres intactos. A Praça da Alfândega, onde se concentrara a movimentação social preservava os grandes *points* de alta boemia noturna: seus próprios bailes noturnos, que ocorriam no espaço da Praça, os bailes da Sala dos Espelhos e do Salão Nobre do Clube do Comércio e o programa à saída dos Cinemas nos “altos” bares do Mercado Público (como no restaurante Guaraxaim).

Os cinemas também se tornariam atrações na época: Cinema Central, Guarani, Imperial, Vera Cruz, Capitólio, Marabá, Avenida, Teatro Continente, Cine-Teatro Coliseu, preenchiam as tardes porto-alegrenses com suas matinês, acompanhadas por orquestras dos renomados músicos locais.

A área próxima ao Mercado também se preservava, alastrando, ainda, outros focos famosos de prostituição e violência, frequentados por gente de “baixa estirpe”:

Não falavam do Cabaré da Otávio Rocha? Era perto do Hospital Ernesto Dorneles. Sai atrás da... RBS. Era meio torta a rua. Entrava por um lado, saía pelo outro. Ali era pesada a coisa. Não podia entrar de sapato. Podia entrar de alpargata, chinelo, tênis... Não podia entrar de sapato porque era muito luxo... Entrava sapato branco com bico preto, lencinho de seda no pescoço... Seda bem natural... Para defender o pescoço. Seda bem natural. Pra não pegar na jugular. To falando... Era baixa, mesmo... era baixa a coisa. A gente ia lá só pra espiar... pra ver... mas era engraçado. Era uma diversão... gente menos favorecida... mas é normal... A vida, assim... A evolução... às vezes para pior e às vezes para melhor (risos) (informação verbal)<sup>215</sup>

Porém, nesta época, a burguesia migrada da Rua Duque de Caxias para a Avenida Independência já consolidara um território de alto poder aquisitivo em zona nova da cidade, que, por necessidade, já apresentava alguns locais de lazer para esta população. Um destes

<sup>212</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.16

<sup>213</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>214</sup> VEDANA, op. cit., p.42.

<sup>215</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

lugares é o Clube da Chave<sup>216</sup>.

Com relação ao urbanismo, além de questões de ordem espacial e arquitetônica, questões sociais foram preponderantes na criação de uma “Alta Boemia”, instalada à “Alta Cidade”, junto à “alta sociedade”.

No final dos anos 20 começava o adensamento do recém entregue bairro Moinhos de Vento, em novíssima zona nobre de Porto Alegre, mas algumas residências já começavam a ser construídas desde o início do funcionamento da Hidráulica Guaibense (1891)<sup>217</sup>. Nesta região, instalaram-se serviços de lazer, comércio e vida noturna para atender o público local.

Dos anos 30 até meados dos anos 60 do séc. XX, ocorria uma efervescência musical pela cidade. Zonas de bares nos bairros Cidade Baixa e Independência faziam o espaço de socialização. Eram salas de estar de residências antigas que, adaptadas a novos usos, passam a comportar a sociedade, fazendo de seus espaços internos, lugares de recepção de amigos.

Na Cidade Baixa, este lazer já era bastante antigo. Desde o surgimento da cidade, locais de boemia noturna já eram descritos e temidos na região, pela péssima imagem de beerragem, vagabundagem, perigo.

A década de 40 viria a consagrar estas diferenças, potencializando dois polos de bares bastante distintos. Estes lugares separariam a "alta" e a "baixa" boemia de Porto Alegre, novamente, na “alta” e “baixa” cidade.

Em busca de espaço para tocar e exercer o prazeroso ofício que lhes garantia “fidelidade” quase “religiosa” na boemia, os músicos acabaram por montar seus próprios bares. Por não disporem de muita condição econômica para investimento, acabaram por procurar zona barata para instalar seus pontos noturnos, em busca de público para mantê-los operantes.

Assim, começaram a buscar espaço nos lugares menos nobres, mas que também contavam com público para a boemia. O espaço encontrado para a instauração de seus serviços teria sido o sítio mais fértil à prática desejada: era a Cidade Baixa.

Ali, onde desde a fundação da cidade teriam se instalado os excluídos sociais e pobres – famoso lugar de baixa boemia, prostituição e crimes – seria o lugar que teria recepcionado a leva de músicos descartados pelos avanços tecnológicos que a grande capital e “Alta Cidade”

---

<sup>216</sup> O Clube da Chave era um bar de freqüentadores distintos, cultos, bem apessoados, educados e pertencentes a, pelo menos, uma classe economicamente média. Era categorizado como bar de “Alta Boemia”. Conforme “Entrevistado A”, ficava na esquina da Rua Fernandes Vieira com a Rua Vasco da Gama. Outros depoentes contradisseram sua localização, alegando que a mesma fosse em outra rua paralela à Rua Fernandes Vieira com a Rua Vasco da Gama.

<sup>217</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998. p20

teriam importado às práticas sociais, abrindo mão da cultura local e da altíssima qualidade de seus músicos.

Assim, estes teriam “sobrevivido” pela disseminação de seus serviços por pequenos botecos, bares ou pequenas casas de shows. Casas próprias ou nas quais prestavam serviço, de modo a superar o desemprego – os que não estavam trabalhando em nenhuma rádio, orquestra ou grande casa de evento da Cidade. Ali teria se fortificado um já existente polo boêmio da Cidade, porém com um caráter mais qualificado: teriam o apoio de renomados músicos locais. A década seguinte confirmaria a tradição do Centro e as mudanças dos anos 40.

Entrevistado H: Com 50 anos atrás...

Entrevistado B: Era uma cidade de 500 mil habitantes, talvez 600 mil, uma cidade de um milhão e meio, não tem nada o que tinha na época, em termos musicais né?” (informação verbal) <sup>218</sup>

O Centro permaneceria o mesmo: manteve os locais tradicionais e fortaleceu o núcleo musical da Cidade.

A Rua Voluntários da Pátria, assim como a Rua da Cadeia, da Concórdia e a Praia de Belas, a Pantaleão Telles, a Cabo Rocha, a Andrade Neves, a Siqueira Campos e, por último, a Rua da Praia eram ponto de encontro dos músicos. <sup>219</sup>

A Praça da Alfândega continuava a receber a “alta sociedade”.

Autora: Tudo próximo ali da Alfândega...

Entrevistado B: Ali era o ponto!

Autora: Era a época dos bailes? Essa época que vocês estavam se referindo?

Entrevistado B”: Tudo! Tudo! Os bailes eram nos clubes, não é? Clube do Comércio, Leopoldina Juvenil, Sogipa, que não era lá onde tá hoje [...]. (informação verbal) <sup>220</sup>

Conforme José Rafael Rosito Coiro (71a.) <sup>221</sup>, pesquisador, a Praça da Alfândega teve seus “anos dourados”, onde os jovens todos queriam “furar o baile”. Além dos Bailes da Praça, também era famosos os bailes da Reitoria da UFRGS e as reuniões dançantes das Faculdades. Inclusive, teria sido numa reunião-dançante da Faculdade de Arquitetura que, no

<sup>218</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a., “Entrevistado H” 72<sup>a</sup>, e “Entrevistado C”, 50a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>219</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 13

<sup>220</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>221</sup> José Rafael Rosito Coiro In: CAMPOS, Marcello. A Porto Alegre dançante dos anos 50. Os anos dourados dos bailes em Porto Alegre. Publicado em 9/5/2005. Disponível em: <<http://www.guaiba.com.br/reportagens.asp?id=240>>. Acesso em: 10/09/2007

ano de 53, a 17 de maio de 1953, teria se apresentado pela primeira vez o conjunto de Norberto Baldauf, que era o mais antigo grupo brasileiro em atividade com membros originais, até o final da coleta do material da pesquisa.

Os arredores do Mercado Público e seus interiores mantinham a “aura maldita”.

Subia a parte de cima tinha o “Graxaim” (Guaraxaim) que era no Mercado Público. Dali saía 4, 4 e meia da madrugada... e iam jantar no Graxaim (Guaraxaim)... moças, bailarinas... Casais que se formavam na noite. Eu to falando de cabaré de elite.” (informação verbal)<sup>222</sup>

Em levantamento ao livro de Vedana<sup>223</sup>, foram constatados 139 pontos de boates e cabarés, de 1920 a 1970, em Porto Alegre. Em detalhamento minucioso, conforme disponibilidade de endereços, foram zoneados estes pontos para saber a incidência deles na área da Cidade. Dos 139 pontos, apenas 4 não tinham o endereço (sequer a Rua). Assim, os localizáveis foram classificados em: pertencentes ao Centro, à Cidade Baixa, “Baixa Cidade” no Bairro Bom Fim (ou proximidades), “Baixa Cidade” no Bairro Independência (ou proximidades), “Baixa Cidade” nas proximidades da Avenida Ipiranga, atravessando-a em direção aos bairros, sendo quais fossem (com alta incidência sobre região da Azenha e Praia de Belas), Zona Norte, Zona Sul e Zona Leste, além dos desconhecidos. (ver Apêndice C)

Conforme citação do próprio autor, existiam algumas áreas bem definidas, com algumas ruas bastante utilizadas para a boemia, que foram categorizadas conforme explanação anterior como forma de medir áreas urbanas:

Nesta cidade, as Ruas que fizeram sucesso com seus estabelecimentos de diversão noturnos, onde os músicos deram parte de seu calor pra dividir os habitués de então eram: Rua Nova (Rua Andrade Neves), Rua da Cadeia (Avenida Salgado Filho), Beco do Oitavo (Des. André da Rocha), Rua Cabo Rocha (Freitas de Castro), Rua Siqueira Campos, Rua Júlio de Castilhos, Rua Benjamim Constant, Rua Praia de Belas, Rua Pantaleão Teles (Rua Washington Luís), e, por último, mais famosa: Rua Voluntários da Pátria (também conhecida como Caminho Novo). Na Rua Aurora, hoje Barros Cassal, existiam dois estabelecimentos com música ao vivo, ambos localizados na quadra entre a Farrapos e Independência; isso também nos anos 20. Um deles chamava Libamba; quanto ao outro, não conseguimos apurar o nome.<sup>224</sup>

Nesta medida foram localizadas pertencentes ao Centro 70 casas noturnas (50,36%). Este percentual altíssimo e dominante na região é explicável pela alta concentração dos lugares de “alta boemia” na Cidade, somado aos cabarés de baixa boemia instalados no local (que começaram a surgir por volta dos anos 1920/30 e que expulsaram a burguesia do Centro,

<sup>222</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>223</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987, p.114-149.

<sup>224</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987, p.114-115.

ocupando seus amplos casarões para shows noturnos); também, somados aos antigos pontos de alta boemia que foram substituídos pelos de baixa, conformando a instauração no local de um polo de “baixa frequência”.

À Cidade Baixa, apenas 3 pontos (2,17%). Destes pontos citados, 2 eram em ponto reconhecido como área baixa da Cidade Baixa: “a Pantaleão”. Como já citado no capítulo 1, “Ir à Pantaleão” significava frequentar os inúmeros bordéis de baixa categoria que proliferavam na região. A Praia do Riacho teria recebido esta denominação, que acabara por referenciar toda esta área e a Rua Major Pantaleão Teles - nome anterior da atual Rua Washington Luís. Nesta Rua teriam sido instalados o “*Swing Star*”, ao número 812 (1956) e a “Churrascaria Natal”, nos anos 70. Ainda na Cidade Baixa, teria sido implantado o renomado “Chão de Estrelas”, na Rua José do Patrocínio (1972).

A baixa incidência de lugares boêmios na área deve estar relacionada ao porte das casas. Em levantamento de Vedana, as casas citadas teriam sido lugares onde músicos locais tocaram – onde havia orquestras locais e/ou dançarinas – o que implica um custo que, possivelmente, os “antros” da Cidade Baixa, instalados na região desde a fundação da Cidade, não chegassem a comportar. O lugar consagrado da prostituição, pobreza e perigo, distribuído em becos mal afamados e malditos, ofertava em pequenas residências à beira da calçada, programas com “horizontais” locais. Um serviço ofertado imediatamente aos passantes, em ruas estreitas, perigosas, mal frequentadas e suspeitas. Não havia sequer estrutura arquitetônica na região para casas de porte maior – que geralmente funcionavam em casarões, que por vezes lhe davam nome, como no caso da boate “Castelo Rosado” (aproximadamente 1950/54).

À “Baixa Cidade” no Bairro Bom Fim (ou proximidades), 4 pontos (2,88%). Já à “Baixa Cidade” no Bairro Independência (ou proximidades), o número era mais expressivo, chegando a 7 pontos (5,03%). Na “Baixa Cidade” nas proximidades da Avenida Ipiranga, contabilizou-se 14 pontos (10,07%). Isso se deveria, possivelmente, aos bares noturnos instalados ao Bairro Menino Deus – de grande fama e qualidade de atendimento, na época – que configurava uma “Alta Boemia” na zona de aterro e arredores – além dos pontos de “Alta” e “Baixa” Boemias instalados nos trapiches à Praia de Belas (conforme depoimentos dos músicos locais).

Na Zona Norte, onde teriam se instalado dois bares de Lupicínio Rodrigues (Boite Vogue, à Avenida Farrapos – 1951 e Clube dos Coroas, à Rua Benjamin Constant, 1890 – nos anos 60), teria se instalado mais tarde um bar que ele teria em sociedade com Rubens Santos (Batelão, à Avenida Cristóvão Colombo – 1973). Esta área configurava altos índices de pontos boêmios, somando um total de 15 casas noturnas (10,79%). O mesmo percentual

coroaria a Zona Sul, mostrando um equilíbrio perfeito entre as duas extremidades da Cidade. À Zona Leste, os números caíam pela metade: 7 pontos (5,03%).

A evidente concentração destes bares no Centro reforça, baseada num prévio levantamento de pesquisa sobre a prática, a alta densidade de locais de boemia na região central da Cidade. Destes pontos, a maioria absoluta era de boates e cabarés de shows e prostituição, com programas com “damas locais”. No Centro, concentrava-se na Rua Voluntários da Pátria, o que evidencia a pejorativa carga simbólica expressa, até os dias atuais, na expressão de “ir à Voluntários”, ou “ir à Volunta”.

Nas demais regiões, não havia tamanha concentração. Na Cidade Baixa, das três casas, duas eram bastante populares: *Swing Star* (Rua Pantaleão Telles, 812 – atual Avenida Washington Luís - entre Espírito Santo e João Manoel) e Churrascaria Natal (Rua Pantaleão Teles, na “Praia do Riacho”), e ficavam à área realmente “baixa” da zona, na região reconhecidamente promíscua do bairro. A outra casa - Chão de Estrelas (Rua José do Patrocínio) - já constituía *point* de boemia com renomados músicos locais, mostrando usos diferenciados, mas de caráter intrínseco à região.

#### 4.3 A BOEMIA E O BOÊMIO

Karl Marx já tecia algum parecer sobre a boemia. Segundo Walter Benjamin<sup>225</sup>, em sua análise sobre a obra “*Les conspirateurs*”<sup>226</sup> de Marx, a boemia estaria ligada ao proletariado, entre conspiradores ocasionais ou de ocasião e sugeria, nas entrelinhas, que ela estivesse sempre vinculada à pobreza ou falta de rumo das pessoas, conforme trecho seguinte:

Com o processo de formação das conspirações proletariadas, surgiu aí a necessidade da divisão do trabalho; os seus participantes se dividiam em conspiradores ocasionais, *conspirateurs d’occasion*, [...] e em conspiradores profissionais [...] As circunstâncias da vida dessa classe condicionam já de antemão todo o seu caráter. [...] A sua existência, individualmente dependendo mais do acaso do que de sua atividade, a sua vida irregular, cujas únicas estações fixas são as tabernas dos vendedores de vinho [...], seus inevitáveis relacionamentos com tudo quanto é gente equívoca, classificam esses homens naquele círculo de vida que em Paris se chama de la bohème.<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX” e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, Flávio R. Walter Benjamin: Sociologia. São Paulo, Ática, 1985. p.30-64.

<sup>226</sup> MARX, K. e ENGELS, F. Resenha de Adolphe Chenu, *Les conspirateurs*, Paris, 1950 apud BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX” e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, Flávio R. Walter Benjamin: Sociologia. São Paulo, Ática, 1985. p.50.

<sup>227</sup> BENJAMIN, Walter. “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, op. cit., p.44.

Na obra “Des classes dangereuses de la population dans les grandes villes, et des moyens de les rendre meilleures”<sup>228</sup>, Benjamin também identifica um posicionamento negativo do comportamento boêmio descrito por Frégier. Este estilo de vida traria uma diferenciação social devido ao alto custo do vinho, aplicado indiferentemente aos de mesa ou mais finos, afetando assim a todas as classes sociais. Portanto, o consumo deste produto estaria imgeticamente vinculado a certo sucesso econômico ou de “investimento”. Mesmo entre os menos abastados, traria “maior conceito” embebedar-se para justificar a posse econômica. Ainda que fosse para “afogar problemas”, o ato traria status e melhorias na autoestima. Por isso algumas pessoas (inclusive mulheres) estariam embebedando-se ou simulando uma embriaguez maior do que a de fato houve, para impressionar os que os observavam à rua:

Depreciativamente, como não se poderia deixar de esperar, Marx fala das tabernas em que o conspirador de nível mais baixo se sentia como que em sua casa.<sup>229</sup> Há mulheres que, [...] não vacilam em acompanhar seus maridos até a barrière [...] Depois, semi-embregados, vão todos para casa, fazendo de conta que estão muito mais bêbados do que realmente estão, para que todos os olhos possam ver que eles andaram bebendo, e não pouco.<sup>230</sup>

A figura do boêmio estaria, historicamente, ligada à imagem de embriaguez e problemas com desilusões amorosas, problemas econômicos, tristezas.

Talvez por isso a grande incidência nos depoimentos coletados nesta pesquisa de uma postura resistente em se reconhecer ou se sentir reconhecido como “boêmio”. Não exclusiva de um único depoente foi a atitude de alegar não conhecer a boemia e de se chatear ou se chocar ao ser julgado boêmio: “Mas por que eu? Eu tenho cara de boêmio? Eu pareço boêmio?”. Coisa pejorativa, mal vista, mal falada. Aquela pessoa que “vive” na noite, cantando, tocando ou dançando... E bebendo, principalmente. Do início ao final da noite.

Mas qual o mal em se dizer boêmio? “Boêmio”, para estas pessoas que se aborrecem com o jargão, é sinônimo de bêbado, vagabundo, baderneiro, irresponsável, à toa...

Então a gente era profissional! Da noite! Não era... Aí vem o tal da boemia que eu te falei, né? O pessoal comenta muito, o Lupicínio, ah o Lupicínio era boêmio! Então o

---

<sup>228</sup> FRÉGIER, H. A. Des classes dangereuses de la population dans les grandes villes, et des moyens de les rendre meilleures. V. I. Paris, 1840. p.86 apud BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX” e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, op. cit., p. 50-51.

<sup>229</sup> MARX, K. e ENGELS, F. Resenha de Adolphe Chenu, *Les conspirateurs*, Paris, 1950 apud BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX” e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, op. cit., p.50.

<sup>230</sup> FRÉGIER, H. A. Des classes dangereuses de la population dans les grandes villes, et des moyens de les rendre meilleures. V. I. Paris, 1840. p.86 apud BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do século XIX” e “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”. In: KOTHE, op. cit., p. 51.

que tu subentende como boêmio? É o cara que vive bêbado? Não era nada disso, ele era um profissional também da música que ele fazia. Então ele andava nos bares pra quê? Pra gente cantá a música do Lupicínio, pra (gente) tocá, que aquilo ia pros direito autorais dele também e pra divulgação do trabalho que ele fazia! Então (ele) sentava com o pessoal num barzinho... Aí tu tá lá com um... ‘-Bota uma cervejinha!’. Eu não bebo! Não bebo! Tomo uma cerveja. Quando é que eu tomo uma cerveja? No verão? Acho que tomo duas garrafas de cerveja no verão todo! De repente, tu entrou num bar, eu tô lá, com um copo de cerveja na frente! Se eu tô com os bebuns perto de mim, eles tomam 5 copos e eu não tomei nenhum ainda, eu faço que tomo, mas não tomo! ‘-Ah o G. (R. P.), é boêmio!’... ‘-Pô eu vi o G. (R. P.), cheio de trago, tomando cerveja!’ (informação verbal) <sup>231</sup>

‘Eram muito mais amigos do Lupicínio que ficavam lá. (No Galpão do Lupicínio <sup>232</sup>). O Lupicínio não ficava lá. O Lupicínio não tinha controle... (sobre o bar)... Ele saía... Tinha gente lá e ele saía nos outros bares... Se tinha boêmios lá, ele ficava lá... Se ficava um boêmio até tarde, ele ficava com ele... Eram mais compositores. Eram pessoas que queriam ver, vê-lo. Eram fãs. O Lupicínio era uma estrela. Queriam mostrar uma composição semelhante. Não era tão saborosa’. (informação verbal) <sup>233</sup>  
Tem gente que vai todas as noite. Eu vou porque sou profissional, senão não ia! (informação verbal). <sup>234</sup>

E é tão desagradável para alguns aceitarem se dizer boêmios, devido à sua interpretação negativa sobre o simbolismo subjetivo deste conceito, que se torna inadmissível confessar. Nas revelações “possíveis”, a passagem apenas por uma “alta boemia”, para não se “comprometer” (pelo menos pelo próprio discurso - o que não impede uma revelação por parte de companheiros de noitadas).

Eu não conhecia muito a Cidade Baixa por que, na época, exercia a atividade profissional de Engenheiro Agrônomo.  
[...]  
Eu ia pouco a bar, mas quando eu ia, eu ia na Alta Boemia... No Clube da Chave... (informação verbal) <sup>235</sup>

“Boêmio” em seu sentido pejorativo define uma pessoa que tem compromisso com outra, mas que não cumpre; que não tem família a zelar ou que não o faz; um homem sem mulher ou que não a preserva; um beberrão, fanfarrão, descompromissado com horário (visto que um boêmio não consegue voltar cedo pra casa); um irresponsável com trabalho, que trabalha praticamente para pagar sua conta no bar. Um “boêmio” tem “caderneta” de bar, ou bebe fiado e acerta só no final do mês.

Entretanto, estas mesmas características que definem a negatividade do termo, para alguns são motivo de orgulho. O fato de o “Boêmio” ser uma pessoa sozinha, não quer dizer,

<sup>231</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>232</sup> O Galpão do Lupicínio é um de três bares que Lúpi teve ao longo de sua carreira musical. (Em sociedade com Milton Santos). Localizava-se na João Alfredo perto da República – informação por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007).

<sup>233</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>234</sup> Trecho por “Entrevistado H”, 72ª em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>235</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.



num todo que isto é ruim, afinal, sua solidão ou “solteirice” pode ser resolvida à noite.

Entrevistado H: [...] eu queria explicá que eu penso boemia assim aquele pessoal que vive percorrendo a noite, vai num bar, vai noutro... Por que não?... O músico, em si, não é boêmio, né? Ele tá trabalhando!

[...] O boêmio é a pessoa que frequenta a noite! Por exemplo: lá no Clube do Choro, eu vejo... Tem pessoas que vão todas as quintas-feiras, chova, faça frio ou sol, eles estão lá!

Entrevistado C: São assíduos!

Entrevistado H: Então esses a gente chama de boêmio! Porque... E eu sei de pessoas que vão lá, na quarta-feira vão aí na Cidade Baixa vê o “Cebolinha” que toca num bar ali, noutro dia estão noutro bar... Todos os dias, eles conhecem todas as casas, eles conhecem...

[...]

Então esse é o boêmio! Nem... Não é nem obrigatoriamente é a pessoa que bebe... (informação verbal) <sup>236</sup>

Autora: Tá, mas... O senhor falou que (o boêmio) tava lá por algumas razões: ou pela mulher ou pelos amigos. A mulher que ele quer conquistar ou a mulher que, de repente ele perdeu, e daí tá sozinho?

Entrevistado E: Quando ele perdeu, aí é que vem a boemia. Aí que tá o problema! (risos)

Entrevistado G: Se perdeu (a mulher), daí é que encontrou um motivo (pra boemia). (informação verbal) <sup>237</sup>

Alguns dizem que “boêmio” é o galanteador. O sedutor, o encantador de belas moças... E não necessariamente um rapaz que não lhe dê valor e que só queira usufruir descompromissadamente de sua companhia, mas até um romântico apaixonado, que anda na noite, de bar em bar à busca de sua amada. Ou de suas amadas... Pois um boêmio ama cada mulher e todas elas... Seu trabalho é conquistá-la. Com muito charme, sedução, respeito e cuidado... É uma coisa muito difícil, lenta. É um desafio!

Sabe o que sempre me pareceu, pra mim, escrito boemia? Eu assim... Não consultando o Aurélio, assim... Ao meu ver... O que que era um boêmio pra mim... Quando comecei na noite, tocá na noite... Um romântico sonhador, mulherengo, sabe? Procurando diversão sempre, mas um sonhador... Romântico, não o galinha... O romântico conquistador, o boêmio! Não... Vou botá o sapatinho de boêmio... Sapatinho branco, né? Calcinha branca, e vô dançá bem pra, tu sabe, pra arrumá a minha namorada... é isso aí! (informação verbal) <sup>238</sup>

Mas as sensações sobre os termos estão diretamente ligadas às interpretações de significados, pois os mesmos depoentes, que por vezes repudiavam o termo, noutras assim se intitavam. De fato, não é somente às coisas ruins que a figura do boêmio aparece ligada – muito pelo contrário: ela criava, inclusive, um *status* de “autoridade” deste conhecimento, “de

<sup>236</sup> Trecho por “Entrevistado H”, 72ª em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>237</sup> Trecho por “Entrevistado H”, 72ª, “Entrevistado C”, 50a., “Entrevistado E” e “Entrevistado G” em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>238</sup> Trecho por “Entrevistado C”, 50a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

causa”, inerente à frequências neste lazer e, principalmente, a uma “originalidade” oriunda da convivência na “verdadeira boemia” (caracterizada como a exercida com Lupicínio Rodrigues – “o maior boêmio de toda a cidade”) e que os promovia a “verdadeiros boêmios”.

Entrevistado E: Em Porto Alegre somos os que mais conheceram (o Lupicínio), eu sou um, o “Entrevistado D” outro, o “Entrevistado F”, aqui, é cantor... Aqui, o Dr. (L. C.) T. é o outro: nós fomos companheiros do Lupicínio Rodrigues... Eu fui companheiro... eu toco violão. O “Entrevistado D” era cantor. Um dos maiores cantores de Porto Alegre. Os que mais conheceram Lupicínio Rodrigues, Assis Gonçalves... Aquela turma da seresta tá aqui. Tem gente que conheceu, em tudo que é canto... Tem os que conheceram... Mas, os que mais conheceram tá aqui, então...  
[...]

T: O Entrevistado E foi amigo do Lupicínio, e até do poeta... Eu falei com Lupicínio umas 4 ou 5 vezes... O “Entrevistado D” foi amigo também do Lupicínio, vivia sempre com ele... É que nós, nós conhecemos o Lupicínio Rodrigues, convivemos com ele... (informação verbal) <sup>239</sup>

Os depoentes que negaram ser boêmios o fizeram pela carga negativa do conceito na circunstância em que estavam analisando: no caso, algo que poderia estar ligado à beberragem e à falta de responsabilidade.

Outros defenderem-na com veemência, sustentando suas características positivas: culturais e históricas, dentre outras. Seriam estes, inclusive, os defensores da inexistente distinção entre “alta” e “baixa” boemia. Inclusive da diferenciação entre “boemia” e “prática de bar”, mais ou menos “baixa” (ao seu significado associe-se o consumo exagerado de bebida alcoólica, comportamento invasivo, inadequado, e, por vezes, desrespeitoso ou deplorável).

A “boemia” exigiria um comportamento “primoroso” dos que a frequentavam. No imaginário dos entrevistados, que em unanimidade eram músicos, mas nem todos eram usuários locais, a prática boêmia, mesmo nas áreas definidas por “baixa boemia”, era familiar e saudável, que pessoas “de bem” e “de bom conceito” frequentavam.

Este conceito da boemia foi defendido por aqueles que se consideraram boêmios e boêmios de “alta categoria”. Talvez por se sentirem invadidos por comentários de pessoas “estranhas” ao meio que consideraram boêmio, não admitiram sequer a possibilidade de uma classificação “baixa” para a prática, sobretudo vinda de uma pessoa estranha a ela.

Autora: Eu quero [...] primeiro investigar com vocês se realmente existia uma diferença entre a ‘alta’ e ‘baixa’ boemia, porque o Entrevistado A. me levantou que existia alta boemia no Clube da Chave ali na Independência, e baixa boemia na Cidade Baixa...

---

<sup>239</sup> Trecho por “Entrevistado E” e “Entrevistado G” em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

Entrevistado D: Já o “Entrevistado A” te mentiu... Essa classificação que o ‘seu Entrevistado A: ... Essa visão que ‘seu’ “Entrevistado A”, amante de cavalos e de livros e que tem da boemia... Porque ele nunca foi boêmio... Tu nunca viu o Entrevistado A: (Ele) Nunca vivenciou noite, então se ele não viveu na noite... A noite dele é uns negócios diferente, é cavalgando na beira da praia, é a fundação do 35 ali... Isso não se nega... Ele fundou... Tá na história... Mas de boemia... Falar de Entrevistado A: na boemia, me perdoa, ele não tem nada a declarar... Eu te declaro isso. Bom, assim se nos perguntar de CTG, história, essa coisa toda... Embora ele tenha gravado a colorada em 1977, lá, na Califórnia Uruguaiana, mas isso não tem ‘nada a ver’, e cultura... Não é inimizade... Mas é diferente! É que a colocação feita de ‘alta’ e ‘baixa’ boemia, isso não existe! E classificar uma coisa que não existe classificação ou codificação... O que seria a ‘baixa boemia’, ele explicou? O que é baixa boemia? (informação verbal) <sup>240</sup>

Estes depoentes que teriam realmente frequentado aquela prática classificada por pessoas “externas” ao meio como “baixa boemia” definiriam o que era essa prática que vivenciavam. E mais: por autoridade que lhes era cabida, determinavam quem poderia ou não falar sobre ela. Achavam que só poderia conhecê-la, julgá-la e classificá-la, quem de fato tivesse tido contato com ela, vivenciando-a. Neste caso, nenhuma autoridade maior do que os que estavam com a palavra. E o sentimento em relação à boemia e à própria questão de autoridade, identidade, pertencimento a esta prática era tão grande, que a comoção fora explosiva. Capaz de gerar grandes sentimentos de revolta em relação a opiniões externas ou excluídas, como a do “Entrevistado A”.

Entrevistado E: Bom, mas de qualquer maneira, A. S., é o seguinte: a pergunta dela tá dentro, mais entrando pra saber... O “Entrevistado A., o gênero boêmio dele é a música gauchesca, e a mais música da bombacha, que usa o termo folclore... Mas a nossa boemia é a música... É completamente diferente... Não tem ‘nada a ver’... É a música mais popular brasileira.

[...]

Entrevistado D: É a música popular...

Entrevistado E: Nós tocamos chorinho... Isso não tem ‘nada a ver’ com a música gauchesca... Nem chega perto... É completamente diferente.

[...]

Entrevistado E: A seresta, mesmo, é na noite... De dia não é seresta... De dia é o que “Entrevistado A” faz, fica de bombacha pra lá e pra cá, porque de noite de bombacha não dá, mas de dia [...]... Porque Clube... Chorinho... É de noite...”

[...]

Entrevistado D: Tu olha a lua, as estrelas...

Entrevistado D: Hoje não é mais como antigamente tu ia cantar em baixo do balcão pra namorada, uma coisa poética... E cantando rua afora assim, vendo a lua e as estrelas...

Entrevistado D: Vem do espanhol... “Serenada”... Quando as pessoas que saíam com aqueles... Camisolões... Iam fazer aquelas cantadas embaixo das sacadas amadas... (informação verbal) <sup>241</sup>

Os músicos que se classificaram como boêmios, num sentindo “positivo” – que

<sup>240</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>241</sup> Trecho por “Entrevistado E” e “Entrevistado D” em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

lançaram mão da figura consagrada da boemia como respaldo à imagem dela pela veracidade e “pureza” de sua origem – diretamente ligada ao seu maior mestre, não levam em conta seu poder evocativo como representante da “Baixa Boemia”, categorização surgida pela imagem social criada por/ou para Lúpi.

Para os boêmios que se diziam boêmios não havia classificação entre “alta” e “baixa” boemia, porque eles conseguem vê-la com distanciamento da prática, ainda que a diferença seja medida, pelos usuários, apenas pelo poder de consumo das parcelas sociais atuantes:

Autora: Pois é... O senhor disse que não existe! O que é que o senhor entende por baixa boemia?

Entrevistado D: Pois em primeiro lugar, que a boemia por si ela jamais será baixa! (informação verbal) <sup>242</sup>

Dentre os músicos, o conceito é diferente. A boemia era algo “alto”, “nobre”, “impecável”. Uma perfeição, uma harmonia. Uma atividade grandiosa e quase “sagrada”.

Entrevistado E: A boemia era a coisa mais sagradinha... Era a coisa mais lindinha que existia... A boemia não tinha briga. Não... Boemia... Eu cansei de andar com relógio de ouro... Aqui, óh... Relógio de ouro, corrente de ouro no pescoço, de madrugada... Lá no Mercado (Público) jantar... Ninguém assaltava... A boemia era sadia.

Entrevistado D: Não tinha drogas?

Entrevistado E: Até tinha... Droga sempre existiu, né, doutor?

[...]

T: E tem que botá aí que nunca cheiramos cocaína porque não tinha naquele tempo...

Entrevistado E: Não tinha o que, doutor?

T: Cocaína!

Entrevistado E: Claro que tinha, o Nelson Gonçalves era maconheiro!

Entrevistado E: Não era como hoje.

Entrevistado D: Porque nunca ninguém ofereceu!

(risos)

[...]

Entrevistado E: Na nossa época nós era muito bem arrumado... Nós não andava com essa camisa, com isso aqui... Era camisa de seda... Era coisa fina... Gravatinha de borboleta, certo... Roupa de Tussor, de Seda, Albene... Essas coisas todas maravilhosas... As mulheres... Guria... As mulheres... Depois que inventaram essa calça jeans, aí, estragou as mulheres... Naquela época não tinha isso aí... As mulheres andavam de sapato salto de alto, saia... Saia, vestidos... Muito bonitos, com as perninhas de fora... Aquela coisas todas, sabe, certo muito...

T: Saia justa ou com plissê (plissada)?

Entrevistado E: Perfume... O perfume daquela época não era essa coisinha... Era perfume! Da melhor qualidade... As mulheres eram lindas... Com vestidos compridos... A coisa mais linda que tinha...

Entrevistado D: E o outro detalhe... As moças dessa época, nos bairros classe média, mesmo, existia... Não é essas bixa que andam bonitinha, nego! [...] que botam as mulhé de diabo... Não era mulher... Roupa pra mulhé tinha costume, o tailleur... Aquela meia que vinha até aqui...

Entrevistado D: As poucas que trabalhavam fora se produziam...

Entrevistado E: As mulheres usavam pulseiras de ouro, brinco de ouro... As

---

<sup>242</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

mulheres usavam...

Entrevistado D: As mulheres eram lindas.

Entrevistado E: Podiam até não ser lindas as mulheres, mas...

Autora: Mas andavam bonitas...

(risos)

Entrevistado F: Bah, hoje vai botar um brinco de brilhante, uma coisa dessa que se usava naquela época... Eles te arrancam... Até a...

Entrevistado E: Orelha... Naquela época não tinha fantasia, era ouro puro, era brilhante... Era brilhante, estes broches... Não tinha assalto naquela época... Amanhecia na rua, lá no Mercado... Não tinha nada disso...

T: Batedor de carteira era que nem um artista... Hoje em dia tu é agredido aí na rua, os caras te matam... Batedor de carteira era um cara elegante...

Entrevistado D: Não dá nem pra comparar... (informação verbal) <sup>243</sup>

Esta devoção pelo tempo poderia ser comparada ao amor pelo lugar, tratado pela Topofilia<sup>244</sup>. Um amor herdado, cultivado, desenvolvido. Assim como o tempo. A “glamourização” do passado, a fixação de determinadas características positivas, potencializadas em tamanho e intensidade: a beleza das mulheres, da música, da noite e o silêncio e a segurança, infinitamente maiores.

Eles falam do “seu tempo”, com um saudosismo, uma melancolia que não tem como medir, principalmente por estarem banhados de forte lamentação da perda, da mudança. A faixa de tempo transcorrido – o tempo vivido - faz as coisas terem outro valor, outra intensidade. Tudo parecia ser (e é tão convincente que realmente parece ter sido, de fato) mais bonito. O cenário, as cerimônias de trato pessoal, o respeito, as vestimentas, as melodias, as canções... Tudo, tudo parece ter um encantamento.

Mesmo tendo consciência de que já não são mais jovens, não conseguem ver valor ou beleza na juventude e nas práticas sociais dela e/ou nas dos adultos atuais. Tudo parece ter perdido o brilho, ou o “encantamento”.

Não deles, exclusivamente é este discurso, vendo que isto é atitude inerente ao ser humano, principalmente quando ligado aos amores pessoais desenvolvidos em memórias, tempos, pessoas, práticas que vivenciamos, e que, na época relatada, parece ter tido uma “aura” encantadora. A quem ouve: uma mobilizadora concretização de uma suposta “perfeição”, idealizada no discurso, além do encantamento pela descoberta do desconhecido e do valorizado “passado” – o tesouro que ficou para os que vieram depois. Além, também, de uma questão presente em pesquisas nas quais há grande diferença de idade entre depoente e pesquisador: nestas, o entrevistador normalmente é mais novo que o depoente, e esta diferença pode fazer com que o pesquisador seja confundido com um estudante, onde o

---

<sup>243</sup> Trecho por “Entrevistado E”, Entrevistado D, “Entrevistado G” e “Entrevistado F”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>244</sup> TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

depoente “ensina” como as coisas eram, aconteciam. Ele fica com um poder de “verdade” pelo discurso. Esta diferença de gerações é denominada *play daughter*, conforme pesquisas de Di Leonardo<sup>245</sup>, que analisa estes fenômenos.

Apesar da aura “sagrada”, boemia era, também, praticamente um pecado. Ela é descrita, pelos seus fiéis defensores, como uma “tentação”, praticamente irresistível, ao qual a fraqueza da carne não se permitia evitar:

Naquela época agente ia para casa sempre às 5, 6 horas da manhã, quase... Sempre, mesmo quando tinha grandes compromissos no outro dia... É que a noite não deixa o cara ir pra casa, tu sabia? A noite não deixa, a noite é uma coisa que atrai... Tanto é um imã, que a pessoa que gosta... Não é só os homens, não... A mulher também... Não deixa a pessoa ir pra casa... Olha no relógio... Passa dez minutos... Vou ficar mais cinco... E fica mais dez... E daqui a pouco, tu vai indo... tu vai indo... Muita gente que naquela época ia da boemia para o serviço... (informação verbal)<sup>246</sup>

A boemia é isso aí... Prende muito a pessoa... A noite prende muito a pessoa... E hoje não tem boemia porque: uma que o ambiente tá muito perigoso na noite, né, e a mocidade de hoje não sabe o que é boemia... Só sabe o que é essa gritaria, essa música popular que tem aí... Sem pé nem cabeça... Como dizem... Não tem nada de música...” (informação verbal)<sup>247</sup>

Deixa eu contar uma pra ela... O Lupicínio teve no Rio de Janeiro uma vez, e perguntavam pra ele... ‘Vem cá, Lupicínio... Lá no sul, lá em Porto Alegre, tem muita boemia? (E ele teria respondido) Não... Lá em Porto Alegre tem rapazes que dormem tarde! (informação verbal)<sup>248</sup>

E esta prática, “tentadora”, envolvente, contagiante, tinha alguns elementos indispensáveis, que a diferenciariam de uma simples prática de bar:

Autora: O que as pessoas têm, na verdade, na cabeça, de entendimento de boemia é uma atitude noturna que acontece com música ao vivo, né?... Não música mecânica... Uma reunião de gente que geralmente são pessoas que frequentam a noite, que se conhecem, e que entram à madrugada tocando...

T: Isso tá certo!

Entrevistado D: Gente da noite...

[...]

Entrevistado D: [...]Eu acho que boemia é isso aí... São pessoas que se reúnem na noite que... Em bares e tal... E que gostam de música e que cantam e que tocam de noite... E que gostam de música e a música entra pela noite, se prolongando até altas horas em bares e reuniões noturnas... Principalmente em bares, né... Mas também em casas, né... Em casas particulares ou até em bares... Ou em casas... Até em casas noturnas, também, que apresentam espetáculos e cujas atividades se prolongam até algumas horas da madrugada, né... É mais ou menos isso, até... [...]

Autora: Eu não sei é se quando não tem música ao vivo, se isso pode ser uma boemia ou não?

Entrevistado D: Ah, eu acho que não... Eu acho que sem música, não... Não, ah não... Acho que a música ao vivo... Acho que as pessoas fazem as músicas, as pessoas fazem a música, as pessoas cantam, tocam instrumentos, cantam e tocam

<sup>245</sup> DI LEONARDO, Micaela. Oral History as Ethnographic Encounter. In: The Oral HISTORY REVIEW, vol. 15, 1987. p.1-20.

<sup>246</sup> Trecho por “Entrevistado E”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>247</sup> Trecho por “Entrevistado E”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>248</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

instrumentos... As pessoas fazem a música... É a música ao vivo, é...

“Entrevistado E”: Tem uma coisa... A boemia é... Ela abrange, mas cada um tem o seu jeito, o seu sistema de fazer a sua boemia, dá pra tu entender? Tem cara que faz boemia: tá, tá, tá, tá (cantando), né, doutor? Tem outro que faz boemia tocando o violão num barzinho, ali...

[...]

Autora: O que que vocês entendem por boemia?

Entrevistado D: Boemia é fácil pra ele! Tem muito a haver com amor e com bem querer, sabe? Porque ninguém fica na boemia sem uma razão maior. Normalmente, é primeiro a mulher, depois os companheiros. Então a boemia, ela tem muito haver... Naquele tempo... No tempo que as pessoas eram assim mais amorosas, mais claras... Então... Eu sou desse tempo... Eu me sinto só... Claro que a gente sente falta... Mulher com a alma... Com a flor no cabelo... Vestido... Então, a boemia é um somatório de bem querer, amores, paixões, e até tragédias, porque não?! “(informação verbal)”<sup>249</sup>

Durante uma das entrevistas feitas para esta pesquisa, que incluía os músicos “Entrevistado D”, “Entrevistado I”, “Entrevistado F”, “Entrevistado G” e “Entrevistado E” (com rápida participação de “Entrevistado J” e “Entrevistado L”), quando perguntados sobre os conceitos de boemia, boêmio e as classificações sobre a “alta” e a “baixa” boemias, curiosa e coincidentemente surgira, em música inédita, uma resposta. Recém escrita e ainda não gravada, a música de “Entrevistado E” descreve como é a vida de um boêmio, pelo menos em sua visão. Ele carregava a letra da canção dobrada em sua carteira, no dia da entrevista, afinal, um boêmio que é boêmio, carrega consigo suas inéditas canções, pois as produz em seu tempo de ócio ou descanso.

A lua clara que ilumina minha estrada/ Quando vou indo embora em altas madrugadas.

Já fiz a Serenata que prometi a ela/ Estou feliz agora, cantei meus versos lindos/ embaixo da sua janela.

É assim quem um boêmio como eu/ Leva a vida diferente/ Pouca grana, sem amor/ Mui alegre/ Mui contente.<sup>250</sup>

Na vã tentativa de definir boemia, caberiam até algumas divagações filosóficas:

Entrevistado D: Cada velho desses que tá aqui tem a sua história [...] ‘Inda’ que amigos, a suas histórias são contemporâneas, porém diferenciada. Cada um passou uma parte da história que outro não passou [...] E coisa e tal... E independente, cada um tem a sua visão [...] Tem o seu intelecto, de cada um... [...] O intelecto... Que a questão é intelectual? Assim que é a boemia...

[...]

T: Extremamente prático ou existencial... Boemi pode ser uma coisa puramente existencial... E... Pode ser uma questão antropológica? Antropologia é o estudo do homem, não é? Fazer um enfoque entre o antropológico, existencial, filosófico, urbanístico, né? (informação verbal)<sup>251</sup>

<sup>249</sup> Trecho por “Entrevistado G”, “Entrevistado D”, e “Entrevistado E”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>250</sup> Letra da inédita canção “Vida de um boêmio”, de “Entrevistado E”. Fonte: Acervo da Autora.

<sup>251</sup> Trecho por “Entrevistado D” e “Entrevistado G” em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

### 4.3.1 A Alta Boemia

A “Alta Boemia” teria sido desenvolvida na “Alta Cidade”. Esta, entendida não somente como a área “mais alta” da Cidade, mas como a área mais nobre e rica, onde a “alta sociedade” estaria instalada. Por coincidência ou não, era o espaço topograficamente mais alto da cidade, onde se desenvolvera um eixo burguês desde a fundação da cidade, sobre a crista de um espigão natural que consolidava espaços altos e baixos na cidade. A “Baixa Boemia”, por sua vez, estaria disseminada pela “Baixa Cidade” – lugar de cota baixa da cidade e reduto de bêbados, prostitutas, perigo.

Assim, nos limites do bairro Independência com o Bom Fim (pertencente à área da Baixa Cidade), à “meia encosta” ao sul do espigão, em limite da área entre as “alta” e “baixa” cidades, surgiu um local consagrado da “Alta Boemia”: era o “Clube da Chave”. “Ficava na Fernandes Vieira esquina com a Vasco. [...] É uma casa que tá lá, ainda. Tem pequena entrada. Casa estilo colonial. Não colonial português, tipo colonial europeu. Bem simples.” (informação verbal)<sup>252</sup>.

Parece ter sido um ícone dos bons costumes e da boa boemia. Lugar de nome na noite porto-alegrense, com o requinte e a exclusividade de um lugar seletivo, cujo público se limitava a pessoas de alto nível social, econômico e cultural, principalmente.

O Clube da Chave foi grande em 1947, 48, 50. [...] Cada pessoa tinha uma chave, para entrar. Para entrar tinha que ter chave. [...] Até hoje as pessoas dessa época ainda devem lembrar. Se ganhava a chave. Era por convite. Não se podia comprar. Podia convidar um amigo. Só ia o “refinado” da boemia. [...] Tinha diálogo, discussão filosófica... Era época de Sartre, essa corrente literária, filosófica.” (informação verbal)<sup>253</sup>

Autora: [...] Porque como tinha o Clube da Chave... Era uma casa fechada...

Entrevistado E: Eu toquei lá!

Entrevistado D: O Clube da Chave...

Entrevistado E: O “Entrevistado D” tocou.

[...]

Entrevistado E: Mas isso aí foi uma coisa que mais de 20 anos...

Entrevistado D: O Clube da Chave... Quem era sócio do Clube da Chave... Era assim, você tinha uma chave. Só entrava lá quem era detentor de uma chave...” (informação verbal)<sup>254</sup>

Entrevistado D: Mas o Clube da Chave seria... Um clube...

Entrevistado E: O Clube da Chave era um bar, era um bar... Um bar... Uma pessoa que frequentavam lá... Eu toquei, lá... O “Entrevistado D” tocou, também... Não sei se o doutor...

Entrevistado G: Não, nunca tive...

Entrevistado E: Não conhecia o Clube da Chave? [...] Ia qualquer pessoa, lá... Se o cara era tradicionalista, que nem o “Entrevistado A”, daqui a pouco o cara dizia ali

<sup>252</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>253</sup> Idem.

<sup>254</sup> Trecho por “Entrevistado E”, e “Entrevistado D” em entrevista em grupo, a 15/09/2007.



uma poesia gauchesca, ali... Mas não tinha nada como a nossa seresta... A nossa é outro tipo de música... Música brasileira... (informação verbal) <sup>255</sup>

O público era bastante eclético, mas sempre vinculado às atividades artísticas. Seu proprietário, Ovídio Chaves, apesar da formação acadêmica e atuação profissional ligada à comunicação, tinha muitos contatos artísticos e por ser músico nas horas vagas enchia seu bar com a alta casta musical de Porto Alegre. Dentre eles, alguns dos depoentes que frequentaram também grandes boates e cabarés da “Baixa Boemia”.

O dono do bar era o [nome omitido]. [...] [nome omitido] tocava violão. [...] era jornalista, um homem que tinha contato com muitas pessoas.  
A grande figura noturna da Alta Boemia porto-alegrense se chamava Ovídio Chaves. [...] Tinha violão de sete cordas. Era especial para ele. Ele era baixo. Era 6+1... Não... Era 6+2. Feito especialmente para ele. Feito por um artesão especialista no ramo. Madeira boa... Som bom...” (informação verbal) <sup>256</sup>  
Era irmão do Hamilton Chaves... Ele morreu no Rio de Janeiro, era jornalista gaúcho... Ovídio Chaves [...]” (informação verbal) <sup>257</sup>  
Era do, era do... [...] O Clube da Chave era do... era conhecido nosso rapaz... [...] Ovídio Chaves! (informação verbal) <sup>258</sup>  
Que até é co-autor daquela música... Fiz a cama na varanda... né... (informação verbal) <sup>259</sup>

É de Ovídio uma das músicas bastante representativas daquele momento. Em 1944 Dilú Mello gravou uma de suas músicas, que os colocou em evidência em âmbito internacional. Era a canção “Fiz a cama na varanda”, que o “Entrevistado A” fez questão de citar, ainda que sua memória o traísse em partes significativas da canção.

Fiz cama na varanda, [Fiz cama na varanda,]  
me cobri com cobertor [me esqueci do cobertor.]  
Deu vento na roseira... [Deu um vento na roseira (ai, meus cuidados)]  
[...] cheio de flor...” [me cobriu todo de flor...] (informação verbal) <sup>260</sup>

Memórias já falhadas foram suficientes para se fazerem lembradas. Situação similar acontece com outros “causos”, histórias, nomes, lugares que são trazidos à memória em recortes, rastros ou indicações, mas que, com pesquisa e conhecimento sobre a questão, se deixa ser descoberta.

O bar, na área da alta burguesia, era um lugar especial. Exclusivo. Tratado com cuidado meticuloso nos detalhes – características herdadas da dedicação, bom gosto e

<sup>255</sup> Trecho por “Entrevistado E”, “Entrevistado D” e “Entrevistado G” em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>256</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>257</sup> Trecho por “Entrevistado E”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>258</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>259</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>260</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

sensibilidade de seu dono.

Tu entrava no bar e tinha nas paredes a sua bebida, classificada por nome. [...] Se quisesse, comprava, levava... (referindo-se a uma garrafa. Era permitido comprar e levar a garrafa embora). Ninguém pegava a garrafa do outro.

[...] As mesinhas tinham florzinhas nas mesas, naturais. Não tinha florzinhas de plástico. Ovídio Chaves era sensível, era poeta. Queria tudo bonito. (informação verbal)<sup>261</sup>

Não tinha microfone. Era silencioso...

[...] Era lugar até para fazer show. Os grandes artistas vinham fazer show e depois passavam no Clube da Chave para falar com artistas locais. Não tinha instrumentos de sopro. Era o violão, era o violão melódico. Não tinha microfone nem órgão. Era som natural, voz natural.

Não tinha barulho... Ninguém gritava...

[...] Lá não era show. Era convivência. Era gente da noite que ia lá com seu violãozinho. Ia lá, tava com a chave, leva um violonista... Era amigo... “Ah, tá”... Eu sou do interior... (apresentação de amigo, e que iria se apresentar).” (informação verbal)<sup>262</sup>

[...] Frequentavam cantores. Era feito só por convidados especiais: jornalistas, artistas desenhistas... [...] Frequentavam políticos, músicos, grandes pessoas da noite. [...] Ia a imprensa, que divulgava as pessoas importantes.

[...] Ali se encontrava publicitários. [...] Lá se montava artigo publicitário, recital íntimo. Era salutar. (informação verbal)<sup>263</sup>

Tinha exposição de desenhos, de arte... Grandes compositores... Era uma área bem decorada. [...]

Tinha exposição arte, exposição de 3, 4 quadros... Com foco de luz bem direcionado. (informação verbal)<sup>264</sup>

“O ambiente era reservado, assim. Tinha 15 mesas, eu acho... Nem isso, tinha 10 e 12. Tinha um balcão. (informação verbal)<sup>265</sup>

Tinha uns salgadinhos... Castanha, queijo, amendoim... Coisas secas.

No fim da noite tinha um prato típico. Não tinha cozinha funcionando. Era um prato [...] Tinha picadinho, aperitivos e o prato da noite. Era um prato só. Um em cada noite. Não podia escolher. (informação verbal)<sup>266</sup>

Tinha muito respeito, muito silêncio. Tinha sempre violão. Podia chegar lá e tocar, baixinho, sem se promover. Sem querer vender nada. [...] Todos os dias, menos segunda-feira. Muito bom, muito salutar. Todo mundo vivia, artisticamente. Muito respeito. Muita beleza. (informação verbal)<sup>267</sup>

A “privacidade” e seleção de público com a já “democratizada” abertura com a entrega das chaves e o direito de permitir a entrada de um amigo, desde que fosse vinculado a algum frequentador com chave. Todo “estranho” era conhecido de pelo menos um presente no bar, que o convidou. Como era um ambiente bastante “familiar”, logo os “amigos dos amigos” iam entrando na teia de relações estabelecidas, tornando-se conhecidos dos *habitués*.

Não era muito velhos nem muito jovens. Pessoas com vida projetadas. Ambiente

---

<sup>261</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>262</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>263</sup> Idem.

<sup>264</sup> Idem.

<sup>265</sup> Idem.

<sup>266</sup> Idem.

<sup>267</sup> Idem.

vibrante. Se pulava de mesa em mesa... “Olha a “babinha” aqui...” (referindo-se ao restinho nas garrafas – ofertando a outros de outras mesas, que quisessem aproveitar o restinho da bebida – o que causava a troca de mesas, para ser servido)... (informação verbal) <sup>268</sup>

Se alguém cometesse excessos, as soluções eram corretas, precavidas e sempre solidárias feitas pelos amigos. Além do mais, Porto Alegre não era uma cidade violenta ou insegura e a confiança das pessoas nestas características da urbe abria álibi para investidas ousadas de sair à noite pelas ruas, a pé, conversando e “boemiando” ou de voltar embriagado para casa, sem perigo.

[...] Saía... saía tranqüilo... E se um saía lá (referindo-se a um saindo bêbado de lá) já chamava um ‘carro’ (atual táxi)... Não tinha problema.

[...] Funcionava até as quatro e meia da manhã. Abria só à noite, mas era a noite toda. A partir das 9, 10 horas.

[...] Saía do Clube da Chave, ia para casa a pé. Dormia de manhã até meio-dia. Ia trabalhar à tarde.

[...] Depois saía pela Independência, tudo calmo, tranqüilo, falando... Porto Alegre era calmo, silencioso, tranqüilo, gostoso...

A concepção de vida era diferente. Diferente da vida trepidante disso (bares de hoje)... Chega lá... (barulhos).

[...] Porto Alegre era belo, tranqüilo. Não tinha esse barulho, essa violência...

[...] Porto Alegre era silenciosa. (informação verbal) <sup>269</sup>

Diferenças também apareciam na preocupação com a decoração dos bares e com a visualização adequada das pessoas.

[...] Era muito bem decorado, muito simples, não tinha penumbra, tu via as pessoas, não tinha efeito de som. Se cochichava à noite... Sonho de realização... Planos a serem cumpridos. Não tinha ‘pessoa estranha’. Não tinha ‘entra e sai’. Não tinha constrangimento.

Às vezes aparecia uma dama, lá, noturna... Cantoras... Noivas. Assim... Se cantava, se declamava.

A vida noturna de ‘Alto Nível’ era no “Clube da Chave”. A ‘alta’ e ‘sã’ boemia de Porto Alegre. [...] A grande boemia sã. A grande boemia de alta classe. Não de ‘beberragem’, de discussão. Todos bem vestidos, não mal vestidos. Moças, senhoras. Eram universitárias, funcionárias públicas. (informação verbal) <sup>270</sup>

Seu discurso defende a “veracidade”, cumplicidade e a possibilidade de reciprocidade ao passado por sua vivência e testemunho locais, como pode ser percebido pela fala do depoente: “Eu tô falando bem... Bem ao natural... Sem requinte literário, sonoro... Isso que eu tô falando era o retrato real do Clube da Chave.” (informação verbal) <sup>271</sup>

Na tentativa de afirmar idoneidade de discurso pelo esforço do discurso “livre” e sem

<sup>268</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>269</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>270</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.

<sup>271</sup> Idem.

contenções, o depoente tenta legitimá-lo pela ausência de indução. Porém o discurso não se livra de carga adicionada inconscientemente pelas memórias adquiridas, ou mesmo pela “auratização” de um momento. A glorificação e valorização do instante, lugar ou objeto pela acentuação do amor por este para perpetuação de uma boa memória, a acentua, poluindo a memória original.

As memórias não são plenamente confiáveis, como já dissera Certeau<sup>272</sup>, já que ela é feita de fragmentos, detalhes, lembrados em circunstâncias imprevisíveis e que não consolidam uma totalidade, além de estarem “contaminadas” de memórias adquiridas, autenticadas pelas memórias vivenciadas individualmente e/ou em grupo, “glorificações” exageradas, conforme Pollak.<sup>273</sup>

Além do Clube da Chave, estabelecido em lugar “alto”, território consagrado da “alta sociedade” e de sua respectiva “alta boemia”, encontravam-se, em território baixo, redutos de “alta boemia”, escondidos em meio à “Baixa Cidade”.

#### **4.3.2 A Baixa Boemia**

A distinção entre “alta” e “baixa” boemia está mais associada às práticas sociais, à distinção entre “alta” e “baixa” sociedade. Apesar de se entender por “alta sociedade” a classe social e economicamente abastada e por “baixa sociedade” a classe menos beneficiada em todos os sentidos, é o comportamento social e as práticas exercidas (condenadas ou não pela sociedade) que classificam as boemias.

Nas áreas de “alta boemia”, áreas cujo público frequentador necessariamente pertence ao círculo social dos nobres, elegantes e ricos da cidade, a burguesia se encontrava para dividir “afins”. Tudo regrado por um comportamento indiscutivelmente aprovável e desejado na “Cidade da Ordem”.

Nas áreas de “baixa boemia”, o público frequentador não necessariamente pertence somente à “baixa sociedade”. Muito pelo contrário: por vezes, na “Baixa Boemia” se encontravam os “cidadãos” mais ilustres ou respeitáveis da cidade, em práticas ilícitas e condenáveis, perdidos entre os becos e antros malditos, de perdição e luxúria. A “alta sociedade” na “Cidade da Desordem”.

Autora: E a vida noturna tinha uma visão bem pejorativa?

---

<sup>272</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>273</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p.201, 202, 203.

Entrevistado B: Tinha na alta sociedade!

M: Por causa desse preconceito!

Entrevistado B: Aí vem a Alta Boemia, a Baixa Boemia então, né? Tinha essa pejorativa pra alta sociedade! Ou a falsa alta sociedade, porque as esposas da alta sociedade não iam, mas os maridos delas tavam lá todas as noites pra vê os shows né? (risos) (informação verbal)<sup>274</sup>

A boemia, ainda que categorizada como “baixa” – exercida na “baixa cidade” e que, sim, por vezes, em locais específicos para esta prática, também contemplava ações de “baixo calão” – seria imagetivamente associada à área da Cidade Baixa e Centro (dependendo da época) – no foco de meretrício da Voluntários da Pátria e outros redutos malditos, como o já citado Cabaré da Otávio Rocha – conhecido foco de perdição situado à área central - e o “Clube dos Caçadores”, também na área central, mas já no limite à Baixa Cidade (ver Apêndice C). Lá, uma das “damas” da noite faria história na noite porto-alegrense e sua triste história de vida se faria perpetuar na memória consagrada por uma canção de seu admirador, Lupicínio Rodrigues.

Teve aqui no Rio Grande do Sul, aqui em Porto Alegre o Clube dos Caçadores (década 30), aqui na Andrade Neves. Ali frequentava o General Flores da Cunha, grandes figuras da cidade... Era coisa de rico, mesmo. E o que mais ela se orgulha de frequentar esse salão, é que ela acabou com fortunas de gente... Chama-se Maria Rosa. Era uma pintura de moça. Tchê! O cara se apaixonava e gastavam tudo!... Quebravam (economicamente) e... Mas o tempo passou... Tu sabe que o tempo é o grande juiz da história... Ela foi perdendo aquela beleza e já não era mais a mesma. E acabou na Ilhota. A Ilhota, aqui onde é o Copacabana, existia a Ilhota... Aí ela terminou, ali... Vivendo como papeleira... Bêbada, puxava carrinho de papel, lá... Então um dia que ela ficava assim meio saudosa, ela abria uns baús com aqueles vestidos do tempo do ‘Caçador’ e vestia, e queria andar ali na Ilhota, aí a gurizada “- Vestida de palhaço. - Ahahaha... E coisa, e tal. O Lupicínio soube dessa história e escreveu uma letra com o nome daquela mulher... Maria Rosa... e o Alcides botou a música... (informação verbal)<sup>275</sup>

No mesmo lugar que a bela dama teria tido seu triste fim, nascera o mais ilustre boêmio porto-alegrense. Conhecido como o “O poeta da boemia”, Lupicínio Rodrigues morava na Travessa Batista, número 97 – na Ilhota. Nela nascido, em família muito humilde, Lupicínio era o quarto e primeiro homem de 21 filhos<sup>276</sup>. Lupicínio viria a fazer sua trajetória

<sup>274</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. e “Entrevistado C”, 50a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>275</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

*Vocês estão vendo aquela mulher de cabelos brancos / vestindo farrapos calçando tamancos / pedindo nas porta pedaços de pão a conheci quando moça era uma anjo de formosa / seu nome Maria Rosa / seu sobrenome Paixão dos trapos de suas vestes não é só necessidade/ cada um representa para ela uma saudade / de um vestido de baile ou de um presente talvez que um de seus apaixonados me fez quis certo dia Maria pôr a fantasia dos tempos passados / terem sua galeria uns novos apaixonados / esta mulher que outrora a tanta gente encantou nenhum olhar teve agora nenhum sorriso encontrou então dos velhos vestidos que foram outrora sua predileção / mandou fazer esta capa de recordação vocês, Maria de agora amem somente uma vez / pra que esta capa mais tarde não sirva em você.* RODRIGUES, Lupicínio; Gonçalves, Alcides. Maria Rosa..

<sup>276</sup> NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boemia. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 1 n.º. 11, p.26.

menos previsível do que o contexto permitia: seria um dos maiores músicos da capital. E músico que não se considerava músico, como ele mesmo dizia: “*Não sou músico, não sou compositor, não sou nada. Sou um boêmio*”.<sup>277</sup>

Parte da boemia de Lupicínio era perto do porto, ligada aos seus interesses comerciais. Ele via naquele lugar um grande disseminador de suas canções, a carregá-las a todos os lugares distantes, fazendo a divulgação de seu trabalho:

A explicação de Lupicínio para seu sucesso, sustentada até hoje pela família é a famigerada “*versão dos marinheiros*”. Como toda a movimentação naquele tempo era feita por navio, os marinheiros que embarcavam em Porto Alegre supostamente acabavam aprendendo os sambas de Lupicínio nos bares e nas noites e os levavam para o resto do país, principalmente Rio e São Paulo.<sup>278</sup>

Era um músico que não tocava nenhum instrumento além da caixinha de fósforos<sup>279</sup> e que não teria conhecido uma única nota musical.<sup>280</sup> Com cerca de 200 composições identificadas e outras 100 inéditas, o querido boêmio morreu a 27 de agosto de 1974, deixando uma herança de mais de 300 composições, cerca de 150 gravadas e pelo menos 20 sucessos nacionais.<sup>281</sup> Dentre canções inéditas, uma homenageia o lugar onde nasceu, cresceu e fora consagrado o “*gênio da noite*” porto-alegrense.

Ilhota, minha favela moderna/ onde a vida de taberna/ e das melhores que há  
 Ilhota, arrabalde da enchente/ mas nem mesmo assim a gente/ pensa em se mudar de lá  
 Ilhota dos casebres de madeira/ da mulata feiticeira/ do caboclo cantador  
 Ilhota, tua simplicidade/ é que dá felicidade/ ao teu humilde morador  
 Nas tuas ruas/ jogam de pé nas esquinas/ filho teu não se amofina/ em sair pro batedor  
 E nem a justa\*/ vem visitar teus banhados/ pra não serem obrigados/ a intervir em questões de amor<sup>282</sup>

Seu velório aconteceu no salão nobre do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, time para o qual torcia fanaticamente e para o qual compôs o hino “*Até a pé nós iremos/ Para o que der e vier/ Mas o certo é que nós estaremos/ Com o Grêmio, onde o Grêmio estiver (...)*”,

<sup>277</sup> NASI; RAMOS, op. cit., 25.

<sup>278</sup> PRIKLADNICKI, Fábio. Muito além da dor-de-cotovelo. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 n.º. 59, p. 15

<sup>279</sup> PRIKLADNICKI, op. cit., loc. cit.

<sup>280</sup> NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boemia. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 1 n.º. 11, 25.

<sup>281</sup> ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. Revista Porto & Vírgula. Porto Alegre, n.º. 55, out./dez 2005. p.18

<sup>282</sup> Ilhota, música de Lupicínio Rodrigues em homenagem ao seu local de nascimento, ainda inédita em disco. (\*justa= policia) no artigo PRIKLADNICKI, op. cit., p. 16.

inspirado na sua ida, a pé, a um jogo do time, por ocasião de uma famosa greve de bondes.<sup>283</sup>

Conforme contam seus colegas de noite e boemia, seu velório teria sido memorável. A cidade parara ao saber da morte do boêmio. Contou “Entrevistado E” que, pela dificuldade de comunicação daquele tempo, sua morte só teria sido divulgada muito tempo depois de ocorrida, pois a informação teria demorado a chegar aos meios de comunicação. Alega-se à raridade do telefone e de seu uso uma das causas do atraso.

A informação, ao ser divulgada, promoveu imensurável comoção na cidade. “Entrevistado E” diz ter sido o maior enterro que Porto Alegre já viu. “*Nenhum, nenhum teria sido maior*”. O corpo foi carregado em marcha fúnebre pela lomba do cemitério e as pessoas seguiram-no a pé e de carro. Foi a maior quantidade de carros, na rua, juntos, já vista em Porto Alegre. Conforme J. M., todos que tinham um, teriam saído com ele para prestar o “adeus” ao boêmio.

Em seu enterro, apesar de advertências ao ato, seu amigo de boemia, “Entrevistado D” lhe prestou homenagem ao cantar na hora em que estava sendo sepultado. Fora acompanhado ao violão, em pleno cemitério. Conforme ele mesmo narra, houve certo vacilo em cantar ou não, mas acabou optando por homenagear o amigo:

Por que o pessoal da noite disse: ‘Não, o cara fez música... Tem que ter música... Agora nós vamos cantar!’ . Daí eu saí cantando... Depois eu cantei pro Marco Antônio... E depois cantei no Alcides Gonçalves... (informação verbal)<sup>284</sup>

A solenidade teria sido de extrema emoção, principalmente ao ser embalada pela embargada voz de A. S:

Entrevistado E: Foi o maior enterro que teve até hoje...  
 Entrevistado D: Foi onde eu fui o primeiro cantor gaúcho a cantar em um cemitério...  
 Entrevistado E: Tu cantou no enterro dele? Ou não?  
 Entrevistado D: Cantei!  
 Entrevistado E: Eu não toquei lá... Eu era pra tocar... Mas não toquei...  
 Entrevistado F: Cantou?  
 Entrevistado E: O enterro do Lupicínio Rodrigues!  
 Entrevistado D: É... E isso tá na Folha da Tarde que eu não tenho, saiu no jornal de São Paulo...  
 Entrevistado E: Foi o maior enterro que já teve até hoje em Porto Alegre... Foi o do Lupicínio Rodrigues... (informação verbal)<sup>285</sup>

O povo da Baixa Cidade parecia não ter fim ao se espalhar pela lomba do cemitério.

---

<sup>283</sup> PRIKLADNICKI, Fábio. Muito além da dor-de-cotovelo. Aplauso - Cultura em Revista. Porto Alegre, ano 7 nº. 59, p. 16.

<sup>284</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>285</sup> Trecho por “Entrevistado E”, “Entrevistado D” e “Entrevistado F”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

Parecia ser impossível que todosoubessem lá. Com certeza, não caberiam concomitantemente. Mas prestigiaram-no todos os que por ele foram tocados em suas canções sobre o amor. Estas teriam tido como inspiração seus próprios amores traídos e fracassados, como ele mesmo dizia: “[...] *todas as músicas que fiz são histórias da minha vida.*”<sup>286</sup>.

Teriam sido também em sua grande maioria, compostas em mesas de bar. Inah teria sido o estopim de sua produção musical. Seguida de vários outros desamores, traições e sofrimentos, ela, que havia sido sua primeira namorada e primeira noiva, o deixou. Teria sido sua primeira desilusão e também a primeira e única mulata de sua vida: “*Depois só tive problemas com louras*”.<sup>287</sup>

Na boemia que Lupicínio buscava o combustível para suas criações. Mas ele não vivia só dela. Trabalha por muitos anos como bedel da Faculdade de Direito da UFRGS. Lá permaneceu até 1947, quando se aposentou por problemas de saúde. Também trabalhou no escritório da SBACEN, entidade que fiscalizava a execução de músicas e os direitos autorais.

Suas experiências profissionais incluem, inclusive, uma passagem pelo jornal Última Hora, fazendo a coluna dos sábados, intitulada “Roteiro de um Boêmio”, a convite de Ary de Carvalho. Mais tarde, estas crônicas reunidas, na companhia de Demosthenes Gonzáles e Hamilton Chaves, se transformariam em um livro que levaria o nome da coluna.

O sucesso de suas canções o teria levado ao Rio de Janeiro. Em 1938, ele viaja para lá, no lançamento de “Cadeira Vazia”. Mas retorna ao Rio Grande do Sul e à sua peregrinação pelos bares, pela noite, pelos amores.

O boêmio “que não queria ser doutor” (assim conhecido por suas próprias palavras) teria aberto alguns bares pela Cidade Baixa: o Batelão, o Clube do Cozinheiro e outro, não lembrado na memória dos depoentes. (Em Vedana<sup>288</sup>, há referência sobre a propriedade da Boite Vogue e Clube dos Coroas para Lupicínio, do Clube do Cozinheiro e da Casa de Samba para Rubens Santos, e do Batelão para os dois, em sociedade) (ver Apêndice C).

Dizem que o motivo de ter aberto seus próprios bares teria sido “para que o dinheiro gasto com mulheres e bebidas ficasse 'em casa'. [...] dizia que as mulheres boazinhas não lhe deram dinheiro, só as que o traíam [...]”.<sup>289</sup>

Ele não chega a abandonar a noite e as madrugadas. Como dono de bar, faz de tudo um pouco. Desde abertura e fechamento do estabelecimento, companhia aos boêmios e

---

<sup>286</sup> NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. *Mestres do século. Música. O poeta da boemia. Aplauso - Cultura em Revista*. Porto Alegre, ano 1 n.º. 11, p. 25.

<sup>287</sup> NASI; RAMOS, loc. cit.

<sup>288</sup> VEDANA, Hardy. *Jazz em Porto Alegre*. Porto Alegre: L&pm, 1987. passim.

<sup>289</sup> VEDANA, Hardy. *Jazz em Porto Alegre*. Porto Alegre: L&pm, 1987. p. 26.



bebuns, até o controle (mas muito pouco) de sua casa noturna e de seu respectivo rendimento, pois sua preocupação real estava instalada nos arredores de seu bar.

Alegam que o maior motivo da abertura de um bar próprio pela zona boêmia seria uma estratégia para divulgar suas músicas e conhecer os novos intérpretes do que, de fato, estar praticando ou oferecendo espaço para a boemia. Esta informação é justificada pelos comentários abaixo:

Fazia das noites sua morada. E nela, vai criando o seu universo. Passa a ser representante da SBACEM, Sociedade de Arrecadação de Direitos Autorais, o que, na verdade, mais para justificar suas passagens pelos bares e pela boemia porto-alegrense.<sup>290</sup>

Em comentário já citado neste mesmo trabalho, o posicionamento dos boêmios: Lupicínio não seria um boêmio (dos conceitos negativos de boêmio). Seria ele um grande empresário, de aguçada visão empreendedora, que frequentava os bares e busca de novos intérpretes para suas incontáveis novas canções.

Para o olhar externo, daqueles que não frequentaram a boemia, havia então uma separação: a “Alta Boemia”, da “alta sociedade”, dos que tinham maior poder aquisitivo e dos que a fruía com moderação, qualidade de apreciação, embalada por boas músicas, discussões filosóficas, culturais, ilustradas com muitas obras de arte e acompanhadas de muito cinema, TV e outras novidades que surgiam, e a “Baixa Boemia” da “baixa sociedade”, dos que tinham pouco poder aquisitivo e/ou baixa qualificação cultural às práticas locais: estariam em busca de bebida e companhia às noites vazias e solitárias. Não haveria grande “cultura” nas práticas entre bêbados e descompromissados, senão a música executada no local – que para alguns, era um quesito indispensável na boemia.

A “Baixa Boemia” foi “presenteada” com grandes canções dos habilidosos e bem-renomados mestres da música porto-alegrense e intérpretes de canções, nacionais e internacionais, porém seu lugar era “maldito”, por ser entendido como um local de perdição, entre beberões e mulheres fáceis.

Nem por isso podemos descartar a hipótese do músico vivenciar (e não pouco) esta boemia, partindo, principalmente do imaginário popular. Seu “mais ilustre boêmio” e grande compositor vivenciou a boemia. Prestigiou-a, respeitando-a em sua essência.

Esta vivência atribuída a Lúpi poderia se tratar de um equívoco do público, como indica o músico “Entrevistado B”, em caso similar que fora relatado anteriormente. Mas pela

---

<sup>290</sup> ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. Revista Porto & Vírgula. Porto Alegre, nº. 55, out./dez 2005. p.16

fama e repercussão do nosso boêmio maior, que mesmo casado continuou a seduzir outras damas e a lhes homenagear com novas canções, seu comportamento público não passaria “impune” aos olhos e julgamentos alheios.

Outra questão discutível é o fato de um boêmio, em plena boemia (e, no caso, incluindo bebida), ter plenas condições de avaliar o grau de participação dos demais colegas no exagero de bebidas, como está implícito no atributo de “boêmio”. Isto ainda é questão discutível, principalmente pela questão apontada por Entrevistado B, – no caso de alguém que passa a noite inteira sóbrio, com o mesmo copo de bebida, acompanhado de outros, já bêbados e que permanecem bebendo ininterruptamente. Por isso, é difícil fazer a avaliação sobre o comportamento de Lúpi. Quem o avaliava era o povo, que muita estima lhe tinha e que se encarregou de perpetuar sua imagem pela cidade, como “boa praça” e exímio boêmio. Bebendo ou não, controlando ou não o seu bar, Lupicínio teria sido um grande empresário e negociante da noite com grande visão de futuro para suas canções.

A Baixa Cidade era uma vitrine de bons músicos. Os melhores tocavam em rádios, orquestras e grandes boates, mas sempre passavam por lá. Essa informação é confirmada por Entrevistado B: Lupicínio aproveitava este ritual de promoção entre os desconhecidos, para conhecê-los e promover a divulgação de seu trabalho. Buscava novos “fenômenos musicais”, nos quais apostar para fazer “estourar” seus possíveis sucessos. A Cidade Baixa, assim, como os demais órgãos de fiscalização da música na Cidade, serviam de vitrine musical-artística da cidade. Lupicínio teria fundado a SBACEN, sendo um dos avaliadores na seleção dos músicos para a retirada da autorização para atuação com esta profissão na cidade. Assim, acabou por conhecer cada novo talento surgido. Conheceu muita gente e sabia onde encontrar cada um deles. Vários músicos acabaram montando seu próprio bar, como Lourdes Rodrigues, Rubens Santos, “Entrevistado B”, etc. Lupicínio passeava pela Cidade Baixa, à busca de novas ideias, canções, ritmos e arranjos, novos músicos e novos contatos.

A obra que Lupicínio deixou para o acervo histórico da música popular urbana no Brasil tem um valor inestimável. [...] Porque, de uma forma ou outra, tudo que ele disse, tudo que ele criou foi resultado de uma experiência de vida vivida precisamente neste lugar do mundo em que nos também vivemos, nesta cidade particular e única chamada Porto Alegre. Tudo que Lupicínio Rodrigues fez, portanto, tem a ver com a vida da nossa gente e com nossa própria identidade coletiva.<sup>291</sup>

Quando perguntados sobre os bares da Cidade Baixa, nesta época, os entrevistados

---

<sup>291</sup> José Fogaça, in ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. Revista Porto & Vírgula. Porto Alegre, n.º. 55, out./dez 2005. p.21

tiveram, além da já citada confusão a respeito de seus limites oficiais, memórias instauradas por algum elemento motivador desconhecido, que fez vir à lembrança outros pontos bastante importantes no bairro.

Tinha vários cabarés. Não tinha grupos populares, salões... Era cabarés.  
 [...] Àquela época chamava-se casa noturna: cabarés. Depois passou a ser boate.  
 Com americanos passou a ser boate.  
 Era mais requintada... Mais caro, mais requintado. Cabarés eram mais populares...  
 Autora: Vocês tocavam e cantavam pela Cidade Baixa, ali pela volta do...  
 T: Ali, na Cidade Baixa?  
 Entrevistado D: Eu cantei no Chão de Estrelas...  
 T: Ele teve vários bares em Porto Alegre  
 T: Tem que saber quais os bares que Lupicínio teve em Porto Alegre, e onde se encontram...  
 Autora: Eu só sei que ele tinha um perto da Praça Garibaldi...  
 Entrevistado D: Isso, ali foi o ‘Galpão do Lúpi’ (informação verbal)<sup>292</sup>

Além destes pontos, ainda havia um evento marcante na década de 50, citado como pertencente ao bairro, mas que fora associado ao local, em seus imaginários, pela proximidade - visto que espacialmente não pertence aos seus limites oficiais. Em um terreno na esquina da Avenida João Pessoa com a Avenida Venâncio Aires, na diagonal do antigo Cinema Avenida, onde existe hoje um porto de gasolina, acontecia, naquele tempo, o “Baile do Turquinho”.

Entrevistado D: Era famoso!  
 Entrevistado B: É outra coisa!  
 Entrevistado D: Era ali na esquina da Venâncio Aires com a João Pessoa!  
 Entrevistado B: O Baile do Turquinho era dos travestis!  
 Entrevistado D: Hoje parece que é uma bomba de gasolina! Não moro pra aquele lado, não me recordo, assim! Mas ali era o Baile do Turquinho! Era famoso!  
 Entrevistado B: O Turquinho, o Turquinho era simplesmente quem? Era o porteiro do American Boate!  
 Entrevistado D: É?  
 Entrevistado B: É! Todo fardado...  
 Entrevistado D: Olha, ficava super lotado, só que dava briga sempre né? Sempre dava briga!  
 [...]  
 Entrevistado B: Era uma figura maravilhosa, charutão assim...  
 Entrevistado D: O baile dele era famoso! Carnaval, na época de carnaval ele montava, ele cercava, era uma esquina, era um campo, como é? Campo não, como é? Um terreno livre ali, ele cercava e fazia o baile ali [...] nunca entrei, nunca fui!  
 Entrevistado B: Eram travesti né?  
 Entrevistado D: Hein?  
 Entrevistado B: Eram travesti!  
 M: Ih... Vocês iam lá então?  
 Entrevistado B: Íamos, nós tínhamos uma... Nós tínhamos uma entrada...  
 Entrevistado D: Um passe, passe!  
 Entrevistado B: Nós tínhamos, botei fora...  
 M: Passe livre?  
 Entrevistado B: Sim, nós, porque nós éramos lá do América!  
 Entrevistado D: Eu era muito guri, isso foi lá por 1950 mais ou menos!

---

<sup>292</sup> Trecho por “Entrevistado G” e Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

Entrevistado B: Aí que eu me refiro o seguinte, dessa modificação...

M: [...] Depois de velho que eu vou descobrir que foram lá no Turquinho!

Entrevistado D: (risos) (informação verbal)<sup>293</sup>

Entrevistado B: [...] tu ia lá no baile do Turquinho que eu vi travesti, travestido de travesti! Lá tava vestido de mulher, às vezes eu fiquei, pô...

M: Quase te agarrou numa?

Entrevistado D: Ele foi pegá o gosto disso, aí tinha em toda cidade, tinha o Jacarepaguá, acho até onde foi o Marabá!

Entrevistado B: Sim!

Entrevistado D: Não, não, era pra cá! O Jacarepaguá era na esquina da General Câmara com a Rua dos Andradas ali, num edifício que tem ali, no segundo ou terceiro andar, ali era o Jacarepaguá!

M: O que que era?

Entrevistado D: Era baile também de carnaval, esses bailes popular de carnaval!

[...]

Autora: E esses homossexuais vinham exatamente da onde? Tinha alguma concentração assim?

Entrevistado B: Na época?

Autora: É! Eles se juntavam pra dançar, pra se divertí ali?

Entrevistado B: Ali!

Autora: Mas era de algum lugar?

Entrevistado B: Eles tavam ali na Rua da Praia vestido normal!

M: A maioria deles vinha de Pinheiro Machado! (terra Natal de Entrevistado B) (risos)

Autora: [...] era próximo da Cidade Baixa ali, eu não sei se a Cidade Baixa tinha algum tipo de...

Entrevistado B: Tinha em toda parte, toda parte [...]... (informação verbal)<sup>294</sup>

Este lugar, que marcou a cena dos limites da Cidade Baixa, em terreno pertencente ao bairro Santana, e dentro dos limites da antiga Baixa Cidade fora adicionado à área da Cidade Baixa pelo imaginário “baixo” local. O evento aparentemente era organizado pelo porteiro do American Boate. Porém, de mesmo apelido, era o proprietário do Cabaret Paulista, sito à Rua da Cadeira (Avenida Senador Salgado Filho), entre Vigário José Inácio e Dr. Flores, por volta de 1920. Seu proprietário era Adão Bains, o “Turquinho”, e podia ser o mesmo porteiro que organizava o Baile *Gay* de carnaval da Cidade Baixa nos anos 50. Vê-se, também, a expansão do “baixo” aos locais desta frequência no centro, quando citadas as casas locais.

Mais tarde, já na década de 70, teria se instalado pela Cidade Baixa o *Gay Time*, sito à Avenida Praia de Belas. A área já despontava a ocorrência de reuniões homossexuais no reduto da “Baixa Cidade”.

De “baixa boemia” existia, também, o Trianon, sito à Avenida Praia de Belas, perto da Rua Botafogo. Às margens do Rio, onde mais tarde se instalaria a “alta sociedade”, nos bares sobre trapiches, como o já citado *Piano Drink*, funcionara na década de 20, um lugar para a “baixa sociedade”, visto que, conforme Vedana, “[...] tinha a particularidade de ser

---

<sup>293</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a., “Entrevistado H”, 72ª, e “Entrevistado C”, 50a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>294</sup> Idem.

*frequentado exclusivamente por embarcações”*<sup>295</sup>.

Com relação às prostitutas, a frequência principalmente às proximidades do terreno baldio onde funcionava o “Baile do Turquinho”, era normal. Mesmo na época da Ditadura, se uma delas estivesse com postura adequada, não sofreria repreensão ou prisão. Caso tivesse acompanhada, também não. Por vezes, algumas pediam para andar de braços dados com os músicos, para simularem acompanhamento aos olhos dos camburões passantes.

Entrevistado B: É, conheciam a gente, caso de rua ali, né? Porque às vezes... porque o camburão andava sempre, às vezes elas vinham com o camburão lá e enfiavam... [...] tava acompanhado, eles sabiam né? Que a lei era aquela!

Autora: Enquanto ela tivé em serviço ela não pode ser presa!

Entrevistado B: É! [...] Com conduta adequada, porque senão iam presos os dois! (informação verbal)<sup>296</sup>

A Cidade Baixa então teria mantido, desde sua criação, o mesmo caráter, “aura” e uso pela “baixa sociedade”, de “baixa boemia”, consolidando o território maldito da “Baixa Cidade”.

O quarto capítulo se encerra após apresentar o segundo recorte temporal da boemia no bairro Cidade Baixa, exatamente quando Lupicínio Rodrigues alcança o auge de sua consagração e espalha ao bairro que tanto frequenta e incentiva, a aura boemia e maldita da “baixa” boemia. As memórias da boemia deste período são recuperadas com entrevistas aos frequentadores e músicos locais.

---

<sup>295</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.116

<sup>296</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

## 5 IMAGINÁRIO DO BAIRRO CIDADE BAIXA: A “BAIXA CIDADE” PELA CIDADE BAIXA

Neste quinto capítulo, o trabalho desenvolve a pesquisa sobre os atuais limites da Cidade Baixa. Em primeira etapa, apresenta a aura maldita do território, ao longo dos anos 1970 até a virada do século. Depois, apresenta levantamento dos limites do bairro, por sua “baixa boêmia”, em narrativas predominantemente de periódicos, e os resultados da delimitação pela aplicação dos mapas mentais sobre o imaginário urbano do bairro, com o resgate de lugares malditos ou da história local, que apareceram nas entrevistas, nos questionários e nos desenhos dos entrevistados.

### 5.1 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DAS BOEMIAS

Há indicativos que, da amostra de depoentes apresentados no capítulo anterior, que, por suas avançadas idades, alguma “traição de memória” implicou confusão nos limites, acentuada da vivência em época na qual a Cidade Baixa ainda era referenciada como “Baixa Cidade”. Quando perguntado sobre a sua atuação nos bares da Cidade Baixa, um dos depoentes confundiu a localização do bairro, se confundido com o Bom Fim.

Além disso, ainda houve a também já citada confusão com os bares locais e com os músicos locais, onde os músicos, extremamente ligados à imagem do bairro, eram referenciados pelo local de suas propriedades: Lupicínio Rodrigues e Rubens Santos, com o “Clube dos Cozinheiros” (sito à Rua Garibaldi, 1366, no Bairro Bom Fim/Independência), a “Casa de Samba” (sito à Avenida Praia de Belas, na Cidade Baixa), o “Batelão” (sito à Rua Cristóvão Colombo) e o Galpão do Lúpi (na João Alfredo perto da República). Assim, por tabela o bairro Cidade Baixa era referenciado por lugares além de seus limites, ligados pelas personalidades afins.

Os depoentes apresentaram dificuldade na delimitação e localização espacial do bairro Cidade Baixa.

Autora: Na Cidade Baixa tinha muitos bares nessa época? Em 50...

Entrevistado B: Na Cidade Baixa?

Autora: É!

Entrevistado B: Que é ali pela Osvaldo Aranha?

Autora: A Cidade Baixa, ali João Alfredo, José do Patrocínio, Lima e Silva...

Entrevistado B: É, já tinha, já tinha! A casa do Lupicínio era ali!

M: O Batelão?

Entrevistado B: Não, o Batelão não!" (informação verbal) <sup>297</sup>

Autora: Vocês tocavam e cantavam pela Cidade Baixa, ali pela volta do...

T: Ali, na Cidade Baixa?

Entrevistado D: Eu cantei no Chão de Estrelas...

T: Ele teve vários bares em Porto Alegre

T: Tem que saber quais os bares que Lupicínio teve em Porto Alegre, e onde se encontram...

Autora: Eu só sei que ele tinha um perto da Praça Garibaldi...

Entrevistado D: Isso, ali foi o 'Galpão do Lúpi. (informação verbal) <sup>298</sup>

Tanto pelo limite imaginário anterior, como pela carga simbólica do “baixo”, expressa na denominação do bairro e na aparência e memória mental do Bom Fim, e com a instalação, nesta área, do já citado “Clube do Cozinheiro”, que ficava à Rua Garibaldi, nº 1366, no Bairro Bom Fim/Independência (1966), que muitos entendem ser de propriedade de Lupicínio Rodrigues (provavelmente por sua constante aparição ao local – como fazia a muitos outros) a confusão reuniu novamente o conceito da “Baixa Cidade” sobre solo da “Baixa Boemia” ao seu maior representante: Lúpi.

Os bares de Rubens Santos foram reconhecidos nas memórias dos depoentes como bares “de Lupicínio”. E os dele mesmo sequer foram citados nas entrevistas, exceto o que ele teria em sociedade com Rubens.

Deste, seriam propriedade os bares “Clube dos Cozinhos” e o “Casa de Samba”, sito à Avenida Praia de Belas (em região sobre aterro - visto que o bar funcionara nos anos 60, quando houve o “avanço” da cidade sobre o rio; ou sobre trapiche, seu funcionamento ocorreu no início dos anos 60). Um bar no Bom Fim/Independência e outro na Cidade Baixa.

De Lupicínio seriam os bares Boite Vogue, sito à Avenida Farrapos (1951) e o Clube dos Coroas, sito à Rua Benjamin Constant, 1890 (e que teria funcionado nos anos 60 – na mesma década dos de Rubens Santos), ambos à face “norte” da Avenida Independência, do outro lado do espigão, em outra área também “baixa” da cidade, geográfica e socialmente, pela proximidade aos incontáveis cabarés e casas de prostituição.

De sociedade de ambos era a casa “Batelão”, sito à Rua Cristóvão Colombo (1973), também nesta segunda área “baixa” e à cota mais baixa, ao norte, do espigão da Independência.

Ainda assim, fora citada nas entrevista, uma outra casa que seria de Lupicínio, intitulada Galpão do Lúpi. Não se pode precisar se este era seu nome original ou a denominação popular de uma casa de Lupicínio, generalizada por “galpão”.

---

<sup>297</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a. e “Entrevistado C”, 50a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007. O Batelão ficava à Rua Cristóvão Colombo.

<sup>298</sup> Trecho por “Entrevistado G” e “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

O bar do Lupicínio era na João Alfredo perto da República, ali no “Galpão do Lupicínio”. O Galpão do Lupicínio era também... Era... Era público... Era só gente ligado à arte, vida noturna, artes...

Tinha carreteiro. Reunia o pessoal. E a madrugada escrita canções do Lupicínio. Surgiu ali. É... Foram arranjos. Gravadas depois. Outra boemia. Não tão apurada. Era popular. Entrava um 'borracho', lá... Já ficava...

Muitas composições inéditas surgiam lá. (informação verbal) <sup>299</sup>

A casa “Piano Drink” pelo imaginário dos depoentes era uma das casas que estavam construídas sobre trapiche. Esta possibilidade é validada porque Vedana não especifica o endereço, localizando-a apenas pela rua. Caso similar à já citada “Casa de Samba” e do “Rio Clube” (sito à Avenida Praia de Belas, 1515, em funcionamento em 1959), que funcionavam exatamente na época em que a Cidade Baixa ainda terminava à beira da praia (atual Avenida Praia de Belas – figuras 52 e 53) e quando os aterros estavam iniciando.



Figura 52 – Detalhe do aterro à Beira Rio, em região entre Centro e Cidade Baixa.  
Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.



<sup>299</sup> Trecho por “Entrevistado A”, 79a., em entrevista individual em 03/07/2007.



Figura 53 – Detalhe do aterro à Beira Rio, na Cidade Baixa.

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

Considerando as “traições” possíveis de memória, não se pode ignorar a possibilidade de equívoco sobre a localização destes locais “anexados” à cidade. Flutuantes ou não, podem ter sido confundidos em quantidade (visto que os depoentes disseram ter dois ou três, mas só conseguiram lembrar do nome de um – o Piano Drink) e em localização. É possível que tenham confundido este(s) local(is) com a Boite da Chata, sito ao Rio Guaíba, perto da Doca das Frutas, defronte à antiga Casa Schmidt, na Voluntários da Pátria. Esta boate funcionava numa chata que ficava amarrada junto às docas. Por não ter alvará de funcionamento, quando a fiscalização chegava, seus vigias desamarravam as cordas que prendiam a chata à cidade, e esta passava a flutuar livremente sobre o rio, com seus músicos, bailarinas e frequentadores. (Ver Apêndice C).

Respondendo à pergunta sobre a existência ou não de bares pela Cidade Baixa, em 1950, apresentada em trecho de outra entrevista já apresentada, “Entrevistado D” responde com a autoridade de seu testemunho:

Entrevistado D: Não se importam as boemias... Porto Alegre... Rio (onde eu vivi muitos anos, lá)... Não se pode falar em boemia, sem falar no Rio de Janeiro, as gafieira; e em Porto Alegre, os cabarés...

Autora: Mas isso em que década que tava acontecendo?

Entrevistado D: No Rio... Década de 50... Em Porto Alegre, década de 60[...] (informação verbal) <sup>300</sup>

Território vanguardista do efêmero, inovador, proibido, ousado, maldito, teria sido ali, sempre, o local das práticas mais escandalosas. Ainda que durante alguns períodos, o Centro apresentasse espaço para o “baixo”, foi na Cidade Baixa que ele encontrou um “porto-seguro” e onde permaneceu, desde o surgimento da cidade até os dias atuais. Dentre estes lugares, citam-se as “Maternidades” (“casas de encontros” clandestinos, frequentadas não só por prostitutas, mas também por senhoras casadas – recorrentes em áreas pobres da Cidade<sup>301</sup>); casas de prostituição masculina, feminina e homossexual; redutos gays, negros, pobres, prostitutas; lugar de contracultura, *outsiders* e excluídos, o bairro acabou por configurar, atualmente, na maior zona boêmia da cidade, contabilizando mais de 150 estabelecimentos noturnos de boemia<sup>302</sup> – incluindo bares, pubs, cafés, “choperias”, restaurantes, pizzarias, lancherias, sorveterias e casas de espetáculos, provoca um sentimento e uma ambiência na paisagem que preside esta zona boêmia.

<sup>300</sup> Trecho por “Entrevistado D”, em entrevista em grupo, a 15/09/2007.

<sup>301</sup> PESAVENTO, Sandra. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). *In*: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.19, n.º. 37, p-195-216.

<sup>302</sup> Até o último levantamento feito, *in loco*, pela autora, em dezembro de 2006.

Ele evoca as ocupações, territorialidades, espaços, territórios, efervescências, cenas, bares, pessoas, tradições e memórias de outros tempos, arraigados no imaginário urbano da cidade, dos frequentadores locais ou não.

Retorna à “Baixa Cidade” e traz consigo toda sua carga simbólica de “espaço de pobreza”, exclusão social e de atividades ilícitas. O “baixo”, o “proibido”, o “maldito”. Traz esta aura a cada espaço, consagrando um grande território de mesmo sentimento.

Reporta à sua história, memória, tradição e identidade “baixa” e apresenta nos dias atuais, o mesmo *genius loci* de sempre: da “Baixa Boemia”.

Características físicas, psicológicas, emocionais, reapresentam-se em nova temporalidade, com manutenção do caráter que lhe imprime a carga simbólica do “baixo”: seu espaço, consolidado como um “lugar”; a paisagem conformada pelas edificações - em grande parte originais e preservadas; a história e tradições locais - o simbólico do “rito” e das práticas sociais de demarcação e delimitação de território; as sensibilidades locais como percepção/identificação de caráter e identificação/pertencimento ao local e/ou às tribos locais que conformam o “espírito” e a reputação local.

Perfazem o resgate do tempo passado numa temporalidade atual, alcançando a “Dialética da Paralisia”, de Walter Benjamin. A cidade evoca seu passado, através de sua ambiência, e a presentifica, ainda que não em completude, pela história oral, na captação dos testemunhos de “vivenciadores” de outra temporalidade.

E através deles - seja por apropriação direta na fonte, ou por meios de comunicação de massa - o imaginário da Baixa Cidade retorna, resgatando sua “aura” de território maculado (visto que é maldito), tatuada sob a superfície local, cuja “alma” insiste em vagar pela sua superfície, acompanhando seus fiéis habitués nas noites intermináveis e incansáveis de boemia.

É sempre com certa nostalgia porto-alegrense que passo por ali. A Cidade Baixa lembra as origens do pacato burgo em que os sessenta casais açorianos decidiram começar a sua vida. Este qualificativo, “Baixa”, fala exatamente disso. É um qualificativo humilde, claro, mas o começo das cidades é sempre humilde, e sempre numa região baixa, próxima ao mar, a um lago, ao rio. Em Lisboa existe a Baixa; Em Nova York, o Lower East Side. É um começo cheio de apreensões, mas também de esperança, de ingênua esperança, e esta ingênua esperança acaba incorporando-se à atmosfera das cidades baixas, mesmo depois que a diferença entre “alta” e “baixa” deixa de fazer sentido.<sup>303</sup>

Neste comentário de Moacyr Scliar, podemos ver, além da recorrência das

---

<sup>303</sup> SCLIAR, Moacyr. Ah, a Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Especial. Como eu Vivo Porto Alegre. Porto Alegre, 26/03/02, p. 35.

classificações em centros urbanos, de áreas “altas” e “baixas”, a evocação de um lugar pela memória de outro, a transposição de lugar e a associação por características similares. Seja pela localização, “espírito do lugar” ou simplesmente pela nomenclatura, os locais por ele citados parecem remeter a um mesmo espírito, identificado também neste “baixo” território de Porto Alegre.

Dos anos 60 em diante, a Cidade Baixa haveria de sofrer grandes modificações. À sua aura original seria adicionada uma dose grande de irreverência, rebeldia e anarquia, que embalariam os anos da Ditadura.

Por sua proximidade à Universidade e por concentrar em seu território, pelo menos três casas de estudantes, acabou virando território “cúmplice” dos distribuidores de jornais e panfletos contra o regime em suas rotas e dos organizadores de passeatas e confrontos<sup>304</sup>, que muitas vezes se encontravam nestas casas ou nos bares que estavam neste trajeto para suas reuniões.

Por resguardar a efervescência juvenil dos anos 70 e 80 nos interiores do casario de suas seculares ruas, o bairro acabou por se transformar em reduto de boemia noturna juvenil, também. Os velhos músicos, que consagraram o território na época de Lupicínio, que atravessaria as décadas de 30, 40, 50 e 60, deixaram a herança. Lançada inicialmente como reduto de lazer noturno, com espaços de música ao vivo, feita por consagrados e novatos músicos da cidade, que encontravam em seus bares o espaço que lhes fora tirado com o surgimento das orquestras no rádio, programas de TV e lançamento de equipamentos de som e *long plays*, a Cidade Baixa dos anos seguintes proporcionaria o surgimento de bares novos para atender a esta população mais jovem, em espaços de uma boemia diferenciada da até então praticada.

Também havia espaços de música ao vivo onde os músicos poderiam chegar, pegar um instrumento da casa e partir para sua apresentação (pretensiosa ou não - em relação à qualidade de suas execuções ou criação; intencionada ou não – em fazer sua autopromoção), sem nenhum vínculo empregatício ou sequer pagamento – mas por prazer de tocar e de proporcionar esta fruição.

---

<sup>304</sup> REIS, Vanessi e PUIG, Renata G. Bom Fim: o espaço como refúgio nos bares – décadas 60 e 70. Monografia de Iniciação Científica. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis, Porto Alegre. 2000. 21p  
REIS, Vanessi. “Violência no Bom Fim e o refúgio nos bares – décadas de 60 e 70. Porto Alegre/ RS” in: Encontro Estadual de História (8.: 2006: Caxias do Sul). CD-ROM Porto Alegre: ANPUH-RS, 2006.  
REIS, Vanessi. “Do Bom Fim à Cidade Baixa: memórias da boêmia estudantil porto-alegrense nas décadas de 60 a 90” in: Simpósio Nacional de História Cultural - Mundos da imagem: do texto ao visual. (3.: 2006: Florianópolis). CD-ROM. Florianópolis: GT História Cultural, 2006.  
REIS, Vanessi. “Memórias da boêmia noturna nos bares da Cidade Baixa e Bom Fim - Porto Alegre/RS” in: Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. (24.: 2007: São Leopoldo) CD-ROM São Leopoldo: UNISINOS, 2007. ANPUH.

A própria sociedade não permitia ainda ou não aceitava “com bons olhos” o entrosamento entre rapazes e moças. Havia receio sobre o sexo antes do casamento e do comportamento no espaço público. As que deles eram companhia, muitas vezes, eram mal vistas. E eram poucas as que se impunham e tomavam esta atitude, rompendo paradigmas sociais. Era um período rígido de conduta e controle sexual e de pouco entrosamento entre os sexos.

Inclusive, Elis Regina sofrera discriminação referente a este comportamento. Além de muito jovem – teria iniciado a boemia junto aos músicos da cidade aos 16 anos e muito sofrera o preconceito por ser mulher e por estar à rua. Um pouco desta discriminação teria tido origem no seu comportamento mais ousado e de sua característica muito peculiar: não tinha “papas na língua”. Os trechos abaixo contam parte deste comportamento:

[...] Falando em Elis, digo, nós tivemos o privilégio de acompanhá-la aqui né? [...] Eu sempre conto uma coisa assim que é fato verídico... Que a Elis tava na frente do pensamento... Musical dela... Ela era uma gurria quando saiu daqui... Acho que ela tinha 16 anos, né? [...] Nós tínhamos um arranjador na rádio, [...] que era da OSPA, arranjava moderno, bom... Ele fazia aqueles arranjo, que aqueles cantores vinham do Rio, São Paulo, aqui, elogiavam tudo... Maravilha, e tal! E me lembro [...] fez um arranjo assim a capricho pra Elis né? Ensaiamo... Não vou te dizer o palavão que ela disse, porque ela tava... Ela fazia aquilo espontaneamente, era coisa de gurria... Mas ela sentiu doutro jeito: ‘Isso aí tá uma porcaria, seria melhor se fosse assim’, aí ela cantou do jeito dela e foi com eles... ‘Essa gurria é sem vergonha, atrevida, mas vai ficá mais bonito!’ (teria dito o arranjador) [...] É, a musicalidade dela tava lá... Tava na frente!(informação verbal)<sup>305</sup>

Entrevistado D: [...] A Elis tinha um gênio cabuloso! [...] Ela era geniosa, musicalmente falando, musicalmente porque ela tava na frente [...] A Elis... Se o arranjo não tivesse aquilo que satisfizesse a ela, chocava o ouvido e ela não ficava constrangida [...] Era um atrevimento uma guriazinha com 16 anos dize ‘Isso aí não tá bom! Não tá bom, tá horrível!’, não posso dizê, fica chato, mas ela dizia! ‘Não gostei!’ Entende? Ela era autêntica, era aquilo ali! (informação verbal)<sup>306</sup>

Lugar para pessoas “à frente de seu tempo”, o bar se tornava lugar adequado para condutas mais autênticas e livres. A Cidade Baixa viraria reduto de uma “viração” controlada. Era espaço de contraordem, contracultura, mobilização, articulação e esquerda. Teria sido pelo seu território a disseminação do espírito da “esquerda”, principalmente sob orientação das presidências de Casas de Estudantes, que na época pareciam estar todas conectadas ao mesmo “espírito revolucionário”, contrário à doutrina em voga. Conforme alguns entrevistados, na aplicação dos mapas mentais, teria sido ali naquele território inclusive que se fariam muitas das reuniões que teriam fundado o PT (Partido dos Trabalhadores).

Este espaço começaria a oferecer bares ao longo das trajetórias estudantis, no retorno

<sup>305</sup> Trecho por “Entrevistado B”, 74a., em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

<sup>306</sup> Trecho por “Entrevistado H”, 72ª, em entrevista em grupo, a 13/09/2007.

às residências e repúblicas de estudantes. Surgem bares como Marcelina (na Sophia Veloso e na José do Patrocínio, em frente ao grupo teatral Terreira da Tribo), Doce Vida, Gota d'água, Buraquinho, Café Antártico, Bar do Marinho, João de Barro, Pulperia, Rola Rock, Opinião, Carinhoso, Sandália de Prata, Clube da Saudade, “Bar do Tide”, Pecado Mortaes, Maria Fumaça, Água na Boca, Ressaca, Chão de Estrelas, Casa de Portugal (com seus badalados bailes nos anos 70), O Sonho da Pulga, dentre outros.

Espaços tipo os já então extintos Batelão, Clube dos Cozinheiros e outros já não mais lembrados, acabaram resguardando a boemia do chorinho, das noites de amargura e tristeza típicas “lupicinianas”. A juventude se encontrava em boemia menos melancólica e mais “ativista”.

Seu território também abrigara espaços para o teatro. Atores e diretores se reuniam, ensaiavam e moravam ali ou pelas redondezas. Era o lugar consagrado pelo grupo Terreira da Tribo, mas também pelo “Ven-Dê-Sê Sonhos”, “Balaio de Gatos”, “Faltou o João” e o grupo “Humberto Mauro”, de teatro e cinema, que utilizavam os espaços dos bares e/ou das casas de estudantes para suas reuniões e/ou ensaios, além de apresentações no Teatro de Câmara Túlio Piva.

Estes grupos apareceriam fortemente em narrativas urbanas sobre esta juventude, ilustrada nos bares e lugares da Cidade Baixa e Bom Fim, nos filmes “Deu pra ti anos70”, “Verdes anos”, “Coisa na Roda” e “Inverno”.

A Boemia juvenil da Cidade Baixa se desenvolveria paralelamente à do Bom Fim. Primeiramente na área próxima ao então recente Viaduto da Avenida Perimetral, à altura da Rua Sarmiento Leite. Este ponto, mais próximo à confluência de percursos executados pelos estudantes em sua disseminação pela Cidade Baixa, era também o ponto mais próximo à “Esquina Maldita” (esquina polêmica e revolucionária) dos estudantes da UFRGS, na esquina da Rua Sarmiento Leite com a Avenida Osvaldo Aranha; e aos Centros Estudantis e Diretórios Acadêmicos, muito atuantes no local: DAFA (Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura), CEUE (Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia), DAIU (Diretório Acadêmico dos Institutos Unificados), dentre outros. Neste ponto, próximo ao Viaduto e ao já existente Van Gogh, teriam surgido outros bares já citados, como o Doce Vida e Marcelina, por exemplo (figura 54). Depois, os bares acabariam por se espalhar por toda a extensão do bairro, chegando a pontos mais distantes deste caminho, como os bares da Rua João Alfredo, que tinha um público diferenciado: admiradores de música gauchesca (bar Estância de São Pedro – na esquina da Rua da República com João Alfredo; e Pulperia - na Travessa do Carmo próximo à Rua João Alfredo).

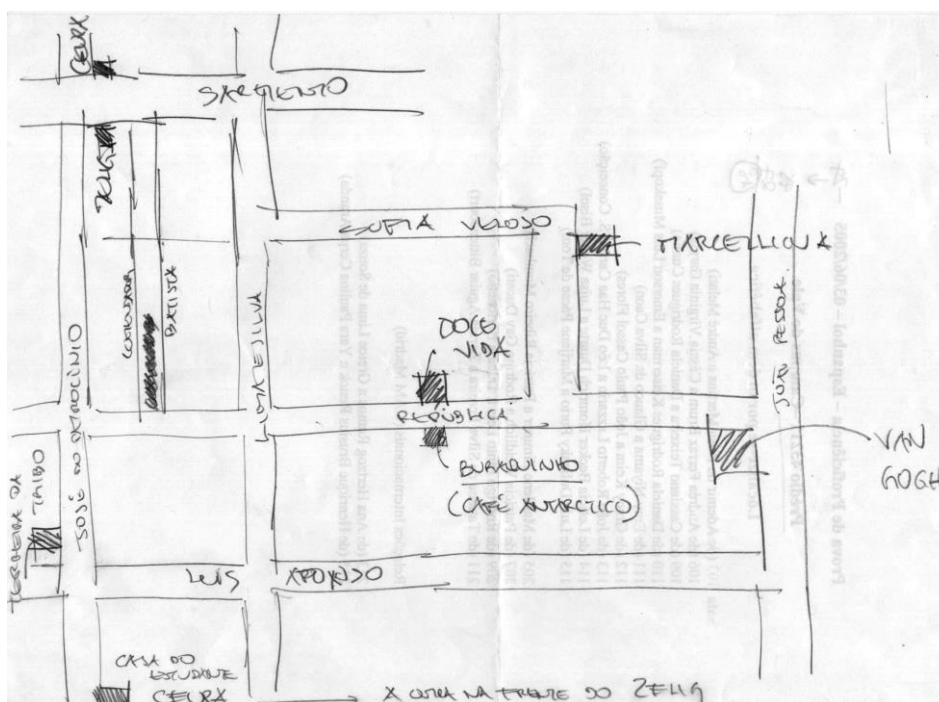


Figura 54 – Bares da Cidade Baixa.  
Fonte: Entrevistado 23, 2005.

O desenvolvimento da Cidade Baixa foi gradual e o lugar recebia, além do próprio público, também o dos bairros próximos: Bom Fim, Farroupilha, Santana, Centro – principalmente de estudantes universitários. Para as casas de música ao vivo parecia haver uma migração mais intensa de outras áreas da Cidade, pois era um ponto diferenciado: um lugar para se ouvir Rock’n Roll. Assim, a Cidade Baixa se consagrava território musical da Cidade, fortalecendo e perpetuando a já instaurada herança da música e da boemia do bairro, por Lupicínio Rodrigues.

Da segunda metade da década de 60 em diante o mundo e o Brasil começaram a sentir o Woodstock, de maio de 68, Primavera de Praga, os festivais da Record, movimentos como Tropicalismo, Clube da Esquina, e o Brasil vive o regime militar, onde a censura comandava o espetáculo. [...]

Porto Alegre já não era mais a mesma, a noite foi perdendo seus astros, Jessé Silva, Túlio Piva e seu Gente da Noite...<sup>307</sup>

Concomitantemente se desenvolviam outras áreas boêmias, como o Bom Fim e áreas adjacentes (bairros Farroupilha, Santana e Rio Branco) e Centro - áreas das quais também haveria uma migração mais efetiva.

As faces “sul” e “norte” do Parque Farroupilha (Redenção) acabavam por consolidar áreas de desenvolvimento boêmio noturno de uso predominantemente jovem.

<sup>307</sup> ROZANO Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. Revista Porto & Vírgula. Porto Alegre, n°. 55, out./dez 2005. p.17

O Bom Fim, ao “Norte” da Redenção, começara seu uso noturno pela já mencionada Esquina Maldita, no final dos anos 60. Esta durou até início dos anos 70. As causas de seu desaparecimento parecem estar ligadas à transferência, na mesma época, do público frequentador da Esquina – estudantes universitários da UFRGS dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e História, que juntos consolidariam os “Institutos Unificados” (IFCH - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – ao recém inaugurado “Campus Agronomia”, em área extremamente distante do Centro da Cidade, na época considerada “área rural” e limítrofe à circunscrição urbana – às margens do perímetro máximo da cidade (o mais longe possível do Centro). Esta transferência teria ocasionado a “calmaria” na Esquina e, com isso, uma “baixa” na frequência do público dos bares, que acabou por inviabilizar a permanência destes pontos comerciais. Seus proprietários não teriam conseguido manter-se com a grande queda de vendas e teriam fechado os bares.

Ainda no Bom Fim, no final dos anos 70, início dos 80, começaria, no outro extremo da Avenida Osvaldo Aranha – em parte mais próxima à Redenção, ou pelo menos de seu intenso fluxo de pedestres e apropriação; um novo polo de bares, os quais se disseminaram rapidamente e que consolidaram, por mais duas décadas, uma intensa “Baixa Boemia” local.

Era lugar de punks, *undergrounds*, *hare krishnas*, metaleiros, magrões e homossexuais. Todas as tribos da Cidade ali encontraram um resguardo. E suas atuações não eram pacíficas. Havia grande disputa por território e presença de público socialmente reconhecido como “Baixo” ou “à margem” do social, que carregavam consigo o simbólico do assustador, surpreendente, imprevisível, perigoso, irreverente e violento. Esta imagem local atraiu muitos jovens à procura do exótico, proibido, marginal. Na curiosidade, acabavam por ter contato com algumas culturas, tendências e comportamentos mundiais, além, é claro, da forte ligação com a música. Este rico intercâmbio, promissor na disseminação de culturas diferenciadas e de instalação de interface de socialização, atraiu também traficantes. O potencial local de concentração de público, aliado ao perfil do mesmo, onde grande parte de sua população era consumidora de drogas, foi determinante para a pródiga disseminação da venda das mesmas e de seu uso pelo local.

Esta atividade acabava por gerar mais insegurança na população vizinha à área e a torná-la mais perigosa: nem tanto pelo consumo de drogas ou pelos roubos e assaltos efetuados pelos consumidores locais, mas principalmente pela violência gerada pelos próprios traficantes em função do controle do ponto e pelos atos descumpridos, que, associados às práticas violentas de confronto entre as tribos locais e rivais, além de gangues que migravam em busca de um espaço no “mais badalado” lugar “*under*” da Cidade, acabou mobilizando as forças de controle social.

A repercussão desse movimento foi gigantesca: por toda a Cidade e arredores se sabia o que acontecia no Bom Fim. Sua prática exigia atuação de controle. Políticos e policiais se engajaram neste confronto. Por interesse pessoal (de morador local) ou por simples atuação de seu papel público, Isaac Ainhorn foi uma das pessoas mais citadas pela responsabilidade no “fechamento” do Bom Fim, no final dos anos 90 e início do século XXI, nos comentários dos entrevistados. O controle, a atuação incessante policial, as prisões e a violência foram elementos determinantes para que o local fosse sendo abandonado. Aliado a isso, houve o fechamento de alguns pontos importantes no seu desenvolvimento, como o Cinema Baltimore (e antigo MiniBristol) e o Bar João (que foram os últimos remanescentes fechados).

Por ali também teriam se desenvolvido bares como o Fedor, o qual teria sido, na década de 50, um bar cujo proprietário tinha o nome “Fédor” (enunciação fonética em russo). Por brincadeira, pronunciavam “Fedor” ao bar, aludindo ao mau cheiro proveniente de um mictório que existia à porta do bar e que servia aos seus potenciais consumidores de cerveja que jogavam sinuca no local e/ou aos taxistas que tinham ponto na esquina da Rua Felipe Camarão com a Avenida Osvaldo Aranha, onde ficava.

O nome também sugeria “um fedor” (grande quantidade) de pessoas, o dia todo, a se juntar à sua calçada e seu interior, numa concentração tão marcante que se supunha ser relacionada à origem do seu proprietário e usuários.

Também tivera por ali o bar Lola (cúmplice das noites disputadíssimas do Ocidente, principalmente em sua época de implantação, quando era a grande novidade na Cidade), quando era o *point* de drogas e onde as pessoas se concentravam antes de entrar no Ocidente, para comprar cerveja mais barata. Também havia os bares do Mercado do Bom Fim: Luar-Luar e Escaler (famosos, memoráveis e polêmicos pela venda e consumo de drogas, além de concentração de *punks* e metaleiros); o bar Cacimba (famoso por suas inúmeras cachaças, dispostas em paredes, que encantavam o público da rua que, para acessar seu estreito interior, precisava descer alguns degraus e abaixar-se para evitar o choque contra uma viga muito baixa que ficava sobre a escada na porta de acesso sobre a qual era disposto uma ossada de cabeça de boi com guampas e que teria vitimado muitos distraídos). Havia o bar Rotação (memorável por ser uma casa antiga que fizera janelas em suas paredes internas para que seus usuários pudessem visualizar os demais e para que tivessem controle visual de todos os ambientes, além de sua memorável máquina de música, na qual se escolhia o disco a ser reproduzido, mediante pagamento de moeda). Também havia o Vermelho 23 (famoso por seus shows de músicos locais), com o Café do Bom Fim (memorável pelo ambiente agradável e pelas discussões culturais), o Edgar Allan Torre (que o próprio nome já se encarrega de discriminar); o Clube de Cultura (cujo nome não fora descoberto) e seu bar, além de outro bar



ao lado do Clube de Cultura, que formavam um aglomerado “boêmio-artístico-cultural” na Rua Ramiro Barcellos e seus arredores, nas proximidades da Avenida Osvaldo Aranha.

Da mesma época podemos citar os remanescentes Ocidente (inicialmente de rock, que por oportunizar, ao final da Ditadura, um espaço para o público que apreciava músicas alternativas, de músicos locais e/ou rock, abria espaço também aos “proibidos”. O público gay atraído pelo tipo de música, encontrou lugar para “paquera”, liberdade, etc. Com o tempo, o bar ficara conhecido pela concentração de público a sua entrada e também pela venda, compra e consumo de drogas. Com a grande oferta de público, aumentou a oferta no local e, com isso, também, o controle policial foi palco de muita violência, repressão policial, prisões. Com o tempo, transformou-se em bar *cult*, alternativo, *underground* e dançante, com boas músicas eletrônicas e bandas. O bar apresentava um inesquecível paraquedas pendurado no teto e carteiras para clientes *VIPs* (só para os primeiros frequentadores), já não mais existente em sua estrutura atual. Outro remanescente, a Lancheria do Parque (conhecida por a “Lanchéra”, o lugar mais democrático da região, onde todas as tribos pacificamente ainda se encontram) e o Bar Lola (já completamente descaracterizado, transformado em restaurante), ainda permanecem no local, evocando o “espírito” do lugar e suas cenas, personalidades e atuações anteriores.

[...] E Porto Alegre, com seus modestos atributos (à exceção dos céus de outono), nos impregnava de um amor misterioso. Todos, no início dos anos 70, queriam sair daqui. Dizia-se que era um buraco, nada acontecia. Muitos saíram para sempre, outros tantos voltaram. Os que saíram, quando voltam, sentem uma estranha nostalgia. A diáspora gaúcha se estende por todo o mundo. Jornalistas, arquitetos, médicos, escritores, artistas se espalham por aí. Quando encontramos pelo mundo afora um porto-alegrense exilado, não raro seus olhos brilham ao recordar as noites da Independência, o Van Grogh, o Viscaya, o Alaska, a sinuca no Fedor, as madrugadas do Treviso, a sopa da Tia Dulce, as noites memoráveis que Ruy Sommer proporcionava no inesquecível Encouraçado Butikin. Não raro a conversa cai num sentimentalismo meio barato e somos traídos pelas emoções. E aí pensamos longe. Com a maravilhosa capacidade do ser humano de idealizar a distância, chegamos à conclusão definitiva: não era tão ruim assim.<sup>308</sup>

Da mesma época, o Auditório Araújo Viana (figura 55), que junto com o Salão de Atos da Reitoria e o a Terreira da Tribo foram espaços de divulgação da produção artístico-musical local, além de servir de ponto de resistência, protestos e shows mobilizadores da juventude – fortemente reprimida nos anos 70 e 80, cabendo-lhes memórias amargas de shows que acabaram em prisões ou ferimentos.

---

<sup>308</sup> MACHADO, Ivan Pinheiro. Emoções Baratas. In: Os Mistérios de Porto Alegre. In: BISSÓN, Carlos A. Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993. P. 18.



Figura 55 - Auditório Araújo Viana.  
Fonte: Acervo do Museu da UFRGS

“Sem teto”, os usuários e fiéis frequentadores do Parque da Redenção (principalmente aos domingos, quando acontecia a feira do Brique), adensavam as calçadas do Bom Fim e o “Fumódromo” (extinta área, que funcionou no local do atual “Parquinho de Diversões”, à Rua José Bonifácio quase esquina com a Avenida Osvaldo Aranha, onde, na época, o uso de drogas era disseminado).

Com o fechamento dos bares daquela ponta da Osvaldo, incluindo o Escaler e o Luar-Luar, o público destes bares, junto ao que já dominava a face “leste” do Parque (já disseminada por este público em sua zona mais “baixa”, junto ao denso arvoredo adjacente à Cidade Baixa, ao longo da José Bonifácio, Rua Venâncio Aires e transversais), acaba por, lentamente, ir encontrando espaços em seus botecos e botequins mais “baixos”, em busca de um espaço novo. Assim, os “órfãos” do Bom Fim acabam migrando à “baixa” Cidade Baixa, e naquele território já “contaminado” por temporalidades e territorialidades diferenciadas de boemia, instaram no lugar outra “Baixa Boemia” (que já lhe era inerente, pelo menos por algumas classificações), recuperando (ou simplesmente enfatizando) seu caráter de “Baixa Cidade”.

Alguns meios de comunicação de massa confirmam este constante redesenho dos usos, na sobreposição “arqueológica” de tribos que buscam no mesmo “lugar” este espaço para o desenvolvimento de suas (mesmas) atividades.

Assim, na virada do milênio, a Cidade Baixa sofre o *boom* boêmio: uma explosão de bares que se disseminam quase que “viroticamente”; uma “epidemia”. De todos os tamanhos, gêneros musicais e estilos de público, que povoam seu território e espalham a “Baixa Boemia” em novos lugares para os “*outsiders*”.

A Cidade Baixa “tradicional” é invadida por novas pessoas, novas tribos, novos comportamentos, novas ideias, novas atitudes e muito, muito barulho.

O bairro de população predominantemente idosa, que guarda a paz em suas estreitas ruas de casario secular e silêncio imaculado desde o gorjear do Riachinho em sua desfeita desembocadura, às dobras de seu percurso sinuoso que embalava o sossego local, sofre o “inferno acústico” disseminado pelo ar, que destrói seu descanso e injeta, em dose brutal, um potencializador da aura local: o *genius loci* maldito, “baixo”, que se formaliza sob outra forma: com outra sociedade, outros grupos, outras ações, mas mantendo homogêneo: o baixo poder aquisitivo, a excelente música ao vivo e a “baixa” imagem local.

## 5.2 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DE NARRATIVAS

Dado que o imaginário social é um vasto campo de representação do real, composto por discursos e imagens que falam dele ou rerepresentam parte dele, há de se cuidar em não os confundir<sup>309</sup>: parte e todo, por vezes, são dados como uma unidade e com a integridade da leitura urbana e social que lhe é atribuída.

Na maioria das vezes, a relevância ou a afetividade do espaço do qual o grupo social que o conforma lhe atribui constitui uma “metonímia” no campo social, pela análise de suas sociabilidades, que lhe imprimem caráter extensível ao todo.

Assim, ações de cunho social, numa dada territorialidade ou em várias, próximas (espacial ou imagetivamente), dentro do mesmo grande e amplo território de um bairro, atribui-lhe o caráter, a impressão e a imagem mental, a partir de observações ou vivências de ações específicas, interligadas ou não, associadas na imagem do campo mental.

Conforma-se, portanto, o imaginário local, reforçado pela frequência e permanência, ao longo do tempo, do referido fenômeno – seja no campo da espacialidade, seja na sedimentação da ideia da perpetuação, no local, das mesmas práticas em seus espaços.

Desta maneira, espaços urbanos, na escala física, podem tomar o caráter das atividades nele exercidas, ainda que em escala bem menor, do fazer dos seus usuários. A (boa ou má)

---

<sup>309</sup> SOUZA, Célia F. de., PESAVENTO, Sandra J. (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano* – Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. 292p.

impressão das sociabilidades (exercidas por outros, apenas observadas ou a sensação das experiências vividas) permite leituras do mesmo, sendo reflexos do real, simbólicos ou metafóricos.

A construção de mensagens, o meio pelo qual é distribuída, a bagagem individual do comunicador e a do receptor são fatores relevantes e indissociáveis da construção dos significados<sup>310</sup>. Por isso, a imprensa detém grande responsabilidade sobre esta construção, não sendo, necessariamente, a única nem a maior responsável pela construção de uma imagem, tampouco de um imaginário. Entretanto, sua influência é grande e a manutenção do discurso constrói uma “verdade”, assimilada inconscientemente pelos seus receptores<sup>311</sup>.

Contudo, as mensagens construídas não são isentas de uma intenção anterior. O recorte, enquadramento, o que está colocado em primeiro e em segundo plano e a posição nos quadrantes da composição, a amarração entre as partes e as possíveis leituras dos ícones, seja por sua dimensão, cor, significado social, simbólico, religioso, dentre tantas opções, não consegue isentar as escolhas do fotógrafo, desenhista, gravurista de uma posição, ainda que esteja, idealizadamente supondo uma possível isenção de toda a bagagem cultural e subjetividades, tanto do comunicador quanto do receptor<sup>312</sup>. Assim sendo, as imagens, em si, já têm um discurso intrínseco, consciente ou inconscientemente construído.

Além disso, uma legenda pode interferir, acentuando, contrariando ou ironizando o sentido proposto por uma imagem. O conjunto pode ter leitura diferente do que cada parte, isoladamente.

Quando falamos de imaginário, a quantidade de fatores envolvidos multiplica-se exponencialmente. Entram fatores culturais, sociais, econômicos, políticos, religiosos, crenças, relações sociais, impressões, lembranças, memória, história, conhecimento de todas as partes envolvidas nesta percepção. A complexidade da estrutura é muito mais intensa, inter-relacionando partes, associando subjetividades pessoais, mas submergem questões comuns, da coletividade, nesta construção mental social inconsciente.

Geracionalmente repassadas, informações que constituem e preservam o imaginário constituem fonte de coesões de grupos, de integridade territorial (pelo conhecimento de seus limites) e permanência de territorialidades, mantidas por práticas sociais. Milton Santos<sup>313</sup>,

---

<sup>310</sup> KNAUSS, Paulo. O Desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: ArtCultura, v. 8, n. 12, p. 97-115; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: Martins, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.C. (orgs.). O imaginário e o poético nas Ciências Sociais, Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 33-56.

<sup>311</sup> BONI, Paulo C. ; ACORSI, André R. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. LÍBERO. Ano IX. nº 18. Dez 2006.

<sup>312</sup> VILCHES, Lorenzo. Teoria de la imagem periodística. Barcelona: Paidós. pp. 21-77

<sup>313</sup> SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

fala sobre as questões das conformações do lugar.

Provavelmente desta maneira, o atual bairro Cidade Baixa tem conseguido manter ininterrupta sobreposição das práticas sociais sobre o mesmo espaço, com atividades semelhantes, senão iguais, de interação social: entre as pessoas e destas com o espaço.

A manutenção de sítio que recebe para a moradia ou para a vivência urbana as minorias sociais malvistas pela Cidade e/ou por sua “Sociedade”, reforçam a manutenção de práticas sociais, como a permanência, o lazer noturno, a boemia, certos perigos e violências relatadas desde seus primórdios, áreas de roubos, de concentração de moradores de ruas e de *outsiders* – militantes por direitos de respeito e reconhecimento de escolha de gênero e liberdade de ir e vir, com integridade, recuperando muitos personagens “malditos” que conformavam a Baixa Cidade de outrora.

A preservação da “aura” é identificada em sentimentos e relações de identidade/pertencimento às novas territorialidades e territórios, evocados das antigas lembranças, ouvidas, assimiladas e “herdados”, integrando-se às memórias de seus novos usuários. Nela, reforça-se a carga imagética local vigente à de seu passado, do mais remoto ao presente. Medos, perigos, violência, riscos, beberagem e prostituição, dentre tantas atitudes que reincidem sobre o território, perpetuam um imaginário urbano “sombrio”, mas atraente e instigante, que atrai curiosos e simpatizantes.

O *genius loci*<sup>314</sup> “maldito” reativa lembranças pessoais ou memórias coletivas, construídas sobre narrativas ouvidas ou lidas e, identificada a bengala de memória material, no espaço público ou privado, nas ações apreciadas ou vivenciadas e nas sensações ou impressões identificadas, que presentificam e permitem reviver os fatos e emoções narradas, a verossimilhança local “válida” a veracidade dos possíveis fatos, tornando credível a possibilidade de terem sido reais e potencializando fortemente a experiência, suas sensações e sentimentos de identidade e pertencimento, que criam relações entre usuários e território.

A antiga Baixa Cidade, consagrada por atividades e vivências semelhantes às narradas, é evocada na permanência e vivência destas práticas, tornando-se perceptível por seus frequentadores num nível inconsciente, que retoma o espaço por suas ações antigas e contemporâneas à vivência de seu fruídos, agregando ao atual bairro Cidade Baixa o valor histórico, simbólico e imagético, reforçado pelas memórias locais, no campo do imaginário. Assim, a vivência local, as experiências e os fazeres<sup>315</sup> têm aumentado o seu sentimento de prazer, cria relações de familiaridade (como se já vivido pelas memórias herdadas e

---

384 p

<sup>314</sup> Ou a aura local.

<sup>315</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

introjetadas, criando reconhecimento de espaços, personagens, práticas sociais e ambiência), aceitação e pertencimento ao lugar.

Talvez a vivência local noturna acentue esta experiência e oportunidade, por se tratar de período e vivência de ócio e lazer, na fruição do mundo do descanso, da diversão, em contraposição à Cidade do Trabalho. A vivência do espaço urbano em horário em que ele predominantemente não serve como palco às práticas do Mundo do Trabalho, conecta ao sonho, ao devaneio, às memórias (pessoais ou herdadas), às lembranças, dentre outros aspectos, que podem ser e geralmente são reforçados no social com o compartilhamento de impressões.

Dada a manutenção desta ambiência, na mesma paisagem, onde remanescentes podem ser identificados e potencializar os sentimentos locais, facilitada é a permanência da mesma e sua identificação, conexão com o passado e descrição.

Assim, a mídia (intencionalmente ou não, conscientemente ou não) acentua a preservação de temas, ações, valores e símbolos já introjetados pela sociedade, no imaginário urbano e social.

Fator extremamente relevante e recorrente no sentimento e nos discursos sobre o local é a insegurança. Moradores, proprietários de bares e congêneres, frequentadores locais e passantes compartilham do mesmo sentimento de medo e apreensão. A atenção direcionada ao espaço e a falta de relaxamento na fruição da boemia noturna já estão incorporadas na vivência local, ainda que com pesar pela falta de liberdade de uma fruição mais tranquila e despreocupada. Abordagens, furtos, roubos e assaltos são preocupações para todos os que buscam diversão e tranquilidade. O local aparece frequentemente em narrativas orais, em reportagens televisivas e em periódicos. Por sua grande atratividade e concentração de pessoas, torna-se visado pelas inúmeras oportunidades de investidas, tanto por seus frequentadores estarem descansados e desatentos com seus bens (bolsas, carteiras, automóveis) ou com o movimento ininterrupto de passantes, ou pelas vítimas já estarem, por vezes, sob efeito de álcool, ou, ainda, pela facilidade de abordagem de pessoas frequentemente saindo e entrando em automóveis.

Na fruição dos bares, frequentadores e proprietários se preocupam com a segurança local. Os primeiros, por poderem fazerem-no com resguardo e preservação de si, de amigos e de bens. Os segundos preocupam-se com a manutenção dos bens, da atratividade local e da boa fama com seus clientes, na esperança de atraí-los novamente. A preocupação local, à época, exigia solicitação protetiva. Conforme matéria no Jornal Zero Hora, “Os comerciantes

exigirão mais segurança. [...]são frequentes assaltos e furtos na região”<sup>316</sup>.

Além da clientela estar mais exposta e fragilizada à ação de meliantes, estes mesmos, por muitas vezes, estavam sob efeito de drogas ou álcool e o comércio de drogas era feito naturalmente, visível aos passantes, sem nenhuma intervenção policial.

Em certas regiões, o território facilitava oportunidades, como em locais de pouca vivacidade de calçadas e/ou em regiões muito arborizadas, onde as pessoas se misturavam aos troncos da vegetação urbana ou se encontravam à sombra, em regiões bastante escuras, visto a iluminação pública estar sendo feita, acima do dossel da vegetação de calçada.

A polícia se justificava pela arborização urbana, eximindo-se de responsabilidades “intrínsecas à forma” local, ao mesmo tempo em que não dava conta ou ignorava o comércio de drogas aos moradores de rua, dependentes, visíveis pelos clientes de bares próximos.

[...] as ocorrências são praticadas por pessoas encorajadas pelo consumo de álcool e de drogas. Na opinião do delegado, a ação dos infratores é facilitada pela falta de iluminação pública e pelo excesso de vegetação nas ruas.

- A escuridão e as copas das árvores acobertam o furto – comenta. <sup>317</sup>

Bens são roubados e furtados no local, levando à triste estatística, como indica a reportagem da qual se obteve o mapeamento destas ações (figura 56). A região adensa os relatórios policiais, destacando-se pela frequência e quantidade de ocorrências. Conforme Jornal Zero Hora: “De março a julho deste ano, o Departamento de Polícia Metropolitana (DPM) contabilizou pelo menos cem furtos, nove roubos e quatro recuperações de veículo na região – que faz parte do Centro, e o bairro Cidade Baixa –, registrados no mapa [...]” <sup>318</sup>

Alguns moradores conseguem identificar zonas mais perigosas pela recorrência das ações criminosas. “O aposentado cita as ruas [...]mais a Avenida Washington Luís, como as vias preferidas pelos ladrões de veículos.” <sup>319</sup>

---

<sup>316</sup> Proprietários de bares reagem a interdições da prefeitura. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 02/07/2004.

<sup>317</sup> Região do Gasômetro é visada. Jornal Zero Hora. Roubo e Furtos de Veículos. Porto Alegre, 08/11/2000, p.47.

<sup>318</sup> Região do Gasômetro é visada. Jornal Zero Hora. Roubo e Furtos de Veículos. Porto Alegre, 08/11/2000, p.47.

<sup>319</sup> Região do Gasômetro é visada. Jornal Zero Hora. Roubo e Furtos de Veículos. Porto Alegre, 08/11/2000, p.47.



Figura 56 - Região do Gasômetro é visada.

Jornal Zero Hora. Roubo e Furtos de Veículos Porto Alegre, 08/11/2000, p. 47.

Infelizmente, a violência não se restringe apenas aos bens materiais. A efervescência local, os perfis de público que o frequentam e a facilidade de acesso às bebidas alcoólicas e às drogas, oportunizam ações, por vezes motivadas por razão torpe, que relembram “acertos” com desafetos ou devedores “à ponta de faca”, como nas antigas narrativas da Baixa Cidade. Com novos atores, o mesmo espaço se presta a acertos com sujeitos que têm novas ações sociais, mas motivações ligadas ao ego, impulsionadas pelo sentimento de posse de pessoas, lugares, território e poder, como no caso de violência entre jovens, abaixo narrado.

O estudante de direito [...] só queria se divertir quando saiu com amigos na noite de sábado [...]. Tudo aconteceu porque alguém, no grupo de João Paulo, falou uma “gracinha” para uma guria que passou. Mas a moça ficou brava e chamou o namorado que, segundo testemunhas, não tinha mais do que 17 anos. Ele foi tirar satisfações e não conseguiu identificar o autor da cantada na turma e sete rapazes. [...] O namorado ofendido saiu e voltou armado, minutos depois, [...] chamando João Paulo para a briga [...] Os dois chegaram a lutar antes dos dois disparos e da fuga [...] Um tiro não atingiu ninguém, o outro feriu o estudante.<sup>321</sup>

Em ações incisivas contra bens materiais, talvez a facilidade de se percorrer o

<sup>321</sup> LOREA, Eduardo. Violência faz mais uma vítima na Cidade Baixa. Jornal. JÁ. Capa. Porto Alegre, 18/04/2005. p. 1



território até facilite fugas. Por ser cortado por vias de trânsito intenso, cruzadas por inúmeras vias locais, de trânsito quase que somente de moradores, talvez seja fácil deslocar-se pelo local, a pé, dependendo do horário. No caso do assalto abaixo narrado, o meliante iniciou a ação na esquina das ruas General Lima e Silva com Alberto Torres, percorreu outros ambientes, na Rua José do Patrocínio e terminou na Rua Lopo Gonçalves. Além do grande percurso, este foi feito com seguidas investidas do assaltante contra seus perseguidores. A ousadia do autor da ação surpreende, assustando a população pela agressiva ação contra o espaço público, conforme matéria do Jornal Correio do Povo:

A violência voltou a assustar os moradores do bairro Cidade Baixa, na região central de Porto Alegre. Ontem à tarde, um tiroteio causou tumulto e pânico e fez com que algumas lojas do comércio fechassem as portas.

[...] o assaltante foi perseguido e tiroteou com um homem [...]. Os disparos atingiram os vidros de um automóvel estacionado na rua. [...] o ladrão e seu perseguidor voltaram a se confrontar a tiros.

[...] um Escort teve os vidros laterais traseiros perfurados pelas balas, que também explodiram a porta de vidro de uma imobiliária [...]. O criminoso ainda tentou esconder-se no estabelecimento [...] “Foram disparados pelo menos cinco tiros de ambas as partes”, disse um morador [...].

Quando o acusado escalava telhados de moradias da rua Lopo Gonçalves, houve nova troca de tiros com os PMs e o homem [...] acabou preso.<sup>322</sup>

Não é possível afirmar que a vulnerabilidade social e econômica de muitos dos moradores locais reflita diretamente sobre os índices de assaltos, roubos e furtos da região. Entretanto, a pobreza é notória e já é mapeada, além de ter alguns indicativos de sua origem. Vindo de épocas pregressas, a locação de população carente nesta região responde a questões de urbanização e, também, de políticas públicas nos assentamentos e no não gerenciamento/ disponibilização de locais locais a preços compatíveis à população alocada.

Outro problema sério é o enfrentado pelos habitantes de cortiços e casa de cômodo, que chegam a pagar até Cr\$ 50 mil por uma única peça, sem as menores condições de higiene e ainda tendo que se responsabilizar com encargos como luz, água e gás. Para Adil (Orlando Adil era presidente da Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa – ACMCB, na época da reportagem), “morar em vilas acaba saindo muito mais barato” e cita como alternativa as três grandes vilas da Cidade Baixa: ‘A Renascença 1, que é a mais antiga da cidade, a Renascença 2 e a Luis Guaranha. [...]’<sup>323</sup>

Como já citado em pesquisas e no Histórico da área neste trabalho, a Rua Luis Guaranha já formara, há décadas, um complexo muito perigoso e temido na Baixa Cidade, em

<sup>322</sup> Tiroteio nas ruas da Cidade Baixa. Correio do povo. Serviços/ polícia. Porto Alegre, 21/05/2005. p. 15

<sup>323</sup> Morar é problema na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

conjunto com a Travessa Pesqueiro, na região mal afamada da Ilhota<sup>324</sup>. As ações de planejamento público, remanejando famílias em situação de vulnerabilidade, “reaproveita” um local que já tem este caráter, eximindo-se de ações mais onerosas aos cofres públicos, reforçando o perfil “baixo”, perigoso e pobre, com a repovoamento e manutenção por tanto tempo de população de baixa renda no mesmo espaço urbano.

Outra questão relevante, interligada ou não à existência de comunidades em situação de vulnerabilidade no local, é a existência expressiva de moradores de rua. Conforme Jornal Zero Hora:

Um fenômeno foi comprovado [...] na Cidade Baixa, em Porto Alegre: a proliferação de mendigos nas calçadas do bairro.  
Durante uma hora, ZH percorreu 10 das principais ruas e contabilizou 21 sem-teto.  
<sup>325</sup>

Uma possibilidade para a existência desta notável população de rua é a concentração de moradias no local. Conforme o mesmo veículo de comunicação:

Um estudo da população de rua da Capital feito em 1995 pela prefeitura apontava que bairros de classe média com intensa ocupação residencial e de comércio, como Menino Deus e Cidade Baixa, atraíam sem-teto. Isso poderia ser explicado pela facilidade de acesso a doações e a materiais como papel, latas, vidro e plásticos, coletados e vendidos.<sup>326</sup>

Além disso, a existência de novos abrigos a este público: um dentro do bairro, à Rua João Alfredo, onde se concentra expressivo número de bares e congêneres no uso intenso do lazer noturno, e outro aos bordos do bairro, à Rua Getúlio Vargas, de fácil acesso, a pé, pode explicar a concentração desta população. Conforme Marcelo Gonzatto: “Recentemente, a instalação de dois abrigos – na Rua João Alfredo e na Getúlio Vargas – pode ajudar a explicar a maior circulação de moradores de rua pela região.”<sup>327</sup> A presença dos mesmos foi mapeada por periódico local, ilustrando zonas de concentração desta população (figura 57).

---

<sup>324</sup> MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>325</sup> GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

<sup>326</sup> GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

<sup>327</sup> GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.



Figura 57 – Sem teto

Fonte: GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. *Jornal Zero Hora*. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

A sujeira e o comportamento social público provocados por este público têm criado tensão com a comunidade local. É compreensível que estejam em situação de desproteção, expostos ao espaço público. Entretanto, suas ações de caráter íntimo e seus vestígios têm causado repulsa por moradores de região do bairro que já apresenta odores característicos desta ocupação. Conforma Sandra Pesavento:

Que dizer então dos maiores de rua? Estes dormem, defecam, urinam e fazem sexo na via pública, nesta mesma Rua Venâncio Aires. Os porteiros noturnos contam histórias de arrepiar e os prédios são continuamente assaltados. Alguém vê, sem dúvida, mas tem medo de dar o alerta, com medo de represálias. Todos se fecham, nesta quadra maldita, onde tudo acontece e se o dia é chocante, a noite é perigosa e atemorizante. Perdemos, pois, o direito à rua. Atenção, cidadão, atenção cidadão engula o constrangimento ou renuncie ao espaço público, pois ele não é mais seu<sup>328</sup>.

A Associação do Bairro começou a ser procurada como fonte de auxílio e ajuda de renda por esta população. Preocupada com a segurança local e com as necessidades deste grupo, viabilizou oportunidade de criação de renda, através do trabalho e comércio dos produtos produzidos por esta população, feito no espaço público, com aval do órgão de

<sup>328</sup> PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. *Zero Hora - Segundo Caderno: Cultura*, Porto Alegre, 25 mar. 2006.

fiscalização do comércio.

O movimento comunitário nunca se caracterizou por ser um trabalho rendoso e nem por fazer filantropia. Porém, um grande número dos 5.000 sócios da ACMCB procura a entidade para pedir dinheiro. Adil atribui isto ao baixo poder aquisitivo da população e ao desemprego. Por esta razão, decidiram criar um espaço para que estes moradores pudessem vender suas coisas usadas e assim arrecadar recursos. Deste modo surgiu a Feira Cultural da Praça Garibaldi, com autorização da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC).<sup>329</sup>

O barulho, motivo de reclamação pelos moradores, tem criado tensão e indisposição por parte destes, em função de o bairro ter população predominantemente residencial, apesar do exuberante número de pontos de lazer noturno. Além disso, esta população está ativa no mercado de trabalho e espera, em sua residência, obter o merecido descanso após dia exaustivo de trabalho. Contudo, a moradia alocada no bairro proeminentemente boêmio da cidade sofre perturbação com ruídos a semana toda, no período de funcionamento dos bares em atendimento ao público que usufrui o lazer noturno. Muitas foram as denúncias, brigas, processos e ações policiais e legais sobre a região, sempre discutindo os limites do período de uso noturno. Tais determinações refletem fortemente na vitalidade, vivacidade, e segurança locais, reduzindo-as:

Ruas desabitadas ao movimento notívago como a Luiz Afonso, tradicionalmente ocupadas por casarões familiares e cadeiras nas calçadas em finais de tarde, receberam a companhia de vizinhos com som mecânico e ao vivo e aglomerações de jovens.<sup>330</sup>

No entanto, é compreensível a exigência dos moradores locais. Principalmente porque parte do ruído também provém de brigas e discussões nos bares. Além disso, a venda e consumo de drogas tornam a área, num todo, menos segura, por estarem circulando muitas pessoas sob o efeito delas.

-Não vamos fechar bares. Reconhecemos o direito dos empreendedores, mas também temos que garantir o sono dos moradores. A Cidade Baixa é um bairro tradicional e tem muita gente idosa.<sup>331</sup>  
[...] moradores do bairro que cada vez mais procuram a prefeitura para reclamar de barulho durante a madrugada, baderna nas ruas e tráfico de drogas.<sup>332</sup>

A presença dos jovens que infringem alguns limites e depredam patrimônio, agridem

---

<sup>329</sup> Morar é problema na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

<sup>330</sup> GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 02/07/2004.

<sup>331</sup> Edson Silva, titular da SMIC In: GONZATTO, op. cit.

<sup>332</sup> GONZATTO, Marcelo. Vida noturna conflagra a cidade baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 02/07/2004.

peessoas ou cometem atos de violência ou assaltos, assusta mais a algumas pessoas do que a população de rua: “Oliveira (comerciante da Rua Luiz Afonso) afirma que a presença dos sem-teto não incomoda, diferentemente de turmas de jovens que bebem e cometem vandalismo.”<sup>333</sup>

Infelizmente muitos destes são também usuários de drogas e também cometem crimes. Conforme Sandra Pesavento, que era moradora local:

Nesta nossa Cidade Baixa, nesta nossa Avenida Venâncio Aires, uma cena é frequente: meninos de rua a dormir ao sol alto, na calçada, atravessados no passeio, entupidos de loló ou de sei lá o que. Não encolhidos em um cantinho, mas estirados no meio da calçada, boca aberta, braços em cruz, no meio do dia, perdidos na vida. A cena já se tornou banal. As pessoas passam e precisam se desviar, para seguir seu caminho, ou pulam por cima, como se fosse uma poça d’água. Houve tempo em que os passantes se admiravam e olhava ao redor, quem sabe para chamar o brigadiano. Mas este tempo passou. Ele mesmo está ao lado da cena, a conversar com porteiros e garagistas [...]<sup>334</sup>

A juventude que frequenta a região tem diferentes perfis. Parte se mistura com as drogas, bebidas ou ambos e agem sob ações de grupos, demarcam territórios, agem instintivamente à defesa da área de seu grupo. Outros circulam e aproveitam a noite de maneira individual. Outras se concentram sob forma ativista, buscando ganhar espaço na cena pública, literalmente ocupando-a, tanto em ações juvenis de transgressão, atravessando displicentemente o leito viário, ignorando o trânsito, seja invadindo massivamente recuos de jardins, calçadas e leito carroçável, entre os carros estacionados e até nas pistas. Devido ao volume, os carros contornam os bloqueios para evitar discussões. A tomada da região estava tão agressiva que já era considerado um problema de segurança pública. Conforme matéria do Correio do Povo:

Moradores do bairro Cidade Baixa, na Capital, convivem com a imprudência de motoristas e pedestres que desrespeitam as regras de trânsito. Além de condutores estacionando em locais proibidos, os pedestres invadem as ruas, impedindo o acesso às residências. [...] Para o diretor de Trânsito e Circulação da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), [...] a questão extrapola o trabalho de fiscalização, sendo um problema de segurança pública. O diretor relatou que está intensificando as operações de fiscalização no local, buscando a parceria da Brigada Militar para o apoio nas ações.<sup>335</sup>

Além disso, alguns grupos juntavam-se em alguns lugares do bairro, sendo mais notável e populacionalmente densa a ocupação defronte ao Nova Olaria. Ali, praticavam atos

---

<sup>333</sup> GONZATTO, Marcelo. População de rua cresce na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana: Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.

<sup>334</sup> PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. Zero Hora - Segundo Caderno: Cultura, Porto Alegre, 25 mar. 2006.

<sup>335</sup> Trânsito é caótico na Cidade Baixa. Correio do Povo. Geral. Porto Alegre, 20/05/2007. p. 3

sexuais, sob várias formas, explicitamente, às calçadas, procurando escandalizar os passantes, por se tratarem de relacionamentos homoafetivos, cuja aceitação ainda não era tão natural como atualmente (apesar de também não ser tão rejeitada). Entretanto, não compreendiam que a questão transgredia a própria busca por respeito, desrespeitando-se ao fazerem isso, além de desrespeitarem os demais usuários locais, moradores próximos e o próprio espaço.

[...] em frente ao Guion, desde que os comerciantes colocaram seguranças para impedir que uma comunidade gay-adolescente cometesse excessos explícitos, a gurizada passou a ser reunir nas calçadas em frente, continuando sua prática de escandalizar o passante, agredir com uma suposta atitude liberada. Uma [...] moradora da Rua Luís Affonso, me contou que tem presenciado cenas de masturbação entre meninos de uns doze anos. Ninguém lhe contou: ela viu e vê. Também se vê, por toda a cidade, muitos casais hetero em situação semelhante. Homo ou heterossexualidade, qualquer forma de amor vale à pena. A questão é outra. Cidadão, engula seu constrangimento e constate: não há mais distinção entre público e privado.<sup>336</sup>

O quadro do bairro Cidade Baixa, neste momento, remetia, imagetivamente, a várias ações condenáveis pela “Cidade da Ordem”, ou pela “sociedade”. Reforçava-se local de excluídos sociais, pobres, assaltantes, ativistas e demais *outsiders*, em busca de um espaço que não lhe repelisse. A Cidade Baixa, vanguardista, cosmopolita e eclética, recebia diferentes tribos, práticas sociais, tensões. E todas estas gritantes diferenças, à noite. No uso noturno, na boemia, recuperava os limites imagéticos da Baixa Cidade, evocando e oportunizando a vivência da aura local.

Durante o dia, seguia como um bairro tradicional, ofertando comércios e serviços, uma vitalidade usual em bairros residenciais e uma boemia vagarosa e sonolenta, que só “acordava” próximo ao meio dia e só estava ativa, de fato, ao baixar do sol.

A Baixa Cidade, mesmo, só era vista à noite, na boemia.

### 5.3 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA CIDADE” A PARTIR DE IMAGENS

As delimitações do Bairro Cidade Baixa por seu imaginário urbano, a partir de publicações em periódicos locais, remetem à recuperação imagética da área que outrora fora conhecida por Baixa Cidade. Esta, sem limites muito definidos, inicialmente, consagrava-se ao sul da crista onde for instalada a Rua Duque de Caxias. Adjacente ao perímetro urbano inicial, já apresentava algumas apropriações agrícolas e edificações isoladas. Com o avanço e a consolidação do “Centro Urbano”, toda a área extramuros, circundante à Cidade, era

---

<sup>336</sup> PESAVENTO, S. J. SOS Porto Alegre. Zero Hora - Segundo Caderno: Cultura, Porto Alegre, 25 mar. 2006.

conhecida como “Baixa Cidade”.

Passados séculos de evolução urbana, a população entrevistada em periódicos demonstra insatisfação com algumas intervenções locais, que estavam desconsiderando os limites compreendidos pelos moradores, e pelos quais se contava a sua própria história. Além disso, descaracterizavam a área, num todo, por intervenções com obras de grande impacto urbano.

### 5.3.1 Mapeamento limítrofe pelo discurso da população na mídia impressa

A Cidade Baixa consagrou sua imagem na boemia noturna da Cidade. Herdou parte de seu imaginário marginal. Margem de início de povoamento da cidade, que cresceu margeando ao rio.

Margem do riacho que a inundava com as cheias do Guaíba, é bairro que cresceu margeando o muro que separara a "baixa" e a "alta" cidade, os ricos e os pobres, os expoentes e os excluídos do convívio social humano e urbano. Desenvolveu-se margeando o riozinho em zona de pobres, negros, prostitutas e “apalafitados” (figura 58). Teve forte importância no desenvolvimento da cidade, e sempre ficou “à margem” do desenvolvimento social, econômico, urbano, valorização e incentivos da especulação imobiliária.



Figura 58 – Meninos no Riacho.

Fonte: TELLES, Leandro Silva. Breviário histórico sentimental da vila de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. 2.ed. P. Alegre: Renascença, 1980. 100p.

Antes da abertura da Avenida Borges de Medeiros, a Cidade Baixa constituía assim como que um complemento do resto de Porto Alegre.

O povo que habitava naquela zona era olhado ‘por cima dos ombros’ e considerado ‘gentinha’, que só comia carne, arroz e feijão...

Os menos remediados procuravam viver na Cidade Baixa porque ali encontravam habitações ao alcance de suas possibilidades.

Moram em casinhas de ‘porta e janela’, era também uma maneira de tentar diminuir os seus moradores.

Para chegar à cidade, os moradores preferiam subir o Liceu (parte da Rua Marechal Floriano, entre Duque de Caxias e Coronel Fernando Machado)... (...)

Alguns, subiam o ‘Beco do Meireles’, que ficava paralelo à rua acima citada (...) porém não era grande o trânsito, porque arriscavam-se a ficar “mal vistos” e as famílias passavam de cara virada, mesmo que fosse pelas esquinas.

Raro era o dia em que ali não se verificasse uma desordem e então entrassem em cena os facões dos ‘morcegos’, mais tarde dos ‘gafanhotos’ e finalmente dos ‘ratos brancos’, alcunhas que o povo deu às três corporações policiais, que conheci.<sup>337</sup>

Este bairro, à margem da Cidade, ou da “Alta Cidade”, ao longo de todos os tempos, continua mantendo esta imagem marginal.

Porém agora, o próprio bairro Cidade Baixa vaza de seus limites oficiais. Vaza e inunda todos os seus arredores com a “onda” da “Baixa Boemia”, que macula seu território com a depreciativa carga imagética da Baixa Cidade de sempre.

A Cidade Baixa oficial, estabelecida em seu perímetro novo e legal pela Lei 2022 de 07/12/59, com limites alterados pela Lei 4685 de 21/12/79<sup>338</sup>, ainda não se rendeu à sua alteração.

Curioso, porém, é que em 1959, o que lhe garantira a troca de perímetro seria a instauração de novos limites oficiais, a partir da aprovação da lei que lhe mutilava em um recorte que parece delimitar apenas sua parte central: uma ilha, ou “Ilhota”, visto sua dimensão em relação ao todo, que correspondia ao “coração” do espaço, até então conflagrado e reconhecido por toda a área além dos limites de cercamento das “muralhas” da cidade. A cidade pobre, desprotegida e “ao léu”, cinturão negro, perigoso e marginal ao Centro, fora reduzido a seu cerne, preservando em seus limites apenas as zonas de cota realmente mais baixa, liberando a zona da face sul do espigão à Duque de Caxias à Independência, e mantendo apenas a área lindeira ao Parque Farroupilha – antiga Várzea.

---

<sup>337</sup> Gastão Mazon apud FORTINI, Archymedes. A Cidade Baixa não existe mais. Jornal Correio do Povo. Revivendo o Passado. Porto Alegre, 29 de maio de 1966.

<sup>338</sup> Limites Atuais: Avenida Praia de Belas até a Rua Barão do Gravataí; desta até seu encontro com a Avenida Getúlio Vargas; por esta via, sentido sul-norte, até a Avenida Venâncio Aires; desta até a Avenida João Pessoa e por esta até a Avenida Perimetral, até encontrar a convergência da Avenida Borges de Medeiros com Avenida Praia de Belas. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p\\_secao=43](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43)>. Acesso em: 18 de junho de 2006



Na área varzeana, fora mantido seu recorte territorial, conservado o “coração” da Cidade Baixa: sua área mais central, efervescente e mais consagrada no imaginário popular pela boemia, ou “Baixa Boemia” noturna.

O Plano Diretor de 1959 teria sido a aprovação da lei decorrente dos estudos lançados por Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Farias, engenheiros e técnicos da Prefeitura. Este estudo teria sido feito a partir de um levantamento inicial do sítio e suas condições. Após este levantamento, propuseram inovações ao urbanismo em Porto Alegre, bastante influenciado pelo Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo (MAIA, 1930) e pelos estudos urbanísticos desenvolvidos pelos técnicos, no Uruguai.

Estas propostas viriam a ser publicadas pelo título de “Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre”, em 1938, que constituíram as normas urbanísticas em um conjunto que, em 1959, foi aprovada como a primeira lei a instituir planos diretores no município. No estudo aparece a proposta de implantação do “Perímetro de Irradiação”, equivalente à Primeira Perimetral. Esta inserção tinha o objetivo de recolher o fluxo das avenidas radiais, desviando-o do Centro pelas periferias, evitando sua penetração em qualquer ponto. Esta radial incidiria, conforme testemunhos, exatamente pelo “meio” da Cidade Baixa:

O Plano Diretor de Porto Alegre circundou o Centro nervoso da Capital com uma avenida do futuro: a I Perimetral. E por conveniências geográficas e econômicas, o percurso, no trajeto da Cidade Baixa, cortou-a exatamente ao meio, seguindo a Rua Avaí, da João Alfredo até a João Pessoa. Este traçado eliminou do mapa dezenas de casas velhas. Os maloqueiros foram afastados para a Vila Restinga. Dos 50 mil moradores em cortiços de Porto Alegre, mais de cinco mil entraram num processo de recuperação social pelo DEMHAB [...] <sup>339</sup>

A acepção popular de “Cidade Baixa” é um pouco mais ampla do que os limites estabelecidos pela lei de 1959. Como tal ficou conhecida, desde meados do século passado, toda a região situada ao sul da colina da Rua Duque de Caxias. <sup>340</sup>

Este recorte estabelecido pelo Plano Diretor de 1959 causou grande impacto local. A “Baixa Cidade”, caracterizada pela modesta arquitetura e simplicidade de população, teria seu perfil totalmente alterado. Ou pelo menos no discurso divulgado à implantação do plano.

Largos claros vão se abrindo à passagem da larga avenida. Avaí, rua tímida, ladeada de casas velhas, sumirá do mapa. Ao longo do seu percurso, mais das outras vias da Cidade Baixa, nascerá uma Cidade Alta, de comércio, edifícios e muito dinheiro. <sup>341</sup>

O impacto poderia ser percebido pela alteração da paisagem. A foto a seguir (figura 59) ilustra a devastação da “Baixa Cidade” que teria sido demolida em prol de uma expansão

<sup>339</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

<sup>340</sup> Predomínio da classe média foi sempre marcante. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 29/11/91, p. 17

<sup>341</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

da “Alta Cidade”, desenvolvida e promissora. O progresso chegava literalmente “avassalador no local” e a expectativa de sucesso era grande.

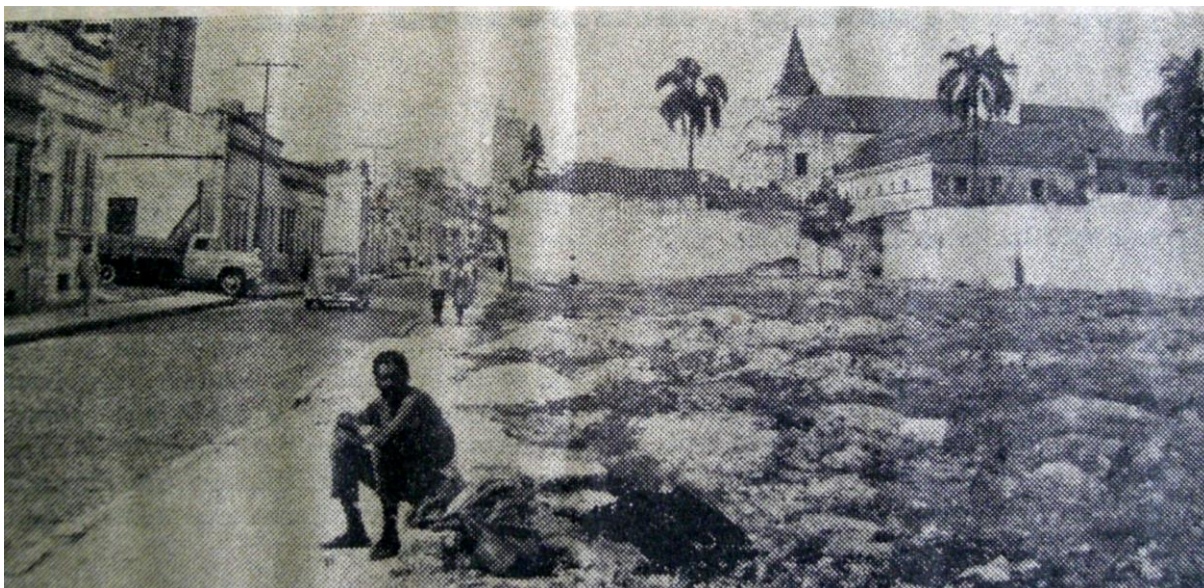


Figura 59 - Artigo “Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito”.  
Fonte: Folha da Tarde, 1977.

Pela legenda da foto, que intitulava a matéria, pode-se estabelecer a imagem da área: feia, pouco desenvolvida, “baixa”. Esta área pouco nobre seria, finalmente, substituída por uma nova. Para isso, os impactantes alargamentos de ruas foram aprovados. Iam ao chão dezenas de edificações históricas, inclusive o tão lembrado (e com pesar) desmanche do lado ímpar da Rua João Alfredo. Demolição em prol do tão sonhado e merecido sucesso: uma nova via comercial, coroada de arranha-céus “modernos” viria a consagrá-la como mais nobre região da cidade: a do progresso.

É velho, pequeno, pobre e central. Esquecido por 60 anos, menos lembrado que vilas afastadas – ganhou malocas em vez de urbanização. O bairro chamado Cidade Baixa realmente descera muito. Caiu, na proporção da diferença entre a várzea onde fica o espinhaço da Bronze – eixo-século-vente da expansão de Porto Alegre. As casa cor de caixão, as ruas estreitas de pedras desajustadas, repetiam a vida de muita gente, que foi chegando das vilas e entrando nas casas desapropriadas pelos primeiros sinais do progresso. Esse, chamou-se Plano Diretor de Porto Alegre. O detalhe, ali influenciando, chama-se Primeira Perimetral.<sup>342</sup>

A obra teria demorado a ocorrer. Não se pode precisar se realmente tenha atrasado dentro de prazo possível ou se tenha, de fato, se prolongado em demasia e o tempo tenha parecido muito extenso pela grande expectativa da população em relação à obra, visto a recorrência de suas observações sobre a demora da mesma.

<sup>342</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

[...] Hoje, na Avaí, poucas moradias restam. Ainda não foi resolvido o problema da Igreja e do convento, nem feita a demolição de muitas casas. Explicação do Serviço de Próprios da Prefeitura: ‘Falta gente. As vezes, os quinze homens que deveriam trabalhar permanentemente lá, ficam em cinco ou nenhum. Então, o jeito é esperar.’<sup>343</sup>

Aqui, a demora das obras dá uma incerteza. Mas o dia que os financiamentos inundarem os projetos, por certo a Cidade Baixa – como outros bairros parados – será derrubada aos poucos, dando lugar a um bairro bonito, limpo e outra vez no seu lugar histórico.<sup>344</sup>

Seus limites também pareciam não estar bastante definidos. O limite imaginário da Cidade Baixa, supracitado, que incluiria toda a região abaixo do espigão Duque-Independência, diverge do limite estipulado em jornal local, como trecho abaixo. Até a aprovação do Plano, feita em 21 de dezembro de 1979, a área da Cidade Baixa seria equivalente à área da “Baixa Cidade”, acrescida da área conquistada ao rio através dos já executados aterros.

Limites do distrito, Arrabalde, Bairro ‘Cidade Baixa’:

Rua José do Patrocínio, totalidade da rua, ambos os lados; Rua João Alfredo, ambos os lados, totalidade da rua; Rua Cel. Genuíno. Lado par, total; Ponte de Pedra; Av. Praia de Belas, ambos os lados, até o Arroio Dilúvio; Av. Borges de Medeiros, da Ponte de Pedra até o Arroio Dilúvio; Centro Administrativo, Daer, Ipe, e ruas (todas) nas imediações destes prédios públicos até o Rio Guaíba, inclusive o Fórum da Comarca de Poa; Av. Ipiranga, lado par até a Av. João Pessoa; Av. João Pessoa, ambos os lados, total; Pira da Pátria; Parque Farroupilha; Rua Venâncio Aires, da Rua Santana, lado ímpar até a Praça Garibaldi; todas as transversais, na totalidade da Av. João Pessoa, Rua José do Patrocínio, Rua João Alfredo, Av. Praia de Belas, Av. Borges de Medeiros, fechando na Rua Cel. Genuíno, lado ímpar, até a Ponte de Pedra, e o Rio Guaíba.<sup>345</sup>

Estes são os limites do distrito numero dois, Cidade Baixa [...]<sup>345</sup>

Este limite não chegaria a incluir a face sul do espigão, mas abordaria a Várzea e todo o limite da “Baixa Cidade”, equivalente à área “além do limite da muralha”. Porém esta zona não era reconhecida, na íntegra, em 1977. Em reportagem de jornal local, os limites do promissor bairro Cidade Baixa era descrito de outra maneira. Mais próximo dos novos limites a serem implantados pela Lei que entraria em vigor dois anos depois, ele já não incluía a área abaixo do espigão da Rua Duque de Caxias, nem a Várzea e negligenciava também a área do aterro:

Limites da Cidade Baixa: Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires, Rua Baronesa do Gravataí, Avenida Praia de Belas, Avenida Borges de Medeiros, Rua Cel. Genuíno e Avenida André da Rocha.<sup>346</sup>

<sup>343</sup> Ibidem.

<sup>344</sup> Leitor fala sobre nossos limites e outras histórias. Jornal Cidade Baixa. Porto Alegre, 17/10/92. p.2.

<sup>345</sup> Ibidem.

<sup>346</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

Para um morador mais antigo, nascido em 1901, a Cidade Baixa tinha o limites consagrados em seu imaginário local: era todo o espaço que não fazia parte da “Cidade”. A área extramuros, “extratudo”. Tanto que mesmo depois de determinado o novo plano da Cidade e de sua cirúrgica e mutiladora implantação, no imaginário constavam os limites primeiros, contemplando a área de consagração comercial, uma abordagem maior dos que os limites que já valiam há sete anos, mas que de fato não teriam força para mudar o imaginário em tão pouco tempo.

Na Cidade Baixa funcionam dois grandes e confortáveis cinemas, cafés, restaurantes, bares, casas de comércio e tudo isso igual às melhores da cidade. Citarei algumas coisas da Cidade Baixa: O Café Moka, que ficava situado no local onde foi construída a Praça Daltro Filho; o armazém do velho Porto, na esquina formada pelo Liceu e a Rua da Varzinha (Demétrio Ribeiro); a Farmácia Universal [...] o armazém Costa Leite, o sr. Pacheco, que residia a Rua do Arvoredo (Fernando Machado) e fabricava os saborosos biscoitos, que eram conhecidos pelo seu nome; o beco da Maxambomba; o beco da Vila Rica, [...] as inúmeras “repúblicas” de estudante...<sup>347</sup>

A implantação do Plano de 59 não teria trazido progressos. A área teria estagnado, mesmo após tanta demolição à passagem da nova via e do progresso pelo local. Ali só ficara a via e sem progresso nenhum. Os arranha-céus nunca viriam a acontecer. Toda a ascensão local ficou somente no imaginário e a área de antiga pobreza e humildade ficou ainda mais pobre e descaracterizada. No cenário “pós-guerra”, se arrasta por séculos a devastação local. Largas avenidas escassamente arborizadas e grandes espaços públicos, incluindo o generoso “Largo Zumbi dos Palmares”, conhecido popularmente por “Largo da EPATUR”, devido à localização desta sede (Empresa Porto-Alegrense de Turismo) e da concentração local de ônibus de turismo, que só apresenta à visualização do piso atual e o limite de parte do quarteirão original inutilmente demolido. Atribuem à Avenida João Pessoa, cujo viaduto teria sido construído neste período, de ter captado todo o progresso que deveria ter passado e permanecido no local.

A estagnação social e econômica local, dos moradores que não teriam sido retirados para o Loteamento da Restinga, teria feito a zona permanecer sem renovação e a agravar problemas já existentes no local:

A Avenida João Pessoa drenou o progresso da Cidade Baixa, em vez de canalizá-lo. A vizinha Universidade Federal valorizou os terrenos, mas ninguém investiu. Cada vez menos cotados, os aluguéis caíram ao ponto de poucas famílias classe média e raras média alta morar ali. A população desse bairro vive em casas erguidas no

---

<sup>347</sup> FORTINI, Archymedes. A Cidade Baixa não existe mais. Jornal Correio do Povo. Revivendo o Passado. Porto Alegre, 29/05/66.

início do século. Muitas sofreram reformas. Poucas cederam para novas construções. Houve a estagnação, avolumaram-se os dramas: esgotos sofríveis, água abundante, ratos em profusão, inferninhos, botecos (dois por quadra), armazéns (um por quadra), pequenas lojas, sapatarias, miúdas oficinas de concertos de relógios, tendas de frutas, jogatinas em pensões suspeitas, bocas de fumo (André da Rocha) e problemas sucessivos.<sup>348</sup>

Na mesma reportagem o jornal já alertava sobre outros problemas graves que a Cidade Baixa teria, mas que não seriam maiores do que a abertura da 1º Perimetral, que teria demolido grande parte do cenário arquitetônico, transferido grande parte dos moradores e provocado um grande movimento social devido à procura de projetos de recuperação social para cerca de cinco mil famílias, além do grande atraso na execução da obra.

Pequenos problemas, como a deficiência no recolhimento de lixo, a malandragem, os cachorros, os ratos, a falha dos esgotos (figura 60), a falta de policiais em quase todas as ruas, não são os fundamentais da Cidade Baixa.<sup>349</sup>



Figura 60 – Descaracterização da Ilhota com as “melhorias e saneamento urbanos” propostos pelo PDDU – demolições de casario, aterro do Dilúvio.

Fonte: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). Memória Porto Alegre: espaços e vivências. – 2º Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1991. p.169

#### 5.4 CIDADE BAIXA PELA “BAIXA BOEMIA”: O MAPEAMENTO DO BAIRRO PELO IMAGINÁRIO

As delimitações do Bairro Cidade Baixa pelo imaginário urbano de sua boemia noturna busca conformar a área de abrangência desta prática social. A partir de uma folha

<sup>348</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

<sup>349</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977

branca, entrevistados puderam desenhar, livremente, sua compreensão do sítio, os lugares boêmios pelos quais ele se caracterizava.

Em interpretações íntimas e subjetivas, representaram, indiretamente, parte de suas lembranças, afetividades e memórias individuais, representando espaços e insinuando ou delimitando claramente os limites urbanos que definiam o bairro.

Em grupo, a amostra apresenta uma delimitação relativamente coincidente, que sugere uma conformação de limites que recuperam a antiga “Baixa Cidade”.

#### **5.4.1 Mapeamento limítrofe por mapas mentais de usuários locais**

A Cidade Baixa apresenta-se como o espaço que consolida o lugar da boemia, no imaginário atual. *“Tradicional reduto dos boêmios de Porto Alegre, a Cidade Baixa revive seus melhores dias com a abertura de novos bares e cafés.”*<sup>350</sup>

Berço da “baixa” boemia noturna, daquela de seresta e choro, música ao vivo ao violão, e de seu mais consagrado boêmio, a Cidade Baixa virou “moradia” da boemia porto-alegrense na segunda metade do século passado.

Nas décadas de 50 e 60, o samba-canção dava o tom nos bares que Lúpi, Rubens Santos e Lourdes Rodrigues frequentavam. A partir da década de 70, o número de bares e boêmios do bairro aumentou, acompanhando o crescimento da Capital. Outros públicos e “tipos” mais modernos e/ou alternativos começaram a fazer parte da paisagem.

No final da década de 80, a agitação na Cidade Baixa teve uma redução na sua boemia, que se dividia entre ela e o Bom Fim. Já ao final dos 90, com o fechamento de grande parte dos bares do Bom Fim, a Cidade Baixa entra em processo de meteórica expansão de sua boemia noturna, consolidando o maior complexo noturno de Porto Alegre.

Talvez, comparável ao Centro no auge de sua boemia, e em proporção a sua população na época, a Cidade Baixa consiga conformar um espaço com tamanha imponência, importância e efervescência.

Ao contrário do que acontecia no Centro em sua “Alta Boemia”, de mesma qualidade de espaços e lazeres que divergiam apenas no repertório dos músicos locais, a Cidade Baixa, à época da investigação, oferecia diversificadas opções, atendendo a todos os gêneros de público.

É um espaço que abre lugar às manifestações de todos os grupos, de todas as tribos. Lá

---

<sup>350</sup> MIETLICKI, Deise. Boêmia, aqui me tens de regresso. Jornal Zero Hora. Especial ZH. Porto Alegre, 03/07/99 p.1.

se encontram boêmios da velha guarda, nativistas, sambistas, modernos, alternativos, *cults*, *punks*, metaleiros, *hippies* remanescentes, *hare krishnas*, “emos”, “patricinhas”, “mauricinhos”, “magrões” do Bom Fim, traficantes, bebuns clássicos, tradicionais, novidadeiros, veteranos e emergentes na boemia, além de outros tipos.

Portanto, oferece impressionante “ecletismo” de alternativas de lazer: bar de faroeste, country, cubano, nativista, de rock, de samba-rock, de pagode, bares frequentados exclusivamente por homossexuais, restaurantes com comidas típicas e bares temáticos sobre filmes, bares que são ponto de venda de drogas, dentre outros.

E esta diversidade acaba por “chamar” cada vez mais público. Por sua grande repercussão na noite, principalmente pelos problemas gerados por sua ocupação, o bairro acabou ganhando popularidade. Além disso, soma-se sua história, seus personagens, seus “causos” ou espaços mais memoráveis. Ou pelo menos é isso o que parece acontecer no imaginário das pessoas.

Buscando compreender este fenômeno e identificar se de fato há um retorno ao passado, o estabelecimento de “fio-terra”, com a recuperação de memórias mais antigas, e história sobre o local, foi feito um levantamento de mapas mentais. Foram aplicados 61 mapas, que solicitavam o desenho do Bairro Cidade Baixa. Os entrevistados recebiam uma folha com a ordem de execução do mapa, conforme Apêndice A.

Os mapas foram analisados conforme os fechamentos dos limites do bairro, na percepção/memória dos entrevistados, para medir a incidência da identificação dos limites originais do mesmo (além de seus pontos internos - históricos e consagrados na história do bairro ou não).

Os entrevistados foram selecionados conforme conhecimento da área. Como já detalhado em metodologia, o “pré-requisito” do entrevistado era ter frequentado o local, no mínimo uma vez. As entrevistas não foram aplicadas no local analisado, para evitar que a pessoa pudesse se orientar ou tirar do lugar e de sua imagem recordações que facilitassem sua formação da imagem mental. Este exercício foi executado em ambientes pré-determinados pelos usuários, longe da área analisada.

Não foram dadas informações sobre nomes de ruas, equipamentos ou bares, nem permitida a consulta em mapas ou outros meios. A pesquisa isentou-se de “pontes” para a instalação do “fio terra”, forçando a memória a resgatar os fragmentos realmente mais relevantes e de maneira mais isenta possível.

Não houve equilíbrio na amostra com relação à seleção de depoentes. Não houve separação por sexo, idade, nível de formação ou extração econômica. A amostra se fez aleatoriamente, buscando quaisquer depoentes. Este critério foi definido após algumas

entrevistas abertas com usuários do local.

Uma captação de amostra no sítio pré-determinaria a maior ou menor apresentação de pontos históricos, devido à faixa etária: por diferença no nível de conhecimento do lugar (existem regiões com faixa etária média de 18 e outras de mais de 50), interesse no assunto (existem lugares de concentração de artistas, arquitetos, designers, historiadores, dentre outros, e existem áreas de concentração de surfistas, adolescentes, “emos”...).

Dos 61 respondentes, 33 eram do sexo masculino e 28 do sexo feminino.

Dentre os mapas executados, 19,67% dos entrevistados não vazaram o limite oficial do bairro em seu desenho, enquanto 80,33% desenharam o bairro além de suas fronteiras oficiais. (ver Apêndice D)

Este índice levanta a inconsistência, na mente das pessoas, do limite oficial da Cidade Baixa. No imaginário dos usuários, o bairro vazaria seus limites, atingindo outros bairros.

Foi levantado um total de 1868 pontos marcados nos mapas, incluindo ruas, praças, postos de gasolina, estacionamentos, bares, padarias, restaurantes, parques, hotéis, edifícios administrativos, igrejas, teatros, cinemas, museus, etc. Destes, 1.624 pontos (86,99%) eram internos ao limite oficial enquanto 244 (13,01%) se expandiam pelos territórios de outros bairros. (ver Apêndice E.)

Estes índices indicam a média dos dados e, nela, o reflexo da grande concentração de pontos entendidos como pertencentes à Baixa Cidade, que reforçam aquele território ali como a área entendida como da Baixa Cidade (abaixo do espigão, entre a Várzea e o Parque, mas que não se limitava somente aquele limite, visto que era entendida como toda a região até o Alto da Independência) e parece se confirmar, reafirmar ou rerepresentar nos dias atuais.

Dos pontos vazados, grande parte se expôs sobre territórios de bairros lindeiros. Porém não fora regra. Bairros separados da Cidade Baixa pela grande barreira física do Parque Farroupilha também aparecem na estatística, apresentando, inclusive, altos índices de pontuação. Dos bairros apresentados na pesquisa, aparecem todos os que circundam o Parque (perímetro de adjacência na figura 61). São eles: Farroupilha (32,78%) com 80 pontos; Centro (19,27%) com 47; Azenha (15,98%) com 39; Bom Fim (9,84%) com 24; Santana (9,43%) com 23, Praia de Belas (5,74%) com 14, Menino Deus (4,09%) com 10, Rio Branco (2,05%) com 5 e outros pontos não pertencentes ao município de Porto Alegre (0,82%) com 2 locações (marcação de origem dos entrevistados). (ver Apêndices F e G).



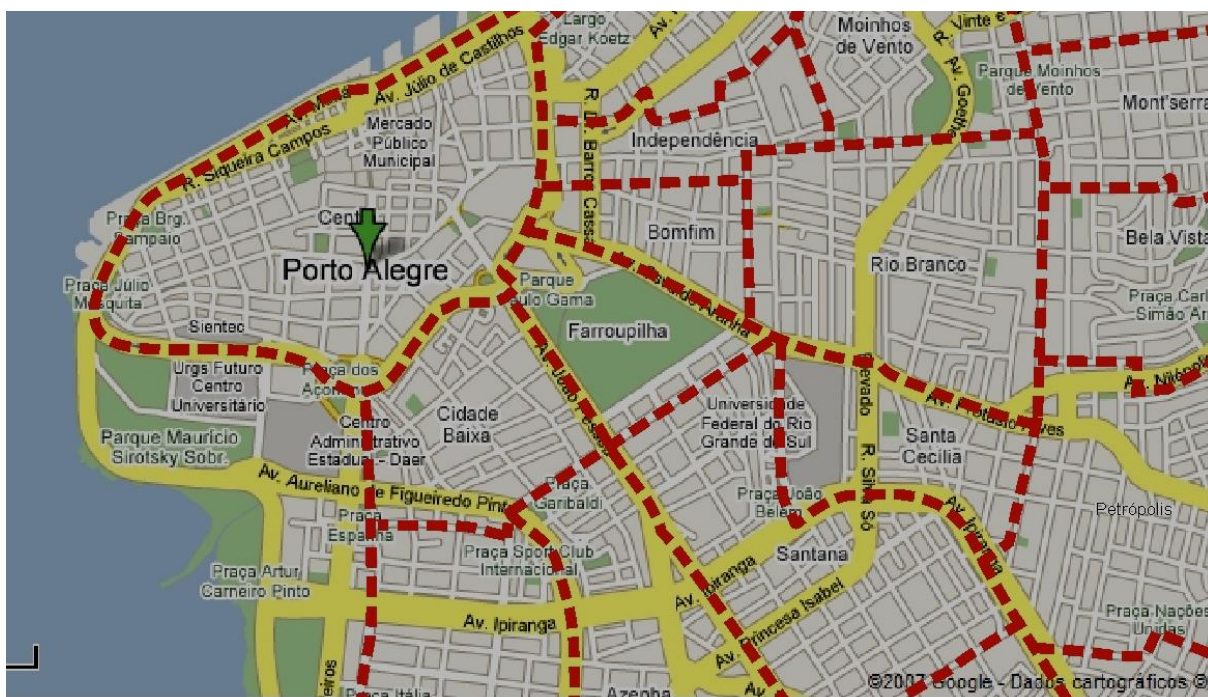


Figura 61- Delimitação dos bairros Cidade Baixa e lindeiros.

Fonte: Trabalho do autor sobre mapa disponível em:

<http://maps.google.com/?q=Porto+Alegre,+Brazil&ie=UTF8&ll=-30.037223,-51.207533&spn=0.029424,0.086002&z=14&om=1>

Os altos índices do Bairro Farroupilha aparecem, principalmente, devido à conexão com o Parque e com a Avenida José Bonifácio, “Brique”<sup>351</sup> da Redenção e bares instalados no local. O Mercado do Bom Fim e o Café do Lago, também estendem a boemia da Cidade Baixa para além dos limites da Avenida João Pessoa, adentrando o Bairro Farroupilha.

O bairro Centro acaba sendo invadido pela boemia que perpassa a imponente via limítrofe designada Perimetral, porém tênue na separação do território. Apesar de abrupta barreira física, ele não impede nem minimiza a expansão local (nem física, visual, imagética ou emocionalmente). Vazam-se pontos de bares na continuação da Cidade Baixa, predominando o caso do bar “Cavanha’s” da Perimetral, mas também com bons índices o caso da esquina da Rua Marechal Floriano com a Rua Cel. Genuíno, em que se localiza o Boteco do Natalício. Naquela região já haviam se instalado vários pontos comerciais, como segue comentário de Archymedes Fortini. Nascido em 1901, antigo morador local, publicou em jornal, no ano de 1966, que, para ele, a Cidade Baixa teria os limites consagrados em seu imaginário local: era todo o espaço que não fazia parte da “Cidade” (que se limitava ao Centro Urbano, ou a área do porto norte até o alto da Rua Duque de Caxias).

<sup>351</sup> Redução de bricabraque. Grande feira de objetos usados e antiguidades, como selos, moedas e demais objetos de antiquários que, em Porto Alegre, acrescenta objetos novos de arte, móveis, roupas, utensílios domésticos, e artesanato, e é feita no canteiro central da Avenida José Bonifácio e que se estende desde a Avenida Osvaldo Aranha até a Avenida João Pessoa.

Na Cidade Baixa funcionam dois grandes e confortáveis cinemas, cafés, restaurantes, bares, casas de comércio e tudo isso igual às melhores da cidade (referindo-se ao Centro).<sup>352</sup>

Era a área extramuros, "extratudo". Tanto que mesmo depois de determinado o novo plano da Cidade e de sua cirúrgica e mutiladora implantação, no imaginário constavam os limites primeiros, consagrando a área comercial, uma abordagem maior dos que os limites que já valiam há sete anos, mas que, de fato, não teriam força para mudar o imaginário em tão pouco tempo.

Citarei algumas coisas da Cidade Baixa: O Café Moka, que ficava situado no local onde foi construída a Praça Daltro Filho; o armazém do velho Porto, na esquina formada pelo Liceu e a Rua da Varzinha (Demétrio Ribeiro); a Farmácia Universal [...] o armazém Costa Leite, o sr. Pacheco, que residia a Rua do Arvoredo (Fernando Machado) e fabricava os saborosos biscoitos, que eram conhecidos pelo seu nome; o beco da Maxambomba; o beco da Vila Rica, [...] as inúmeras "repúblicas" de estudantes...<sup>353</sup>

O imaginário social e urbano supera as modificações físicas, inclusive, perpetuando o espírito local. Na medição dos mapas, todos os pontos citados ficaram em área externa aos limites então vigentes à data do comentário. Os limites burocráticos não romperiam o imaginário em menos de uma década e sequer em cinco. Faltando um ano para a conclusão do cinquentenário da mudança destes limites, a percepção permanece a mesma. Passada de pai para filho, a "tradição" da Cidade Baixa permaneceu, assim como a sua aura.

O bairro Azenha aparece, principalmente pela incidência da Avenida Azenha, lindeira à Cidade Baixa. A Avenida Venâncio Aires, grande via que separa os dois barros, também não se faz absolutamente eficiente. O imaginário do bairro vaza estes limites e situa muitos pontos de bares e restaurantes do outro lado da via. Aparece com considerável quantidade de pontuação a casa noturna de prostituição Carmen's Club. A prostituição externa ao bairro é arraigada ao seu território, muito provavelmente por ser atividade comum do lugar, desde o surgimento da área. O *genius loci* "maldito" não a abandona. Porém, mesmo com altos níveis, esta casa noturna não supera a pontuação da Praça Garibaldi. Esta aparece em vários mapas, reforçando o lugar onde teria sido o matadouro, o lugar de atracar os barcos que perpassavam o Riachinho e, posteriormente, esquina que Lupicínio consagrara para instalar seu bar.

O bairro Bom Fim também surpreende com sua pontuação. Lugar geograficamente

---

<sup>352</sup> FORTINI, Archymedes. A Cidade Baixa não existe mais. Jornal Correio do Povo. Revivendo o Passado. Porto Alegre, 29/05/66.

<sup>353</sup> Ibidem.

distante do núcleo da Baixa Cidade, que fica entre a várzea e o Guaíba, este bairro desponta na estatística devido principalmente a dois fatores: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Esquina Maldita. Estas aparecem consagrando a vinculação entre a boemia revolucionária da Esquina e suas conspirações e articulações disseminadas pelas suas rotas panfletárias até as Casas de Estudante e a boemia tradicional da Cidade Baixa.

Estas conviveriam no mesmo território, concomitantemente, em zonas distantes e de público diferenciado, pelo menos até a invasão por tribos nômades ou “sem teto”, despejadas do Bom Fim – polo Redenção (em seu fechamento) e que ali encontraria o seu lugar, dando início a grande miscigenação boêmia atual.

O Bairro Santana também apresenta números consideráveis de pontos de bares. Consagrado inicialmente pelo Bar do Beto – o original e primeiro instalado à Rua Venâncio Aires esquina com Rua Vieira de Castro, foi posteriormente disseminando vários outros pontos noturnos, contando, inclusive, com outras duas filiais do próprio Bar do Beto, que encontrou nova pousada do outro lado da Avenida, migrando, portanto, para o bairro Farroupilha.

Rota usual entre *point* Bom Fim /Redenção e Cidade Baixa, o lugar potencializou o comércio local e disseminou bares e casas de shows. Nesta área, bem em frente ao antigo e original “Bar do Beto”, instalou-se o bar “Se acaso você chegasse”, de propriedade do filho de Lupicínio Rodrigues.

Ainda dentro deste bairro, muito curiosamente, apareceu em vários mapas a marcação do posto de gasolina, sito à esquina da Avenida João Pessoa com a Avenida Venâncio Aires. Conforme informações já citadas dos depoentes em entrevistas abertas, ali teria sido o reduto da boemia gay nos anos 50, no famoso e imperdível “Baile do Turquinho”.

O Bairro Praia de Belas apresenta grande número de edificações referenciais do grande “complexo administrativo” sobre área de aterro. Indicou sempre edificações sem limites de terreno fortemente definidos na paisagem, configurando edificações “soltas”, com implantação “livre” – “torres” sobre área verde, típicas da Arquitetura Moderna. O resultado da frequência deste bairro nos mapas mostra-se pelo potencial de suas edificações, que aparecem como referenciais de localização em nível urbano (tanto pela estética quanto pelo uso e importância destes equipamentos na cidade), além de, obviamente, apresentar a Avenida Praia de Belas como via pertencente ao perímetro da área da Baixa Cidade.

O Bairro Menino Deus aparece, quase que preferencialmente, pela acessibilidade. A entrada à Cidade Baixa pelo cruzamento da Rua Lima e Silva com Avenida Ipiranga, ou a entrada pela Érico Veríssimo, onde também compareceram equipamentos como o Ginásio de Esportes Tesourinha – reforçam a história do lugar em área consagrada da extinta Ilhota.

Lugar de boemia e marginalidade, desde sua fundação.

O Bairro Rio Branco aparece pelos equipamentos do Hospital de Clínicas e alguns pontos comerciais de bares lindeiros, o Clube de Cultura, etc.

Mesmo com muito domínio espacial do entorno, os mapas não obtiveram muito sucesso em relação ao fechamento de um perímetro imaginário.

Da amostra coletada, 30 mapas (49,18%) não fechavam um limite qualquer para o bairro. Outros 21 mapas (34,43%) quase fechavam o limite, e apenas 10 deles (16,39%) conseguiram fazê-lo (ver Apêndice H). Porém, mesmo dos que conseguiram limitar o sítio, nenhum acertou seu limite oficial. Mesmo tendo 80,33% dos índices com “vazamento” destes limites (ver APÊNDICE D), nenhum deles conseguiu demonstrar a apreensão dos elementos limítrofes totais do bairro oficial. Inclusive, apesar de tamanha incidência de vazão dos limites, todos o representaram menor do que de fato é (ver Apêndices I e J).

Os mapas foram categorizados conforme a recorrência na apresentação de seus limites. Assim, foram eleitas 21 formas de identificação da amostra. Os limites recorrentes foram classificados e apresentados no Apêndice I.

O Caso M1 é único. O mapa apresentou uma área existente fora do perímetro da Cidade Baixa. Contemplou partes dos bairros Farroupilha, Rio Branco e Bom Fim. Quando constatado o mal-entendido e solicitado ao entrevistado o porquê deste zoneamento, ele alegou ter se enganado em relação à Cidade Baixa, por ter pouquíssima familiaridade com o local, portanto desenhara o que realmente conheceria, que, na sua compreensão, seria uma parte do bairro requerido (ver Anexo B.)

A categoria M2 é também bastante inusitada. São mapas desconectados entre si que apresentam partes distantes do território da Baixa Cidade, fragmentadas e desarticuladas, desenhadas como “ilhas” na folha de papel (ver Anexo C).

O modelo M3 apresentava um miolo de bairro sem conexão com vias limites (ver Anexo D). Semelhante a este, o caso M4, mostra apenas o miolo do bairro, porém com conexão do núcleo a uma via limite “externa”, a Avenida João Pessoa (ver Anexo E). Já o Caso M5, é similar ao anterior, porém a conexão do “bordo” é feita pela Perimetral (ver Anexo F)

A sequência de M6 a M9 é uma categoria desdobrada em atenuantes. A semelhança entre todos se dá pelo fechamento do perímetro do bairro a partir da esquina da Avenida João Pessoa com Avenida Venâncio Aires. As demais vias limítrofes variam: no caso M6, fecha com Rua Sarmiento Leite e com Rua João Alfredo (ver Anexo G). O Caso M7, com Rua da República e com Rua João Alfredo (ver Anexo H). O M8, com Rua Sarmiento Leite e com Rua Lima e Silva (ver Anexo I). O caso M9, com Rua Sarmiento Leite e com Rua José do

Patrocínio. (ver Anexo J).

Os casos M10, M11 e M12 também consolidam outra categoria: a partir da esquina da Avenida João Pessoa com Perimetral e fecham perímetro com outras vias variáveis: M10 fecha com Rua João Alfredo e com Rua Lopo Gonçalves (ver Anexo L); M11 com Rua João Alfredo e com Rua República (ver Anexo M), e M12 com Rua João Alfredo e com Rua Luis Afonso (ver Anexo N).

Os casos M13, M14 e M15 fecham um perímetro delimitado comumente por três vias principais da Cidade Baixa: Perimetral, Avenida João Pessoa e Avenida Venâncio Aires. A quarta via é o item diferenciado: o caso M13 fecha o perímetro com Rua Lima e Silva (ver Anexo O). O M14 fecha com Rua José do Patrocínio (ver Anexo P). E M15 na Rua João Alfredo (ver Anexo Q). Este é o caso mais recorrente. Houve uma frequência considerável, visto que chegou a 10 dos 61 mapas (16,39%). Também é o caso que mais se aproxima aos fechamentos de bairro, assemelhando-se aos casos M20 (ver Anexo V), que tiveram frequência de 15 mapas (24,59% do total). Ainda que M15 seja considerado um tipo que não tenha consolidado o fechamento do bairro, por não chegar a expor seus limites junto à zona do riacho, ele em muito se aproxima aos casos que só se diferenciam por adicionar a Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, fechando o quarto lado do perímetro (caso M20).

M16 define um modelo diferenciado. É um modelo que se opõe a quase todos os casos. Enquanto a maioria identifica a Avenida João Pessoa, marcando, inclusive a existência do Parque, neste caso há negligência do seu limite mais consagrado. O espaço fica delimitado pelas vias Avenida Venâncio Aires, Rua João Alfredo, Perimetral e Rua Lima e Silva (ver Anexo R).

O caso M17 faz parte de exceções. Fechado pelo quadrante da Perimetral, Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires, Baronesa e Rua João Alfredo (ver Anexo S), ele ativa uma memória aparentemente esquecida da área: o Areal da Baronesa. O mapa que ilustra o caso 21 (ver Anexo X), também fez alusão a este território pela aparição do nome da rua, porém limita o bairro com outras vias, entrando noutra categoria de classificação.

O último caso de “quase fechamento” do bairro é o M18 (ver Anexo T). O limite entre Perimetral, Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires, Avenida Érico Veríssimo e Rua João Alfredo aparece em dois casos. A entrada pela Avenida Érico Veríssimo que troca a denominação para Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto no vértice do bairro, acaba por induzir à ideia de fechamento do mesmo por esta via, pela imponência da mesma – o que de fato não acontece, visto que o limite do bairro inclui a área do extinto “Areal da Baronesa”, que se estendia até a Rua Baronesa do Gravataí.

Os casos M19, M20 e M21 consolidam o bairro como um todo. Fecham um limite

imaginário, consagrando 16,39% da amostra. Destes, M19 fecha o limite com a Perimetral, Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires e Avenida Borges de Medeiros (ver Anexo U). Muito semelhante ao M18, ele consegue demonstrar, em desenho, o fechamento real da área, ainda que somente na imagem mental. Já o M18 sugere o fechamento pela Érico, mas nos dois casos, ela não chega a tocar a Perimetral, imprimindo a dúvida ou falta de informação à área, no fechamento daquela região.

O caso M20 (ver Anexo V) é, junto a M15 (ver Anexo Q), o conhecimento mais comum à área. Delimitada praticamente pela Perimetral, Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires e Rua João Alfredo ela só apresenta a variação de incluir, no fechamento deste limite, a Avenida Aureliano F. Pinto, que, como vimos no caso 18, configura barreira imponente na sugestão de ter sido limítrofe à área. Provavelmente pelo impacto causado pelo projeto do Plano de 1959, com a demolição da área para a abertura desta Avenida, esta teria arraigado à memória local, definindo um limite visual à área, visto, principalmente pela distinção de usos entre seus dois bordos de quadras, que ela separa caracteres distintos, fazendo uma efetiva separação – caso que não acontece na Avenida Venâncio Aires nem Perimetral, mesmo sendo vias de grande impacto urbano. Além disso, os usos se expandem pelos dois casos pelo mesmo caráter e uso local. O mesmo não acontece à Avenida João Pessoa por esta determinar uma barreira quase intransponível fisicamente, mas que também não limita nem o uso nem o imaginário, visto que o outro lado do Parque aparece referenciado como parte integrante e vazada dos limites pela manutenção do caráter e usos locais.

O caso M21 é o mais completo de apreensão dos limites urbanos. Demonstra o quadrante delimitado pelas vias limite Perimetral, Avenida João Pessoa, Avenida Venâncio Aires, Avenida Aureliano F. Pinto e Avenida Praia de Belas (ver Anexo X). É o caso de maior controle territorial.

Nota-se a dificuldade dos depoentes em delimitar a parte sudoeste da Cidade Baixa. Seus limites em poucos casos excederam a Rua João Alfredo. Possivelmente devido, primeiramente, à falta de atrativos locais que permitissem sua “exploração”. Aquela região não apresenta nenhum atrativo comercial de porte, nem bares. É uma zona predominantemente residencial. Além disso, ali seria o limite primeiro da Cidade Baixa. Ali, por trás do casario da Rua João Alfredo, passara o Riachinho que separava a Baixa Cidade da ainda “mais baixa”, representada pela Ilhota. Reduto oficial de bebereagem, pobreza e perigo, ela estava separada da Cidade Baixa por um elemento natural, assim como a outra zona baixa da cidade, a parte sul do espigão da Independência, que consolidava o Bom Fim. A Cidade Baixa, na verdade, é “ilhada” entre zonas desconectadas de Baixa Boemia; ladeada por duas ilhas de insegurança e discriminação (Ilhota e Bom Fim). Mais atualmente, separava o Bom

Fim - reduto de drogados, *undergrounds* e marginais - da “ilha” restada entre a larga Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto que interrompe a Cidade Baixa em prol de uma melhoria de circulação – e que, em alguns mapas, como demonstrado, teria sido considerada “limite” pela imponência de seu dimensionamento (sugerindo uma via limítrofe), além da delimitação de áreas com caracteres diferenciados - ao sul da Cidade Baixa, até a Rua Barão do Gravataí.

Esta medição dos mapas vem a confirmar a hipótese de que, no imaginário urbano, o bairro Cidade Baixa atual é reconhecido pelos antigos limites da Baixa Cidade - toda a área sul do território, encharcada pelo Guaíba e riacho. Sendo a amostra uma aplicação de mapa mental, ou seja, mapas feitos sobre a imagem mental da pessoa, em sua memória, sobre a área em questão, e que realça os aspectos mais significativos do objeto solicitado. Nota-se que o público da mostra, atual e mais jovem que os depoentes arguidos em entrevista aberta, também confirmam os antigos limites da região. Independente da época analisada, a Baixa Cidade continua mantendo a sua imagem e limites originais, passados pela memória social, através dos discursos, “causos”, história.

Ainda sobre os mapas, foi possível extrair outras informações referentes às memórias das pessoas. Alguns elementos foram tão recorrentes e têm papéis tão importantes na história local que acabaram classificados em tabela de frequência (ver Apêndice L). Nos mapas foram citados nomes ou usos antigos de lugares que, à época do levantamento da pesquisa, apresentavam nova denominação e uso; dos que mantiveram o uso, mas trocaram sua denominação; ou, ainda, dos já extintos, mas estigmatizados na memória local, perpetuando-se na lembrança das pessoas pela transmissão de suas memórias e vivências locais e/ou herdadas, conformando o imaginário urbano local; garantindo a alguns elementos a importância de referenciais urbanos (como ruas, parques, áreas urbanas e pontos comerciais - incluindo bares).

O ponto da esquina das ruas Marechal Floriano e Cel. Genuíno aparece, também, como área da Cidade Baixa. Ponto na parte sul do espigão, pertencente à Baixa Cidade Original, antes de sua expansão a toda a área fora do Centro Urbano, incluindo a descida do espigão à altura da Avenida Independência e de toda a área geograficamente baixa, que incluía o solo do atual bairro Cidade Baixa, Várzea e arredores, teria se consagrado, como já citado anteriormente, como local de comércio de abastecimento àquela região. Armazéns, armazéns e, inclusive, cinema. Teria sido por aquela proximidade a instalação do Cinema Palácio (inaugurado em 11/12/1920), posteriormente substituído pelo Cine Marabá. Este local aparece marcado em dois mapas.

Também apareceu em mapa um complexo ligado às “Forças Armadas”, formado pelo Monumento ao Expedicionário, Colégio Militar e a Policlínica Militar. O Monumento é uma

obra de arte, de valor histórico por homenagear os "pracinhas" da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.), que lutaram na Segunda Guerra Mundial. O Colégio é um referencial pela sua arquitetura, imponência e valor histórico e artístico. A Policlínica Militar não tem maior significado cultural, porém, como os outros dois elementos já citados, são marcos referenciais da Cidade e que relaciona o bairro às suas divisas com o Parque, através da Avenida João Pessoa. Os dois primeiros elementos estão edificadas em área dos antigos "Campos da Várzea", sobre o terreno público da Cidade, que conforma o atual Parque Farroupilha. Estes elementos aparecem em 2, 1, e 2 mapas mentais, respectivamente.

O Templo Positivista é outro marco urbano e um elemento de memória, histórico e artístico importante na Cidade. Dos quatro templos edificadas no mundo, um deles fica na Região. Pertencente ao Bairro Farroupilha, o elemento fora incluído na área limite da Cidade Baixa em mapas mentais de três entrevistados.

Um dos casos mais facilmente reconhecíveis é a Redenção. O atual Parque Farroupilha teve, de 1807 a 1870, a denominação de Várzea. Após esta data, fora usada a denominação Campo do Bom Fim. Em 1884 passou a se chamar Campos da Redenção. Em 1935, Parque Farroupilha – nome que carrega até hoje.

Não pouco comum, é achar documentos que se refiram aos "Campos da Várzea", que não definem um espaço temporal exato. Provavelmente após 1870, uma mistura entre o "Campo" dos nomes posteriores e o significado histórico e da memória do lugar carregado pela "Várzea". O Parque ainda sofre desta mistura. Caso recorrente na memória das pessoas, esta substituição do nome atual pelo nome antigo, enraizada na memória popular, é mais um caso em Porto Alegre. Exemplos bastante usuais são os casos da Rua da Praia (Rua dos Andradas), a Rua da Ladeira (Rua General Câmara) e até mesmo a Rua do Riacho (João Alfredo), que se perpetuam no imaginário popular, sendo que destes três, apenas o último pertence aos limites da Cidade Baixa.

O antigo Campo da Redenção continua carregado na memória atual, compactado em seu diminutivo: Redenção. O Parque Farroupilha, ou Redenção, também sofre alterações de memória. Várias vezes citados nos mapas como "Parque da Redenção", mistura os nomes antigos e atuais, trazendo à tona a memória e evocando o *genius loci* de outra temporalidade ao local.

O Arroio Dilúvio percorria sinuosamente a Cidade, a desembocar as águas vindas de Viamão à face sul do rio, na desembocadura do Riachinho, entre as décadas de 1940 e 1960, em prol do saneamento e desenvolvimento urbanístico da Capital. Nas reformas propostas



pelo Plano Geral de Melhoramentos por Moreira Maciel, de 1914<sup>354</sup>, já fora previsto canalizá-lo, desembocando em linha reta, perdendo a sinuosidade de seu percurso final, que fora alterado para aumento de área urbana e utilizável na Cidade, dirimindo focos de concentração de lixo, mosquitos e pobreza em geral, que sempre se desenvolvera às suas margens. Este é citado, em entrevista, como Riacho, Arroio ou somente por Ipiranga, aparecendo em mapas não somente pela titulação da via, mas também pelo arroio que nela percorre, em canteiro central, sempre indicado em desenho e, por isso, a compreensão de uso de “parte pelo todo” - o nome da via compreendendo a denominação do conjunto via-arroio.

As igrejas Pão dos pobres, Santa Teresinha, Espírito Santo, Sagrada Família e Igreja Nossa Senhora do Carmo também tiveram papel importante no bairro. Além de representarem suas comunidades, elas demonstram certa hierarquia religiosa, demarcando comunidades maiores ou menores conforme a titulação do centro espiritual. As igrejas também têm papel importante no que concerne ao bairro, como forma: a Igreja Pão dos Pobres consolida o complexo do Colégio Pão dos Pobres, resguardando o local do antigo Areal. A Igreja Nossa Senhora do Carmo foi fundamental no desenho da Avenida Loureiro da Silva: teria sido prevista a sua demolição, junto com parte do casario que fora demolido em prol do alargamento daquela via, porém a comunidade que lhe era fiel, intercedeu por sua manutenção. A Igreja Sagrada Família, em ponto próximo à Praça Garibaldi, consolida um marco urbano de orientação importante, além de ponto religioso de “resistência”, visto que estava implantada em plena efervescência boêmia, entre anos 40 e 60, e, mais tarde, junto aos focos de venda e consumo de drogas. “Reduto sagrado” implantado em “território profano” e maldito é marco de resistência da sociedade mais conservadora e, geralmente, mais idosa, que a frequenta e se choca com a agressiva mudança de perfil do bairro, das práticas sociais e dos novos costumes. Também teria sido ela uma das responsáveis pelo forte desenvolvimento do bairro. “O adensamento populacional tornou-se bem maior no século XX, quando desapareceram as chácaras remanescentes, as ruas Avaí e Sarmento Leite receberam indústrias, cinemas [...] e a Igreja da Sagrada Família se tornou sede paroquial da Rua José do Patrocínio.”<sup>355</sup>

Caso similar acontece com o conjunto comercial Olaria. O lugar, onde já não existe mais a Olaria, mas que preserva sua chaminé a reportar seu antigo uso e história, provoca a

---

<sup>354</sup> MACIEL, João Moreira. Projeto de Melhoramentos e Orçamentos apresentados ao Intendente Dr. José Montaury de Aguiar Leitão. Porto Alegre. Livraria do Comércio, 1914.

<sup>355</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. p.112

Predomínio da classe média foi sempre marcante. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 29/11/91, p. 17

ligação imediata ao passado, na dialética da paralisação com a temporalidade paralela do passado e do presente. Também houve confusões na determinação da temporalidade local, visto que é referenciada como Olaria (como se ali ainda funcionasse uma), Nova Olaria (como se o atual complexo de casas comerciais no local da antiga olaria tivesse sido reativado a produção do local e consagrado uma “Nova Olaria”) e Antiga Olaria (referente à Olaria desativada do local).

O Areal da Baronesa<sup>356</sup> é outro caso similar. A rua ou mesmo a área do Areal (determinada em mancha urbana) apareceu em alguns mapas, recuperando parte da memória do bairro com bastante distância temporal dos dias atuais. A história e a memória da área perduram e aparecem na imagem mental de quatro depoentes, sendo que um deles tem bastante familiaridade com o local além de ser historiador e pesquisador, e o outro, com formação em matemática e há seis anos residente na capital, já absorveu a memória local pela grande permanência e convívio na área, mesmo sendo oriundo de cidade do interior. Este caso fortalece e ilustra a afirmação de que a permanência das memórias se consagra no imaginário urbano, não somente pelos conhecimentos adquiridos por leitura, estudo, pesquisa, vivência local ou pela tradição e conhecimento herdado em família, mas a própria cidade – seu espaço urbano – é propícia e motivadora aos encontros e discussões da própria história e memória local, assim se encarregando de perpetuá-las, conservando seu *genius loci*.

As Emboscadas – área definida pelo perímetro entre as ruas da Olaria (atual Lima e Silva) e da Margem (atual João Alfredo), e da Rua da Figueira (atual Cel. Genuíno), à Rua da Imperatriz (atual Venâncio Aires) também aparece em mapas, consagrando o maior espaço público livre que pudesse ser associado a esta região, como a área do quarteirão demolido entre a Travessa do Carmo, a Avenida Loureiro da Silva, a Rua José do Patrocínio e a Rua João Alfredo, que consolida um local denominado Largo do Zumbi dos Palmares (amplamente divulgado como Largo da EPATUR). Esta denominação o local recebeu por ocasião da instalação, à Travessa do Carmo, da EPATUR - Empresa Porto-Alegrense de Turismo, a Secretaria de Turismo do Município de Porto Alegre. O lugar acabou tomando o nome de um equipamento urbano local para todo o conjunto. Este local aparece em 17 mapas, sendo que a denominação verdadeira, “Largo Zumbi dos Palmares”, apareceu somente quatro vezes, enquanto que “Largo da EPATUR” apareceu onze vezes. Também fora citado somente como “Largo” (uma vez) e com ambos os nomes (uma vez). Houve uma sobreposição temporal: o nome atual se mostra mais importante a esta memória. A região das Emboscadas, em si mesma, nem comparece, até por contemplar a área maior. Mas mesmo o seu vazio

---

<sup>356</sup> Ver limites da área na página 59, nota de rodapé 142.

urbano não é suficiente para recuperar sua memória: o espaço restado, marcado pelo traçado urbano do desenho do meio-fio e o plano cinza que consolida o acabamento superior da superfície do quarteirão, incluindo os antigos limites de calçadas e contra pisos das velhas residências, deixou a paisagem tão árida que já não remete a nenhuma história. Além disso, nem ao próprio nome: o lugar, que tem denominação alusiva à origem da área (quando perigosa área de macega, onde os negros se escondiam, durante suas fugas), não remete mais nem às residências que apresentava até pouco tempo atrás. É um cenário “pós-guerra”: um vazio urbano que acabou por ser lembrado somente pela sua dimensão enquanto área urbana, que por muito tempo teria servido de estacionamento aos ônibus de passeio da Secretaria Municipal de Turismo.

Além da perda da aura local, cotidiana e humilde da região, na perda do casario luso-brasileiro original, ainda houve apropriação subutilizada em área nobre que teria sido prevista como a grande e promissora área de desenvolvimento urbano da cidade, com os grandes arranha-céus empresariais, pelo plano de 1959.

Esta área ficara tão desfigurada, “sem alma” e pobre, que fora transformada em estacionamento. Isso chegou a gerar revolta à população, que reivindicou a perda do lugar urbano, sua subutilização e ainda a falta de aproveitamento da região, que poderia, pelo menos, gerar alguns recursos ao bairro, que, como já exposto, só recebe população de baixa renda, piorando as condições de qualidade de seu ambiente urbano – a moradores, comerciantes e usuários:

Através de um abaixo-assinado com 3.000 assinaturas, os moradores convenceram a Prefeitura a retirar o terminal dos ônibus Viamão, que estacionavam em frente à área da Epatur. “Aquele movimento de embarque e desembarque entrava em conflito com o ambiente e também não era certo dar de graça a área para empresas de transporte coletivo que faturam tanto”, explica Adil (presidente da Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa – ACMCB, na época da reportagem).

<sup>357</sup>

O Cine Avenida também aparece nos mapas. O antigo e bem conceituado cinema, integrava a rota da “alta sociedade” e das camadas médias. Às margens da “Baixa Cidade”, tinha comunicação pela antiga Rua da Imperatriz (atual Venâncio Aires), local por onde o Imperador teria passado com sua esposa, herdando o *glamour* de ter recebido como nome o título da mesma. O cinema teria aparecido, pela primeira vez, na Cidade, e 1907, no “Cinematógrafo Grand Prix”, no Teatro São Pedro.<sup>358</sup> Nesta época funcionou também o

<sup>357</sup> Morar é problema na Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

<sup>358</sup> Jornal do Comércio, 26/10/1907 In; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto

“cinematógrafo Parisiense”, numa “Praça de Touros”, que funcionava na esquina da Rua da Concórdia (José do Patrocínio) com a Rua da República<sup>359</sup>, em território da Cidade Baixa.

Mais tarde viria, para a área, o Cinema Brasil (na Rua João Alfredo) e o Guarani, junto com o Avenida, no mesmo ano. Em seguida surgiria o Garibaldi (na Avenida Venâncio Aires, e que mais tarde daria lugar ao ABC).

Em 1923, a Cidade já tinha 23 cinemas e destes, 6 estavam situados na área central, às proximidades da Praça da Alfândega ou Otávio Rocha; 3 estavam pela Cidade Baixa; 4 na Zona Norte; 1 na Independência; 1 na área da Baixa Cidade (zona pertencente ao Centro); e os demais estavam espalhados pelos bairros. Em 1935 a Cidade possuía 22 cinemas e, destes, o Avenida era o segundo maior em capacidade. Só perdia para o Apolo.<sup>360</sup> Este cinema perdura na memória da população atual, que o cita 10 vezes em mapas. Aparece como Ex-cinema Avenida (2x), como Bingo (1x), como Bingo no Ex-cinema Avenida (3x), e, ainda, simplesmente como Cinema Avenida (4x).

Este cinema teria sido, inclusive, um dos elementos potencializadores do crescimento do bairro, conforme Franco, em citação anterior<sup>361</sup>.

Também é citado o Cine ABC. Em substituição ao Antigo Garibaldi (1914) em data desconhecida, este cinema teria oportunizado à população jovem, na época da ditadura, as disputadas e concorridas “sessões malditas”, com filmes censurados, a partir da meia-noite. O programa era fazer a concentração no seu grandioso *foyer*, espaçoso e bem ofertado de sofás confortáveis onde os jovens aguardavam o início da sessão e as pretendidas namoradas. Fazia parte da rota “maldita”, conectando os jovens das faculdades e saída de aula, dos Diretórios Acadêmicos e Centros Estudantis da UFRGS, e de seus bares internos e externos (“Esquina Maldita”, região sul do Centro e Cidade Baixa), numa das rotas pela própria Cidade Baixa ou pela Avenida Osvaldo Aranha - Rua Venâncio Aires (por esta conferindo o movimento no Baltimore e Mini Bristol, e sessões do Cine 1 Sala Vogue – à Independência).

A Praça Garibaldi, zona do antigo Matadouro, era limítrofe ao “Potreiro da Várzea”<sup>362</sup> - área consagrada ao longo da atual Rua Venâncio Aires, entre a Avenida João Pessoa e a Praça Garibaldi. A Praça, ícone urbano por consagrar uma das grandes áreas verdes ao redor

Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998, p. 113.

<sup>359</sup> Jornal do Comércio, 26/10/1907 In; FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998, p. 113.

<sup>360</sup> Ibid. p.114

<sup>361</sup> Ver nota de rodapé 138, p. 47.

<sup>362</sup> Logo em seguida, o loteamento do chamado “Potreiro da Várzea”, em 1877, na atual Avenida Venâncio Aires, entre a Praça Garibaldi e Avenida João Pessoa [...] Depois, foram oficialmente abertas as ruas Lopo Gonçalves, Luiz Afonso e Venezianos (hoje Joaquim Nabuco). E mesmo lentamente, começaram a chegar até a Venâncio Aires as ruas Lima e Silva e José do Patrocínio. In: Predomínio da classe média foi sempre marcante. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 29/11/91, p.17

da Cidade Baixa (morfológicamente seca, sem locais muito urbanizados por não prever, em planejamento, passeios adequados à implantação de vegetação urbana (exceto a Rua da República – eixo verde da região, assim executado – com os mais largos passeios de todo o bairro, porque seria caminho à passagem do Imperador em sua visita à Cidade), acaba por servir de marco referencial à localização para quem entra ou sai do bairro, visto que este tem tipologia de pequena testada e grande semelhança, provocando a perda de orientação espacial. Além disso, o verde acaba por marcar fortemente a paisagem, como marco de orientação, assim como o Parque Farroupilha. A Praça contabiliza 10 recorrências na frequência dos mapas mentais. Seu valor como marco histórico se vale pela permanência como lugar que teve importante significado na história e memória do bairro ainda que não evoque características anteriores ou provoque na população atual a permanência de uma aura local. Vale pela manutenção do território, com valor, e a atuação do poder público, de ter preservado a área, ainda que, talvez, com este intuito.

A “Praça do Edel” (Edel Trade Center – primeira torre de centro empresarial edificada na área prevista como “corredor de progresso”, previsto no Plano Diretor de Porto Alegre de 1964, representado em projeto sobre aerofotogramétrico, representado na Planta da Avenida Perimetral – Plano B, e em perspectiva deste trecho, colocando em primeiro plano o extremo oposto à área referenciada em frente ao Edel, demonstrando o projeto do Futuro Teatro Municipal<sup>363</sup>) apareceu em 5 mapas. A importância desta área está na comunicação dela com a Rua Sofia Veloso, que aparece em 20 mapas (8,16% entre os elementos de memória mais citados na mostra). No Plano de 1914, Moreira Maciel<sup>364</sup> havia previsto a abertura da Rua Sofia Veloso, fazendo uma rua paralela à Rua Lima e Silva, como estratégia de saneamento, urbanização, melhoramento, ventilação e desenvolvimento local, que acabaria por pavimentar a área que compreende a Praça reconhecida no imaginário urbano como “Praça do Edel” – a área contígua a Rua Sofia Veloso, em seu trecho paralelo à Avenida João Pessoa. Ali existira, pelo menos até meados dos anos 80, uma passagem de pedestres que comunicava a Rua à Praça. Era o trecho previsto em Plano para a abertura da rua, que nunca fora feito. Esta área demarca a permanência do cenário do bairro, através da manutenção de sua arquitetura e de seus lugares excepcionais. Como no caso da Praça Garibaldi, o lugar tem validade como marco imaginário não pela carga simbólica da memória local, mas como parte física preservada que conta parte da história local. E assemelha-se ao caso do Largo Zumbi dos Palmares, ou Largo da Epatur, pois um elemento urbano de grande porte e atual acaba por

---

<sup>363</sup> Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Plano Diretor de Pôrto Alegre, 1954-1964.

<sup>364</sup> MACIEL, João Moreira. Projeto de Melhoramentos e Orçamentos apresentados ao Intendente Dr. José Montauray de Aguiar Leitão. Porto Alegre. Livraria do Comércio, 1914, 16 pg.4-16.

nomear área de um bairro por sua imponente como marco e importância no contexto social local.

A Travessa do Carmo também aparece nos mapas atuais. A ruela de estreito leito viário que dividia o casario demolido na parte consolidada da malha urbana local, a partir das determinações do Plano de 1959 – que acabaria descaracterizando-a irremediavelmente - aparece em 16 mapas (6,48% da mostra). Sua importância está na posição limítrofe aos contornos atuais do bairro. Paralela à Perimetral, esta via faz limite ao vazio urbano consolidado pelo quarteirão demolido entre esta Avenida e a Travessa do Carmo ao longo de toda a sua extensão, entre as Ruas José do Patrocínio e Rua João Alfredo, que consolida o Largo do Zumbi, ou Largo da EPATUR, citados anteriormente.

A Travessa dos Venezianos, assim como a Rua Sofia Veloso, passou pela mesma situação: seria prolongada para sua continuidade, paralelamente à Rua Lima e Silva e José do Patrocínio, mais ao sul. Além disso, seu leito viário teria alargamento, com a demolição do casario existente, em prol de um saneamento e das outras vantagens pregadas no discurso do plano de Melhorias da Cidade. Ironicamente, este é um dos cenários urbanos mais bem preservados da Cidade e um dos poucos que realmente foram preservados. Também seu conjunto de edificações (que não foram destruídas) é tombado como Patrimônio Histórico, pela EPAHC (Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural). Seu valor está agregado justamente à manutenção de sua tipologia original, tipicamente luso-brasileira: casas de porta e janela, lindeiras, de testada ínfima e reduto da população pobre. A Travessa apareceu em 11 mapas.

A Praça Cônego Marcelino faz parte do complexo do Areal da Baronesa. Além dela (antiga Praça São João), o areal compreendia também as Ruas Baronesa de Gravataí, Barão de Gravataí, Cel. André Belo, Miguel Teixeira e algumas transversais menores<sup>365</sup>. Dentro deste complexo estaria incluída, também, a área do Colégio Pão dos Pobres. Este, por sua vez, teria sido ali implantado para auxiliar meninos abandonados ou carentes, rapazes ou crianças vindos do interior, que não tinham onde ficar. O complexo integra orfanato e oficinas, onde os meninos acabavam aprendendo algum ofício, para terem uma profissão e não se transformarem em moradores de rua ou assaltantes. Era um investimento social, em prol da melhoria da cidade e do desenvolvimento urbano. Esta casa, que ainda funciona, se soma aos outros dois abrigos para pessoas de rua, num complexo de assistência social de importância no bairro. O espaço do Areal, que fora local perigoso e temido na cidade, por consagrar a região amplamente conhecida por “Banda Oriental”, *“pelas frequentes desordens que ali se*

---

<sup>365</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. p. 60

*davam, ‘principalmente’ no Beco da Preta, que era um dos seus tantos corredores escusos*<sup>366</sup>, ainda é um local evitado por concentrar os abrigos a mendigos, porém executa papel social importante, mantendo em parte a “aura” perigosa do lugar, mas procurando resolver a causa de sua má imagem na tentativa de solução social por parte destes investimentos assistenciais.’

A Travessa Pesqueiro que junto à Rua Luis Guaranha formava um complexo perigoso e de crimes<sup>367</sup> também parece em um mapa da amostra. A rua, pouco recorrente nos mapas e nas lembranças locais, é parte do “gueto maldito” residual da antiga Ilhota. Teria sido por suas proximidades a instalação de uma das pontes que unia a Baixa Cidade à Ilhota, consolidando passagem e local de risco.

A Rua da Olaria também aparece em um mapa. Faz o retorno histórico ao sítio, reforçado pelo discurso do entrevistado sobre a importância da atividade no local, e de sua preservação através da instauração do projeto de revitalização da área que conforma o atual Centro Comercial Olaria. Remete à antiga olaria existente, da qual só resta sua chaminé - marco na paisagem urbana local.

Um ponto que apareceu na análise dos mapas mentais foi a antiga Loja Valcareggi – Instrumentos Musicais, situada na Rua João Alfredo, entre a Rua Luis Afonso e a Rua Lopo Gonçalves. Este ponto comercial teria sido contemporâneo à grande efervescência boêmia no bairro. Teria sido, inclusive, fornecedora de instrumentos aos grandes músicos locais, que ali construíram sua trajetória. Dentre eles, Marino dos Santos. Vedana relata um “causo” de sua vida, entre 1914 e 1928, que incluía esta loja remanescente na Cidade Baixa: “*Certo dia, passando pela Rua da Margem (Rua João Alfredo), Marino viu um saxofone na vitrine de uma loja de instrumentos musicais de nome Valcareggi e ficou ali namorando o instrumento, sonhando acordado.*” Porém, não tinha dinheiro suficiente para comprá-lo. O músico trabalhava de motorista e, num dia em que estava levando seu patrão, o Sr. Osvaldo Vergara, para uma audiência, desviou do caminho e parou em frente à loja, pedindo-lhe o instrumento. Imediatamente seu patrão lhe alcançara os 200 mil-réis e Marino, às pressas, comprou o saxofone, voltando “com dentes à mostra” de tão contente.<sup>368</sup>

Externo aos limites da atual Cidade Baixa, o Mercado do Bom Fim, executado no início do século passado, teria sido um dos raros mercados remanescentes (figura 62). “[...]”

---

<sup>366</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>367</sup> MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>368</sup> VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987 p.26

Não sobreviveu o mercado implantado na Floresta [...] o ‘Mercado Livre pra Verduras’ [...] entre o Central e o Porto, não durou trinta anos. O do Bom Fim, na esquina das avenidas Osvaldo Aranha e José Bonifácio é uma exceção honrosa”.<sup>369</sup>

Construído inicialmente como local de venda de hortifrutigranjeiros à população local e de atuação em nível cotidiano, o velho mercado teria sido um dos pontos mais notáveis da Baixa Boemia na área do Bom Fim, a partir de meados dos anos 70.



Figura 62 – Mercado do Bom Fim.

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/ Fototeca Sioma Breitman.

Conformando um complexo, dentro do Parque, com os seus bares internos: Luar-Luar e Escaler e o Fumódromo (área “baixa” e perigosa local, onde se usava e consumia drogas com facilidade, aos olhos de quem passasse, em área lindeira ao “Parquinho da Redenção” - parque de diversões interno ao Parque Farroupilha), o bar apresentava-se a outro uso. Junto com os bares externos, à outra calçada da Avenida Osvaldo Aranha: do João, Lola, Ocidente, Lancheria do Parque e alguns outros pequenos redutos proibidos, formavam um “gueto”, o espaço “maldito” do Bom Fim. Drogas, bebidas, grupos homossexuais, gangues, traficantes, grupos de metaleiros, *punks*, novos *punks*, *hare krisnas* e *hippies*, dentre outros.

Este lugar de grande importância no contexto da Cidade teria decretado seu fim. Por decisão contestável da Administração da Cidade, teria sido demolido com o pretexto de que sua estrutura estaria condenada, sendo menos oneroso reconstruí-lo com materiais novos. Houve polêmica e movimentação por parte das Faculdades de Arquitetura, IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) e os demais órgãos de proteção ao patrimônio, porém todo o esforço

---

<sup>369</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. p. 271-272.



fora em vão. O Mercado fora demolido para sua própria reconstrução. Esta obra teria coincidido com a demolição do Cinema Baltimore que na época já tinha todo o seu interior demolido, restando apenas sua fachada. Na demolição deste prédio, houve movimentação de terras, sob as estruturas da edificação vizinha, que abalaram a residência do Bar do João. Este sofrera rachaduras estruturais grandes que implicaram a interdição da casa, por questões de segurança. Na época, suspeitou-se de “conspiração” a respeito de todos estes fatos. Parecem ter sido todos articulados, de maneira a abafar de vez a movimentação noturna no Bom Fim. Talvez fosse apenas ressentimento dos “órfãos” do bar.

Como já citado, este movimento teria sofrido grande controle policial pela concentração de drogas no local, entre usuários e traficantes, além das brigas entre gangues. Este movimento bastante agressivo, que invadia a territorialidade dos moradores e implicava restrições de território e de livre passagem, por falta de segurança ou de privacidade, tanto pela oferta de droga, quanto pela incisiva ação policial, teria assustado e afastado alguns usuários locais. Os mais resistentes teriam saído da área e migrado para a Cidade Baixa, de fato, apenas com o fechamento do Bar João e a demolição do Mercado do Bom Fim (que seria o marco final deste movimento de resistência local). Os remanescentes Ocidente, Lola e Lancheria do Parque teriam mantido uma frequência menos agressiva e mais controlada, inclusive, para sua própria permanência no local.

Este Mercado, de grande importância para a história da boemia, palco de lançamento das maiores bandas gaúchas, apareceu em 2 mapas mentais, o Parquinho da Redenção em 1, e o Fumódromo em 1.

A aparição destes elementos apresenta a percepção da Cidade Baixa num espaço maior do que, de fato, é definido em limites oficiais.

Durante a coleta de material sobre o bairro e seus elementos, personagens e contos curiosos, foi encontrada uma reportagem de jornal local com a publicação de um “mapa” da Cidade Baixa, marcando alguns pontos de boemia noturna e suas características peculiares. A reportagem fazia a exposição de um “roteiro sobre a Cidade Baixa”, ilustrada com tópicos sobre os bares que nela se desenvolviam, desenhados sobre o seu território, com delimitações de divisa com lindeiros, com equipamentos de nível urbano e suas divisões por ruas e espaços internos (figura 63).

Olhando atentamente o mapa, podemos identificar que, mesmo em veículo de comunicação de massa, a Cidade Baixa é representada com um limite que não corresponde aos seus limites oficiais atuais. Seu perímetro não demarca a área que de fato consagra seu

limite oficial, sendo, inclusive menor que o mesmo<sup>370</sup>. Seus limites representados correspondem à área entre as Avenidas Perimetral, João Pessoa, Venâncio Aires e Rua João Alfredo.

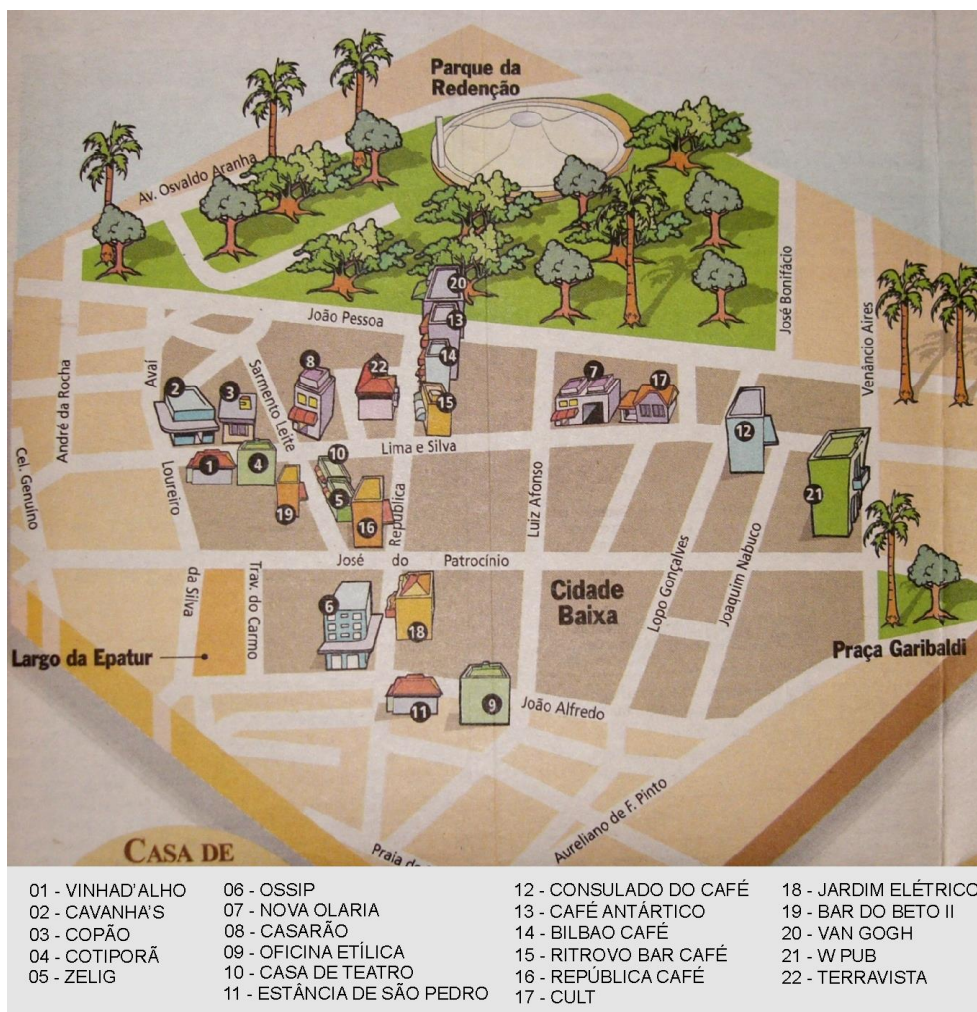


Figura 63 – Limite imaginário do bairro pela boemia em reportagem “Roteiro de bares da Cidade Baixa”.  
Fonte: BARBO, Rique (Arte ZH). Roteiro da Cidade Baixa. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.

Possivelmente, para afirmar o complexo urbano existente em seu interior, ou, talvez o desconhecimento, de fato, dos seus limites pelo autor da reportagem ou pelo ilustrador, a Cidade Baixa viria a ser representada apenas pelas áreas até então consagradas como complexo boêmio, negligenciando partes significativas de seu território consolidadas pelo uso residencial e pelos comércios e serviços.

Nota-se que sua representação ilustra também elementos que não fazem parte de sua estrutura. Tanto o “miolo” do “quarteirão”, delimitado pelo bairro, quanto seu bordo

<sup>370</sup> Conforme Lei 222 de 07/12/59 com limites alterados pela Lei 4685 de 21/12/79: Avenida Praia de Belas até a Rua Barão do Gravataí; desta até seu encontro com a Avenida Getúlio Vargas; por esta via, sentido sul-norte, até a Avenida Venâncio Aires; desta até a Avenida João Pessoa e por esta até a Avenida Perimetral, até encontrar a convergência da Avenida Borges de Medeiros com Avenida Praia de Belas.  
Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p\\_secao=43](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43)>

referencial externo ganham destaque. O limite consagrado de suas avenidas principais limítrofes (Av. João Pessoa, Perimetral e Av. Venâncio Aires) e a antiga Rua do Riachinho (interna ao bairro) – que configurava o real território da Cidade Baixa, na área entre a Várzea e a Redenção, aparece representada em quadras de cor mais escuras no mapa. Também os referenciais urbanos, como o Parque Farroupilha, a Praça Garibaldi e o Largo Zumbi dos Palmares (Largo da EPATUR) aparecem com representação destacada. Possivelmente para mera localização e também para valorização do desenho como uma imagem de rerepresentação do real, buscando maior reconhecibilidade, a representação acaba por omitir parte significativa do bairro e incluir nos seus limites áreas não pertencentes aos seus domínios. O Jornal não chegava a denominar a imagem, mas como esta ilustrava toda a matéria, servindo de pano de fundo e orientação geral do bairro, conclui-se que o imaginário representado não era suficiente para a compreensão do bairro como um todo, indicando a omissão de parte do mesmo e uma expansão de sua imagem aos equipamentos adjacentes.

Assim, esta representação vem a fortalecer o limite da Cidade Baixa como a porção mais central da área, entre os baixios da Várzea e o antigo limite do Riachinho, já verificado como território consagrado no imaginário urbano atual pelos levantamentos em mapa mental (casos M15 e M20).

Da imagem de representação do bairro no jornal, consolida-se uma “Ilhota” dentro da Cidade Baixa, referente à apreensão da zona boêmia em seu interior, e que corresponde a 15% do total em levantamento dos mapas mentais, confirmado pelos casos já citados no imaginário atual (figuras 63 e 64).

Ainda sobre as representações, podemos notar que o Parque virou uma outra “Ilhota” nas representações sobre a boemia. Cercado de pontos de bares noturnos, o Parque restara como área central em miolo de “baixa boemia”. Ele sempre fora o único lugar urbano daquela região que não configurava zona com este caráter.

Estes pontos comerciais que o envolviam foram “erroneamente” representados como áreas do bairro Cidade Baixa atual, em levantamento das entrevistas abertas, questionários e mapas mentais para esta pesquisa (figura 65).

A confusão da determinação dos limites atuais (recentes no imaginário urbano, que, mesmo em quase 50 anos ainda mantém os limites primeiros da região da Baixa Cidade) e não integrados completamente, somada ao caráter similar dos bares de toda esta região e à baixa boemia inerente a todos eles – caracterizados por bares “baixos”, de cerveja barata, onde as pessoas podem ir à vontade (inclusive de pijama), “populares”, perto de zonas de prostituição, lugar de beberragem, vagabundagem, “chinelagem” - foram determinantes na consagração do imaginário atual com o limite original da área, por ter a mesma “aura”,

aprendida pela baixa boemia.

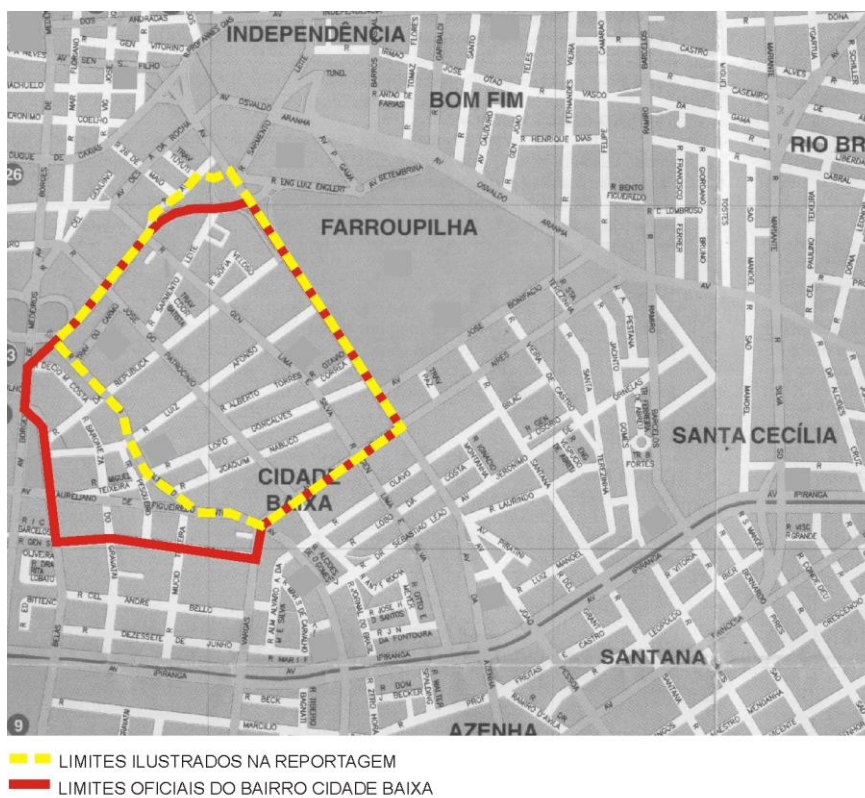


Figura 64 – Comparativo entre limites originais e representados do bairro, na reportagem.  
Fonte: Acervo da Autora.

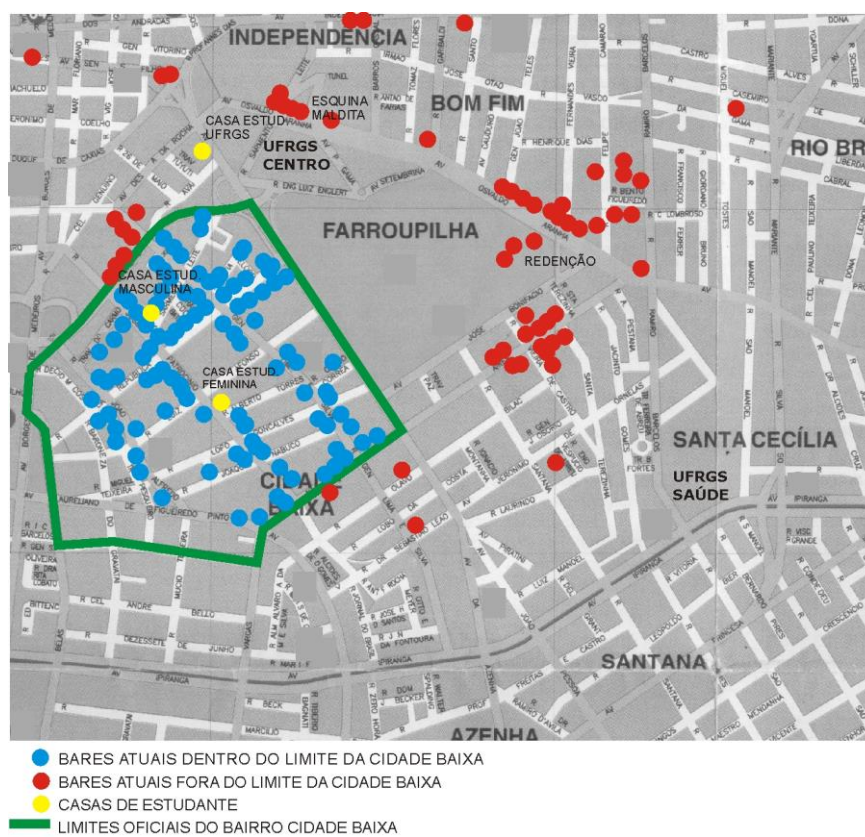


Figura 65 – Mapeamento dos bares da Cidade Baixa.  
Fonte: Acervo da Autora.

Esta apreensão pode ser observada em mapa de resultados a seguir (figura 66), que demonstram a localização dos pontos internos e externos e também dos limites circundantes ao Parque, que devolvem à Cidade, pela “Baixa Boemia” os limites anteriores da “Baixa Cidade”.

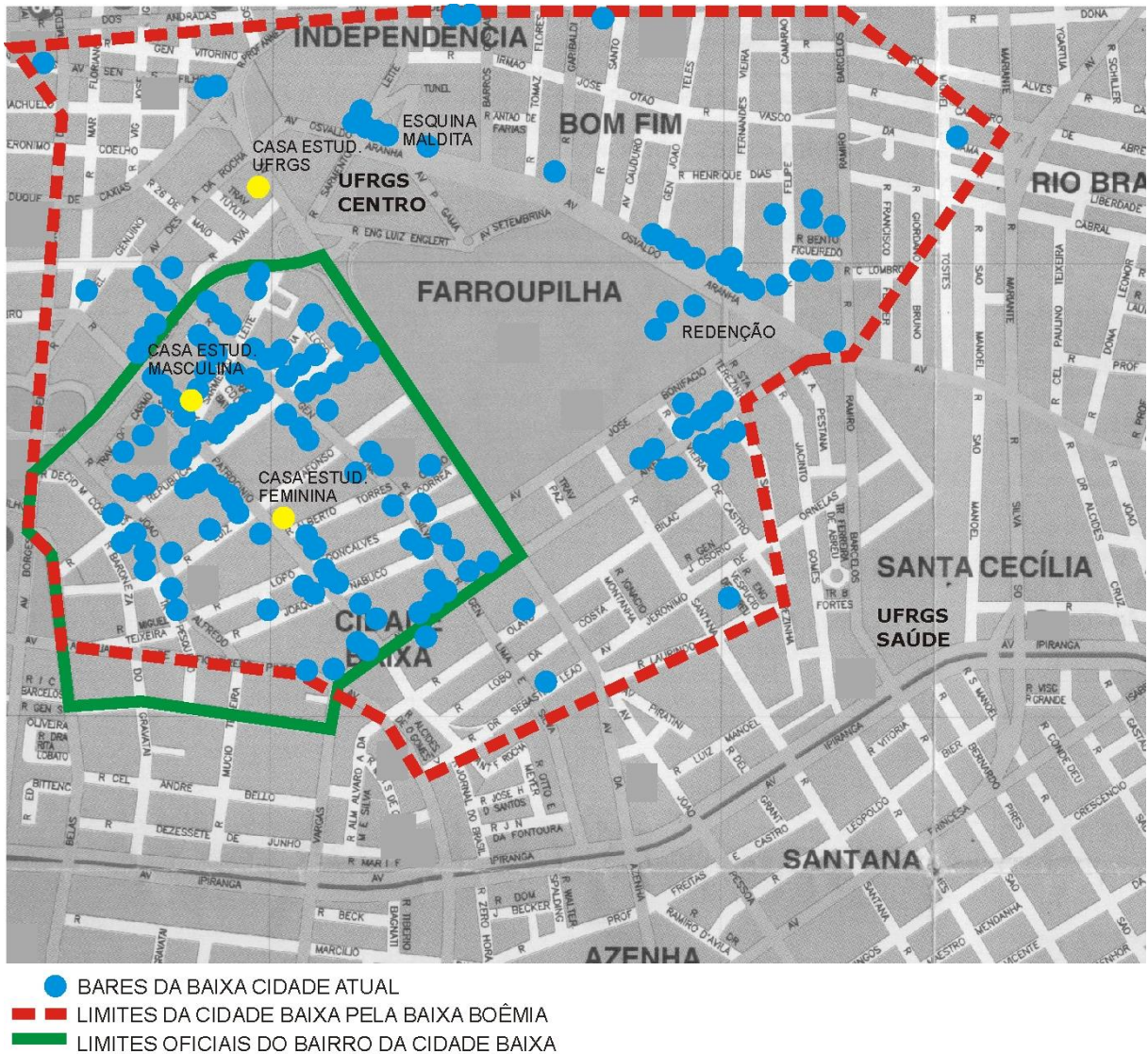


Figura 66 – Mapeamento dos bares da Cidade Baixa. Limite imaginário da Cidade Baixa Atual.

Fonte: Acervo da Autora.

Em entrevista com usuários, o Parque fora considerado um obstáculo a “atrapalhar” a circulação na área, separando as zonas boêmias da atual Cidade Baixa e do Bom Fim, principalmente. A área se apresenta como uma barreira a ser transposta para efetivação da plena “Baixa Boemia”, configurando um vazio urbano de reserva verde em território da boemia.

Atualmente a área configura um dos maiores pontos públicos de prostituição, concorrendo com o Parque Harmonia. Também é zona escura, perigosa e de assaltos, portanto

carrega parte da aura “maldita” da região. Em contraponto, já apresenta um ponto comercial de boemia noturna, que inclusive é “alta”, instalada no “Café do Lago” – um café adaptado à antiga edificação do extinto ancoradouro de barcos e bicicletário do Parque Farroupilha, ali instalados desde a sua fundação.

O fechamento boêmio à volta do Parque, isolando-o pelo cercamento feito pela boemia consagra uma “ilha verde” isenta deste uso, que devolveria à cidade, no coração da “Baixa Cidade”, uma “Nova Ilhota”. E mais: considerando que todo o espaço circundante ao Parque, somado aos seus espaços internos, já consolidados pela “baixa boemia”, conformando toda uma área “baixa” na Cidade (em cota e em caráter) efetiva-se uma “inundação” de “Baixa Boemia” sobre toda esta área “baixa”, que incluiria a “Baixa Cidade” – zoneando, de maneira bastante clara, a “Baixa Boemia” à “Baixa Cidade” e a “Alta Boemia” à “Alta Cidade” (figura 67).

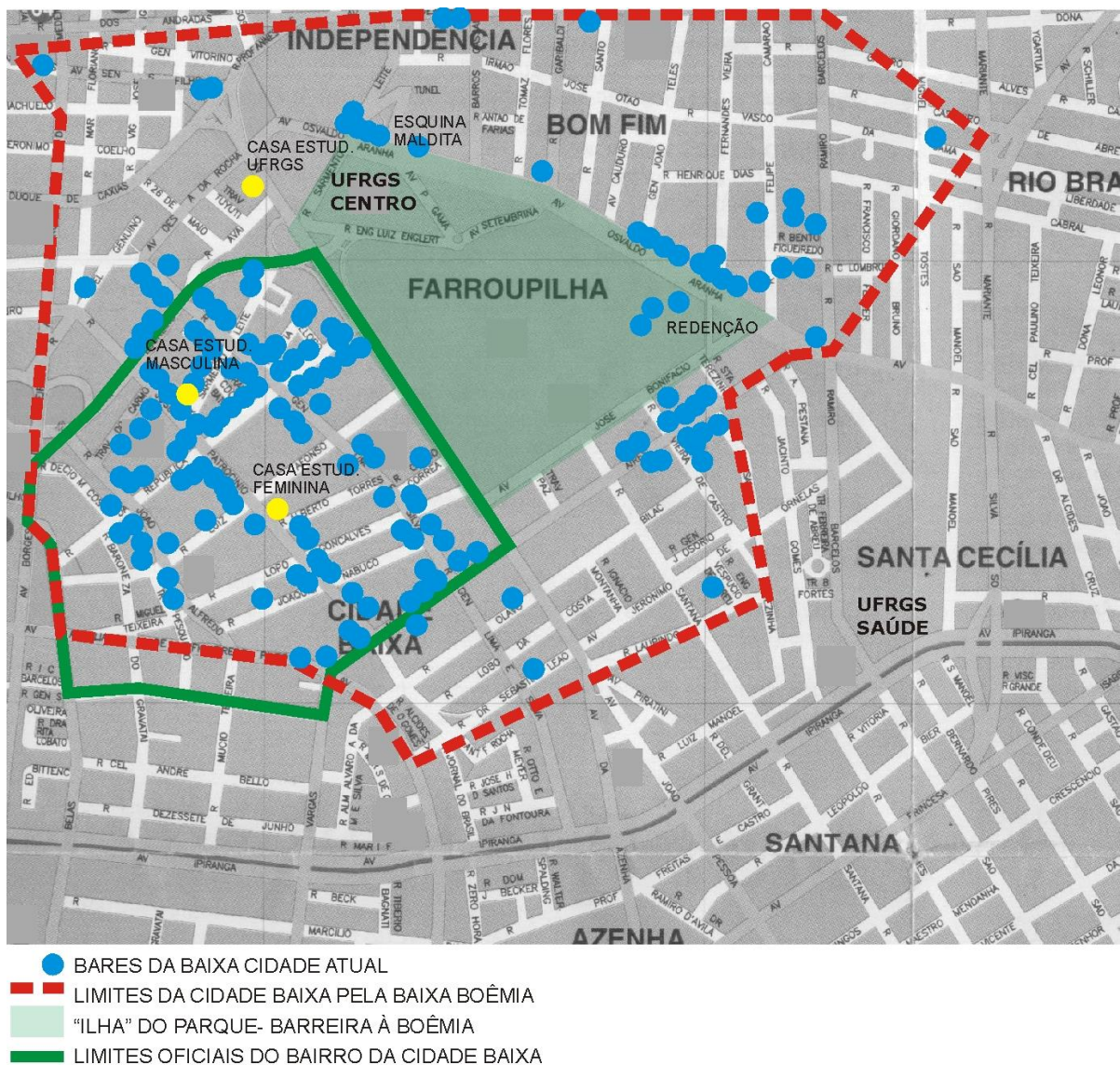


Figura 67 – A “Ilhota” verde entre os bares da Cidade Baixa.

Fonte: Acervo da Autora.

Ainda sobre a análise das áreas excluídas e residuais que conformam “ilhas” no território, reconhece-se uma terceira região: o resíduo urbano conformado pela abertura da Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, no perímetro desta com a Avenida Venâncio Aires, a Rua Barão do Gravataí e a Avenida Praia de Belas. Este trecho redesenha uma outra Ilhota, muito próxima à original, já extinta - local onde teria nascido Lupicínio Rodrigues e se proliferado a pobreza e a periculosidade local. Esta nova “ilha” completa seu território atual, mas, principalmente, separa outro uso na Cidade Baixa. A Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, ícone da cirurgia urbana e cicatriz residual oriunda do Plano de 1959, teria rasgado o território e separado, definitivamente, a Ilhota da Cidade Baixa. O caráter e o uso das duas regiões são contrastantes. A área reconhecida como “Baixa Cidade”, atualmente, é a parte efervescente e que tem vida noturna intensa, com o intrínseco caráter “baixo” de alguns usuários e muitos bares, perpetuando a “aura” do lugar, mas, principalmente, da extinta Ilhota. Em contraponto, a zona ao sul da Avenida Aureliano de F. Pinto conflagra zona residencial tranquila, resgatando o caráter do “cotidiano” e sossegado da Cidade Baixa de outrora. Uma oposição de caráter das zonas, proporcionada/ incentivada ou não controlada por ações de Planejamento Urbano, aliadas às práticas sociais de lazer e cultura intensa que assombram a região desde a boemia de Lúpi, reforçada com as ações juvenis posteriores, nos períodos pós-Ditadura, com o maior complexo urbano boêmio da Cidade.

A delimitação da Cidade Baixa pelos limites primeiros da região, consagrada da “Baixa Cidade”, mostrou-se efetivamente comprovado quando, em coleta do material publicado sobre a área, foi encontrada entrevista sobre os considerados limites do bairro, no ano de 1977, com a seguinte passagem sobre o espaço supracitado:

É preciso observar que a delimitação oficial não leva em conta a definição popular de “cidade baixa” dos bairros, Santa Cecília, Redenção e Menino Deus. Mas justamente por sua colocação privilegiada, antes da subida que dá no borborinho do centro [...] <sup>371</sup>

A reportagem fora publicada há três décadas e praticamente duas após a implantação legal dos novos limites. A confusão sobre os limites do antigo e do novo bairro se mostrava evidente já naquela época, discutindo os limites alterados na lei de 1959. Passados 59 anos da mudança da Lei, a problemática da apreensão oficial perdura, conforme demonstrado na análise dos mapas mentais, pela perpetuação da história/memória oral e escrita.

---

<sup>371</sup> Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito. Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977.

O sexto capítulo se encerra, após apresentação de diferentes formas de construção do imaginário, que é resgatado de lembranças e memória da cidade e do local, mas também a demonstra o que é compreendido como território, no caso, coeso pelas práticas culturais e de Vicência do lazer noturno e sua manutenção e permanência, refletidas na expressividade da ambiência urbana e na vitalidade de seus lugares.

Demonstra que a compreensão existentes sobre a delimitação do bairro Cidade Baixa ultrapassa seus limites oficiais, e que, sociabilidade da boemia, unifica espaços e territorialidades, recuperando, parcialmente, a área da antiga baixa” Cidade de outrora.



## 6 CONCLUSÃO

A pesquisa consegue apresentar e ilustrar a percepção da delimitação imagética do bairro Cidade Baixa por seu uso noturno, no período temporal entre 2006 e 2007, a partir da percepção de seus frequentadores e usuários, coletados e analisados em suas realidades. Esta parte selecionada e restrita da percepção sobre o bairro a partir de seus usuários e de uma de suas atividades, que direcionaram o foco e objetivo do trabalho, demonstraram a caracterização do lugar, em escala cidadina, por sua notável boemia noturna, sendo o “todo” (o bairro) conhecido e consagrado pela parte (seu uso noturno), gravada na imagem mental da sociedade cidadina como um espaço boêmio, desde o surgimento da cidade.

A delimitação do imaginário dos entrevistados, remontado sob a forma de diversos instrumentos de medição, abrangeu todo o território do bairro Cidade Baixa a partir de sua vivência boêmia, recompondo grande parte do território da Baixa Cidade<sup>372</sup>, acionada imageticamente pela história, memória, lugares, acontecimentos e pela prática da boemia. Os personagens lembrados, as histórias contadas, sempre se referiram ao passado “maldito” local, que reforçavam o prazer e a identidade no sentimento de pertencimento a uma boemia não mais existente no espaço temporal do entrevistado, mas às conexões mentais que costurava, às informações que continha destes locais, do primeiro ou do segundo recorte temporal da pesquisa.

À reestruturação dos campos abordados pelas espacialidades evocadas, rememoradas ou referidas nos depoimentos e registros dos depoentes, o espaço geral compreendido como território da Cidade Baixa, por sua boemia noturna, extravasou os limites legais do bairro, infringindo limites e territórios de vários bairros lindeiros. Os limites imagéticos se estenderam para além do recorte e limites oficial do bairro atual.

Esta identificação confirma a unificação do território sob a aura da “baixa boemia”. Foram encontrados frequentes indícios de interligações entre lugares internos e externos aos limites do bairro oficial, seja por rotas de deslocamento entre os espaços (prática pertencente à fruição noturna dos lugares), seja pelo compartilhamento do mesmo público.

Tanto nas entrevistas abertas quanto nos mapas, foi possível identificar a compreensão da ambiência da paisagem urbana fundidas nas áreas interna e externa do bairro, fundindo territorialidades e compartilhando públicos.

Tais informações foram obtidas a partir da comparação dos limites identificados em

---

<sup>372</sup> Toda a “baixa” urbana de Porto Alegre, estrutura urbanística de origem no urbanismo medieval português, existente também nas cidades além dos Continentes Europeu e Africanos, existente, também, nas cidades luso-brasileiras fundadas no período colonial.

periódicos e narrativas literárias, além das narrativas pessoais sob a forma de testemunhos, em entrevistas abertas, questionários de indicações objetivas e subjetivas, desenhos de setores de bairro ou bares e mapas mentais com abrangência do limite do bairro.

O resultado deste cruzamento foi sobreposto, como palimpsesto e comparado aos limites oficiais existentes.

O trabalho resgatou discursos e imagens de representação da cidade, reconstruindo parte do passado sobre os testemunhos e as memórias de algumas pessoas (ainda que as memórias possam ser alteradas ou herdadas de outros), sobre a aparência, a frequência e o comportamento em diferentes lugares da cidade (na “Alta” ou na “Baixa” Cidades). As ações supracitadas recuperaram os acontecimentos, personagens e lugares, sob as formas de discurso escrito, oral ou de imagem, a partir de fotografias ou mapas mentais.

A pesquisa presentificou o ausente numa reapresentação do vivido, do lembrado e do registrado na cidade, principalmente na “Baixa Cidade”, através dos vestígios materiais (edificações, traçados urbanos, lugares e usos lembrados e perpetuados, remanescentes) e imateriais (pensamentos, desejos, sentimentos e expectativas, emoções), registrados em fotos, mapas, imagens, projetos urbanos e, principalmente, no imaginário de seus usuários.

O passado, referência como palimpsesto de desenhos urbanos, arquiteturas e histórias ofereceu condições “concretas” da existência, para a instauração da “dialética da paralisação”, permitindo-se “dar a ver” através da narrativa, ilustrada pelos vestígios históricos que oportunizam reconhecibilidade na sincronia com o presente.

Estas narrativas foram estruturadas pela história, resgatadas em publicações de cronistas da cidade e de historiadores e demais pesquisadores sobre o local, em periódicos ou pela memória resgatada em testemunhos, em passados mais longínquos ou mais próximos, reativados em suas lembranças.

A Baixa Cidade de outrora foi historiografada sob o olhar da “Baixa Boemia”. Recontou-se sua história, a partir de registros históricos e personagens, dos discursos de seus frequentadores e dos posicionamentos críticos dos jornais. Reconstituiu-se uma narrativa imagética do atual bairro Cidade Baixa, construída desde a fundação da cidade, década a década, como lugar do “baixo”, do proibido, do “maldito” - adjetivos que caracterizavam a área.

Demonstrou-se que a península e, sobretudo, seu promontório, representaram bastante coerentemente a “morfologia do poder” e do status econômico-social instaurados em estruturas de cidades em acrópole – um urbanismo originado pela influência de povos mouros, que influenciou o urbanismo medieval português e de outras cidades da Península Ibérica, e que instaurou muitas novas “Baixas” Coloniais, no litoral brasileiro.

A arquitetura foi demonstrada como elemento estruturante dos espaços e limitante/condicionante das espacialidades do bairro, como vestígio-testemunho material e edificado de tais práticas, cujas sociabilidades e relações são sustentadas pelas fontes de historiadores da cidade e de arquitetos que pesquisam a história a arquitetura, além de cronistas da cidade, dentre outros.

O trabalho recuperou a história da cidade e do bairro, assim como suas evoluções urbanas, arquiteturas e tecnologias, assim como seu urbanismo e qualidades espaciais e de infraestrutura urbana e a instauração da cidade e de seu traçado, definidor de sítios simbólicos e de poder entre a “alta” e a “baixa” sociedades, a partir das narrativas sobre seus desenvolvimentos, apoiando-se sobre os cronistas e pesquisadores locais.

A pesquisa resgatou e registrou as lembranças recuperadas e construiu uma pequena parte da memória das sociabilidades noturnas da Cidade e do Bairro Baixa Cidade, desde os primórdios da mesma, resguardando dizeres de cronistas, depoimentos de seus testemunhos, recuperando o imaginário urbano e social a partir da prática boêmia noturna “baixa” e contribuindo com novos elementos de análise sobre os “espaços”, frequentemente abordados em pesquisas, devido à vitalidade de seu uso noturno, que lhe conforma “lugar”.

Resgatou, também, em destaque, lembranças sobre o marcante período consolidado pela boemia de música ao vivo e bebidas, a partir de seus músicos – profissionais indispensáveis às práticas locais analisadas, que resguardam parte da história da cidade - que esclareceram questões acerca da atividade do lazer noturno, seus espaços, agentes e sociabilidades, em cada uma das áreas da cidade, e contribuíram para a construção de memórias coletivas sobre a prática e os lugares da cidade, neste período.

Cruzando as informações que juntas fontes e diferentes naturezas, conforme a condição de obtenção para cada um dos três grandes períodos históricos em que se divide o trabalho, a análise de todas aponta a manutenção da permanência da aura “baixa” nos territórios e territorialidades locais, avaliadas pela “baixa boemia”. A permanência desta “aura”, percebida e/ou perpetuada por seus agentes sociais, reflete na continuidade da cultura espacial local e de suas vivências, assim como na forma da prática espacial, seu comportamento e valores, conservando formas de ocupação e de experiências urbanas.

O trabalho demonstra a relevância do uso de outros instrumentos de avaliação à construção de dados para as análises de espaços, principalmente os de grande relevância social, histórica ou de afetividades, dentre os quais, todos os condicionantes são existentes no sítio em questão.

Constata-se que o cruzamento de metodologias de diferentes áreas pode contribuir ao maior aprofundamento de questões de pesquisa. Percebe-se que a análise discursiva e a

imagética se complementaram à seleção de dados, à instrumentação de métodos e à fundamentação teórica para sustentar a questão, que é subjetiva.

O trabalho alcança e atende os objetivos a que se propõe, abrindo campo ao aprofundamento de questões de pesquisa sobre o “lugar” e/ou à “prática” que nele se desenvolve, contribuindo com alguns novos conhecimentos obtidos nas fontes e à coleta de dados.

A metodologia mista empregada é objeto que pode ser mais investigado e aprofundado em novas pesquisas, aprimorando o método, para maior dissolução de barreiras ou limites interdisciplinares e/ou conceituais, de lida com as fontes e suas indagações buscando aplicar-se a objetos que sejam lugares históricos por práticas sociais e suas permanências, deslocamentos e sociabilidades, assim como ao seu espaço físico, cuja relevância cultural se dê tanto por aspectos materiais ou imateriais.

Esta metodologia de forma mista associada ao estudo do imaginário – produto subjetivo e pessoal, oriundo de experiências, vivências, estudo e erudição, que busca-se ser avaliado coletivamente, cruzando experiências únicas, na busca de denominadores comuns – é um caminho apontado para futuras pesquisas, como desdobramento de investigação metodológica interdisciplinar e de complexo objeto subjetivo ao campo em que a pesquisa se desenvolve.

**REFERÊNCIAS**

- Atlas ambiental de Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998. XIX, 228 p.
- ARGÁN, Giulio Carlo. **Tipologia.** Série Summarios; n.79. Buenos Aires: SUMMA, 1984. p. 4.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. 111 p.
- AZEVEDO, Patrícia Rodrigues de. **Potencialidade da Cidade Baixa para constituir-se como pólo criativo: a perspectiva dos moradores.** 2014. Monografia (Graduação em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BAUDELAIRE, Charles. **Um lírico no auge do capitalismo.** Tradução: José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 194 -195.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 210 p.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 728 p.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** São Paulo, Brasiliense, 1986. p.230.
- BENJAMIN, Walter. “O Flâneur”, In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** Tradução: José Martins Barbosa, Hermerson Alves Baptista. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.194 - 195
- BISSÓN, Carlos A. Sobre Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993. 206 p.
- CAMPOS, Marcello. **Week-End no Rio.** Cinco décadas (e meia) de Conjunto Melódico Norberto Baldauf. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 2007.
- CAMPOS, Marcello. **Minha Seresta** – Vida e obra de Alcides Gonçalves (1908 – 1987). Porto Alegre: Editora da Cidade: Letra&Vida, 2011.
- CAMPOS, Marcello. **Johnson** - “o boxeur-cantor”. Porto Alegre: Edição independente/FUMPRORTE, 2013. 100p.
- CAMPOS, Marcello. **Almanaque do Lupi** - Vida, Obra e Curiosidades sobre o maior compositor popular gaúcho. Porto Alegre: Editora da Cidade: Letra&Vida, 2014.

- CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA, Rejane. **Porto Alegre: de Aldeia à Metrópole**. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992. 176p.
- CASTELLO, Lineu. **Repensando o LUGAR no projeto Urbano**. Variações na Percepção de LUGAR na virada do Milênio (1985-2004). Tese Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995. pp.41-54.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Difel. 1990.
- CONSTANTINO, Núncia S. **Espaço Urbano e Imigrantes: Porto Alegre na virada do século**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIV, n. 1, p. 149-164, junho 1998.
- CONSTANTINO, Nuncia S. **O Italiano da Esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade étnica entre moranenses**, Universidade de São Paulo, 1990.
- Companhia Estadual de Energia Elétrica. **História ilustrada de Porto Alegre**. Porto Alegre: Já Editores, 1997. 192p.
- DE FARIA, Luiz Arthur Ubatuba; PAIVA, Edvaldo Pereira. “III – O Plano de Avenidas”, in: **Contribuição ao estudo da Urbanização de Porto Alegre**. Porto Alegre, mimeo., 1938 p.55.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 577p.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: Um Inventário das Diferenças**, in: **Entre-Vistas: Abordagens e Usos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1994. pp.1-13.
- FERREIRA, Nelson Brasil. **Anos 70 não deu pra ti, aplicação, seguimos aqui!**, in: **Cadernos do Aplicação**. Porto Alegre Vol. 17, n. 1/2 (jan./dez. 2004), pp.159-164.
- FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre: dinâmica sócio-espacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2000. 155 p.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. – 3. Ed. Ver. Ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998. 440p.
- FURQUIM, Késsio Guerreiro. **A construção de lugares na boemia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GERMANO, Íris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40**. 1999. 278p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.
- GOLLEDGE, R.G., STIMSON, R.J. Spatial Cognition, Cognitive Mapping, and Cognitive Maps in: **Spatial Behaviour: a Geographic Perspective**. New York, The Guilford Press. 1997. pp. 225-248.
- HILLIER, B. The fundamental city. In: **The space is the machine**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997. pp. 335 - 368.
- HILLIER, B & HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge, Cambridge University Press. 1984
- HOUAISS, Antônio. **Pequeno Dicionário Enciclopédico KOOGAN LAROUSSE**. Ed. Larousse do Brasil. 1980. p.126.
- INDA, Pedro Augusto Alves de. **O planejamento urbano e seu impacto na tipologia arquitetônica, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre**. 2003. 190 p. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares**. 1991. 247p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- KLIEMANN, Luiza H.; Schmitz; BERGER, Dan – **Bom Fim: álbum de retratos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1990.

- KOHLER, Raquel. **Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano: bairro cidade baixa, Porto Alegre-RS.** In: Encontro Nacional da ANPUR (7. : 1997 : Recife). Anais: VII Encontro Nacional da ANPUR: novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento. Recife: UFPE, ANPUR, 1997. vol.1, pp.341-362.
- KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin: Sociologia.** São Paulo, Ática, 1985. pp.30-122.
- KRAWCZYK, Flávio et all. Carnavais de Porto Alegre. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 21.
- LEONIR, Ives. **Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável.** In FAZENDA, I. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Papirus, 1998.
- LYNCH, K. **A imagem da Cidade.** São Paulo: M. Fontes, 1997. 227 p.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: história e vida da cidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1973. 241 p.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999. 88p.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: Origem e Crescimento.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1968. 138p.
- MACIEL, João Moreira. **Projeto de Melhoramentos e Orçamentos apresentados ao Intendente Dr. José Montaury de Aguiar Leitão.** Porto Alegre. Livraria do Comércio, 1914, pp.4-16.
- MAUCH, Cláudia. Saneamento Moral em Porto Alegre na década de 1890. In: **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade.** Vargas, Anderson Zalewski; Mauch, Cláudia e Elmir, Claudio Pereira. (org.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. 154 p.
- MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre.** 2006. 165p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **A Cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa.** Bauru: EDUSC, 2007. 189p.
- MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal: O areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921).** 2000.153p. Dissertação. (Mestrado em



História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre**. 2001. 222 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, Porto Alegre.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: Martins, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.C. (orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**, Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 33-56.

MERLEAU-PONTY, M., **Phenomenology of Perception**. New York: Routledge and Kegan Paul. 2002.

MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1966.

MYLIUS, Leandra. Um percurso afetivo e um olhar lógico: Descrição de uma etnografia de rua na Avenida Osvaldo Aranha, Bairro Bom Fim, Porto Alegre/RS [recurso eletrônico], in: **Salão de Iniciação Científica (12.: 2000 : Porto Alegre)**. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 550p.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre EDIPUCRS, 1995. 153p.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980. 213p.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos**. 1995. 246p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues**. 2002. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PANERAI, Philippe. **Elementos de Analisis Urbano**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1983. 280 p.

PEET, Richard. **Modern Geographical Thought**. Oxford, UK: Cowley, 1998.

PEREIRA, Claudinho. **Na ponta da agulha: embalos na noite de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra&Vida: Editora da Cidade, 2012. 204p.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte. Autêntica, 2ª ed., 2004.

PESAVENTO, Sandra. **Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)**. In: Revista Brasileira de História. 1999. São Paulo, v.19, nº. 37, pp.195-216.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. – 2º Ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1991. 135 p.

PESAVENTO, Sandra J. **O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social**. In: Cultura Vozes. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. p.34

PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord). **O espetáculo da rua**. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996. 95 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1998. 149 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 357 p

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº. 16, 1995, p. 280.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Tradução de Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, pp. 200-212.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. 1940. 222 p.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre: **Plano Diretor de Pôrto Alegre, 1954-1964**.

RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp.185-202.

RAMOS, Paula (org.) **A Madrugada da Modernidade (1926)**. Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. 2006. 84p.

REIS, Nicole I. dos Santos. Deu pra ti anos 70: sob uma perspectiva de memória e geração, in: **Salão de Iniciação Científica (13.: 2001: Porto Alegre)**. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.506.

- REIS, Nicole I. dos Santos. Lembranças de uma geração: estudo antropológico do movimento deu pra ti anos 70 em Porto Alegre, in: **Salão de Iniciação Científica (14.: 2002 : Porto Alegre). Livro de resumos.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.823, resumo 188.
- REIS, Vanessi e PUIG, Renata G. **Bom Fim – o espaço como refúgio nos bares – décadas 60 e 70.** Monografia de Iniciação Científica. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Ritter dos Reis, Porto Alegre. 2000. 21 p.
- REIS, Vanessi. **Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964-2006).** 2013. 255p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- REIS, Vanessi. “Do Bom Fim à Cidade Baixa: memórias da boêmia estudantil porto-alegrense nas décadas de 60 a 90” in: **Simpósio Nacional de História Cultural - Mundos da imagem: do texto ao visual.** (3.: 2006: Florianópolis). CD-ROM. Florianópolis: GT História Cultural, 2006.
- REIS, Vanessi. “Da Baixa Cidade a Cidade Baixa: O Imaginário Urbano desta Transformação” in: **Encontro de História e Teoria da Arquitetura do RS - Cidades Gaúchas: Transformações e Permanências.** (10.: 2006: Caxias do Sul ). CD-ROM. Caxias do Sul: UCS, 2006.
- REIS, Vanessi. **Exteriorização dos Interiores dos bares noturnos de Porto Alegre – Bordas das Ruas Fernando Gomes e Padre Chagas.** Monografia. UniRitter, Porto Alegre. 2003. 211 p.
- REIS, Vanessi. “Memórias da boêmia noturna nos bares da Cidade Baixa e Bom Fim - Porto Alegre/RS” in: **Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos.** (24.: 2007: São Leopoldo) CD-ROM São Leopoldo: UNISINOS, 2007. ANPUH.
- REIS, Vanessi. “Violência no Bom Fim e o refúgio nos bares – décadas de 60 e 70. Porto Alegre/ RS” in: **Encontro Estadual de História (8.: 2006: Caxias do Sul).** CD-ROM Porto Alegre: ANPUH-RS, 2006.
- RIGATTI, Décio. **Cidade e memória.** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Propur, 1993. 92 p.
- RIGATTI, Décio. **Morfologia urbana, memória coletiva e formas de socialidade em Porto Alegre: o centro da cidade: relatório final.** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPUR, 1991. 273 p.
- RIGATTI, Décio. **Transformação espacial em Porto Alegre e dinâmica da centralidade.** 2002. 114 p.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo.** São Paulo, Companhia das Letras,

1989.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa: Cosmos, 1966.

SACK, Robert D. **Human Territoriality – its Theory and History**. Cambridge, Cambridge Univ. Press. 1986.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas de minha cidade**. 2.ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979. 307 p.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821**; tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1974. ilustr. (Reconquista do Brasil, 10).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p

SCLIAR, Moacyr. **Histórias de Porto Alegre**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 174p.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.30-32.

SILVA, Michelle Nascimento da. **Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre/ RS. 2014**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SIMMEL, Georg. Individualité et impessoalilé, in: ANSAY, Pierre, SHOONBRODT, René. **Penser la ville**. Bruxelles, AAM, 1989.

SOUZA, Célia F. de., PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano – Porto Alegre**: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. 292p.

SPALDING, Walter. **Pequena História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1967. 320 p.

TEIXEIRA, Paulo C. **Esquina Maldita**. Porto Alegre: Libretos, 2012. 212 p.

TEIXEIRA, Paulo C. **Darcy Alves – Vida nas cordas do violão**. Porto Alegre: Libretos, 2010. 120 p.

TELLES, Leandro Silva. **Breviário histórico sentimental da vila de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre**. 2.ed. Porto Alegre: Renascença, 1980. 100 p.

- TELLES, Leandro Silva. **Crônica das ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Gaplam, 1971. 97 p.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.
- VEDANA, Hardy. **Jazz em Porto Alegre**. Porto Alegre: L&pm, 1987. 184 p.
- VILCHES, Lorenzo. **Teoria de la imagem periodística**. Barcelona: Paidós. pp. 21-77
- VILHENA, Luiz dos Santos. **Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasilicas Contidas em XX Cartas**. Volume II. 1802. Reedição 1921. p.629-652. (Vilhena, p.635.).
- ZAMBONI, Vanessa. O Bairro Bom Fim dia e noite: uma perspectiva do registro do tempo nas formas de ocupação de um território urbano em Porto Alegre, in: **Salão de Iniciação Científica (16.: 2004 : Porto Alegre)**. Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Resumo 327, p. 833.

## FONTES

### Jornais:

- BARBO, Rique (Arte ZH). **Roteiro da Cidade Baixa**. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno. Noite. Porto Alegre, 1 de julho de 1999, p 7.
- FORTINI, Archymedes. **A Cidade Baixa não existe mais**. Jornal Correio do Povo. Revivendo o Passado. Porto Alegre, 29 de maio de 1966.
- GONZATTO, Marcelo. **População de rua cresce na Cidade Baixa**. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana. Porto Alegre. Porto Alegre, 25/10/03, p. 33.
- GONZATTO, Marcelo. **Vida noturna conflagra a cidade baixa**. Jornal Zero Hora. Pelo Rio Grande/Região Metropolitana. Porto Alegre. Porto Alegre, 02/07/2004.
- Morar é problema na Cidade Baixa**. Jornal Zero Hora. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91
- MIETLICKI, Deise. **Boemia, aqui me tens de regresso**. Jornal Zero Hora. Especial ZH. Porto Alegre, 03/07/99 p. 1.
- PESAVENTO, S. J. **SOS Porto Alegre**. Jornal Zero Hora. Segundo Caderno: Cultura. Porto Alegre, 25 mar. 2006.

SCLIAR, Moacyr. **Ah, a Cidade Baixa.** Jornal Zero Hora. Especial. Como eu Vivo Porto Alegre. Porto Alegre, 26/03/02, p. 35.

**Cai a Cidade Baixa para nascer bairro bonito.** Jornal Folha da Tarde. Porto Alegre, 1977.

**Leitor fala sobre nossos limites e outras histórias.** Jornal Cidade Baixa. Porto Alegre, 17 de Outubro de 1992. p. 2.

LOREA, Eduardo. **Violência faz mais uma vítima na Cidade Baixa.** Jornal. JÁ. Capa. Porto Alegre, 18/04/2005. p. 1

**Morar é problema na Cidade Baixa.** Jornal Zero Hora. Comunidade. Porto Alegre, 20/12/91.

**Pai Custódio um príncipe africano na Cidade Baixa.** Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 25/06/89.

PESAVENTO, S. J. **SOS Porto Alegre.** Zero Hora - Segundo Caderno: Cultura, Porto Alegre, 25 mar. 2006.

**Predomínio da classe média foi sempre marcante.** Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 29/11/91, p. 17.

**Proprietários de bares reagem a interdições da prefeitura.** Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 02/07/2004.

**Região do Gasômetro é visada.** Jornal Zero Hora. Roubo e Furtos de Veículos Porto Alegre, 08/11/2000, p. 47.

**Tiroteio nas ruas da Cidade Baixa.** Correio do povo. Serviços/ polícia. Porto Alegre, 21/05/2005. p. 15

**Trânsito é caótico na Cidade Baixa.** Correio do Povo. Geral. Porto Alegre, 20/05/2007. p. 3

VIECELLI, Maria das Dores Costa. **O dia e a noite do Bom Fim.** A geração da Esquina Maldita. Porto Alegre ano 210. Folha da Tarde. 2 de abril de 1982.

#### **Periódicos (Revistas):**

AGUIAR, Douglas Vieira de. “Guetos urbanos”, in: **AU: Arquitetura e Urbanismo.** São Paulo n.111 (jun. 2003), pp. 60-61.

BONI, Paulo C. ; ACORSI, André R. A margem de interpretação e a geração de sentido no

- fotojornalismo. **LÍBERO**. Ano IX. nº 18. Dez 2006.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**, nº. 13, jan. - jun. 1994.
- DI LEONARDO, Micaela. Oral History as Ethnographic Encounter. In: **The Oral HISTORY REVIEW**, vol. 15, 1987. pp.1-20.
- DORNELLAS, Jerônimo; SILVA, Loureiro da. **Da taba ao arranha-céu: duzentos anos de vida de uma cidade**. O Globo, Porto Alegre, 30/11/1940. pp. 192-195.
- KNAUSS, Paulo. O Desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 97-115;
- NASI, Eduardo; RAMOS, Paula. Mestres do século. Música. O poeta da boemia. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 1 nº. 11, pp. 25-27.
- NEVES, Nicolau G. Encontrando Paris. **Estilo Zaffari**. Porto Alegre, ano 7 nº. 31, Fevereiro de 2005.
- PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº. 16, 1995, pp. 279-290.
- PESAVENTO, Sandra J. O Desfazer da ordem Fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. In: **Cultura Vozes**. Nº. 5 – Setembro-outubro, 1995. pp. 34-44
- PRIKLADNICKI, Fábio. Muito além da dor-de-cotovelo. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre, ano 7 nº. 59, pp. 14-19.
- RAMOS, Paula (org.) **A Madrugada da Modernidade** (1926). Centro Universitário Ritter dos Reis. Editora UniRitter. 2006. 84 folhas.
- Revista Madrugada**. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Ano 1, n. 5, 1926. 32 p
- Revista “**O GLOBO**”. Porto Alegre, 1940.
- ROZANO, Fernando. Santo de Casa – Lupicínio Rodrigues. **Revista Porto & Vírgula**. Porto Alegre, nº. 55, out./dez 2005. pp. 14-24
- SOUZA, Célia Ferraz de. **Porto Alegre e sua Evolução Urbana**. Porto e Vírgula. Porto Alegre, nº. 31. pp. 22 a 25.
- TEIXEIRA, Paulo. C. Cidade Baixa, meu amor. **Aplauso - Cultura em Revista**. Porto Alegre,

ano 5 nº. 49, 2003. pp. 22-29

WEIMER, Günter. Porto Alegre: a origem do traçado. Porto & Vírgula nº. 31, 1997. pp.26 a 29.

#### **Lei:**

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Lei nº4685**. Porto, Alegre, 21/12/79 - Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p\\_secao=43](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=20&p_secao=43)>. Acesso em: 18 de junho de 2006, 15:28:50

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Lei nº2022**. Porto Alegre, 07/12/59.

#### **Internet:**

**1939 - L'Occupation**. Disponível em: <<http://www.cafe-de-flore.com/index.htm>>. Acesso em: 18 de setembro de 2007

**A história do Café**. Disponível em:

<[http://www.abel.com.br/edu\\_on/historia/trabalhos/trab12/hist.htm](http://www.abel.com.br/edu_on/historia/trabalhos/trab12/hist.htm)>. Acesso em: 18 de junho de 2006.

ANDRADE, Antonio Luiz M. Cidade, A Embalagem da Memória. **Arquitetura Brasil – O Habitat Digital. Publicado no dia 19 de dezembro de 2003**. Disponível em: <http://salu.cesar.org.br/arqbr/servlet/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeNoticia?codigoDaNoticia=6608&dataDoJornal=atual>. Acesso em: 31/07/2005.

CAMPOS, Marcello. A Porto Alegre dançante dos anos 50. **Os anos dourados dos bailes em Porto Alegre**. Publicado em 9/5/2005. Disponível em: <<http://www.guaiba.com.br/reportagens.asp?id=240>>. Acesso em: 10/09/2007

#### **Músicas:**

“Entrevistado E”. **Vida de Boêmio**. 2007. (Inédita).

MELLO, Dilú; CHAVES, Ovídio. **Fiz a cama na varanda**. 1944.

RODRIGUES, Lupicínio; **Ilhota**. (Não gravada).

RODRIGUES, Lupicínio; Gonçalves, Alcides. **Maria Rosa**. 1949

#### **Entrevistas:**

Entrevista com “Entrevistado A”, 79anos, em entrevista individual em 03/07/2007.

Entrevista com “Entrevistado B”, “Entrevistado C” e “Entrevistado H” em 13.09.07.

Entrevista com “Entrevistado D”, “Entrevistado E”, “Entrevistado F”, “Entrevistado G” e “Entrevistado I”, 15/09/2007.

61 aplicações de mapas mentais e questionários, com Entrevistados de 1 a 61.



## APÊNDICE A - Parte do questionário aplicado em pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

PESQUISA DE MESTRADO PARA DISSERTAÇÃO “DA BAIXA CIDADE A CIDADE BAIXA: O IMAGINÁRIO URBANO-SOCIAL DE UMA (R)EVOLUÇÃO URBANA”.

Mestranda Vanessi Reis

### CARTA DE CESSÃO

Autorizo a pesquisadora e mestranda do curso de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR/UFRGS - Vanessi Reis - a utilizar as informações contidas nesta pesquisa em publicações, seja por meio de artigos ou de produção acadêmica, de forma a ocultar minha identidade de depoente por meio de pseudônimo ou falsificando topônimos.

Ass.: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/2007.

### Questionário de pesquisa

#### 1) Qual teu vínculo com a área boêmia noturna da Cidade Baixa?

- Morador  
 Usuário dos bares  
 Proprietário de bar. Qual? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 Outro: \_\_\_\_\_

#### 2) Há quanto tempo tens conhecimento da boemia noturna deste local?

- Até 1 ano  
 Entre 1 e 5 anos  
 Entre 5 e 10 anos  
 Entre 10 e 15 anos  
 Mais de 15 anos

#### 3) Como soubeste deste lugar?

- Indicação de amigos  
 TV  
 Jornal  
 Passando pelo local  
 Outro: \_\_\_\_\_

#### 4) Há quanto tempo frequentas os bares da Cidade Baixa?

- Há menos de 1 ano  
 Entre 1 e 5 anos  
 Entre 5 e 10 anos  
 Entre 10 e 15 anos  
 Mais de 15 anos

#### 5) Com que frequência vais ao local?

- 1 vez por mês  
 1 vez a cada 15 dias  
 1 vez por semana  
 2 vezes por semana  
 3 vezes por semana  
 Mais de três vezes por semana  
 Outro: \_\_\_\_\_

#### 6) Em qual(is) dia(s) da semana?

- segunda-feira  
 terça-feira  
 quarta-feira  
 quinta-feira  
 sexta-feira  
 sábado  
 domingo

#### 7) Quais bares conheces dali?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**8) Por que frequentas o lugar?**

- Porque te identificas com o lugar
- Porque te identificas com o(s) bar(es) local(is)
- Porque te identificas com as pessoas que frequentam o lugar
- Porque é um lugar onde às pessoas podem andar com roupas “mais à vontade”.
- Porque a cerveja é barata.
- Porque um grupo de amigos frequenta o local.
- Porque fizeste amigos que frequentam o local e precisa ir até lá para reencontrá-los.
- Porque o lugar te lembra o antigo Bom Fim.
- Porque o lugar te lembra outro local de concentração de bares.
- Porque é um lugar alternativo.
- Porque é um lugar “cult”.
- Porque é um lugar cosmopolita.
- Porque é um lugar “da moda”.
- Outros: \_\_\_\_\_

---



---



---



---



---

**9) O que te atrai ao lugar?**

- A ideia de que é um lugar de grande valor histórico.
- A ideia de que é um lugar de grande valor cultural.
- A tradição boémia local.
- A arquitetura dos bares.
- A concentração de pessoas.
- O prestígio local ou do bar.
- O seu grupo de amigos o frequenta também.
- Outros: \_\_\_\_\_

---



---



---



---



---

**10) És fiel a algum bar? Qual?**


---



---



---



---



---

**11) Frequentaste os bares do Bom Fim?**

- sim
- não

**12) Qual das duas áreas de concentração deles?**

- Somente os da “Esquina Maldita” – Rua Sarmento Leite com Av. Osvaldo Aranha (continuar respondendo o questionário, da questão 13 até a 24)
- Somente os próximos da Redenção (continuar respondendo o questionário a partir da questão 25)
- Os da Esquina Maldita e da Redenção (continuar respondendo o questionário na sequência: responder as questões 13 à 24 somente sobre a Esquina Maldita, e da 25 em diante sobre os bares próximos à Redenção)

**13) Por quanto tempo frequentaste os bares da “Esquina Maldita”?**

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 15 anos
- Mais de 15 e 20 anos
- Mais de 20 anos

**14) Em que época?**

- 1950-1964
- 1964 a 1985
- 1985 a 1995
- 1995 em diante
- Outro: \_\_\_\_\_

---



---

**15) Como soubeste do lugar?**

- Indicação de amigos
- TV
- Jornal
- Passando pelo local
- Outro: \_\_\_\_\_

---



---

**16) Com que frequência ias ao local?**

- 1 vez por mês
- 1 vez a cada 15 dias
- 1 vez por semana
- 2 vezes por semana
- 3 vezes por semana
- Mais de três vezes por semana
- Outro: \_\_\_\_\_

**17) Em qual(is) dia(s) da semana?**

- segunda-feira
- terça-feira
- quarta-feira
- quinta-feira
- sexta-feira
- sábado
- domingo

**18) Quais bares conhecias dali?**


---



---

**19) Por que frequentavas o lugar?**

- Porque te identificavas com o lugar
- Porque te identificavas com o(s) bar(es) local(is)
- Porque te identificavas com as pessoas que frequentam o lugar
- Porque era um lugar onde às pessoas podem andar com roupas “mais à vontade”.
- Porque a cerveja era barata.
- Porque se podia comprar drogas ali.
- Porque se podia usar drogas ali.
- Porque um grupo de amigos frequentava o local.
- Porque fizeste amigos que frequentam o local e precisava ir até lá para reencontrá-los.
- Porque o lugar te lembra outro local de concentração de bares.
- Porque era um lugar alternativo.
- Porque era um lugar “cult”.
- Porque era um lugar cosmopolita.
- Porque era um lugar de articulação.
- Porque era um lugar da esquerda.
- Outros: \_\_\_\_\_

**20) O que te atraía ao lugar?**

- A arquitetura dos bares.
- A concentração de pessoas.
- O prestígio local ou do bar.
- O seu grupo de amigos o frequentava também.
- Outros: \_\_\_\_\_

**21) Eras fiel a algum bar? Qual?****22) Porque deixaste de frequentá-lo?**

- Porque a Esquina Maldita “quebrou” com a transferência dos cursos de Sociologia e Filosofia para o Campus do Vale
- Porque podia ser preso nas batidas policiais
- Porque os amigos deixaram de frequentá-la
- Porque os ânimos estudantis foram se acalmando com o final da Ditadura
- Porque o(s) bar(es) que tu frequentavas fechou
- Porque havia outra zona na cidade com opções melhores. Qual?

Outro: \_\_\_\_\_

**23) Tu fazias a rota UFRGS e/ou bares Esquina Maldita até a Cidade Baixa?**

- sim
- não

**24) Com que intuito?**

- Ir para casas estudantes. Feminina ou masculina?

Ir para bares. Quais? \_\_\_\_\_

Ir para festas. Onde? \_\_\_\_\_

Outro: \_\_\_\_\_

**25) Por quanto tempo frequentaste os bares próximos da “Redenção”?**

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 15 anos
- Mais de 15 e 20 anos
- Mais de 20 anos

**26) Em que época?**

- 1950-1964
- 1964 a 1985
- 1985 a 1995
- 1995 em diante
- Outro: \_\_\_\_\_

**27) Como soubeste do lugar?**

- Indicação de amigos
- TV
- Jornal
- Passando pelo local
- Outro: \_\_\_\_\_

**28) Com que frequência ias ao local?**

- 1 vez por mês  
 1 vez a cada 15 dias  
 1 vez por semana  
 2 vezes por semana  
 3 vezes por semana  
 Mais de três vezes por semana  
 Outro: \_\_\_\_\_

**29) Em qual(is) dia(s) da semana?**

- segunda-feira  
 terça-feira  
 quarta-feira  
 quinta-feira  
 sexta-feira  
 sábado  
 domingo

**30) Quais bares conhecias dali?**


---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

**31) Por que frequentavas o lugar?**

- Porque se identificava com o lugar  
 Porque se identificava com o(s) bar(es) local(is)  
 Porque se identificava com as pessoas que frequentam o lugar  
 Porque era um lugar onde às pessoas podem andar com roupas “mais à vontade”.  
 Porque a cerveja era barata.  
 Porque podia comprar drogas ali.  
 Porque podia usar drogas ali.  
 Porque um grupo de amigos frequentava o local.  
 Porque fez amigos que frequentam o local e precisava ir até lá para reencontrá-los.  
 Porque lembra outro lugar de concentração de bares.  
 Porque era um lugar alternativo.  
 Porque era um lugar “cult”.  
 Porque era um lugar cosmopolita.  
 Porque era um lugar de articulação.  
 Porque era um lugar da esquerda.  
 Outros: \_\_\_\_\_
- 
- 
- 
- 
- 

**32) O que te atraía ao lugar?**

- A arquitetura dos bares.  
 A concentração de pessoas.  
 O prestígio local ou do bar.  
 O seu grupo de amigos o frequentava também.  
 Outros: \_\_\_\_\_
- 
- 
- 
- 
- 

**33) Eras fiel a algum bar? Qual?**


---



---



---



---



---



---

**34) Porque deixaste de frequentá-lo?**

- Porque podia ser preso nas batidas policiais  
 Porque os amigos deixaram de frequentá-la  
 Porque o(s) bar(es) que tu frequentavas fechou  
 Porque havia outra zona na cidade com opções melhores. Qual? \_\_\_\_\_  
 Outro: \_\_\_\_\_

**35) Tu fazias a rota Bares até UFRGS Centro ou UFRGS saúde?**

- sim  
 não

**36) Com que intuito?**

- Ir para Esquina Maldita. Por que? \_\_\_\_\_  


---

 Ir para bares. Quais? \_\_\_\_\_  


---

 Ir para festas. Onde? \_\_\_\_\_  


---

 Outro: \_\_\_\_\_  


---

**37) Por gentileza, nesta folha em branco, faça um desenho do bairro Cidade Baixa (incluindo ruas, praças, edifícios, bares e seus nomes – os que tu lembrares) que possa ser utilizado por um visitante como um guia.**

38) Quais os bares que lhe chamam mais atenção e por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

39) Quais os bares que possuem aparência mais satisfatória e por quê?

---

---

---

---

---

---

---

40) Quais os bares que possuem aparência mais negativa e por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Sexo: ( )F ( )M

Bar que está freqüentando: \_\_\_\_\_

De que bairro ou cidade vem? \_\_\_\_\_

Qual parte do bairro usa? \_\_\_\_\_

Contato (opcional): \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade:

- Analfabeto
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Segundo grau
- Graduação: \_\_\_\_\_
- Especialização: \_\_\_\_\_
- Mestrado: \_\_\_\_\_
- Doutorado: \_\_\_\_\_
- Outro: \_\_\_\_\_

Andamento:

- Completo
- Incompleto

## APÊNDICE B – Listagem dos cafés por Hardy Vedana (1920 a 1970)

LISTAGEM DOS CAFÉS POR HARDY VEDANA (1920 A 1970)				
Período	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
<b>Anos 20</b>	1920	<b>Café Colombo</b>	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira.	A posição do Café Colombo, conforme o autor, é no lugar onde na época da escrita do livro, teria a lanchonete Rib's. O autor apresenta 2 endereços, sendo que o primeiro é desde antes de 1920, e o segundo é a partir de 1935. Talvez tenha se mudado e talvez seja o mesmo endereço.
	1925 a 1930	<b>Café Guarani</b>	Rua dos Andradas quase esquina com Dr. Flores	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois da Dr. Flores, e à direita ou à esquerda?
	1926 a 1930	<b>Confeitaria Rosicler</b>	Rua dos Andradas, quase esquina com Mal. Floriano.	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois da Mal. Floriano e à direita ou à esquerda?
	1927	<b>Café A Barrosa</b>	Praça da Alfândega, ao lado do Clube do Comércio.	O autor não determina a posição do ponto: qual dos dois lados do Clube e de qual ponto de observação?
<b>Anos 30</b>	1928 a 1932	<b>Café Independente</b>	Rua Voluntários da Pátria defronte a antiga estação da Viação Férrea.	O autor não determina a posição do ponto. A Estação Férrea fora construída em terreno na Rua Voluntários da Pátria, da Rua da Conceição até o Beco do Barbosa (hoje Barros Cassal), lindeiro à atual Rodoviária.
	1930	<b>Confeitaria Central</b>	Largo dos Medeiros. (A Confeitaria Central, a Rosicler, e o Armazém Apolinário pertenciam aos irmãos Eugênio e Pantaleão Medeiros, daí advindo o nome do Largo dos Medeiros, pois foram comerciantes conceituados em Porto Alegre nos idos dos anos 20 e 30).	O autor não determina a posição do ponto. A posição do Largo do Medeiros, conforme o autor, é no lugar onde na época da escrita do livro, teria um banco Itaú.
	1930 a 1935	<b>Café Colombo</b>	Rua dos Andradas (esquina da Rua da Ladeira), 1179.	
	1930	<b>Bar Americano</b>	Rua dos Andradas, defronte à CEEE.	O autor não determina a posição do ponto. “[...] com uma decoração muito moderna, sem dúvida um dos melhores do país em estilo e conforto”. p. 41 “O café fica na frente seguido pela seção dos aperitivos e mais ao fundo a casa de chá. Na galeria superior, com finíssima decoração, há o chá dançante nas tardes de domingo. Tanto o Florida é avançado na técnica do conforto que possui nas mesas tomadas para a ligação do telefone, de sorte que o cliente não precisa molestar-se para atender a um chamado. Nesta parte do centro é que toca Paulo Coelho e Orquestra. Por entre as mesas circulam os vendedores de cigarros, com o tabuleiro pendurado ao pescoço”. Nilo Ruschel, caderno literário do Correio do Povo, In; Vedana, p. 41
	1930 a 1932	<b>Café Paulista</b>	Rua dos Andradas, quase defronte à CEEE.	O autor não determina a posição do ponto: se indo para bairro, antes ou depois do Bar Americano?
	Década de 30	<b>Bombonière Woltmann</b>	Rua dos Andradas	
	Década de 30	<b>Restaurante Munchner Kindl</b>	Rua 15 de Novembro (atual Rua José Montauray), 91.	
	1932	<b>Café Vera Cruz</b>	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira, defronte o Café Colombo.	
	1932 a 1933	<b>Café Rosicler</b>	Rua dos Andradas, entre General Chaves e Mal. Floriano, defronte a Casa Masson.	Este café possuía uma decoração jamais igualada em Porto Alegre, talvez no Brasil, guardadas as inovações da época.
	1933	<b>Café Central</b>	Rua dos Andradas, esquina da Rua da Ladeira, em diagonal com o Café Colombo.	
	1934	<b>Café Pássaro Azul</b>	Rua Voluntários da Pátria.	Existiram dois estabelecimentos com este nome: este e um cabaré, que era localizado à Rua Siqueira Campos, quase esquina com a Rua da Ladeira. O Nome advém do célebre filme com Marlene Dietrich.

	1936	Café Coroa	Rua da Ladeira, onde estavam os Bilhares Coroa.	
	1938	Café Florida	Rua dos Andradas, defronte à CEEE.	
	1939	Sorveteria Antonello	Rua dos Andradas, onde hoje está a Galeria Edith.	
	Década de 30	Café Suíssa	Rua Dr. Flores	O autor indica falta de maiores informações
Anos 40	Década de 40	Bar Danúbio	Subsolo do Cine Vera Cruz (hoje Vitória), Avenida Borges de Medeiros, Edifício Vera Cruz.	
	Década de 40	Bar Grenal		
	1943	Confeitaria Bar Balú	Parte de cima do Abrigo dos bondes na Praça XV, inaugurado em 1937.	A Confeitaria Bar Balú era estritamente familiar, mais tarde, já no fim dos anos 40, tornou-se <i>dancing</i> , tendo posteriormente mudado de nome para Tabaris, que durou até fins de 55.
	1945	Café Natal	Mercado Público, onde hoje é a Confeitaria Copacabana.	Das 15 às 21 horas havia música feita por quem não tinha um lugar fixo, durante a semana, para tocar. Nestes dois cafés do Mercado Público corria-se o pires entre os escutas e fregueses para pagar o mocotó com vinho para os músicos. Também os tempos eram outros, os músicos conseguiam levar pra casa o pão e o leite, tal era a quantidade de “sonante” que corria entre os frequentadores. A bem da verdade, todo músico advindo da periferia que não havia cursado academias musicais e quisesse “debutar” teria que por ali passar. Músicos que vinham da “briosa” (a chamada Brigada Militar) também passavam pelo café.
	1946	Café 17	Andradas (onde na época da edição do livro era a Confeitaria Matheus)	
	1947/48	Café Gaúcho	Mercado Público, 149 e 151 em frente à Praça Parobé.	Conforme o autor, seu fechamento se deu entre 1947 e 1948.
	1948/49	Café Cinelândia	Rua dos Andradas, onde esteve o Florida e o Americano.	
Anos 50	1950	Café Nacional 17	Praça da Alfândega, no lugar onde esteve a Confeitaria Matheus.	Funcionamento à tarde, das 16 às 18hs.
	1959 a 1961	Confeitaria Cacique	Andradas, em cima do Cine Cacique.	
	1959	Confeitaria Quitandinha	Rua dos Andradas	
	Décadas de 40/50/60	Recreio Avenida	Avenida Presidente Roosevelt	
	Décadas de 40/50/60	Café Guarani	Avenida Eduardo (hoje Avenida Presidente Roosevelt)	
	1950	Indiana	Andradas - no mesmo lugar do Café Florida e do Americano, embaixo da sede do Internacional e ao lado da do rival, o Grêmio.	Conforme o autor, seria este o último café com música de Porto Alegre.
	Anos 50	Renner (Salão de Chá)	Avenida Otávio Rocha esquina Dr. Flores, 7º andar.	
	1954	Confeitaria Indiana	Andradas	
Anos 60	1969	Boi na Brasa	Ramiro Barcelos	
Anos 70	1966, 1969, 1971 e 1972	Na brasa	Rua 11 de Agosto (Floresta)	
	1971	Churrascaria Laçador		

Planilha baseada em citações de cafés In: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.52-64. Alguns outros tipos de casas estão incluídos, em capítulo e seqüência de cafés.



**APÊNDICE C – Listagem de boates e cabarés por Hardy Vedana -  
Região do Centro e Baixa Cidade (1920 a 1970)**

LISTAGEM DOS CABARÉS E BOATES POR HARDY VEDANA (1920 A 1970)				
Período	Ano	Nome	Endereço	Curiosidades
Anos 20	1920	<b>Cabaret Boulevard</b>	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1920	<b>Cabaret Ibá</b>	Rua da Cadeira (Travessa Dois de Fevereiro, atual Avenida, Senador Salgado Filho).	
	1920	<b>Primavera</b>	Rua da Cadeira, defronte ao Ibá.	
	1920	<b>Paulista</b>	Rua da Cadeira, entre Vigário José Inácio e Dr. Flores. Proprietário: Adão Bains, “Turquinho”.	
	1920	<b>Libamba</b>	Rua Aurora (hoje Barros Cassal), entre Independência e Avenida Farrapos.	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	1920	<b>Trianon</b>	Avenida Praia de Belas, perto da Rua Botafogo.	“[...] tinha a particularidade de ser freqüentado exclusivamente por embarcações”. p.116 Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1920	<b>Os Boêmios</b>	Rua Nova (atual Rua Andrade Neves) no prédio em que, na época de edição do livro, estava o Jockey Club.	“[...] não tinha a fama da “Os Caçadores”, porém era bem freqüentada em virtude do conjunto musical ser bastante considerado.” p.116
	1920	<b>Moulin Rouge</b>	Rua Nova (atual Rua Andrade Neves). (Onde estava, na época da edição do livro, o Jockey Club).	No mesmo lugar de Os Boêmios. Entre 1925 e 1930 fora também cabaré. É nome de atual bar da Cidade Baixa.
	1920	<b>Palácio das Águias</b>	Beco do Oitavo	
	1920	<b>Bar Os Caçadores</b>	Rua Sete de Setembro (onde estava, na época da edição do livro, o Banco Unibanco).	
	1920	<b>Pensão Magui</b>	Rua Nova (entre a Sociedade Allan Kardec e a Galeria Edith)	
	1920	<b>Club dos Caçadores</b>	Rua Nova (atual Rua Andrade Neves), 42.	“[...] uma das mais famosas casas do Rio Grande do Sul e talvez do Brasil, pois com a Primeira Guerra vieram pra cá muitas mulheres bonitas de procedência francesa, que faziam a alegria dos que ali iam esquecer as “labutas diárias.” p.115.
1935	1935	<b>Dancing Oriente</b>	Rua Voluntários da Pátria, 395 (em diagonal ao antigo Cine-Teatro Coliseu).	“[...] perto de ser o melhor clube noturno da cidade”. p.23. Também conhecido como Baar.
	1935	<b>Dancing Gaúcho</b>	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha. (onde foi o Cabaret Boulevard)	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1935	<b>Dancing Royal – (Baar)</b>	Rua Voluntários da Pátria, 473. (defronte ao Cine-Teatro Coliseu onde, na época da edição do livro, havia um edifício de mais de 20 andares).	“[...] onde estava o melhor da vida noturna de Porto Alegre”. p.23
	1935	<b>Cassino Farroupilha</b>	Recanto da Exposição Farroupilha, no Parque da Redenção.	Baixa Cidade – Bom Fim
	1935	<b>Taberna do Max</b>	Avenida Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz.	
	1935	<b>Centro Esportivo Bolão</b>	Rua General Câmara, 148 esquina com a Rua Sete de Setembro.	

	1935	<b>Novo Hotel Yung</b>	Praça XV de Novembro.	
	1935	<b>Restaurante Münchner Kind'l</b>	Rua 15 de Novembro, 91.	
	1935	<b>Pensão Central</b>	Rua Siqueira Campos, 1159.	
	1935	<b>Clube dos Caçadores</b>	Rua Andrade Neves, 42 (ex-Rua Nova).	
	1935	<b>Cabaret Pássaro Azul</b>	Rua Siqueira Campos, quase esquina da Rua General Câmara.	Este cabaré teve efêmera duração, somente 6 meses. Depois se transformara em Shinu.
	1937	<b>Boate Shinu</b>	Rua Siqueira Campos.	Mais tarde muda de nome para Cabaret Stambul.
	1937	<b>Dancing Margot</b>	Rua Voluntários da Pátria, 44. Proprietária: Madame Margot.	Rendez-vous: Os que tocam era somente para escutar. "Possuía um corpo de bailarinas relativamente bem apessoadas, como também um conjunto musical de respeito e uma decoração à altura do progresso de 'Alberto Bins'". p.117
	1939	<b>Cabaret Stambul</b>	Rua Siqueira Campos, quase esquina da General Câmara (antiga Rua das Flores).	Na casa onde foi, em 1935, o Cabaret Stambul, também funcionaram, posteriormente, em ordem cronológica, até seu encerramento: Boite Shinu, Dancing Caron, Dancing Nova Liliane, e por último Boite Marabá. O mesmo aconteceu com o Cabaret Boulevard, depois Dancing Gaúcho, "Galo" e Filhos do Sul, na Rua Cabo Rocha, 253.
<b>Anos 40</b>	1940	<b>Dancing Margot</b>	Rua Voluntários da Pátria, 44.	Passou a ser Dancing com pista de dança.
	1940	<b>Dancing Caron</b>	Rua Siqueira Campos no mesmo lugar do Cabaret Stambul.	
	1940	<b>Restaurante Danúbio</b>	Avenida Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz (ex-Taberna do Max).	
	1940	<b>Club dos Caçadores</b>	Andrade Neves, 42	Nesta década o Club dos Caçadores fechou suas portas em virtude de um decreto-lei que determinou o fechamento de todas as casas de jogo do país e o Club era na realidade um cassino.
	1940	<b>Dancing Oriente</b>	Rua Voluntários da Pátria, 395. Mesmos proprietários do American Boite.	
	1940	<b>Dancing União</b>		
	1940	<b>Dancing Gaúcho</b>	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1940	<b>Dancing Royal</b>	Rua Voluntários da Pátria, 431 (defronte ao Edifício Coliseu).	
	1940	<b>Taberna do Max</b>	Avenida Borges de Medeiros, no subsolo do Edifício Vera Cruz.	
	1940	<b>Novo Dancing Liliane</b>	Rua Siqueira Campos (anteriormente Dancing Caron).	Em junho deste ano é inaugurado o Novo Dancing Liliane, um acontecimento que mexeu com a cidade. No local onde funcionava o Dancing Caron, a direção artística deste realizou grandes reformas, jamais vistas em nenhum night-club porto-alegrense (conforme a Folha da Tarde de 13/06/1941). O Dancing artístico do Dancing Liliane, reforçado com o do extinto Caron, não necessita de comentários, pois já conquistou o aplauso da platéia porto-alegrense quando por várias vezes se exibiu em teatros, cinemas e sociedades recreativas.
	1941	<b>Night Club Liliane</b>	Avenida Júlio de Castilhos, 271, esquina da Praça dos Bombeiros, na parte em cima da antiga Estação Rodoviária.	
	1941	<b>Dancing Mabará</b>	Rua Siqueira Campos, quase esquina da Rua General Câmara, no mesmo lugar do Novo Dancing Liliane.	1948 – Por esta época passa a se chamar boate, pois o nome Dancing cai em desuso. Teve pouca duração.

	1943	Dancing Galo	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1943	Dancing Maipú	Rua Voluntários da Pátria, 44. (antigo Dancing Margot).	
	1944	Dancing Sales	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1945	Swing Club	Altos da Confeitaria Rocco, Rua Riachuelo, esquina com Rua Dr. Flores.	Ali acontecia, todos os domingos, feriados e dias santos, reunião dançante com conjunto fixo. A entrada era pela Riachuelo, 1626.
	1947	American Boite	Rua Voluntários da Pátria, 1239. (Onde na época da edição do livro, estava a boate Cascalho).	
	1948	Boite Tabaris (Ex-Balú)	Altos do abrigo dos bondes na Praça XV de Novembro.	Mais tarde surge outra boate com mesmo nome, porém na Voluntários da Pátria.
	1949	Boite Mãezinha	Rua Voluntários da Pátria, após Ramiro Barcelos (sentido centro-bairro).	
	1949	Jardim de Aláh	Avenida Protásio Alves (onde na época da edição do livro, estaria a 8ª Delegacia de Polícia).	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	1949	Cottillon Clube	Avenida Salgado Filho, Edifício Paraguai, 1º andar.	
Anos 50	1950	Boite Rian	Rua Voluntários da Pátria	
	1950	Boite Sales	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1950	Boite Cometa	Rua Voluntários da Pátria.	
	1950/52	Boite Rialto	Rua Voluntários da Pátria, ao lado da Boate Castelo Rosado.	
	1950/60	American Boite	Rua Voluntários da Pátria. (Onde na época da edição do livro, estava a boate Cascalho).	
	1950	Boite Maipú	Rua Voluntários da Pátria, 44.	
	1950	Clube do Automobilista	Rua Sete de Setembro.	
	1950	Boite Fausto		
	1950	Boite Sales (Galinha)	Rua Cabo Rocha (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro), quase defronte ao Dancing Galo. Bairro Azenha	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1951	Boite Balalaika	Rua Voluntários da Pátria.	
	1951	Boite Vogue	<b>Avenida Farrapos Proprietário: Lupicínio Rodrigues.</b>	<b>Zona Norte</b>
	1951	Dancing Filhos do Sul (Galo)	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Apesar de a boate ter um nome, seus habitues continuaram chamando-a de Galo. Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
	1952	Dancing Galo	Rua Cabo Rocha, 253 (antiga Rua São João/ atual Rua Prof. Freitas e Castro). Bairro Azenha.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
1953	Boite Mãezinha	Rua Voluntários da Pátria, quase esquina com Ramiro Barcelos.		

	1953	<b>Boite Balú (depois Tabaris)</b>	Altos do abrigo dos bondes – Praça XV de Novembro.	
	1954	<b>Boite Castelo Rosado</b>	Rua Voluntários da Pátria, quase esquina da Rua Ramiro Barcelos.	“[...] de fama relativamente grande, já que as garotas eram bem apessoadas e o conjunto que oferecia a música era de primeira linha.” p.21.
	1954	<b>Boite da Chata</b>	Rio Guaíba, perto da Doca das Frutas, defronte à antiga Casa Schmidt, na Voluntários da Pátria.	Esta boate tinha uma particularidade: era construída numa chata que ficava amarrada junto às docas. A boate possuía corpo de bailarinas, músicos, mesas, bar... Era, portanto, uma boate completa. Não possuía alvará de funcionamento. Por isso, quando as camionetes da Polícia Civil da época recebiam denúncias e para lá se dirigiam para fiscalizar o irregular, o que acontecia era insólito, incomum! Como sempre houve informantes de ambos os lados, o da boate, com a aproximação dos policiais, fazia um sinal convencionado e alguns homens com varas compridas, depois de desamarradas as amarras, empurravam a Chata-boate para o meio do Guaíba com música e tudo. Os policiais ficavam perplexos, sem nada poderem fazer, e o espetáculo continuava.
	1954	<b>Boite Ok</b>	Rua Voluntários da Pátria, ao lado da Boate Castelo Rosado.	
	1955	<b>Boite Marabá</b>	Rua Siqueira Campos, quase esquina com Rua General Câmara.	
	1955	<b>Boite Mocambo</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1956	<b>Boite Novo Tropical</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1956	<b>Cottillon Club</b>	Avenida Salgado Filho, Edifício Paraguai, 1º andar.	
	1956	<b>Swing Star</b>	Rua Pantaleão Telles, 812 (hoje Washington Luís), entre Espírito Santo e João Manoel.	Cidade Baixa
	1957	<b>Boite Everest</b>	Rua Voluntários da Pátria esquina com Rua Cel. Vicente	
	1958	<b>Boite Chantecler</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1958	<b>Boite Cacique</b>	Rua Voluntários da Pátria, defronte à antiga Viação Férrea.	
	1959	<b>Clube da Música</b>	Avenida Alberto Bins.	
	1959	<b>Rio Clube</b>	Avenida Praia de Belas, 1515.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
Anos 60	1960	<b>Boite Cometa</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1960	<b>Boite Tropical</b>	Rua Voluntários da Pátria, entre Barros Cassal e Conceição, defronte à VFRGS (Viação Férrea).	
	1960	<b>Boite Cacique</b>	Rua Voluntários da Pátria, 431.	
	1962	<b>Boite Novo Gaúcho</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1962	<b>Boite Mocambo</b>	Rua Voluntários da Pátria ao lado do American Boite. (Na época da edição do livro, ao lado da boate Cascalho).	
	1963	<b>Boite Las Vegas</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
	1963	<b>Mexican Club</b>	Rua Voluntários da Pátria.	

1964	<b>Boite Maipú</b>	Rua Voluntários da Pátria, 44.	
1964	<b>Boite Rialto</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
1964	<b>Boite Chantecler</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
1965	<b>Boite Mãezinha</b>	Rua Voluntários da Pátria, após Ramiro Barcelos.	
1965	<b>American Boite</b>	Rua Voluntários da Pátria. (Na época da edição do livro, a lado da boate Cascalho).	Em 1968 a boate encerrou suas atividades.
1966	<b>Boite Bambu</b>	Rua Caldas Júnior, 354.	
1966	<b>Clube dos Cozinheiros</b>	<b>Rua Garibaldi, 1366. Bairro Bom Fim/Independência. Proprietários: Rubens Santos</b>	<b>Baixa Cidade, Bairro Independência.</b>
1967	<b>Queen's Bar</b>	Rua Riachuelo, 1036	
	<b>Boite Oásis</b>	Praça Rui Barbosa, Edifício Tanhauser, 2º andar.	
	<b>Vinha D'Alho</b>	Rua da Azenha.	
	<b>Sociedade Germânia</b>	Avenida Independência, 1299.	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Piano Drink</b>	<b>Avenida Praia de Belas.</b>	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga
	<b>Boite Tabaris</b>	Rua Voluntários da Pátria	
	<b>Casa de Samba</b>	<b>Avenida Praia de Belas. Proprietário: Rubens Santos.</b>	<b>Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.</b>
	<b>King's Bar</b>	Rua Andrade Neves, 137.	
	<b>Gimba Club</b>	Rua Francisco Ferrer, 498. Bairro Rio Branco.	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Clube dos Coroas</b>	<b>Rua Benjamin Constant, 1890. Proprietário: Lupicínio Rodrigues.</b>	<b>Zona Norte</b>
	<b>Boate Biarritz</b>	Rua Giordano Bruno, 345. Bairro Rio Branco.	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Drink Bar</b>	Rua 24 de Outubro, 700. Bairro Independência	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Scavi</b>	Avenida Independência, 588. Bairro Independência	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Vila Velha</b>	Avenida Independência, 838. Bairro Independência	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>Girl Club</b>	Praça Jaime Telles, 32. Bairro Santana	Baixa Cidade, atravessando o Ipiranga.
	<b>Boite Kontiki</b>	Rua Voluntários da Pátria, 1177.	
1970	<b>Chivas Drink</b>	Rua Caldas Júnior, 360.	

<b>Anos 70</b>	1970/71	<b>Bonn Chopp</b>	Avenida Independência, 823. (Onde, né época da edição do livro, estaria a Casa de Tango Mano a Mano). Bairro Independência	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
	<b>1972</b>	<b>Chão de Estrelas</b>	<b>Rua José do Patrocínio.</b>	<b>Cidade Baixa</b>
<b>Anos 70</b>	<b>1973</b>	<b>Batelão</b>	<b>Rua Cristóvão Colombo. Proprietários: Rubens Santos e Lupicínio Rodrigues.</b>	<b>Zona Norte</b>
	1975	<b>Restaurante Corujão</b>	Av. Salgado Filho, Edifício Palácio Itália.	
		<b>Clube dos 40 (ex-Vila Suécia)</b>		
		<b>Gay Time</b>	Praia de Belas.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga.
		<b>Gruta Azul</b>	Av. Júlio de Castilhos.	
		<b>Duquesa</b>	Galeria do Rosário, 1º andar.	
		<b>Clube Pelotense</b>	Edifício Chaves, 1º andar. Centro	
		<b>Boate Kontiki</b>	Rua Voluntários da Pátria, 1177.	
		<b>Mexican Club</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Boate Estoril</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Boate Rivoli</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Boate Hollywood</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Boate Moulin Rouge</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Boate Céu Azul</b>	Rua Voluntários da Pátria.	
		<b>Cigana</b>	Rua Voluntários da Pátria, esquina com Rua Dr. João Inácio.	
		<b>Churrascaria Natal</b>	<b>Rua Pantaleão Teles. (Praia do Riacho)</b>	<b>Cidade Baixa</b>
		<b>“Xiquinho” São Francisco</b>	Rua São Manoel.	Baixa Cidade, atravessando a Ipiranga
		<b>Boate Harém</b>	Rua Júlio de Castilhos.	
		<b>Varandão</b>	Rua Cristóvão Colombo, esquina com Santo Antônio. Bairro Independência	Baixa Cidade, lado Bom Fim.
		<b>Ivanhoé</b>	Rua Vasco Alves. Bairro Centro	

Planilha baseada em citações de boates e cabarés In: VEDANA, Hardy. Jazz em Porto Alegre. Porto Alegre: L&pm, 1987. p.114-149. REIS, Vanessi. Do Bom Fim à Cidade Baixa: o uso dos espaços de lazer noturno (1964-2006). 2013. 255p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

### APÊNDICE D – Perfil do grupo de entrevistados – terceira fase Cidade Baixa

PERFIL DOS USUÁRIOS										
Número	Topônimo	Sexo	Idade	Profissão	Escolaridade	Origem	Relação com o local	Familiaridade com o local em sua época de atuação	Sobre Limite do Mapa Mental	
									Não Vaza o Limite Oficial	Vaza o Limite Oficial
1	Entrevistado 1	M	27	Historiador	Historiador	Santa Cruz/RS - Centro/POA	Usuário	Mínima		SIM
2	Entrevistado 2	M	27	Arquiteto	Arquiteto	Mont'Serrat	Usuário	Alta		SIM
3	Entrevistado 3	F	25	Arquiteta	Arquiteta	Bom Fim	Usuário	Baixa		SIM
4	Entrevistado 4	F	23	Advogada	Advogada	Bom Fim	Usuário	Baixa		SIM
5	Entrevistado 5	M	28	Arquiteto	Arquiteto	Nonoai	Usuário/Trabalho	Baixa		SIM
6	Entrevistado 6	M	27	Arquiteto	Arquiteto	Santa Cecília	Usuário/Trabalho	Alta		SIM
7	Entrevistado 7	M	28	Arquiteto	Arquiteto	Cidade Baixa	Ex-Morador BF/ Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
8	Entrevistado 8	M	26	Engenheiro Mecânico	Engenheiro Mecânico	Centro	Ex-Morador CB/ Usuário	Média		SIM
9	Entrevistado 9	F	28	Professora de Educação Física - ensino fundamental	Licenciatura em Ed. Física	Petrópolis	Usuário	Baixa		SIM
10	Entrevistado 10	F	27	Professora de Educação Física - anos iniciais	Licenciatura em Ed. Física	Petrópolis	Usuário	Baixa		SIM
11	Entrevistado 11	F	26	Secretária	Técnico em Publicidade	Jardim Leopoldina	Usuário	Mínima	SIM	
12	Entrevistado 12	F	25	Musicista	Musicista	Jardim Botânico	Usuário	Média		SIM
13	Entrevistado 13	F	28	estagiária de administração	Estudante Administração de empresas	Jardim Botânico	Usuário	Mínima		SIM
14	Entrevistado 14	M	49	FP - Historiador	Historiador	Alto Petrópolis	Usuário	Média		SIM
15	Entrevistado 15	F	25	Arquiteta	Arquiteta	Bela Vista	Usuário	Mínima		SIM
16	Entrevistado 16	F	46	Administradora de Empresas	Administradora de Empresas	Canoas	Ex-Usuário	Mínima		SIM
17	Entrevistado 17	F	30	Arquiteta	Arquiteta	Vila Nova	Usuário	Alta		SIM
18	Entrevistado 18	F	38	Arquiteto	Arquiteto	Bom Fim	Morador BF/ Usuário	Alta	SIM	
19	Entrevistado 19	F	27	R.P.	Bacharel em Relações Públicas	Bom Fim	Morador BF/ Usuário	Baixa	SIM	
20	Entrevistado 20	F	24	Arquiteta	Arquiteta	Santa Maria/RS - Santana POA	Usuário	Mínima		SIM
21	Entrevistado 21	M	32	Arquiteto	Arquiteto	Partenon	Ex-Morador CB/ Usuário	Baixa	SIM	
22	Entrevistado 22	M	27	Arquiteto	Arquiteto	Santana	Usuário	Média		SIM
23	Entrevistado 23	M	46	Arquiteto	Arquiteto	Centro	Ex-morador CB e BF/ Usuário	Média	SIM	
24	Entrevistado 24	M	28	Estagiário de Engª Civil	Estudante de Engª Civil	Jardim Botânico	Usuário	Mínima		SIM
25	Entrevistado 25	F	36	Arquiteta	Arquiteta	Cidade Baixa	Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
26	Entrevistado 26	M	29	Arquiteto	Arquiteto	Glória	Usuário	Alta		SIM
27	Entrevistado 27	F	23	Advogada	Advogada	Cristo Redentor	Usuário	Baixa	SIM	

28	Entrevistado 28	M	24	Funcionário Público	Estudante de Matemática	Jardim Botânico	Usuário	Alta		SIM
29	Entrevistado 29	F	32	FP - Advogada	Advogada	Cidade Baixa	Ex-Morador BF/ Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
30	Entrevistado 30	M	27	Arquiteto	Arquiteto	Petrópolis	Usuário	Baixa		SIM
31	Entrevistado 31	M	30	Advogado	Advogado	Bela Vista	Usuário	Baixa		SIM
32	Entrevistado 32	M	26	Operador de filmagem	Estudante de História	Jardim Leopoldina	Usuário	Alta		SIM
33	Entrevistado 33	M	27	Agente de teletendimento	Pedagogo Empresarial	Jardim Botânico	Usuário	Mínima	SIM	
34	Entrevistado 34	M	30	Arquiteto	Arquiteto	Cidade Baixa	Ex-Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
35	Entrevistado 35	F	30	Engenheira Civil	Engenheira Civil	Bom Fim e Centro	Usuário	Média		SIM
36	Entrevistado 36	M	28	Arquiteto	Arquiteto	Petrópolis	Usuário	Média		SIM
37	Entrevistado 37	M	41	FP - Professor Universitário Sociólogo	Sociólogo	Mont'Serrat	Usuário	Baixa		SIM
38	Entrevistado 38	F	39	FP - Professor Universitário Arquiteta	Arquiteta	Centro/ Independência	Usuário	Baixa		SIM
39	Entrevistado 39	M	55	FP - Professor Universitário Arquiteto	Arquiteto	Menino Deus	Usuário	Mínima	SIM	
40	Entrevistado 40	F	26	Arquiteta	Arquiteta	Auxiliadora	Usuário	Baixa		SIM
41	Entrevistado 41	F	32	Arquiteta	Arquiteta	Floresta	Usuário	Alta		SIM
42	Entrevistado 42	M	53	FP - Historiador	Historiador	Medianeira	Ex-morador CB e BF/ Usuário	Alta		SIM
43	Entrevistado 43	M	29	FP - Administrador de Empresas	Administrador de Empresas	Jardim Leopoldina	Usuário	Mínima		SIM
44	Entrevistado 44	M	32	Arquiteto	Arquiteto	Três Figueiras/ Rio Branco	Ex-morador CB/ Usuário	Alta		SIM
45	Entrevistado 45	M	27	Advogado	Advogado	Menino Deus	Usuário	Mínima		SIM
46	Entrevistado 46	M	48	Músico	Segundo Grau	Cidade Baixa	Ex-morador CB/ Usuário	Mínima	SIM	
47	Entrevistado 47	F	30	Arquiteta	Arquiteta	Três Figueiras	Usuário	Alta		SIM
48	Entrevistado 48	M	46	FP - Arquiteto e Músico	Arquiteto	Itú- Sabará	Usuário	Média	SIM	
49	Entrevistado 49	F	27		Licenciatura em Ed. Física.	Lavras do Sul/RS- Petrópolis/POA	Usuário	Baixa		SIM
50	Entrevistado 50	F	26	Estudante de Artes Plásticas	Veterinária e Estudante de Artes Plásticas	Auxiliadora	Usuário	Baixa		SIM
51	Entrevistado 51	M	48	FP - Arquiteto	Arquiteto	Jardim Botânico	Ex-morador CB e BF/ Usuário	Alta		SIM
52	Entrevistado 52	F	28	Arquiteta	Arquiteta	Bom Fim/ Partenon	Ex-morador BF/ Usuário	Baixa		SIM
53	Entrevistado 53	F	29	Autônomo	Bacharel em Publicidade e Propaganda	Bom Fim	Morador BF/ Usuário	Baixa		SIM
54	Entrevistado 54	F	26	Estudante de Artes Plásticas	Estudante de Artes Plásticas	Vila Ipiranga	Usuário	Baixa		SIM
55	Entrevistado 55	M		Engenheiro Mecânico	Engenheiro Mecânico		Usuário	Mínima	SIM	
56	Entrevistado 56	M	26	Estagiário de Engenharia de Produção	Estudante de Engenharia de Produção	Canoas	Usuário	Mínima	SIM	
57	Entrevistado 57	F	25	Arquiteta	Arquiteta	Medianeira	Usuário	Baixa		SIM
58	Entrevistado 58	F	46	Arquiteta	Arquiteta	Boa Vista	Usuário	Baixa		SIM
59	Entrevistado 59	M	35	Arquiteto	Arquiteto	Menino Deus	Ex-morador CB/ Usuário	Baixa		SIM
60	Entrevistado 60	M	46	FP - Arquiteto	Arquiteto	Cidade Baixa	Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
61	Entrevistado 61	M	33	Músico/Ator	Matemático	Cidade Baixa	Morador CB/ Usuário	Alta		SIM
<b>TOTAL</b>								<b>12</b> <b>(19,67%)</b>	<b>49</b> <b>(80,33%)</b>	

OBS.: A identificação dos entrevistados se encontra sugerida em versão desta planilha, feita com as iniciais dos depoentes no campo “Topônimo” e, explícita, em lista anexada a planilha supracitada, em posse da autora e do Programa, na pasta da aluna.



**APÊNDICE E – Estatística dos pontos que vazam e não vazam os limites do bairro  
Cidade Baixa atual – terceira fase Cidade Baixa**

<b>MAPEAMENTO DO BAIRRO: PONTOS INTERNOS E EXTERNOS</b>						
<b>Número</b>	<b>Topônimo</b>	<b>Pontos totais levantados no mapa</b>	<b>Pontos dentro do limite atual do bairro</b>	<b>Percentual Pontos Internos</b>	<b>Pontos fora do limite atual do bairro</b>	<b>Percentual Pontos Externos</b>
1	Entrevistado 1	15	13	86,67%	2	13,33%
2	Entrevistado 2	29	23	79,31%	6	20,69%
3	Entrevistado 3	20	12	60%	8	40%
4	Entrevistado 4	32	14	43,75%	18	56,25%
5	Entrevistado 5	19	18	94,74%	1	5,26%
6	Entrevistado 6	31	23	74,19%	8	25,81%
7	Entrevistado 7	54	53	98,15%	1	1,85%
8	Entrevistado 8	43	41	95,35%	2	4,65%
9	Entrevistado 9	29	26	89,65%	3	10,35%
10	Entrevistado 10	32	31	96,87%	1	3,13%
11	Entrevistado 11	12	12	100%	0	0%
12	Entrevistado 12	48	45	93,75%	3	6,25%
13	Entrevistado 13	11	9	81,82%	2	18,18%
14	Entrevistado 14	29	25	86,21%	4	13,79%
15	Entrevistado 15	18	15	83,34%	3	16,66%
16	Entrevistado 16	15	10	66,67%	5	33,33%
17	Entrevistado 17	47	31	65,96%	16	34,04%
18	Entrevistado 18	34	34	100%	0	0%
19	Entrevistado 19	19	19	100%	0	0%
20	Entrevistado 20	17	13	76,47%	4	23,53%
21	Entrevistado 21	30	30	100%	0	0%
22	Entrevistado 22	49	43	87,75%	6	12,25%
23	Entrevistado 23	28	28	100%	0	0%
24	Entrevistado 24	6	4	66,67%	2	33,33%
25	Entrevistado 25	59	57	96,61%	2	3,39%
26	Entrevistado 26	51	41	80,39%	10	19,61%
27	Entrevistado 27	18	18	100%	0	0%
28	Entrevistado 28	34	33	97,06%	1	2,94%
29	Entrevistado 29	68	51	75%	17	25%
30	Entrevistado 30	12	9	75%	3	25%
31	Entrevistado 31	20	19	95%	1	5%
32	Entrevistado 32	58	43	74,14%	15	25,86%
33	Entrevistado 33	6	6	100%	0	0%
34	Entrevistado 34	38	27	71,05%	11	28,95%
35	Entrevistado 35	48	46	95,83%	2	4,17%
36	Entrevistado 36	32	29	90,62%	3	9,38%

37	Entrevistado 37	30	29	96,67%	1	3,33%
38	Entrevistado 38	20	19	95%	1	5%
39	Entrevistado 39	3	3	100%	0	0%
40	Entrevistado 40	20	17	85%	3	15%
41	Entrevistado 41	49	42	85,71%	7	14,29%
42	Entrevistado 42	68	67	98,53%	1	1,47%
43	Entrevistado 43	18	0	0%	18	100%
44	Entrevistado 44	32	27	84,37%	5	15,63%
45	Entrevistado 45	15	14	93,34%	1	6,66%
46	Entrevistado 46	6	6	100%	0	0%
47	Entrevistado 47	22	20	90,91%	2	9,09%
48	Entrevistado 48	26	26	100%	0	0%
49	Entrevistado 49	13	11	84,61%	2	15,39%
50	Entrevistado 50	17	14	82,35%	3	17,65%
51	Entrevistado 51	87	75	86,21%	12	13,79%
52	Entrevistado 52	23	22	95,65%	1	4,35%
53	Entrevistado 53	47	44	93,61%	3	6,39%
54	Entrevistado 54	18	17	94,44%	1	5,56%
55	Entrevistado 55	17	17	100%	0	0%
56	Entrevistado 56	7	7	100%	0	0%
57	Entrevistado 57	26	17	65,38%	9	34,62%
58	Entrevistado 58	27	26	96,30%	1	3,70%
59	Entrevistado 59	14	13	92,86%	1	7,14%
60	Entrevistado 60	26	20	76,92%	6	23,08%
61	Entrevistado 61	126	120	95,24%	6	4,76%
<b>TOTAL</b>		<b>1868</b>	<b>1624</b>	<b>86,99%</b>	<b>244</b>	<b>13,01%</b>

OBS.: A identificação dos entrevistados se encontra sugerida em versão desta planilha, feita com as iniciais dos depoentes no campo “Topônimo” e, explícita, em lista anexada a planilha supracitada, em posse da autora e do Programa, na pasta da aluna.

**APÊNDICE F – Mapeamento dos pontos que vazam os limites do bairro – terceira fase  
Cidade Baixa**

MAPEAMENTO DO BAIRRO: PONTOS EXTERNOS												
Número	Topônimo	Pontos totais levantados no mapa	Pontos fora do limite atual do bairro	Bairros:								
				Centro	Bom Fim	Rio Branco	Farrroupilha	Santana	Azenha	Menino Deus	Praia de Belas	Outros
1	Entrevistado 1	15	2	1			1					
2	Entrevistado 2	29	6	4	1		1					
3	Entrevistado 3	20	8		1		7					
4	Entrevistado 4	32	18		1		11	6				
5	Entrevistado 5	19	1				1					
6	Entrevistado 6	31	8	1	1		2	2	2			
7	Entrevistado 7	54	1				1					
8	Entrevistado 8	43	2								2	
9	Entrevistado 9	29	3	1					2			
10	Entrevistado 10	32	1	1								
11	Entrevistado 11	12	0									
12	Entrevistado 12	48	3	1			1		1			
13	Entrevistado 13	11	2				1		1			
14	Entrevistado 14	29	4				1	1	1		1	
15	Entrevistado 15	18	3				3					
16	Entrevistado 16	15	5	5								
17	Entrevistado 17	47	16	3	3		6	3	1			
18	Entrevistado 18	34	0									
19	Entrevistado 19	19	0									
20	Entrevistado 20	17	4				3		1			
21	Entrevistado 21	30	0									
22	Entrevistado 22	49	6	1			3	1	1			
23	Entrevistado 23	28	0									
24	Entrevistado 24	6	2					2				
25	Entrevistado 25	59	2	1			1					
26	Entrevistado 26	51	10				3	2	3		2	
27	Entrevistado 27	18	0									
28	Entrevistado 28	34	1						1			
29	Entrevistado 29	68	17	1	1		5		6	4		
30	Entrevistado 30	12	3	1				2				
31	Entrevistado 31	20	1	1								
32	Entrevistado 32	58	15	8					7			

33	Entrevistado 33	6	0									
34	Entrevistado 34	38	11	2			4	1			4	
35	Entrevistado 35	48	2						2			
36	Entrevistado 36	32	3	2			1					
37	Entrevistado 37	30	1				1					
38	Entrevistado 38	20	1				1					
39	Entrevistado 39	3	0									
40	Entrevistado 40	20	3				2	1				
41	Entrevistado 41	49	7	4			3					
42	Entrevistado 42	68	1	1								
43	Entrevistado 43	18	18		13	5						
44	Entrevistado 44	32	5				1		3	1		
45	Entrevistado 45	15	1						1			
46	Entrevistado 46	6	0									
47	Entrevistado 47	22	2	1			1					
48	Entrevistado 48	26	0									
49	Entrevistado 49	13	2				2					
50	Entrevistado 50	17	3				3					
51	Entrevistado 51	87	12	3			3	1	2	2	1	
52	Entrevistado 52	23	1						1			
53	Entrevistado 53	47	3						2	1		
54	Entrevistado 54	18	1				1					
55	Entrevistado 55	17	0									
56	Entrevistado 56	7	0									
57	Entrevistado 57	26	9	2	3		2		1		1	
58	Entrevistado 58	27	1				1					
59	Entrevistado 59	14	1				1					
60	Entrevistado 60	26	6	1			1	1		2	1	
61	Entrevistado 61	126	6	1			1				2	2
<b>TOTAL</b>		<b>1868</b>	<b>244</b>	<b>47</b>	<b>24</b>	<b>5</b>	<b>80</b>	<b>23</b>	<b>39</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>2</b>
<b>244</b>												

OBS.: A identificação dos entrevistados se encontra sugerida em versão desta planilha, feita com as iniciais dos deponentes no campo "Topônimo" e, explícita, em lista anexada a planilha supracitada, em posse da autora e do Programa, na pasta da aluna.

**APÊNDICE G – Estatística dos bairros atingidos pelo “vazamento de limites” do bairro  
– terceira fase Cidade Baixa**

<b>LIMITES VAZADOS</b>		
<b>Bairros</b>	<b>Quantidade</b>	<b>% total</b>
<b>Centro</b>	47	19,27%
<b>Bom Fim</b>	24	9,84%
<b>Rio Branco</b>	5	2,05%
<b>Farroupilha</b>	80	32,78%
<b>Santana</b>	23	9,43%
<b>Azenha</b>	39	15,98%
<b>Menino Deus</b>	10	4,09%
<b>Praia de Belas</b>	14	5,74%
<b>Outros</b>	2	0,82%
<b>TOTAL</b>	<b>244</b>	<b>100%</b>

**APÊNDICE H – Estatística de delimitação do bairro – terceira fase Cidade Baixa**

<b>DELIMITAÇÃO DO BAIRRO</b>				
<b>Número</b>	<b>Topônimo</b>	<b>Não fecha bairro</b>	<b>Quase fecha bairro</b>	<b>Fecha bairro</b>
1	Entrevistado 1			X
2	Entrevistado 2	X		
3	Entrevistado 3		X	
4	Entrevistado 4	X		
5	Entrevistado 5		X	
6	Entrevistado 6		X	
7	Entrevistado 7		X	
8	Entrevistado 8			X
9	Entrevistado 9		X	
10	Entrevistado 10	X		
11	Entrevistado 11	X		
12	Entrevistado 12	X		
13	Entrevistado 13	X		
14	Entrevistado 14		X	
15	Entrevistado 15	X		
16	Entrevistado 16	X		
17	Entrevistado 17	X		
18	Entrevistado 18	X		
19	Entrevistado 19	X		
20	Entrevistado 20	X		
21	Entrevistado 21	X		
22	Entrevistado 22		X	
23	Entrevistado 23		X	
24	Entrevistado 24	X		
25	Entrevistado 25			X
26	Entrevistado 26			X
27	Entrevistado 27	X		
28	Entrevistado 28		X	
29	Entrevistado 29			X
30	Entrevistado 30	X		
31	Entrevistado 31	X		
32	Entrevistado 32		X	
33	Entrevistado 33	X		
34	Entrevistado 34		X	
35	Entrevistado 35		X	
36	Entrevistado 36		X	
37	Entrevistado 37		X	
38	Entrevistado 38	X		
39	Entrevistado 39	X		
40	Entrevistado 40	X		
41	Entrevistado 41			X

42	Entrevistado 42			X
43	Entrevistado 43	X		
44	Entrevistado 44		X	
45	Entrevistado 45		X	
46	Entrevistado 46	X		
47	Entrevistado 47		X	
48	Entrevistado 48	X		
49	Entrevistado 49	X		
50	Entrevistado 50		X	
51	Entrevistado 51			X
52	Entrevistado 52	X		
53	Entrevistado 53		X	
54	Entrevistado 54	X		
55	Entrevistado 55	X		
56	Entrevistado 56	X		
57	Entrevistado 57			X
58	Entrevistado 58	X		
59	Entrevistado 59		X	
60	Entrevistado 60			X
61	Entrevistado 61		X	
<b>TOTAL</b>		<b>30 (49,18%)</b>	<b>21 (34,43%)</b>	<b>10 (16,39%)</b>

OBS.: A identificação dos entrevistados se encontra sugerida em versão desta planilha, feita com as iniciais dos depoentes no campo “Topônimo” e, explícita, em lista anexada a planilha supracitada, em posse da autora e do Programa, na pasta da aluna.

**APÊNDICE I – Categorias de delimitação do bairro – terceira fase Cidade Baixa**

<b>DELIMITAÇÃO DO BAIRRO: CATEGORIAS</b>					
<b>Condições Mapa</b>	<b>Cód.</b>	<b>Método de Classificação</b>	<b>Quantidade</b>		<b>Total</b>
<b>Não fecha bairro</b>	M1	Mapa do Bom Fim	1	7	30
	M2	Partes fragmentadas e desconectadas	3		
	M3	Miolo do bairro sem conexão com vias limites	3		
	M4	Miolo do bairro com conexão pela via limite Avenida João Pessoa	4		
	M5	Miolo do bairro com conexão pela via limite Perimetral	5		
	M6	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires e Rua Sarmiento Leite e Rua João Alfredo	4		
	M7	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires e Rua República e Rua João Alfredo	1		
	M8	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires e Rua Sarmiento Leite e Rua Lima e Silva	1		
	M9	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires e Rua Sarmiento Leite e Rua José do Patrocínio	1		
	M10	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Perimetral e Rua João Alfredo e Rua Lopo Gonçalves	1		
	M11	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Perimetral e Rua João Alfredo e Rua República	1		
	M12	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. João Pessoa e Perimetral e Rua João Alfredo e Rua Luís Afonso	5		
<b>Quase fecha bairro</b>	M13	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires com Rua Lima e Silva	1	14	21
	M14	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires com Rua José do Patrocínio.	3		
	M15	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa e Av. Venâncio Aires com Rua João Alfredo.	10		
	M16	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Av. Venâncio Aires, Rua João Alfredo, Perimetral e trecho entre Rua Lima e Silva e Rua Sarmiento Leite.	3		
	M17	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa, Av. Venâncio Aires, Baronesa e Rua João Alfredo.	2		
	M18	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa, Av. Venâncio Aires, Av. Érico Veríssimo e Rua João Alfredo.	2		
<b>Fecha bairro</b>	M19	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa, Av. Venâncio Aires e Av. Borges de Medeiros.	5	10	10
	M20	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa, Av. Venâncio Aires, Av. Aureliano F. Pinto e Rua João Alfredo.	1		
	M21	Quadrante do bairro delimitado pelas vias limite Perimetral, Av. João Pessoa, Av. Venâncio Aires, Av. Aureliano F. Pinto e Av. Praia de Belas.	4		
<b>TOTAL:</b>					<b>61</b>



**APÊNDICE J – Estatística de apreensão do bairro – terceira fase Cidade Baixa**

<b>DELIMITAÇÃO DO BAIRRO: APREENSÃO DO SÍTIO</b>	
<b>Condições Mapa</b>	<b>Total</b>
Não consegue limitar o bairro atual pelos limites oficiais	61
Consegue limitar o bairro atual pelos limites oficiais	0
<b>TOTAL:</b>	<b>61</b>

**APÊNDICE L – Elementos urbanos de importância histórica na memória do bairro –  
terceira fase Cidade Baixa.**

<b>ELEMENTOS DE MEMÓRIA</b>				
<b>Nome</b>	<b>Variantes</b>	<b>Quantidade</b>		<b>% total</b>
<b>Redenção (Campo da Várzea)</b>	<b>Redenção</b>	22	35	14,17%
	<b>Parque da Redenção</b>	6		
	<b>parque</b>	2		
	<b>Sem nome</b>	3		
	<b>Parque Farroupilha / Redenção</b>	1		
	<b>Parque Farroupilha</b>	1		
<b>Olaria</b>	<b>Olaria</b>	20	38	15,38%
	<b>Shopping Olaria</b>	2		
	<b>Nova Olaria</b>	12		
	<b>Guion center</b>	2		
	<b>Ambos</b>	1		
	<b>Antiga Olaria</b>	1		
<b>Ipiranga</b>	<b>Ipiranga</b>	7	10	4,05%
	<b>Arroio</b>	1		
	<b>Dilúvio</b>	2		
<b>Areal da Baronesa</b>	<b>Areal da Baronesa</b>	1	4	1,62%
	<b>Baronesa do Gravataí</b>	3		
<b>Emboscadas</b>	<b>Largo Zumbi dos Palmares</b>	4	17	6,88%
	<b>largo</b>	1		
	<b>Ambos</b>	1		
	<b>Largo da EPATUR</b>	11		
<b>Cinema Avenida</b>	<b>Ex-Cinema Avenida</b>	2	10	4,05%
	<b>Bingo Antigo Cine Avenida</b>	3		
	<b>Bingo</b>	1		
	<b>Cine Avenida</b>	4		
<b>Museu JJF</b>	<b>Museu</b>	2	10	4,05%

	MJJF	5	
	Museu POA	3	
Cine ABC		1	0,40%
Praça Garibaldi (Matadouro)		10	4,05%
Praça Edel		5	2,02%
Praça Cônego Marcelino		2	0,81%
Colégio Pão dos Pobres		6	2,43%
Igreja Pão dos pobres		3	1,21%
Igreja Santa Teresinha		2	0,81%
Igreja Espírito Santo		2	0,81%
Igreja Sagrada Família		5	2,02%
Igreja J. Patrocínio		2	0,81%
Igreja Nossa Senhora do Carmo		4	1,62%
Convento Nossa Senhora do Carmo		1	0,40%
Mercado do Bom Fim		2	0,81%
Parquinho da Redenção		1	0,40%
Fumódromo		1	0,40%
Monumento ao Expedicionário		2	0,81%
Colégio Militar		1	0,40%
HPS		4	1,62%
HCPA		1	0,40%
Esquina Marechal Floriano com Cel. Genuíno.		2	0,81%
Esquina da Osvaldo Aranha com Sarmiento Leite		4	1,62%
Travessa do Carmo		16	6,48%
Travessa Pesqueiro		1	0,40%
Travessa dos Venezianos		11	4,45%
Rua da Olaria		1	0,40%
Rua Sofia Veloso		20	8,16%
Casa do Annes Dias		1	0,40%
Policlínica Militar		2	0,81%
Templo Positivista		3	1,21%
UFRGS		7	2,83%
<b>TOTAL</b>		<b>247</b>	<b>100,00%</b>

### APÊNDICE M – Perfil do grupo de entrevistados – segunda fase Cidade Baixa

PERFIL DOS USUÁRIOS						
Número	Topônimo	Sexo	Idade	Profissão	Entrevista	Profissão
1	Entrevistado A	M	79	Musicista	Individual	03.04.2007
2	Entrevistado B	M	X	Musicista	Grupo (I)	13.09.2007
3	Entrevistado C	M	X	Musicista	Grupo (I)	13.09.2007
4	Entrevistado D	M	X	Musicista	Grupo (II)	15.09.2007
5	Entrevistado E	M	X	Musicista	Grupo (II)	15.09.2007
6	Entrevistado F	M	X	Musicista	Grupo (II)	15.09.2007
7	Entrevistado G	M	X	Musicista	Grupo (II)	15.09.2007
8	Entrevistado H	M	X	Musicista	Grupo (I)	13.09.2007
9	Entrevistado I	M	X	Musicista	Grupo (II)	15.09.2007

## APÊNDICE N - Tipo de instrumento de coleta

Tipo de instrumento de coleta												
Nº. Entrevistados Totais	Nº. Entrevistas e questionários somados	Entrevistas Abertas					Entrevistas Fechadas		Questionário com Mapa			
		Áudios					(Direcionadas com perguntas padrão)		Nº. Entrev. Qu./Mp	Questionários executado	Mapa executado	Data
		Nº. Entrevista Áudio	Entrevistados	Data	Áudios	Duração	Nº. Entrev.	Data				
Entrevistados Músicos - Fontes primárias capítulo 4												
1	1	45	Entrevistado A	03/04/07	não gravado	aprox. 45 min	x	x	x	x	x	x
2 a 4	2	53	Entrevistado B, Entrevistado C e Entrevistado H	13/09/07	CIMG5534	00:00:11	x	x	x	x	x	x
					CIMG5535	00:32:05						
					CIMG5536	00:08:21						
					CIMG5537	00:00:35						
			Soma		00:41:12							
5 a 9	3	54	Entrevistado D, Entrevistado E, Entrevistado F, Entrevistado G e Entrevistado I	13/09/07	CIMG5566	01:39:54	x	x	x	x	x	x
					CIMG5567	00:00:00						
					CIMG5568	00:00:02						
					Soma							
			9	3	3	TOTAL FONTES CAPÍTULO 4			2:21:08			
Entrevistados Músicos e Frequentadores Locais - Fontes primárias capítulo 5												
10	4 a 5	1	Entrevistado 1	13/12/06	CIMG2796	00:04:55	x	x	1	sim	sim	13/12/06
					CIMG2797	00:08:01						
			Soma		00:12:56							
11	6 a 7	2	Entrevistado 2	13/12/06	CIMG2798	00:10:25	x	x	2	sim	sim	13/12/06
			Soma		00:10:25							
12	8	x	Entrevistado 3	X	x	x	x	x	3	sim	sim	13/12/06
13	9	x	Entrevistado 4	X	x	x	x	x	4	sim	sim	13/12/06
14 a 15	10 a 11	3	Entrevistado 63	14/12/06	CIMG2804	00:52:49	x	x	x	x	x	x
			Entrevistado 62		CIMG2805	00:04:50						
			Soma		00:57:39							
16	12	x	Entrevistado 5	x	x	x	x	x	5	sim	sim	14/12/06

17	13	x	Entrevistado 6	x	x	x	x	x	6	sim	sim	14/12/06
18	14 a 15	4	Entrevistado 7	16/12/06	CIMG2844	00:10:56	x	x	7	sim	sim	16/12/06
					CIMG2845	00:20:16						
					CIMG2846	00:03:56						
					CIMG2847	00:02:22						
					CIMG2848	00:01:40						
					CIMG2849	00:02:03						
					CIMG2850	00:06:34						
Soma					00:47:47							
19	16	x	Entrevistado 8	x	x	x	x	x	8	sim	sim	17/12/06
20 a 21	17 a 19	5	Entrevistado 9	17/12/06	CIMG2851	00:01:22	x	x	9	sim	sim	17/12/06
			Entrevistado 10		CIMG2852	01:00:34	x	x	10	sim	sim	17/12/06
			Soma					01:01:56				
22	20	x	Entrevistado 11	x	x	x	x	x	11	sim	sim	17/12/06
23	21	x	Entrevistado 12	x	x	x	x	x	12	sim	sim	20/12/06
24	22 a 23	6	Entrevistado 13	17/12/06	CIMG2853	00:01:36	x	x	13	sim	sim	17/12/06
			Soma									
25	24 a 25	7	Entrevistado 14	17/12/06	CIMG2857	00:29:30	x	x	14	sim	sim	17/12/06
			Soma									
26 a 27	26 a 28	8	Entrevistado 18	18/12/06	CIMG2864	00:40:23	x	x	18	sim	sim	18/12/06
			Entrevistado 19		CIMG2865	00:28:54	x	x	19	sim	sim	18/12/06
					CIMG2866	00:21:04						
			Soma					01:30:21				
28	29	x	Entrevistado 15	x	x	x	x	x	15	sim	sim	18/12/06
29	30	x	Entrevistado 20	x	x	x	x	x	20	sim	sim	19/12/06
30	31	x	Entrevistado 16	x	x	x	x	x	16	sim	sim	19/12/06
31	32 a 33	9	Entrevistado 17	19/12/06	CIMG2882	00:47:07	x	x	17	sim	sim	18/12/06
					CIMG2883	00:12:24						
					Soma							
32	34	10	Entrevistado 64	20/12/06	CIMG2885	01:00:24	x	x	x	x	x	x
					CIMG2886	00:00:17						
					CIMG2887	00:17:32						
					Soma							
33 a	35 a	11	Entrevistado 65	20/12/06	CIMG2888	01:10:08	x	x	21	sim	sim	20/12/06

34	36		Entrevistado 21							x	x	X
			Soma			01:10:08						
35	37	x	Entrevistado 22	x	x	x	x	x	22	sim	sim	19/12/06
36	38 a 39	12	Entrevistado 24	20/12/06	CIMG2890	00:04:13	x	x	24	sim	sim	20/12/06
					CIMG2891	01:06:11						
					CIMG2892	00:09:16						
					Soma	01:19:40						
37	40	x	Entrevistado 25	x	x	x	x	x	25	sim	sim	21/12/06
38	41 a 42	13	Entrevistado 66	27/12/06	CIMG2798	00:10:25	x	x	26	sim	sim	27/12/06
			Soma		00:10:25							
39	43 a 44	14	Entrevistado 26	29/12/06	CIMG3456	00:03:24	x	x	27	sim	sim	29/12/06
					CIMG3457	00:11:56						
					CIMG3458	00:00:54						
					CIMG3459	00:02:46						
					Soma							
40	45	x	Entrevistado 27	x	x	x	x	x	28	sim	sim	29/12/06
41	46	x	Entrevistado 28	x	x	x	x	x	29	sim	sim	29/12/06
42	47	x	Entrevistado 29	x	x	x	x	x	30	sim	sim	29/01/07
43	48	x	Entrevistado 30	x	x	x	x	x	31	sim	sim	09/02/07
44	49	x	Entrevistado 31	x	x	x	x	x	32	sim	sim	09/02/07
45	50	x	Entrevistado 32	x	x	x	x	x	33	sim	sim	10/02/07
46	51	x	Entrevistado 33	x	x	x	x	x	34	sim	sim	12/02/07
47	52	x	Entrevistado 34	x	x	x	x	x	35	sim	sim	14/02/07
48	53	x	Entrevistado 35	x	x	x	x	x	36	sim	sim	14/02/07
49	54	x	Entrevistado 36	x	x	x	x	x	37	sim	sim	15/02/07
50	55	15	Entrevistado 67	15/01/07	CIMG3466	00:48:56	x	x	x	x	x	x
					CIMG3467	00:02:35						
					CIMG3468	00:01:52						
					CIMG3469	00:00:12						
					CIMG3470	00:01:04						





	72				CIMG4668	00:00:52						
					CIMG4669	00:01:36						
					CIMG4670	00:00:28						
					CIMG4671	00:00:13						
			Soma				00:27:34					
66	73 a 74	26	Entrevistado 47	07.03.07	CIMG4672	00:33:25	x	x	49	sim	sim	07/03/07
			Soma				00:33:25					
67	75	27	Entrevistado 76	12.03.07	CIMG4753	00:58:48	x	x	x	x	x	X
			Soma				00:58:48					
x	76	28	Entrevistado 42 (2)	16.03.07	CIMG4766	00:33:29	x	x	x	x	x	X
					CIMG4767	00:35:46						
					CIMG4768	00:15:15						
					CIMG4769	00:15:53						
					CIMG4770	00:13:55						
			Soma				01:54:18					
68	77	29	Entrevistado 77	25.03.07	CIMG4789	01:08:22	x	x	x	x	x	X
					CIMG4790	00:00:02						
			Soma				01:08:24					
69	78	30	Entrevistado 78	26.03.07	CIMG4791	00:12:50	x	x	x	x	x	X
					CIMG4792	00:34:14						
					CIMG4793	00:09:24						
			Soma				00:56:28					
70	79	31	Entrevistado 79	27.03.07	CIMG4797	01:14:51	x	x	x	x	x	X
					CIMG4798	01:07:23						
					CIMG4799	00:16:04						
			Soma				02:38:18					
71	80	32	Entrevistado 80	29.03.07	CIMG4831	00:41:06	x	x	x	x	x	X
					CIMG4833	00:20:58						
					CIMG4834	00:31:06						
			Soma				01:33:10					
72	81	33	Entrevistado 81	30.03.07	CIMG4847	00:00:01	x	x	x	x	x	X
					CIMG4848	00:04:57						
					CIMG4849	01:05:12						
					CIMG4850	00:01:42						
					CIMG4851	00:16:44						
			Soma				01:28:36					
73	82	x	Entrevistado 43	x	x	x	x	x	44	sim	sim	31/03/07
74	83 a 84	34	Entrevistado 52	31.03.07	CIMG4856	00:12:01	x	x	54	sim	sim	01/04/07
					CIMG4857	00:17:43						
					CIMG4858	00:10:33						
					CIMG4859	00:03:03						
					CIMG4860	00:00:27						

			Soma			00:43:47						
75	85 a 86	35	Entrevistado 53	02.04.07	CIMG4864	0:03:12	x	x	55	sim	sim	12/04/07
					CIMG4865	0:02:39						
					CIMG4866	0:00:00						
					CIMG4867	00:25:24						
					CIMG4868	0:00:00						
					CIMG4869	0:24:32						
Soma												
76	87 a 88	36	Entrevistado 60	02.04.07	CIMG4870	01:49:38	x	x	63	sim	sim	08/08/07
			Soma									
77	89 a 90	37	Entrevistado 44	03.04.07	CIMG4873	00:08:47	x	x	45	sim	sim	03/04/07
					CIMG4874	01:04:57						
					Soma							
78	91 a 92	38	Entrevistado 58	03.04.07	CIMG4875	00:10:42	x	x	61	sim	sim	07/08/07
					CIMG4876	00:06:07						
					CIMG4877	00:30:39						
					Soma							
79	93 a 94	39	Entrevistado 59	03.04.07	CIMG4878	00:09:32	x	x	62	sim	sim	07/08/07
					CIMG4879	01:24:20						
					CIMG4880	00:14:49						
					Soma							
80	95	40	Entrevistado 82	09.04.07	CIMG4960	00:00:01	x	x	x	x	x	X
					CIMG4961	00:19:56						
					CIMG4962	00:00:19						
					CIMG4963	00:10:16						
					CIMG4964	00:34:03						
					Soma							
81	96	41	Entrevistado 83	09.04.07	CIMG4965	00:01:12	x	x	x	x	x	X
					CIMG4966	00:43:12						
					CIMG4967	00:02:33						
					Soma							
82	97	42	Entrevistado 84	10.04.07	CIMG4970	01:38:05	x	x	x	x	x	X
					CIMG4971	00:22:32						
					Soma							
83	98 a 99	43	Entrevistado 85	10.04.07	CIMG4972	00:06:14	x	x	46	sim	x	10/04/07
					CIMG4973	00:22:08						
					CIMG4974	00:23:37						
					CIMG4975	00:00:11						
					CIMG4976	00:00:24						
					CIMG4977	00:21:23						
					CIMG4978	00:23:00						
					CIMG4979	00:13:42						
					Soma							

84	100	x	Entrevistado 45	x	x	x	x	x	47	sim	sim	23/03/07
85	101 a 102	44	Entrevistado 48	12.04.07	CIMG4981	00:43:29	x	x	50	sim	sim	29/03/07
					CIMG4982	00:30:15						
					CIMG4983	00:02:46						
					CIMG4984	00:28:14						
Soma					01:44:44							
86	103	x	Entrevistado 49	x	x	x	x	x	51	sim	sim	17/04/07
87	104	x	Entrevistado 50	x	x	x	x	x	52	sim	sim	12/04/07
88	105	x	Entrevistado 54	x	x	x	x	x	56	sim	sim	s/data
89	106	x	Entrevistado 55	x	x	x	x	x	57	sim	sim	16/01/07
90	107	x	Entrevistado 56	x	x	x	x	x	58	sim	sim	20/12/06
91	108	x	Entrevistado 57	x	x	x	x	x	60	sim	sim	20/12/06
92	109	x	Entrevistado 61	x	x	x	x	x	64	sim	sim	s/data
93	110	46	Entrevistado 86	29.05.00	fita cassete	Não medido	x	x	x	x	x	X
94 a 95	111	47	Entrevistado 87	15.09.02	fita cassete	Não medido	x	x	x	x	x	X
			Entrevistado 88 (2)									
x	112	55	Entrevistado 87 (2)	27.05.04	fita cassete	Não medido	x	x	x	x	x	X
96	113 a 114	48	Entrevistado 37	06.05.05	fita cassete	Não medido	x	x	38	sim	sim	02/03/07
97	115 a 116	49	Entrevistado 23	04.06.05	fita cassete	Não medido	x	x	23	sim	sim	19/12/06
98	117	50	Entrevistado 89	x	x	x	1	13.02.07	x	x	x	x
99	118	51	Entrevistado 90	x	x	x	2	29.03.07	x	x	x	x
100	119	52	Entrevistado 91	x	x	x	3	31.03.07	x	x	x	x
91	116	49	TOTAL FONTES CAPÍTULO 5					x	64	x		
100	119	52	TOTAL TRABALHO					x	64	x		

**ANEXO A - Estatística Predial de Porto Alegre em 1892 – Setor Cidade Baixa.**

<b>CIDADE BAIXA</b>					
Ruas (nome antigo)	Ruas (nome atual)	Prédios			Total
		Térreos	Assobradados	Sobrados	
Avahy	Avaí	88	1	2	91
Concórdia	José do Patrocínio	108	0	1	109
D. Aurélia	Otávio Corrêa	3	0	0	3
João Alfredo	João Alfredo	246	1	3	250
Lopo Gonçalves	Lopo Gonçalves	44	0	0	44
Lima e Silva	Lima e Silva	165	18	9	192
Luis Afonso	Luis Afonso	53	0	0	53
Primeiro de Março	Sarmento Leite	29	0	2	31
República	República	79	2	0	81
Sá Brito	Olavo Bilac	18	0	0	18
Venâncio Ayres	Venâncio Aires	50	0	0	50
Venezianos	Joaquim Nabuco	46	0	0	46
Vieira de Castro	Vieira de Castro	13	0	0	13
Redenção	Avenida João Pessoa	168	20	8	196
<b>Total</b>		<b>1110</b>	<b>42</b>	<b>25</b>	<b>1177</b>

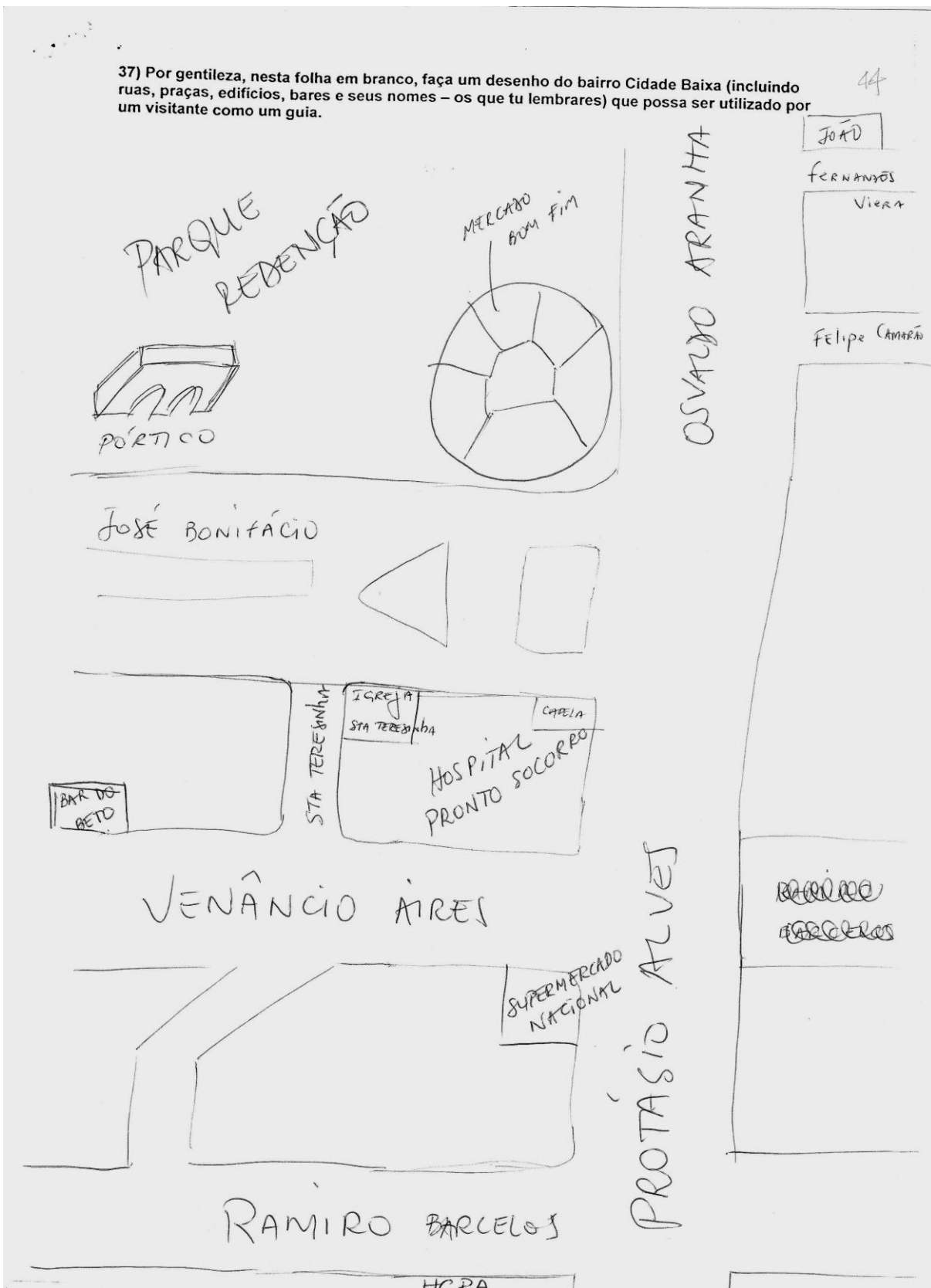
- Casa assobradada = casa térrea com porão alto.<sup>374</sup>

Tabela de levantamento de edificações na área da Cidade Baixa. Setor extraído do quadro demonstrativo da estatística predial de Porto Alegre em 1892. Fonte: FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p.65- 69.

---

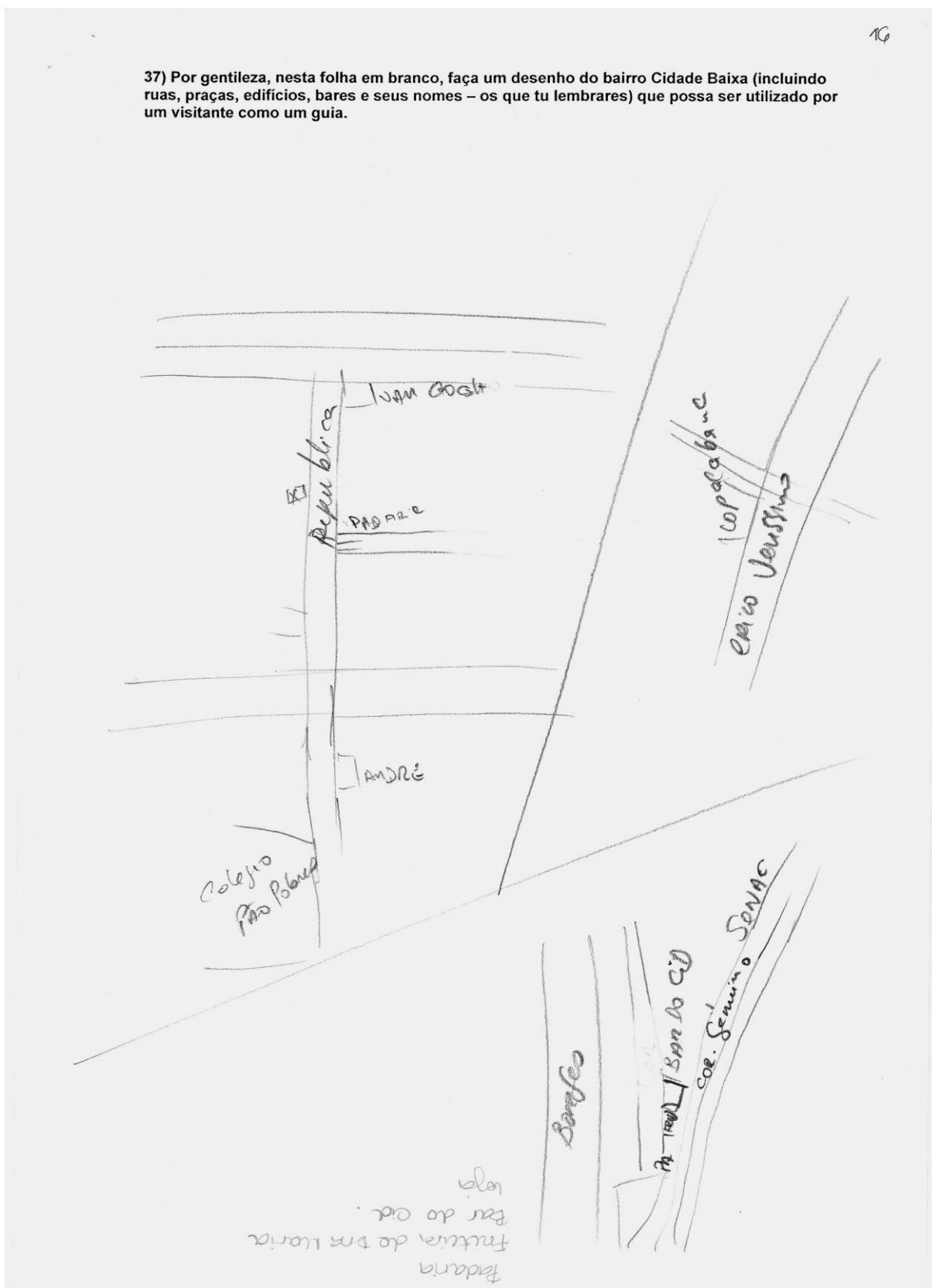
<sup>374</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2000.

**ANEXO B - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M1**



M1 - Mapa Mental de Entrevistado 43

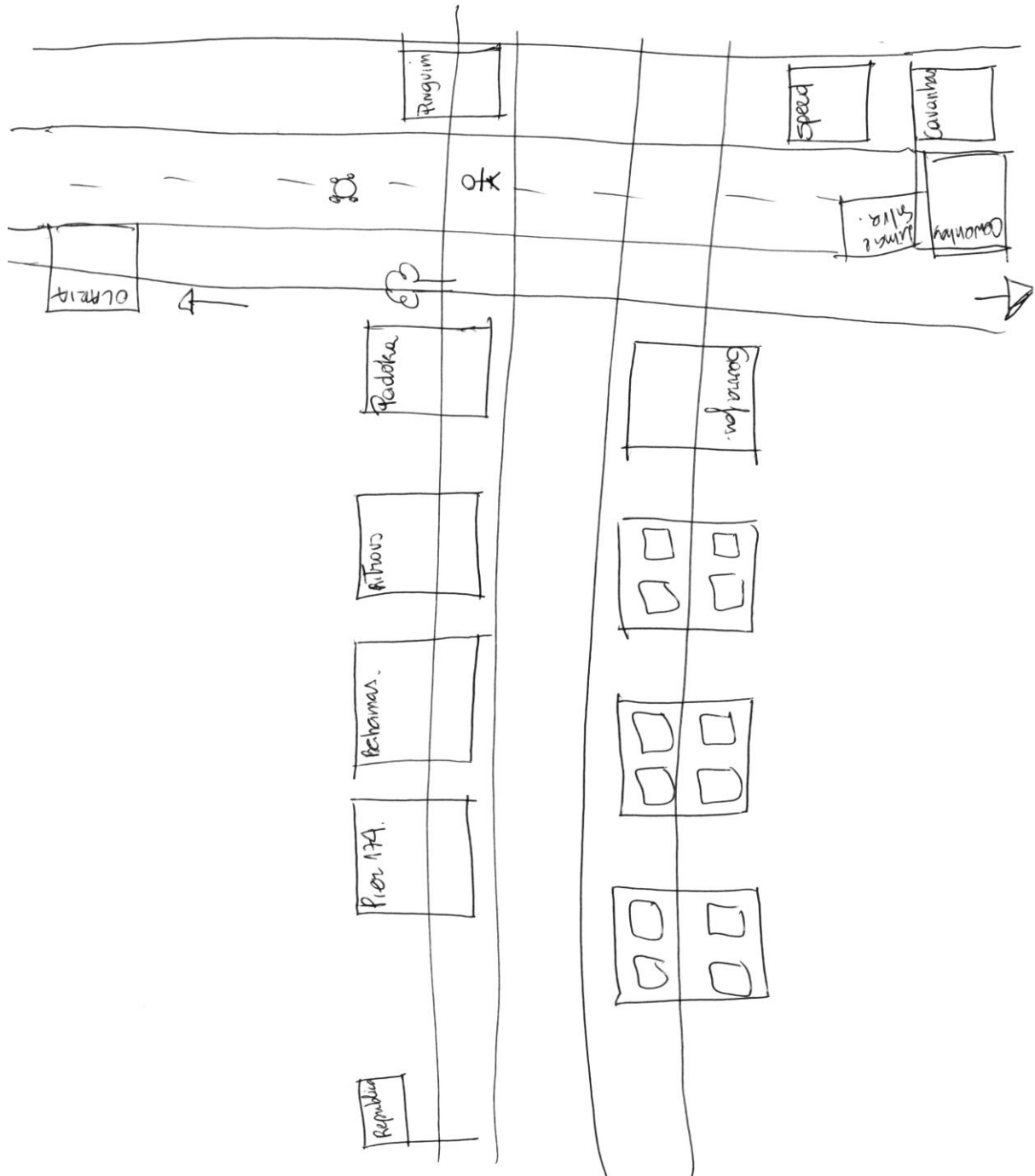
## ANEXO C - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M2



M2 - Mapa Mental de Entrevistado 16

### ANEXO D - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M3

37) Por gentileza, nesta folha em branco, faça um desenho do bairro Cidade Baixa (incluindo ruas, praças, edifícios, bares e seus nomes – os que tu lembrares) que possa ser utilizado por um visitante como um guia.



M3 - Mapa Mental de Entrevistado 11

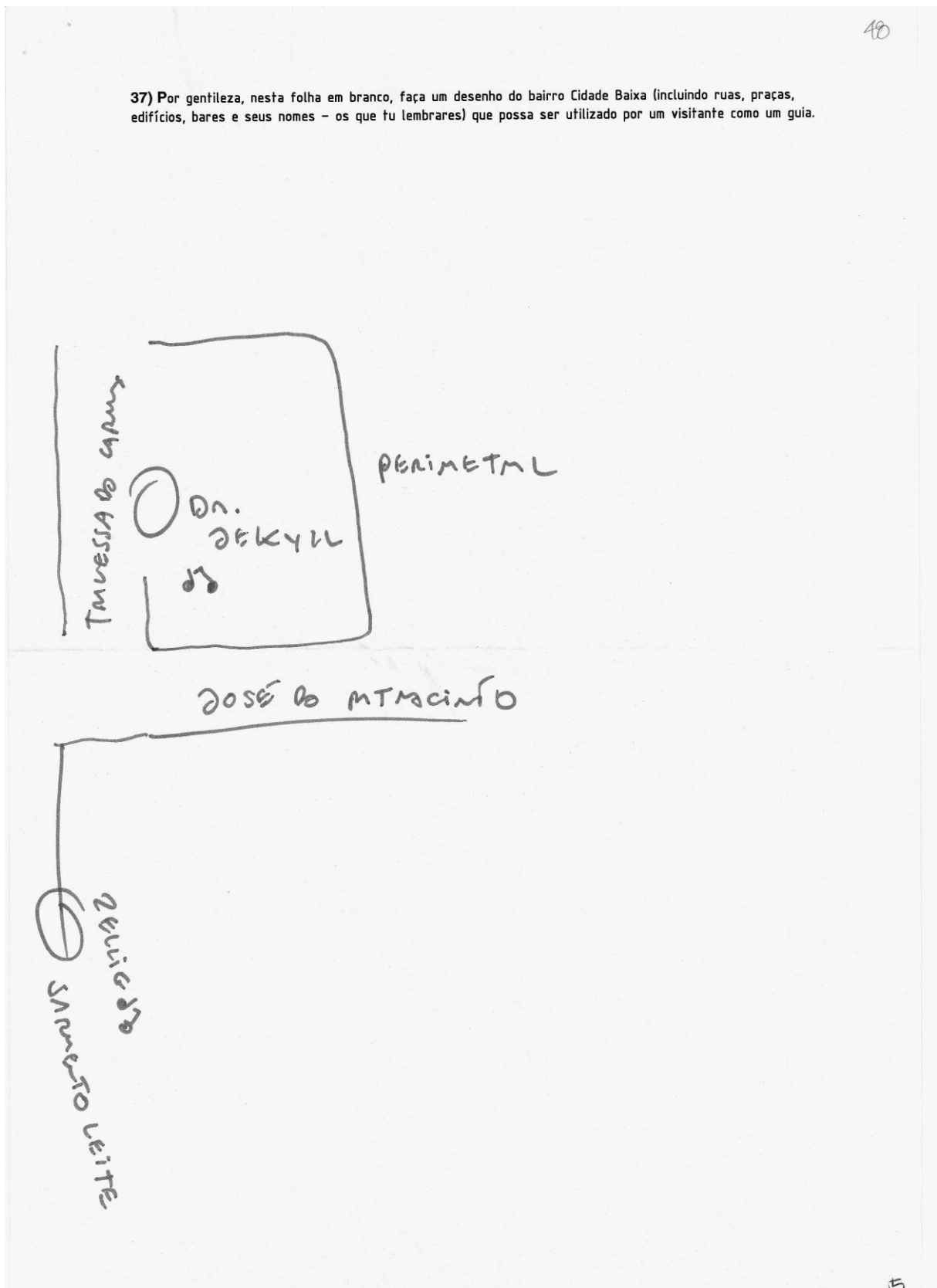
## ANEXO E - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M4

37) Por gentileza, nesta folha em branco, faça um desenho do bairro Cidade Baixa (incluindo ruas, praças, edifícios, bares e seus nomes – os que tu lembrares) que possa ser utilizado por um visitante como um guia.

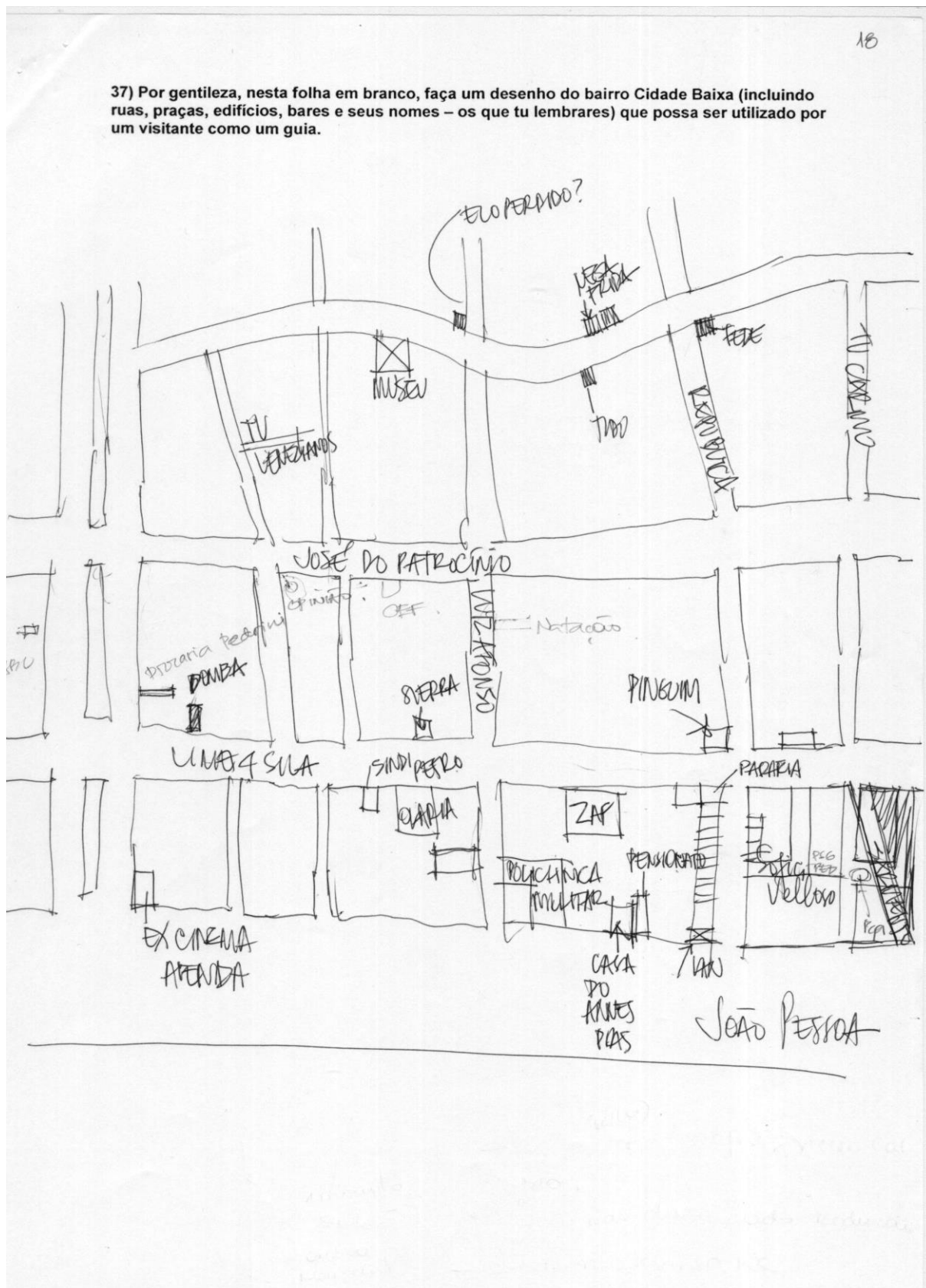




**ANEXO F - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M5**

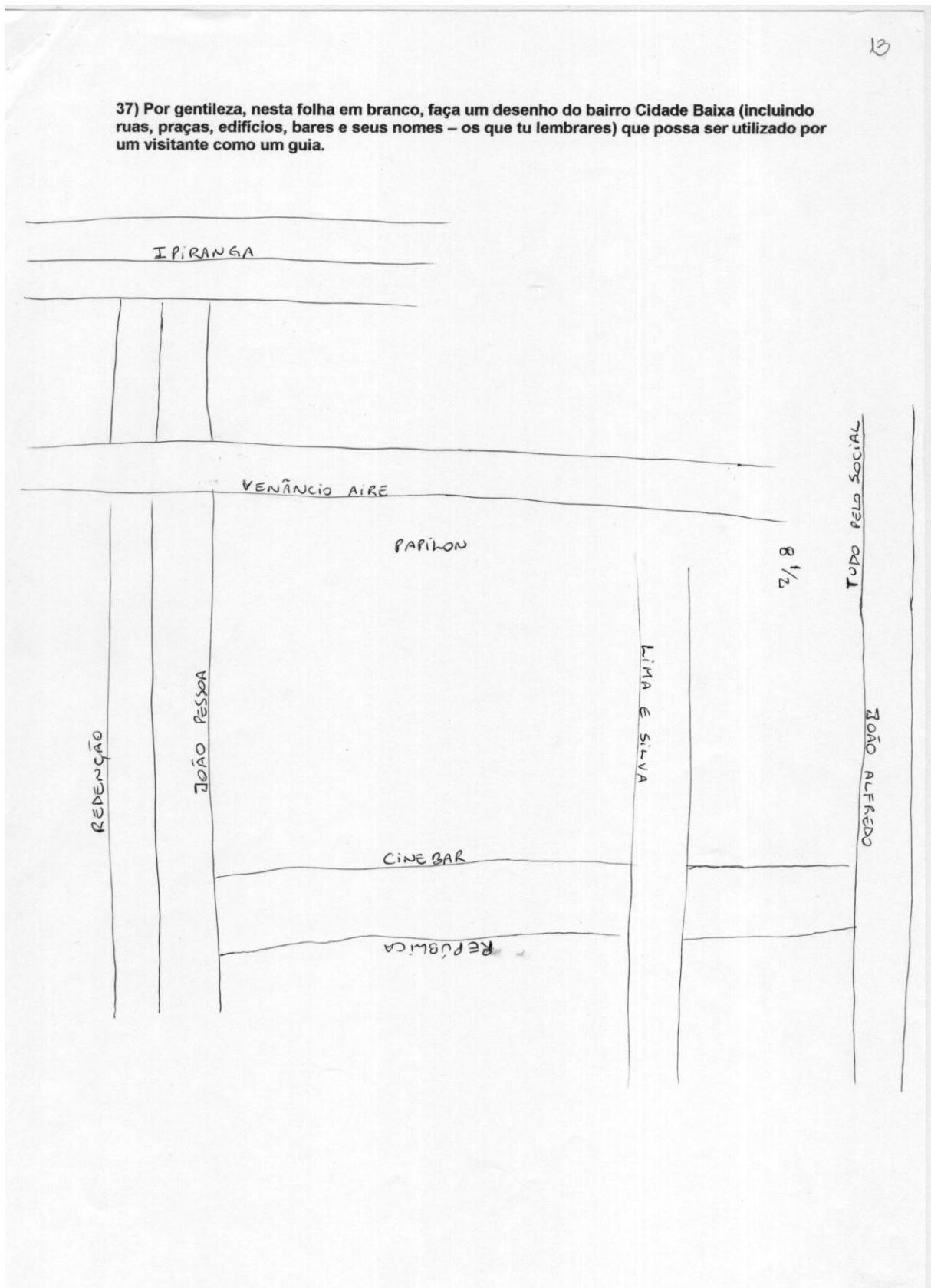


**ANEXO G - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M6**



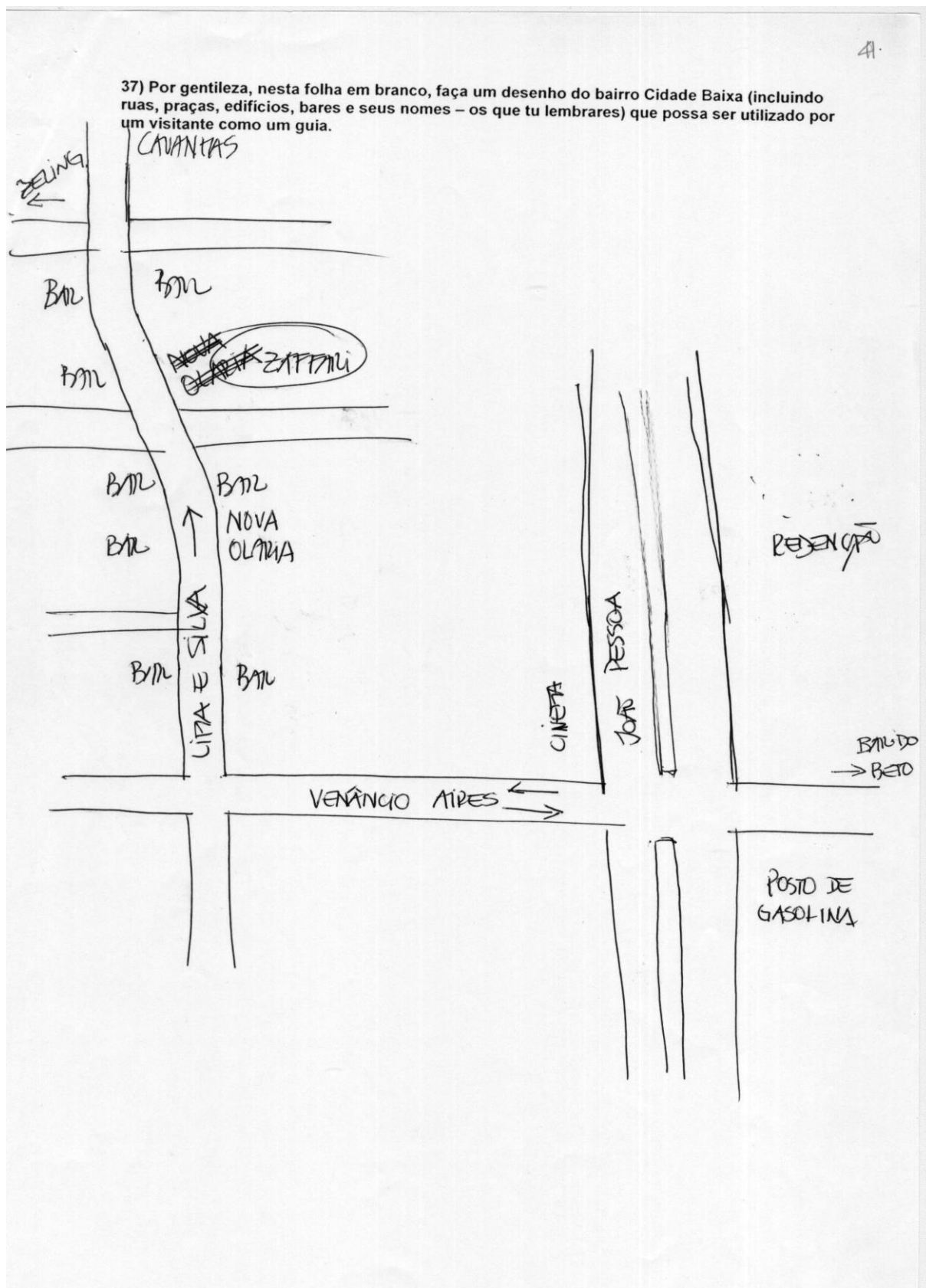
M6 - Mapa Mental de Entrevistado 18

## ANEXO H - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M7



M7 - Mapa Mental de Entrevistado 13

## ANEXO I - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M8



M8 - Mapa Mental de Entrevistado 40







### ANEXO N - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M12

10

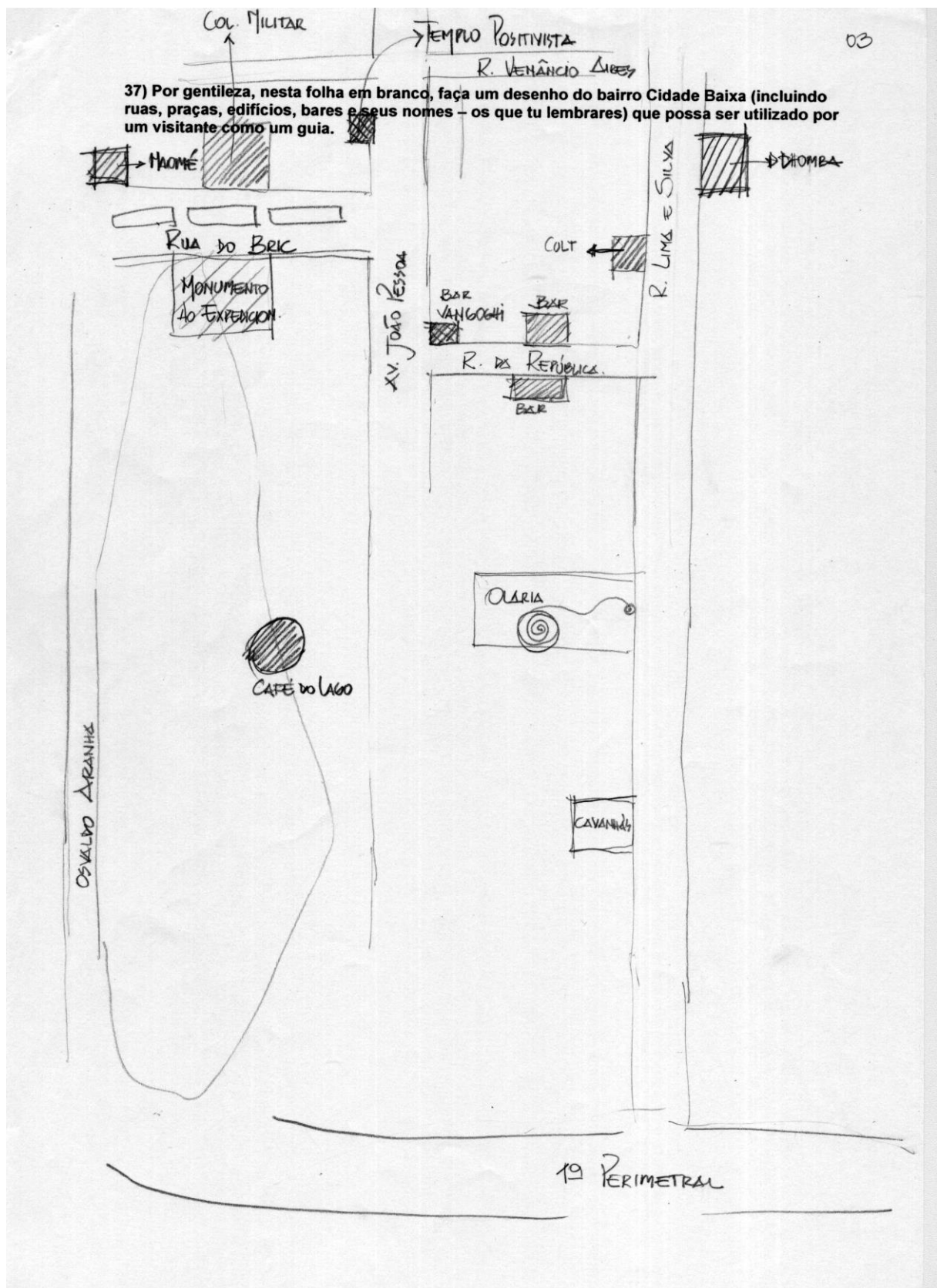
37) Por gentileza, nesta folha em branco, faça um desenho do bairro Cidade Baixa (incluindo ruas, praças, edifícios, bares e seus nomes – os que tu lembrares) que possa ser utilizado por um visitante como um guia.



M12 - Mapa Mental de Entrevistado 10

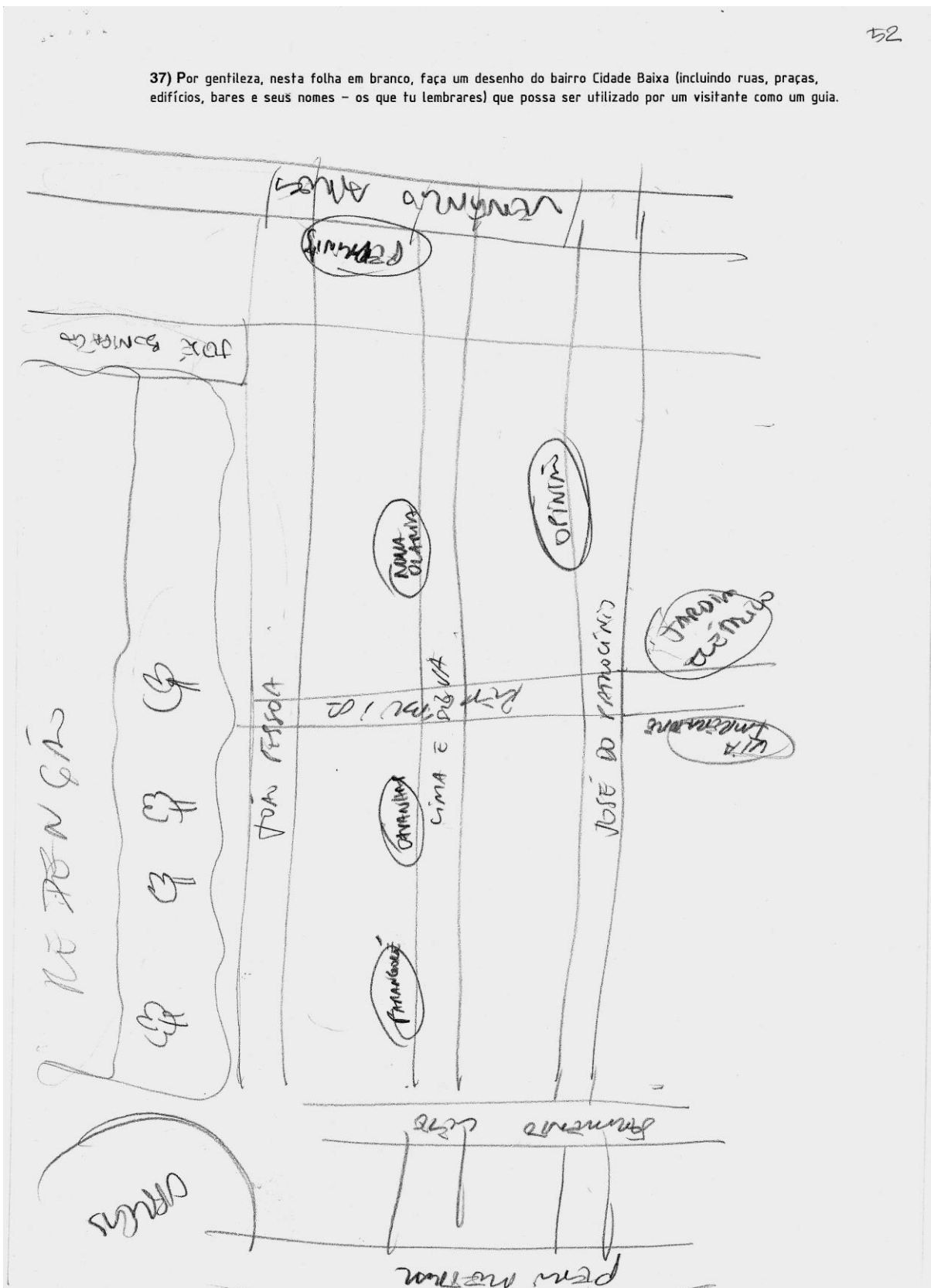


## ANEXO O - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M13



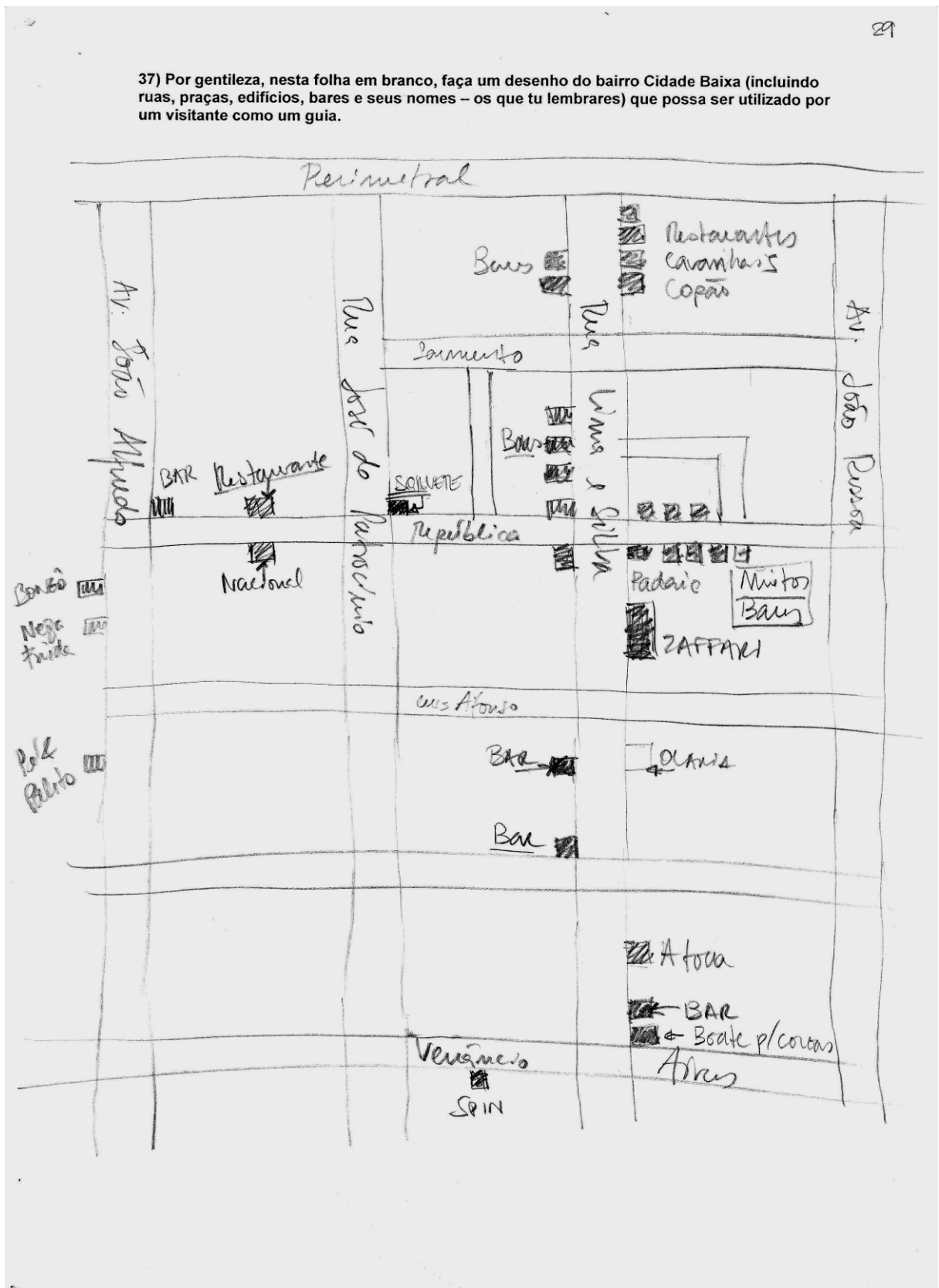
M13 - Mapa Mental de Entrevistado 3

ANEXO P - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M14



M14 - Mapa Mental de Entrevistado 50

**ANEXO Q - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M15**



M15 - Mapa Mental de Entrevistado 28

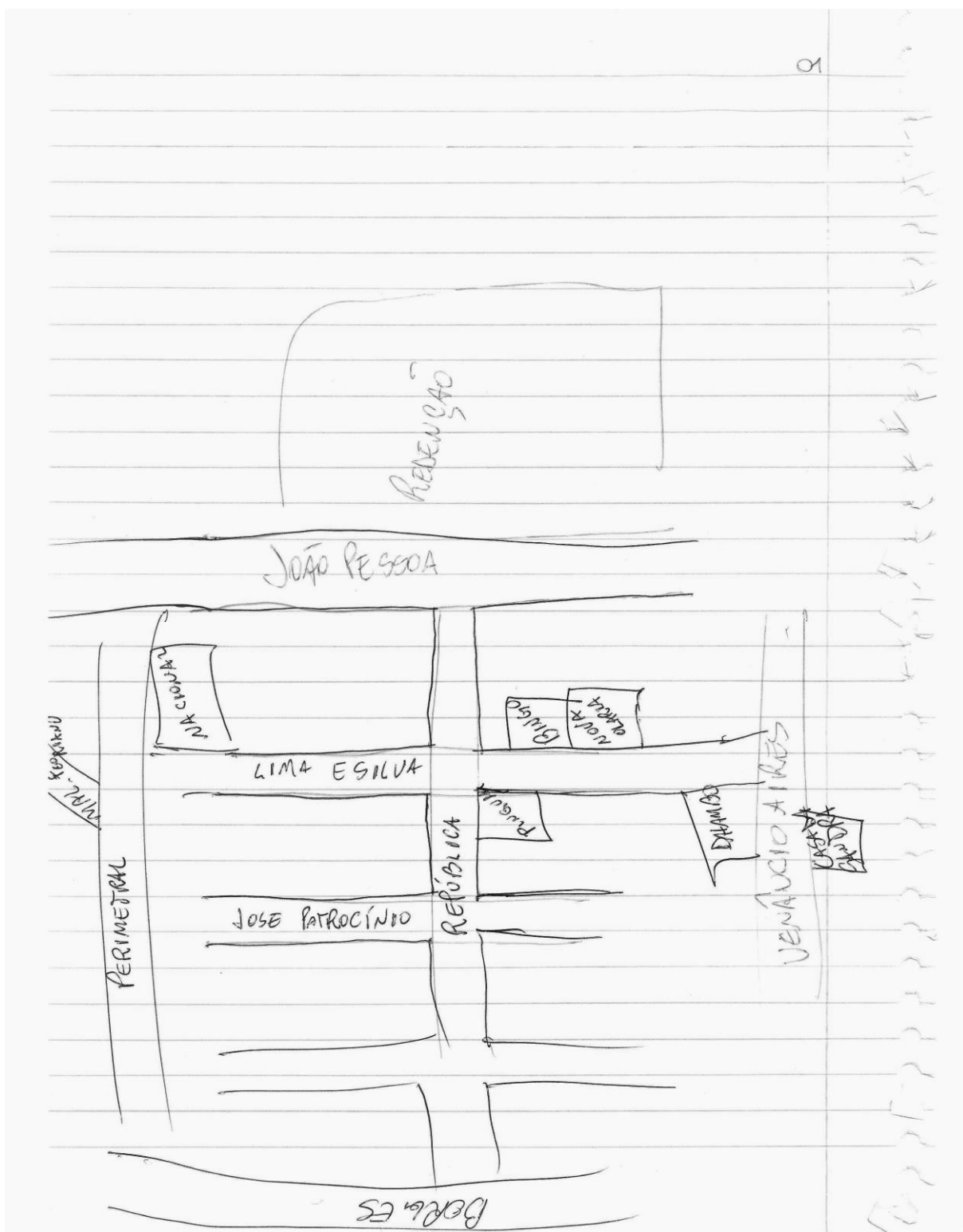








ANEXO V - Mapeamento Mental da Cidade Baixa – Mapa Mental M20



M20 - Mapa Mental de Entrevistado 42





## CIP - Catalogação na Publicação

Reis, Vanessi  
DA BAIXA BOEMIA À BAIXA CIDADE: LIMITES DO BAIRRO  
CIDADE BAIXA NO IMAGINÁRIO URBANO DE PORTO ALEGRE /  
Vanessi Reis. -- 2018.  
273 f.  
Orientadora: Maria Soares de Almeida.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa  
de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional,  
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Boemia. 2. Baixa Cidade. 3. Cidade Baixa. 4.  
Imaginário Urbano. 5. Limites Territoriais. I.  
Almeida, Maria Soares de, orient. II. Título.